Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Evelyn de Almeida Orlando

“Educar-se para educar”: o projeto pedagógico do monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964)

Rio de Janeiro
2013

Evelyn de Almeida Orlando

“Educar-se para educar”: O projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964)

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Intelectuais, instituições e práticas educativas.

Orientadora: Profª. Drª. Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

O71 Orlando, Evelyn de Almeida.

"Educar-se para educar": o projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964) / Evelyn de Almeida Orlando. – 2013.

360 f.

Orientadora:Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação.

1. Ensino religioso – Estudo e ensino – Teses. 2. Ensino religioso de crianças – Formação no lar– Teses. 3. Ensino religioso – Compêndios – Igreja Católica - Teses. 4. Negromonte, Álvaro, 1901-1965 – Contribuições em Educação– Teses. I. Magaldi, Ana Maria Bandeira de Mello. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

rc CDU 37+23/28

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese.

_____ _____
Assinatura Data

Evelyn de Almeida Orlando

“Educar-se para educar”: O projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964)

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Intelectuais, instituições e práticas educativas.

Aprovada em 29 de janeiro de 2013.

Banca Examinadora:

_____
Profª. Drª. Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi (Orientadora)
Faculdade de Educação - UERJ

_____
Profº. Drº. José Gonçalves Gondra
Faculdade de Educação - UERJ

_____
Profº. Drº. Ana Waleska Pollo Campos de Mendonça
Faculdade da Educação - PUC-RJ

_____
Profº. Drº. Libânea Nacif Xavier
Faculdade de Educação - UFRJ

_____
Profº. Drº. Luciano Mendes de Faria Filho
Faculdade de Educação - UFMG

Rio de Janeiro

2013

DEDICATÓRIA

As tantas pessoas que, de diferentes modos, cotidianamente, me inspiram e aquecem meu coração,
porque a vida também passa por aí...

AGRADECIMENTOS

Gosto particularmente deste espaço, porque é uma forma de reconhecer que não estamos sozinhos em nossos caminhos, em nossas conquistas, na trajetória da vida que, um pouco por nossas escolhas, um pouco por obra do acaso vamos construindo. É onde posso dar visibilidade aquelas pessoas que, de diferentes modos, acrescentaram tantas experiências, saberes e afetos, fundamentais para a minha vida dentro e fora dos limites da Academia.

A Deus, agradeço pelos acasos, que se transformam em oportunidades e dão rumos a uma trajetória.

Nesse processo, agradeço, especialmente a Ana, mais do que uma orientadora, pela orientação competente, pela amizade construída, pela parceria e confiança estabelecidas na pesquisa e na vida, que me permitiram vivências valiosas no campo da pesquisa, do ensino e da própria vida pessoal. Nesse sentido, agradeço, ainda, pelas recorrentes “lições de casa” que tinham por objetivo me lembrar que a formação de um doutor vai além do estudo e da pesquisa, me estimulando, com isso, a desenvolver todos os meus sentidos. Os méritos deste trabalho e a forma como chego ao final dessa etapa devo, sem dúvida, a ela e as muitas lições ensinadas nesse percurso.

No exercício dessas lições de casa, agradeço a minha família, motivação primeira e maior para esse doutorado no Rio de Janeiro, pelo crédito e apoio de sempre.

Aos amigos que fui construindo, por compartilharem comigo do dia-a-dia e de alguns momentos cruciais nesse processo: Bel, Aninha, Dna. Hilda, Edna, Vanessa, que, por afinidade e afeto, se tornaram minha nova família. Almir, meu grande mediador para aportar no Rio em segurança; Alexandra, Pablo, Robson e Marli, meus primeiros laços no doutorado, amizades que hoje me são muito caras; Ju, Cíntia, Marcelo, Luisa, Daiane, Paulo Rogério, Gi, Zé Claudio e Tatá, amigos que se estenderam da Academia para a vida; Fabicho e Mazé, amigos de Aracaju, sempre presentes; Netinha, por ter providenciado o meu “teto” na cidade maravilhosa, onde continuo até hoje; Teresa Cristina, pelo carinho das visitas e pela lembrança das minhas raízes sergipanas; Sol e Emerson, pela partilha

carinhosa de dias especiais em Lisboa, e pela sensação de estarmos casa; o grupo de pesquisa, pelas inovadoras incursões no campo da família; e, as meninas do Proped, especialmente, Jô e Fátima, pelo socorro sempre oportuno.

Ao Sérgio, pelo encontro, por caminhar comigo, sempre atento e cuidadoso e por, de forma carinhosa e sempre estimuladora, emprestar seus ouvidos tantas vezes, em longas conversas, ajudando a elaborar meus pensamentos.

À Valentina, por me conduzir pelos emaranhados da minha alma, na busca por me descobrir, me entender e, quando preciso, também me reinventar.

Às professoras Nilda Alves e Ana Chrystina Mignot, pelas contribuições logo na primeira disciplina do doutorado.

Ao professor José Gonçalves Gondra pela acolhida amiga desde que cheguei, pela generosidade nos saberes compartilhados e caminhos apontados ao longo da pesquisa, nas disciplinas e, especialmente, no momento da qualificação.

Ao professor Luciano Mendes de Faria Filho pela boa disposição em ajudar sempre, desde as minhas primeiras incursões nas terras mineiras, pela partilha sempre generosa e pelas contribuições valiosas no exame de qualificação.

À professora Maria João Mogarro, mais do que uma supervisora, uma amiga que a pesquisa me presenteou. Agradeço pelas valiosas indicações de leitura e de pesquisa, pelo acompanhamento incansável nos vários acervos sugeridos, pelos muitos cafés regados com a História de Portugal, mas, sobretudo, pela acolhida carinhosa e desprendida que tornou os meses em que realizei o estágio de doutoramento sanduíche em Lisboa, tão intensos e prazerosos. Ao professor Joaquim Pintassilgo, agradeço pela imensa dedicação em ajudar na pesquisa, indicando leituras, arquivos, acompanhando-me nos meus primeiros passos em Portugal e pelas oportunidades de discutir o meu trabalho em seu grupo de pesquisa e na disciplina “História da Educação em Portugal”, realizada no Programa de Mestrado da Universidade de Lisboa.

Enfim, termino os meus agradecimentos pela pessoa que fez com que tudo isso tenha começado um dia. Jorge Carvalho, por ter me encorajado a dar os primeiros passos na pesquisa no campo da História da Educação, orientando durante o Mestrado e compactuando comigo de sonhos e projetos que, à época, pareciam voos tão altos e eu não fazia a menor ideia de como empreendê-los. A

sua credibilidade, encorajamento e formação foram, certamente, as molas propulsoras para chegar até aqui.

E como não se faz pesquisa sem verba, agradeço às três agências que financiaram esta pesquisa em diferentes momentos: CAPES, CNPQ e FAPERJ. A esta última, agradeço, especialmente, pela concessão da Bolsa Nota 10.

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de, vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse, que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Alberto Caeiro

RESUMO

ORLANDO, Evelyn de Almeida. *"Educar-se para educar":* O projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964). 360f. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Este trabalho trata do projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte, a partir de um conjunto de impressos pedagógicos publicados entre 1936 e 1964, destinados a públicos distintos. Reconhecido, entre seus pares, como um dos grandes líderes da renovação do ensino religioso, nos anos de 1930, Álvaro Negromonte envolveu-se profundamente nos debates educacionais de então, produzindo um conjunto variado de impressos pedagógicos que elegiam como alvos privilegiados a escola e as famílias. Organizados em diferentes formatos, os impressos publicados pelo Monsenhor Álvaro Negromonte para as professoras e para as famílias são analisados, nesta pesquisa, como parte de uma *Biblioteca Pedagógica* que foi sendo construída ao longo de dezoito anos, voltada, também, para a renovação do ensino religioso. O objetivo é de buscar compreender os pontos de contato que entrelaçavam esses projetos, de formação de professoras-catequistas e educação das famílias, articulando-os entre si e a outro maior, voltado para a recatolicização da sociedade. As duas classes de impressos utilizadas pelo padre, livros e boletins, endereçadas às escolas e às famílias são entendidas nesta pesquisa como objetos culturais, tomados como unidades de análise em sua produção, considerando suas formas e conteúdos. As práticas educativas analisadas nesta pesquisa foram entendidas como práticas culturais que visaram estabelecer novos códigos de valores e comportamentos, criaram outras representações para o educador, associando as contribuições pedagógicas dos novos tempos aos saberes elementares da fé católica. Os dois projetos aqui analisados se complementam e apontam para a importância que a figura da mulher assumiu no trabalho de Negromonte. Fomentado no bojo da Ação Católica, o trabalho desenvolvido pelo padre passava, primeiramente, pela educação da fé das mulheres que, estivessem exercendo sua função de professoras, na escola, ou de mães, em suas casas, iam sendo formadas para atuar na vida eclesial e social brasileira.

Palavras-chave: Pedagogia Católica. Educação das famílias. Formação de professores. impressos pedagógicos. Imprensa periódica educacional

ABSTRACT

ORLANDO, Evelyn de Almeida. *Educate yourself to educate*: Monsignor Álvaro Negromonte's pedagogical project to teachers and families through printings (1936-1964). 360f. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

This work deals with the pedagogical project of Monsignor Álvaro Negromonte, from a set of educational printings published between 1936 and 1964, aimed at different audiences. Recognized among his peers as one of the great leaders of the renewal of religious education in the 1930s, Álvaro Negromonte became deeply involved in the educational debates of his time, producing a wide range of educational printings aimeing as prime targets the school and the families. Organized in different formats, the printings published by Monsignor Álvaro Negromonte for teachers and families are analyzed in this research as part of a Pedagogic Library built over eighteen years, focused also to the renewal of religious teaching. The objective is to understand the points of contact that wove these projects: training of teachers, catechists and education of families, linking them to each other and the larger one, facing to re- Catholicize society. The two classes of printings used by the priest - books and newsletters - addressed to schools and families in this research are understood as cultural objects, taken as units of analysis in its production, considering its form and content. Educational practices analyzed in this study were perceived as cultural practices aimed to set new values and behavior codes, created other representations for the educator, linking the pedagogical contributions of new times to elementary knowledge of the Catholic faith. The two projects hereby analyzed are complementary and point to the importance the woman figure took in Negromonte's work. Fostered under the aegis of Catholic Action, the work of the priest passed first by faith education of women that, exercising their role as teachers at school or mothers at their homes, were being trained to work in Brazil ecclesial and social life.

Keywords: Catholic pedagogy. Education of families. Teacher formation. Pedagogical printings . Educational periodical press

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Biblioteca Pedagógica Monsenhor Álvaro Negromonte... 40
Figura 2 - Quarta capa típica do 1º ano do Boletim..... 97
Figura 3 - Segunda capa do nº 23..... 97
Figura 4 - Capa BC, nº 07..... 103
Figura 5 - Capa BC, nº 21..... 103
Figura 6 - Capa BC, nº 26..... 103
Figura 7 - Capa BC, nº 51..... 103
Figura 8 - Segunda capa BC, nº 01..... 107
Figura 9 - Segunda capa BC, nº 14..... 107
Figura 10 - Segunda capa BC, nº 29..... 107
Figura 11 - Segunda capa BC, nº 49..... 107
Figura 12 - Quarta capa, BC, nº 01..... 109
Figura 13 - Quarta capa, BC, nº 19..... 109
Figura 14 - Quarta capa, BC, nº 28..... 109
Figura 15 - Quarta capa, BC, nº 11..... 109
Figura 16 - Capa do livro *Pedagogia do Catecismo,* 1940..... 128
Figura 17 - Capa do livro *A Educação Sexual* 180
Figura 18 - Capa do livro *Noivos e Esposos*, 1948 205
Figura 19 - Capa do livro *Noivos e Esposos*, 1963 205
Figura 20 - Capa do livro *O que fazer do seu filho?,* 1955 230
Figura 21 - Capa do livro *A Educação dos Filhos*, 1961 230
Figura 22 - Capa do livro *Corrija se filho,* 1961 256

LISTA DE ABREVIAÇÕES

AC	Ação Católica
BC	Boletim Catequético
EECC	Escola de Enfermagem Carlos Chagas
IPQN	Instituto Profissional Quinze de Novembro
REB	Revista Eclesiástica Brasileira
SAM	Serviço de Assistência a Menores

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	**O LEGADO EDUCACIONAL DO MONSENHOR ÁLVARO NEGROMONTE: UMA BIBLIOTECA PEDAGÓGICA E UM PROJETO DE EDUCAÇÃO CATÓLICA PELAS LEITURAS**	33
1.1	**Os caminhos de uma trajetória intelectual**	46
1.2	**Criando laços, construindo pontes: a parceria feminina no projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte**	66
2	**OS IMPRESSOS PEDAGÓGICOS NA (CON)FORMAÇÃO DA PROFESSORA CATÓLICA**	79
2.1	***Boletins Catequéticos:* pequenas porções de doutrina e pedagogia para o professorado católico**	88
2.2	**A Pedagogia do Catecismo – um Tratado pedagógico para os professores**	127
3	**UM SACERDOTE NA ESTANTE DE LITERATURA SEXUAL**	154
3.1	**As famílias como dispositivos de governamentalidade**	164
3.2	***A Educação Sexual*: modelando espíritos e cultivando corpos castos**	177
4	**TRATADOS DE PEDAGOGIA PARA AS FAMÍLIAS**	200
4.1	**Lições para o casamento**	205
4.2	**Formar pais e ...**	229
4.3	**... Educar filhos**	255
5	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	278
	REFERÊNCIAS	285
	ANEXO A - Monsenhor Álvaro Negromonte (Opúsculo).....	306
	ANEXO B - Quadro de publicações da biblioteca Monsenhor Álvaro Negromonte e respectivas edições	308
	ANEXO C - Correspondências do padre Álvaro Negromonte a José Olympio sobre o livro “Vida de Jesus para a infância e para a juventude”	312

ANEXO D - Correspondências do padre Álvaro Negromonte à editora José Olympio sobre o livro “Doutrina Viva” 314

ANEXO E - Carta convite a Alceu Amoroso Lima para realização de conferências na união de moços católicos 315

ANEXO F - Correspondência endereçada à editora José Olympio consultando sobre a viabilidade de um livro sobre a educação dos filhos 316

ANEXO G - Lista de alguns assinantes do boletim catequético fora da capital mineira 317

ANEXO H - Quadro de conteúdos do Boletim Catequético..... 318

ANEXO I - Seções dos Boletins Catequéticos (1936/37/38/39/41) 323

ANEXO J – Biblioteca da catequista 324

ANEXO K - Estante dos pequeninos 333

ANEXO L – Literatura Infantil – Livros que as crianças não devem ler... 342

ANEXO M - “Nota aos professores”..... 345

ANEXO N – Esqueleto do sumário do livro *A Pedagogia do catecismo* 347

ANEXO O – Parecer do padre Hélder Câmara sobre o livro *A educação sexual* 350

ANEXO P – Esqueleto do índice de *A Educação Sexual* 352

ANEXO Q – Esqueleto do índice do livro *Noivos e Esposos*..... 354

ANEXO R – Esqueleto do sumário do livro *Educação dos filhos*..... 356

ANEXO S – Esqueleto do sumário do livro *corrija seu filho* 359

INTRODUÇÃO

> Somos a maioria absoluta da nação.
> Direitos inconcussos nos assistem com relação à sociedade civil e política, de que somos a maioria. Defendê-los, reclamá-los, fazê-los acatados, é dever inalienável.
> E nós não temos cumprido.
> Na verdade, os católicos, somos a maioria do Brasil e no entanto, católicos não são os princípios e os órgãos da nossa vida política. Não é católica a lei que nos rege. Da nossa fé prescindem os depositários da autoridade.
> Leigas são as nossas escolas, leigo o ensino. Na força armada da República, não se cuida de Religião. Enfim, na engrenagem do Brasil oficial não vemos uma só manifestação de vida católica. O mesmo se pode dizer de todos os ramos da vida pública.
> Anticatólicas ou indiferentes são as obras da nossa literatura.
> Vivem a achincalhar-nos os jornais que assinamos.
> Foge de todo a ação da Igreja à indústria, onde no meio de suas fábricas inúmeras a Religião deveria exercer a sua missão moralizadora.
> O comércio de que nos provemos parece timbrar em fazer conhecido que não respeita as leis sagradas do descanso festivo.
> Hábitos novos, irrazoáveis e até ridículos, vão introduzindo no povo o esnobismo cosmopolita.
> Carnavais transferidos para tempos de orações e penitência, danças exóticas e tudo o mais que o morphinismo inventou para distração de raças envelhecidas na saturação do prazer.
> Que maioria católica é essa, tão insensível, quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, industria, comercio e todas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do catolicismo? (D. LEME, 1916, p. 5,6)

O diagnóstico de D. Leme acerca da situação da sociedade brasileira, com o qual ele começa a sua Carta Pastoral, em 1916, apresentava um tom incitante e desafiador aos católicos. Sua constatação de sermos um país de maioria católica que não possuía vida católica era associada por ele não apenas à esfera religiosa, mas também, à social: "...chegamos ao absurdo máximo de formarmos uma grande força nacional, mas uma força que não atua e não influi, uma força inerte" (D. LEME, 1916, p. 6).

Essa falta de eficiência que, segundo o arcebispo, assolava o catolicismo apontava um problema, mas sinalizava também para a solução. Fazia parte do diagnóstico, o reconhecimento da ignorância religiosa como a maior causa desse mal, seguido da inércia da população no sentido de uma ação católica efetiva.

Este documento é representativo, por permitir uma visibilidade do quadro que foi construído acerca da presença católica no Brasil, por algumas lideranças do próprio campo religioso, sinalizando ainda para o impacto produzido por essa representação entre os católicos. Estimulados na direção de um engajamento,

líderes e intelectuais católicos, se mobilizaram e se articularam em prol de uma Igreja mais militante, buscando, ainda, se envolver mais profundamente na política. As novas frentes de trabalho que se organizaram, a partir de então, objetivavam dar conta de dimensões que abrangiam o político, o social e o cultural. Assim, a imprensa, as missões populares, o catecismo, os Institutos Católicos de Educação, as associações, foram se tornando os principais mediadores da tarefa combativa que a Igreja passou a desempenhar. Suas ações estavam projetadas para além das práticas devocionais, mostrando-se fundamentais como alicerce de uma sólida atuação sócio-política eficaz para o catolicismo como se pretendia. A hierarquia eclesiástica parece ter entendido que limitar a sua ação e a de seus fiéis apenas às práticas devocionais não era uma estratégia suficiente para vencer os construtos da modernidade. Por isso, de acordo com Manoel, "ela se atribui e aos seus fiéis o direito e o dever de intervirem no social e no político para garantirem que as estruturas sociais sejam transformadas em conformidade com a doutrina católica [...]" (MANOEL, 2004, p. 20)

Esses modos de intervenção são considerados pelo historiador, tomando como base as iniciativas de Pio X a Pio XI, explicitadas através dos programas da Ação Católica[1] que, por sua vez, buscaram recristianizar as estruturas sociais, dotando-as de um fundamento doutrinário sólido o suficiente para, primeiramente, afastá-las das influências do liberalismo, positivismo, socialismo, materialismo e de tudo aquilo que contrariasse a fé católica e, por conseguinte, para criar um *habitus* cristão nos indivíduos que os tornasse partícipes da Igreja, no projeto de

[1] A Ação Católica pode ser entendida como "a participação dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja: é, pois, da mesma natureza que o apostolado da Hierarquia, isto é, uma ação 'não já de ordem material, mas espiritual; não de ordem terrena, mas celeste; não política, mas religiosa'. Mas é realmente 'uma ação social', porque tem em vista dilatar o Reino de Cristo, e destarte, 'proporcionar à sociedade o maior dos bens'. Pode-se dizer ainda definir, com maior amplidão, a união das forças católicas organizadas para a afirmação, a difusão, a atuação e a defesa dos princípios católicos na vida dos indivíduos da família e da sociedade. (D. Leme, 1933, p. 189). Inspirada nos moldes italianos, foi fundada no Brasil, em 1935. Aos poucos, o movimento foi se organizando e se ajustando às necessidades de cada região, tendo um efeito visível no desenvolvimento do catolicismo brasileiro em múltiplas dimensões. Segundo Lustosa (1977) e Zanlochi (2001), o movimento de Ação Católica abriu, efetivamente, possibilidades de um papel mais ativo para o leigo na comunidade eclesial, cultivava uma mentalidade mais aberta de militância cristã no terreno social e político; criava uma exigência de formação menos subjetiva e mais vital e dinâmica, conscientizava os leigos da necessidade de formar o exército do "Cristo Rei", a fim de sacralizar a sociedade, implantando uma nova ordem social - a nova cristandade - calcada nos princípios cristãos como fermento e da ação do meio pelo meio através de métodos ligados à realidade, atribuía às mulheres um novo papel social militante, e as instituía como importantes aliadas nesse projeto de recristianização da nação. Pode-se dizer que todas essas dimensões contribuíram significativamente para a crescente busca de influência pela Igreja junto ao Estado brasileiro, a partir da década de 1930.

conformação de uma cultura nacional católica, a fim de assegurar a sua reprodução na sociedade brasileira.

Nesse influxo, pode-se afirmar que o campo educacional se apresentou como uma das principais linhas de ação ofensiva do catolicismo. A escola católica, assim como a campanha que se instaurou pelo ensino religioso na escola pública, visou uma participação ativa da Igreja junto à juventude, de forma paralela àquela conduzida na direção de suas famílias. A historiografia ressalta a educação como um dos campos mais utilizados pela Igreja, e um dos objetos mais recorrentes acerca dessa temática, nas pesquisas em História da Educação, tem sido a rede de colégios católicos, que se constituiu visando a formação de novas elites dirigentes, e de outros segmentos sociais que contribuiriam diretamente com a reprodução da cultura católica, como é o caso dos professores, por exemplo. O debate em torno do ensino religioso nas escolas públicas também vem ocupando um importante lugar, nas investigações realizadas no campo, e faz parte desse conjunto de ações voltadas para o campo educacional. Mas a escola não foi a única via utilizada no campo da educação para moldar os indivíduos, ou amalgamá-los à doutrina católica, apesar do forte acento posto nessa instituição, encontrado também nesta pesquisa.

Os impressos e a imprensa pedagógica, por exemplo, também vêm instigando as investigações histórico-educacionais, por terem sido constituídos como importante suporte, através do qual os intelectuais da educação estabeleceram suas disputas e encaminharam ações educativas para diferentes segmentos da sociedade. Como objeto, ou como fonte documental, os impressos revelam a produção e a circulação de um conjunto de saberes pedagógicos, que permitiu a afirmação de uma intelectualidade preocupada com as questões educacionais. No âmbito do catolicismo, eles possibilitam o acesso a um conjunto de estratégias utilizadas pela Igreja para disseminar sua doutrina, a modos de apropriação do discurso científico como instrumento tácito para se manter na luta pelo campo educacional e religioso e as diferentes destinatárias das suas mensagens e suas frentes de ação.

Este trabalho se insere nesse viés historiográfico e está centrado em um dos projetos pedagógicos do Monsenhor Álvaro Negromonte, subscrito em parte da sua produção impressa, destinada a dois segmentos específicos, mas articulados: as

professoras e as famílias. Negromonte privilegiou o caminho da educação para desenvolver diferentes projetos que, no influxo da Ação católica, tinham como objetivo final, a recatolicização da sociedade. Dos vários canais que ele utilizou para encaminhar ações que educassem a sociedade com base nos valores e princípios do catolicismo, esta pesquisa elegeu a via dos impressos. Essa estratégia abarcava três projetos: formação de professoras-catequistas, renovação do ensino religioso e educação das famílias. Por estarem intrinsecamente articulados, em alguns momentos, me reporto a esses projetos no singular, considerando-os na sua amplitude, de se constituírem como um projeto de educação da sociedade, dirigido a dois segmentos privilegiados, que são as professoras e as famílias através de impressos pedagógicos. Largamente, esses dois projetos se complementam e apontam para uma personagem fundamental no trabalho de Negromonte que são as mulheres. Fomentado no bojo da Ação Católica, o trabalho desenvolvido pelo padre passava, primeiramente, pela educação da fé dessas mulheres que, estivessem exercendo sua função de professoras, na escola, ou de mães, em suas casas, iam sendo formadas para atuar na vida eclesial e social brasileira. "Educar-se para educar" era o lema que deveria nortear a vida dessas mulheres educadoras. E não bastava apenas aprender uma instrução religiosa, mas, uma apropriação efetiva das verdades da fé, porque só assim, acreditava-se que poderiam ensinar de forma eficaz, através de palavras, mas, sobretudo, dos seus atos.

O Monsenhor Negromonte foi um importante intelectual católico que atuou, de forma engajada, nas questões educacionais, entre os anos de 1930 e 1960, contribuindo para a renovação da pedagogia católica no Brasil. Seu trabalho serviu, ainda, para instituí-lo como intelectual da educação, a partir de uma nova concepção de intelectualidade que foi se configurando no interior da Igreja, a partir de 1920. Segundo Lustosa,

> com a conversão de Jackson de Figueiredo – uma nova etapa se inaugura na tentativa de derrubar o muro que separa religião e ciência, Igreja e pensadores e escritores [...] Além disso, empenharam-se na montagem de esquemas de difusão do pensamento católico: bibliotecas, editora católica, produção de obras (não apenas traduções) que, embora desiguais em valor, tinham o mérito de abordar de frente, os problemas do momento, em uma ótica, definitivamente, cristã."(LUSTOSA, 1977, p. 71, 72).

Pode-se dizer que Negromonte fez uso de múltiplos instrumentos de poder que os intelectuais do seu grupo elegeram como arma, no combate pela recristianização da nação. Dentre eles, esta pesquisa destaca a produção de uma Biblioteca Pedagógica, com obras destinadas a públicos variados e a abertura de uma editora destinada à publicação de livros religiosos e de cultura geral, de fundo católico, a começar pelos seus. Essas estratégias faziam parte de um esquema de difusão, não só do pensamento católico, mas de uma nova Pedagogia Católica, que buscava aliar tradição e modernidade. Nesse sentido, Negromonte utilizou em seu projeto pedagógico a estratégia de dialogar e incorporar com tudo aquilo que contribuísse para o êxito da Pedagogia Católica. De acordo com o historiador Oscar Lustosa, essa postura de diálogo foi utilizada por alguns segmentos da intelectualidade católica, em relação às tendências e problemas que se apresentaram para a vida interna da Igreja, a partir dos anos 1930. Segundo o autor,

> Tanto no relacionamento com protestantes, como no posicionamento de problemas concretos, como o caso do grupo da Escola Nova ou do grupo de socialistas mitigados, sentimos nesta época esforços de líderes católicos no sentido de defender a necessidade de um pluralismo sadio e respeitoso.(LUSTOSA, 1977, p. 75)

As práticas pedagógicas do Monsenhor Álvaro Negromonte chamaram minha atenção desde o Mestrado quando, interessada em pesquisar sobre manuais de catecismos católicos, fui presenteada por uma amiga com dois livros do padre. Sem saber de quem se tratava, fui esmiuçar um pouco mais aqueles livros e percebi que faziam parte de um projeto maior, que contemplava uma coleção de quatorze livros de catecismos, produzidos como livros didáticos e destinados aos alunos do ensino primário ao Curso Normal.

A partir daí, passei a me interessar pelo seu autor e fui atrás das marcas, das pistas deixadas como rastros de sua história e da história da produção desses livros, assim como da sua representação na educação brasileira e segui com uma investigação que resultou na dissertação intitulada *Por uma civilização cristã: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a Pedagogia do Catecismo,* defendida em 2008.

Desde então, continuei instigada pela atuação que o Monsenhor Negromonte exerceu na sociedade brasileira, entre os anos 1936 a 1964. Das várias fontes

colhidas no Mestrado, muitas delas ainda estavam inexploradas, outras precisaram ser revisitadas. A falta de outros registros que me fornecessem mais informações do objeto aqui analisado e, a dificuldade de acesso aos acervos, me fizeram voltar às velhas fontes com outros olhares, lançando outras questões, movidas por novas problemáticas, e com uma abordagem, que não se distanciava totalmente daquela utilizada no Mestrado, mas ampliava as possibilidades interpretativas desse novo objeto.

Nas diferentes etapas dessa pesquisa que, para mim, possui um certo sentido de continuidade em relação ao Mestrado, a modernização ou a renovação das práticas educacionais católicas, que foram se desenhando a partir dos anos de 1930, foi o eixo que norteou o meu olhar. O autor em questão possuía uma larga produção nessa perspectiva modernizada e, em um primeiro momento, elenquei sua principal coleção de livros para analisar essa pedagogia católica renovada, ancorada em princípios científicos. Os livros eram didáticos e o foco, como era de se esperar, era o público escolar, mas não só. Serviam também a todos aqueles alunos que, na condição de aprendizes da doutrina católica, em diferentes espaços, aprendiam a religião sob uma racionalidade que, subscrita em tempos, espaços, saberes e modos de fazer próprios, se aproximavam do universo escolar.

Encerrada essa etapa da pesquisa com a conclusão do Mestrado, uma série de caminhos possíveis foi aberta. Inicialmente, optei em propor para o doutorado um estudo acerca dos saberes pedagógicos veiculados através dos anais dos Congressos Católicos e a conformação, dentre as diferentes leituras, de um modelo de escolanovismo católico com base no método de Munique, referência na pedagogia veiculada pelo Monsenhor Negromonte em seus livros de catecismo.

Após meu ingresso no Curso de doutorado, percebemos, minha orientadora e eu, que a proposta inicial não se mostrava viável dentro das nossas circunstâncias, pois não havia nenhum indício de que encontraríamos fontes para a pesquisa e tínhamos um prazo determinado para concluí-la. Além disso, outras possibilidades investigativas pareciam se aproximar mais daquilo que vínhamos discutindo no grupo de pesquisa. Nos deparamos, portanto, com a nossa primeira decisão em conjunto: optamos pela mudança do objeto e decidimos voltar as lentes para os livros que o padre produziu para as famílias.

A estratégia inicial foi analisar esses livros, acrescentando mais uma obra destinada tanto às famílias quanto aos educadores, em geral. Além disso, pretendia buscar vestígios da circulação desses livros, objetivo para o qual havia eleito o Instituto de Educação do Rio de Janeiro, como lugar privilegiado para essa observação, por ter encontrado ali alguns sinais que indicavam modos pelos quais os livros da padre haviam sido usados pelas alunas daquela instituição. A presença desses livros no Instituto me instigava a pensar o que livros destinados às famílias estariam fazendo em uma instituição de formação de professores? Esse, no entanto, era apenas um dos caminhos. Havia, ainda, outro *corpus* documental interessante a ser explorado, constituído do periódico fundado pelo padre Negromonte, dirigido por ele por, aproximadamente, nove anos, voltado para a orientação do professorado católico. O fato de serem documentos, praticamente, inexplorados, nas pesquisas realizadas no campo da História da Educação, somado às sugestões da banca de qualificação e da minha orientadora, para seguir nessa direção, levaram-me a ampliar o escopo em que vinha norteando a pesquisa e a focar no conjunto de impressos pedagógicos, constituídos pelos livros destinados às famílias e pelos *Boletim Catequético* destinados aos professores, como meu novo *corpus* documental.

Esses novos rumos adotados pela pesquisa não se limitavam à mudança nas fontes, ela indicava outro caminho a ser seguido. Em uma outra dimensão, os professores, ou melhor, as professoras, foram incorporadas ao trabalho, trazendo à tona elementos que podem ser compreendidos no âmbito da história da profissão docente, da educação católica, do movimento escolanovista e dos estudos de gênero. A relação família-escola observada na proposta pedagógica do Monsenhor Álvaro Negromonte foi, aos poucos, adotando outros contornos, que, em muitos aspectos, iam se atravessando e fazendo emergir um cenário onde os personagens transitavam, com alguns limites, entre a casa e a escola, dando a ver um objeto que foi sendo construído tal como foi se apresentando, em suas múltiplas e multifacetadas formas.

A articulação dessas duas instâncias educativas – a casa e a escola - e sua representação na formação da sociedade brasileira, produzida nos impressos pedagógicos, permite ancorar essa investigação em, pelo menos, dois eixos de

análise, no campo da História da Educação: o do pensamento católico renovado[2] e da relação família/escola/civilização.

No movimento de revisão de literatura acerca do que já foi produzido no campo da História da Educação sobre escolanovismo católico, merecem relevo as contribuições de Marta Carvalho (1993), (1998), (2002), (2003) e (2006). Em suas pesquisas, essa autora trata, incansavelmente, das estratégias católicas de conformação do campo pedagógico, como o uso dos impressos e a apropriação do movimento escolanovista. Nessa mesma direção, a pesquisa de Ana Magaldi, "Pensamento católico, modernidade e relações família-educação na sociedade brasileira (anos 1930-1950)" e seus desdobramentos, sobretudo, os trabalhos de Rodrigo Narcizo (2005) e (2008) também merecem relevo. Ainda nessa temática, são de grande importância as investigações de Donizetti Sgarbi (1997) e (2001), Bernadete Strang (2008), Claudio Errerias (1999), (2000), Claudio Errerias & Marcus Vinícius Cunha (2003) e o trabalho de História da Educação comparada de Maria João Mogarro (2006). Este último e o período em que passei ao lado dessa pesquisadora em Portugal, contribuíram, significativamente, para aprofundar as reflexões sobre a leitura católica do movimento da educação nova.

A relação entre família, escola e projeto civilizador é mais rara e um pouco mais complexa de ser apreendida, porque, no campo da História da Educação, ela aparece diluída em temáticas afins que, juntas, ajudam a compor esse cenário de uma forma mais ampla[3]. Nesse sentido, além das investigações de Ana Magaldi

---

[2] A renovação do pensamento católico é compreendida neste trabalho na perspectiva de Carvalho (1998) e Sgarbi (1997), como um esforço da Igreja em dialogar com enunciados do movimento da Escola Nova no Brasil. A partir dos trabalhos desses dois pesquisadores, sobretudo de Marta Carvalho, que cunhou esse termo no campo pela primeira vez, essa temática ganhou maior visibilidade na História da Educação. Em dimensões distintas, os pesquisadores afirmam que, do debate que se estabeleceu entre pioneiros e católicos, resultou um "escolanovismo católico", ou seja, uma leitura católica do movimento das Escolas Novas. O esforço de diálogo empreendido pelo grupo católico, no entanto, não significa que existisse um consenso entre os escolanovistas católicos, em relação aos seus enunciados propostos e ao posicionamento ideal a ser adotado. Um ponto bastante subjetivo unia os membros da Confederação Católica Brasileira de Educação, principal instância de apropriação e circulação dos enunciados escolanovistas pelos católicos: a busca pelo diálogo com os enunciados pedagógicos modernos. Entretanto, são perceptíveis algumas divergências entre os escolanovistas católicos. Os diferentes posicionamentos assumidos nas Revistas Brasileiras de Pedagogia e nos Congressos Católicos de Educação permitem pensar que o processo de elaboração do pensamento educacional católico se desenvolveu a partir de diferentes perspectivas.

[3] No cenário educacional, essa tem sido uma temática que vem mobilizando diferentes agentes envolvidos no campo, como pesquisadores, gestores, pais, professores que buscam discutir e solucionar os problemas relacionados ao ensino-aprendizagem, sucesso/fracasso escolar, o papel das famílias nesse processo, dentre outras questões. Todavia, é na Sociologia da Educação que as pesquisas educacionais voltadas a essas temáticas vêm se concentrando, o que justifica o diálogo conduzido na pesquisa.

(1997) e seus desdobramentos, frutos do projeto que vem desenvolvendo com seu grupo de pesquisa, intitulado “Família, escola e civilização: representações e práticas (1930-1950)”, são considerados outros trabalhos que focalizam os possíveis diálogos entre essas duas instituições educativas, mesmo oriundos de outros campos como o da Sociologia, como é o caso de Maria Alice Nogueira (2005), Cléopâtre Montandon & Philippe Perrenoud (2001).

A escassez de trabalhos que busquem compreender a relação entre família e escola como instâncias educativas, entre as décadas de 30 e 60 do século XX, talvez possa ser entendida, pela tradição que se instituiu na historiografia, de se pensarem as questões históricas de forma polarizada, como é o caso da representação, que o campo foi assumindo, de que o projeto modernizador instaurado no Brasil desautorizou a família e a substituiu pela escola, tal como pode se ver em alguns trabalhos no campo voltados para essa temática[4]. As pesquisas que vêm explorando essa temática apontam para a conveniência de se matizar esse tipo de leitura.

É sabido que o discurso dos renovadores nas primeiras décadas do século XX enfatizou a necessidade da escola como principal agência civilizatória, como um espaço onde a ação educativa se desenvolveria com base em saberes especializados. Contudo, o papel centralizado que a instituição escolar adquiriu, no discurso de grande parte dos educadores envolvidos nesses debates, não anulava a ação educativa da família. Se, por um lado, a modernidade instituía a necessidade da racionalização dos saberes pedagógicos, dando margem ao discurso dos especialistas da Educação, por outro lado, eles próprios sinalizavam, com frequência, para a impossibilidade de a escola cumprir sozinha sua função civilizadora. Apesar do patamar a que se elevou a escola, como instância autorizada para civilizar, os renovadores pareciam entender, com clareza, conforme afirma Magaldi, que

> para encaminhar a modernização educacional e construir a ‘civilização’ desejada, os educadores profissionais não poderiam prescindir dos educadores situados na esfera doméstica, com os quais deveriam ‘andar de mãos dadas’ de modo a construir uma parceria de maior relevância social (MAGALDI, 2008, p.12-13).

[4] Os trabalhos de Marcus Vinícius da Cunha (2000) e Julia Varela & Fernando Alvarez-Uria (1992) são importantes contribuições no campo e que apontam nessa linha interpretativa.

Nesse sentido, não foram poucos os esforços que os renovadores empreenderam para educar as mulheres, visando o empreendimento da tarefa educativa no espaço doméstico, com maior competência, transformando-as nas principais colaboradoras da escola. E, apesar de considerarem a família, como instituição educativa privilegiada, os católicos aproximaram-se dos posicionamentos dos educadores escolanovistas, ao assinalar a necessidade de se instruirem as famílias.

Nesse sentido, a idéia de polaridades estanques entre pioneiros e católicos também merece ser repensada, uma vez que ambos os grupos desenvolveram estratégias, muitas vezes similares, para instruir as famílias no exercício de civilizar pela educação. A hierarquização que se efetivou entre as instâncias educativas – família e escola - pelos dois grupos, não foi suficiente para anular as práticas desenvolvidas para instruí-las, a fim de estabelecer uma ação conjunta entre ambas instituições. Essa iniciativa torna relevante a busca pela compreensão de como se encaminharam esses investimentos pelos dois grupos. Este trabalho, no entanto, busca compreender esses esforços, pelo grupo católico, ao utilizar, de modo particular, impressos pedagógicos produzidos por um sacerdote, direcionados à família e ao professorado.

Ainda que sejam poucos os trabalhos voltados para a relação família/escola/projeto civilizador nessa perspectiva relacional, é possível detectar uma preocupação com essa questão, por exemplo, nos trabalhos voltados para a educação feminina e profissão docente, como formas de se apreender a ação educativa que se esperava da mulher e da professora, nos espaços privados e públicos, em suas aproximações e distanciamentos.

Na esteira dos esforços para aproximar a família da escola, pode-se dizer que os renovadores, católicos ou pioneiros[5], fizeram uso dos impressos pedagógicos, para educar a mulher, a mãe e a professora. Em uma perspectiva mais ampla, as pesquisas sobre impressos estão inscritas no campo de uma história cultural dos

[5] O termo “pioneiros” é utilizado neste trabalho apenas para marcar o grupo que antagonizou com os católicos nas principais questões em torno das propostas escolanovistas e que se auto-intitulou dessa maneira, usando como referência o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, assinado em 1932. Todavia, os estudos realizados acerca das Escolas Novas no Brasil possibilitam pensar que essa nomenclatura não é suficiente para representar, categorizar ou classificar as lutas, os conflitos e as tensões que se estabeleceram em torno do campo educacional do país, na primeira metade do século XX.

saberes pedagógicos e de suas apropriações nas práticas educativas. O uso dos impressos na conformação de um campo pedagógico põe em evidência um conjunto de estratégias de difusão e imposição dos modelos pedagógicos e de táticas de apropriação desses modelos, e inspiram o que Marta Carvalho e Maria Rita Toledo (2007) denominam de "multifacetado campo de investigações". São essas investigações que, segundo as autoras, "dão sólido suporte a uma história cultural dos saberes pedagógicos interessada na materialidade dos processos de difusão e imposição desses saberes e na materialidade das práticas que deles se aproxima" (CARVALHO & TOLEDO, 2007, p. 89).

Nesse âmbito, os impressos pedagógicos se voltam para destinatários específicos: de um lado, as moças e mães de família, e, de outro, os professores, quase sempre generalizados como professoras[6]. Fosse na casa ou na escola, o papel educativo atribuído ao gênero feminino foi visto quase como uma extensão da sua natureza, necessitando apenas do esclarecimento necessário para dar conta das necessidades próprias da sua época. Os trabalhos de Diana Vidal (2000), Denice Catani (2003), Cynthia Sousa (1996), Maria Fernanda Bicalho (1988), Carla Bassanezi (1996), Eliane Lopes (2003), Sônia Lopes (2003), Guacira Louro (1997), dentre outros, ajudam a compor o cenário da educação pensada para a escola e para a família, através dos discursos pedagógicos endereçados a esses dois públicos distintos.

Em consonância com os discursos que emergiram em torno da formação do homem civilizado, considerado como o ideal para habitar uma cidade que ia se configurando urbano-industrial, que buscava se consolidar ainda sobre os princípios da ordem e do progresso, o Monsenhor Álvaro Negromonte tornou-se partícipe da intensificação dos debates da área. Através de suas propostas pedagógicas, estabeleceu papéis e definiu ações educativas a serem desempenhadas no âmbito da casa e da escola, em consonância com a doutrina católica.

---

[6] Apesar da referência ao professorado não aludir apenas ao gênero feminino, na maior parte do tempo, o autor generaliza e dirige suas mensagens claramente ao público feminino. No caso do ensino religioso, ele justifica, afirmando que esse é um espaço que vem sendo ocupado cada vez mais pelas mulheres, pela sua condição de excelência na obra de formação e modelação da alma humana. A indicação no feminino era recorrente, de acordo com o autor, por causa do número de moças inscritas no Curso. Essa observação pode ser atestada em diferentes trabalhos no campo da História da Educação sobre a Escola Normal. Em vários estados brasileiros, a presença das mulheres nas Escolas Normais, dentre outros fatores, pode ser compreendida tendo como horizonte um processo de feminização do magistério, que reconfigurou a História da Profissão docente.

Aliar escola e família na formação do indivíduo significava adotar os novos cânones educacionais, de uma escola elevada a uma posição de centralidade, sem perder de vista o projeto modelar de conformação de uma nação católica, que se desdobrava em outras direções. As práticas recristianizadoras que a Igreja desenvolveu estabeleciam um vínculo entre nação e catolicismo, em consonância com a Carta Pastoral de D. Leme, e se apresentavam sob o argumento de que "a nação é católica", por isso, suas ações visavam salvaguardar a fé da maioria do povo brasileiro, assegurando, seus interesses, e, consequentemente, os da própria Igreja. (Melo, 2006). Com esse intuito, Negromonte, por um lado, produzia um discurso para a escola e, por outro, encaminhava outras mensagens, sob outra forma, para as famílias, a fim de que a mesma educação fosse dada em conformidade na escola e no lar, não desfazendo este do trabalho daquela, por falta de instrução, conforme a visão corrente entre os educadores à época.

A lógica de encaminhar mensagens às famílias e às professoras, que parece sugerir uma abertura em duas vertentes distintas, se afunila e converge em um ponto em comum, que é o da mulher catequista, seja ela professora ou mãe. Esse é o fio condutor que deveria ligar os saberes da casa aos da escola. Para Negromonte, como professora católica, esta tinha a função moral de ensinar os valores da religião de forma prática, para que a criança aprendesse, conforme os enunciados escolanovistas, a experiência da vida cristã; como mãe católica, tinha a vocação dada por Deus de formar a alma dos futuros cidadãos do país. Em ambas as funções, o ensino religioso transformava a figura da mulher, professora ou mãe, na catequista por excelência, considerando os limites e as melhores possibilidades de atuação de cada uma.

Partindo do pressuposto de que os processos educativos são parte de universos culturais mais amplos, opero com a hipótese, segundo a qual o movimento da Escola Nova no Brasil foi apropriado por diferentes grupos que desenvolveram projetos pedagógicos, de acordo com suas visões de mundo e de sociedade, mas que apresentavam como ponto comum o entendimento de que o campo educacional[7] era o caminho pelo qual seus projetos de construção da nação se

[7] O conceito de campo é entendido neste trabalho na perspectiva proposta por Pierre Bourdieu e diz respeito ao universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem um conhecimento específico. O campo é um mundo social que possui certa autonomia e que se configura como

efetivariam. Ao contrário do que vinha aparecendo de forma recorrente na historiografia educacional brasileira até os anos de 1980, o grupo católico[8] participou desse movimento intensivamente, e não apenas de forma reativa. Tal hipótese, já levantada por Marta Carvalho na década de 80 do século XX, quando os estudos em História da Educação começaram a passar por uma revisão teórico-metodológica, sobretudo pela entrada da vertente da Nova História Cultural como aporte teórico das novas produções historiográficas, vem constituindo, aos poucos, outra possibilidade interpretativa acerca da presença dos católicos no movimento das Escolas Novas no Brasil. Todavia, a leitura de uma Escola Nova Católica e o envolvimento dos educadores católicos com o movimento escolanovista no âmbito internacional, ainda merece ser mais explorada pela historiografia educacional brasileira.

As várias pesquisas realizadas sobre a Pedagogia católica, seja no âmbito das instituições educacionais, dos intelectuais da educação, ou da imprensa pedagógica católica, põem em evidência um conjunto de práticas e representações que situam o grupo católico na esteira do movimento de renovação educacional do país, em prol de estratégias mais eficazes de ensino-aprendizagem que garantissem a conformação de uma pedagogia católica, capaz de formar verdadeiros cristãos.

As questões que se colocaram a partir dessa acabaram por constituir os rumos dessa investigação que buscou compreender: Como os enunciados escolanovistas foram apropriados e passaram a constituir os saberes pedagógicos produzidos pelo Monsenhor Álvaro Negromonte? Que saberes foram produzidos nesse processo e como eles serviam ao projeto de recristianização da nação? Quais os dispositivos mobilizados em torno dessa causa? Como a relação família/escola aparece nessa proposta?

---

campo de forças e de lutas cujas relações de forças alimentam a conservação da transformação desse próprio campo e o mantem autônomo em relação às pressões externas do mundo que o envolve. A diferença entre um campo e um jogo é que o campo é um jogo no qual as regras do jogo estão, elas próprias, postas em jogo (BOURDIEU, 2004, p. 20-29).

[8] Esse grupo é entendido neste trabalho na mesma perspectiva proposta por Magaldi, não considerando apenas a “fé religiosa, de natureza individual do intelectual em questão, mas sua adesão a um projeto de educação inserido no movimento mais amplo de renovação católica. Tal projeto educacional possuía como núcleo a temática da orientação religiosa, considerando-a em clara articulação com a visão do papel essencial da família na formação do indivíduo e de seu lugar inviolável na definição do modelo a ser seguido na educação dos filhos” (MAGALDI, 2007, p. 102)

Estava em pauta a constituição de um *corpus* de saberes pedagógicos pautados nos postulados da nova pedagogia, mas também a publicação de impressos que funcionassem como ferramentas de trabalho para os professores e para as famílias.

No entanto, as diferenças entre as estratégias editoriais dos católicos e pioneiros, segundo Carvalho, variavam em suas formas de acordo com seus objetivos. De acordo com a historiadora,

> Para os primeiros, o impresso foi, sobretudo, dispositivo de constituição de lugar de autoridade para censurar os princípios doutrinários e as práticas escolanovistas de seus adversários e para constituir e legitimar um discurso escolanovista católico que ganhasse a adesão do professorado. Já os 'pioneiros' privilegiaram constituir um repertório de saberes pedagógicos suscetível de múltiplos usos. Nesse empreendimento maximizaram a divulgação em detrimento da censura, efetuando a triagem das novas pedagogias na própria operação de seleção dos materiais editados [...] A diferença entre as estratégias dos dois grupos, determinante da escolha dos tipos de materiais impressos, deve ser pensada relativamente às condições, também diferenciadas de produção, circulação e recepção do impresso que caracterizaram tais estratégias. (CARVALHO, 2005, p. 93)

Todavia, é preciso considerar, segundo a própria autora, que

> guardadas as diferenças, tais estratégias tiveram características comuns, oriundas da afinidade entre os princípios e os objetivos que as nortearam: os de um programa de reforma da sociedade pela reforma da escola que tinha na mudança de mentalidade do professorado condição *sine qua non* e, na observância de determinados princípios escolanovistas para promovê-la, uma exigência decorrente da fé que depositavam no que consideravam conquistas incontestes do avanço científico no campo das ciências humanas, especialmente a psicologia (CARVALHO, 2005, p. 94).

Os livros endereçados às famílias constituem outra dimensão do projeto católico de reorganização da sociedade. Esses livros marcam bem a diferença de papéis estabelecidos para essas duas instituições na questão educacional, mas corroboram com o ideário moderno dos chamados pioneiros, na concepção acerca da necessidade de se instruir a família nos novos preceitos científicos, para que esta pudesse participar ativa e positivamente da formação das crianças, aliando a casa e a escola em um projeto que articulava saberes científicos e tradição católica.

Ainda que não apontem, de forma clara, relação direta com os temas da Escola Nova, esses livros prescrevem um ideário de educação ancorado em

princípios da Psicologia, da Biologia e da Pedagogia. Esse amparo no campo científico sinaliza para a articulação existente no pensamento desse autor entre essas duas instituições educativas e atesta o entendimento do padre sobre a eficácia de se articular ciência e religião, sempre que possível. Se buscarmos a compreensão, por exemplo, sobre "a quem cabia educar" no projeto escolanovista, é possível perceber que, assim como no projeto pedagógico de Negromonte, em dimensões distintas, família e escola deveriam se aliar e trabalhar, conjuntamente, no projeto de reorganização da sociedade pela educação.

> Segundo pensamento amplamente compartilhado pelos educadores da época, ações educativas dirigidas às famílias eram justificadas com base nas lacunas observadas no funcionamento das mesmas, que davam margem a críticas diversas em relação a múltiplos aspectos, entre os quais situava-se a forma como vinha exercendo seu papel educativo. Era comum que os 'especialistas da educação' apontassem inadequação das atitudes dos pais ante à educação das crianças, já que, segundo sua visão, o cotidiano doméstico estaria permeado por práticas totalmente afastadas dos paradigmas científicos valorizados, então como os da Psicologia e da higiene. Por isso, fazia-se necessário ensinar as famílias a educar, o que foi realizado naquele contexto, por intermédio de várias frentes, conduzidas tanto na esfera estatal, por exemplo, pelos Círculos e Pais e Professores das escolas públicas, quanto no âmbito da sociedade civil, por iniciativas privadas (MAGALDI, 2003, p. 218)

Em certo sentido, pode-se dizer que o trabalho do Monsenhor Álvaro Negromonte contribuiu para que a Igreja fosse firmando seu império no campo pedagógico, ao que Carvalho se refere como "ortodoxia pedagógica", estabelecendo um *"corpus* bibliográfico de referência, constituído como leque de leituras autorizadas. Para os professores, um léxico escolanovista, saturado de sentido religioso era proposto como cânone discursivo e guia da prática docente". (CARVALHO, 2005, p. 93); para os pais, outro leque bibliográfico, com forte acento na questão religiosa e pedagógica, era indicado no sentido de complementar a educação, que não deveria ficar apenas ao encargo das escolas, como era considerada por exemplo, a questão da educação sexual e da formação dos filhos.

A preocupação em "*educar para a* vida", que condensou muitas vezes a pedagogia das Escolas Novas, aparecia e respaldava as ações de ambos os grupos, católicos e pioneiros, em concepções bem diferenciadas, de

> práticas sutis de dosagem da liberdade das crianças, de modo a ajustá-las seja a preceitos religiosos, como o queriam os católicos; seja ao que era percebido e

> proposto como filosofia derivada de 'novas condições e valores de vida' por alguns dos mais acirrados defensores da nova pedagogia. Em ambos os casos, a fórmula *educar para a vida* condensa um programa pedagógico que se organiza sob o imperativo de regrar a atividade da criança, impondo limites à sua liberdade (CARVALHO, 2002, p. 392).

Com isso, através de publicações, prescrições e proscrições de livros, a Igreja foi modelando as práticas de leitura e catolicizando o discurso e a *práxis* escolanovista, configurando um conjunto de "estratégias católicas de ortopedia doutrinária do campo da pedagogia" (CARVALHO, 2002, p. 391).

Este trabalho trata, portanto, do projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte, mas não só. No processo de investigação, fui levada a enveredar pelas sinuosidades que, meio embaçadas, muitas vezes, davam a ver outros aspectos que atravessavam e incidiam de forma direta nesse projeto e que, portanto, eram também constituintes dessa história. Passei, então, a considerá-lo também na perspectiva de uma trajetória de vida, atentando para as redes de sociabilidade envolvidas, para a construção do seu autor como intelectual, para os dispositivos de governamentalidade utilizados pela Igreja no processo de conformação de uma nação católica, para a produção de saberes pedagógicos que isso implicava e suas formas de disseminação, para as práticas educativas voltadas para os indivíduos e a sociedade em sua lógica de interdependência, que, por sua vez, configuravam o próprio projeto que me interessava analisar.

Organizados em diferentes formatos, os impressos publicados pelo Monsenhor Álvaro Negromonte para os professores e para as famílias são analisados nesta pesquisa, como parte de uma Biblioteca Pedagógica que foi sendo construída ao longo de dezoito anos[9], a partir das experiências do autor em todas as etapas do processo de escolarização. Três projetos pedagógicos podem ser identificados na Biblioteca do Monsenhor Álvaro Negromonte: formação de professores/catequistas, renovação do ensino religioso, educação das famílias. Desses três projetos, dois deles, se constituem em objeto neste trabalho: a formação de professores/catequistas e a educação das famílias. Mas não de formas estanque e particularizadas, como já foi assinalado anteriormente. O esforço aqui

[9] Tomo por base para esse cálculo o ano de 1936, por ter sido o ano em que fundou o Boletim Catequético até 1964, ano do seu falecimento, motivo pelo qual também o elegi como marco temporal dessa investigação.

empreendido foi justamente, no sentido de buscar compreender os pontos de contato que entrelaçavam esses projetos, articulando-os entre si e a outro maior, voltado para a recatolicização da sociedade. Por estarem inseridos em um projeto maior de intervenção moral, doutrinária e pedagógica por parte da Igreja Católica, a qual havia assumido a missão de recristianizar a nação, os livros devem ser entendidos nesse contexto, em suas estratégias de produção, circulação e apropriação, como "objetos culturais" que se constituem como "suporte de um sentido transmitido pela imagem ou pelo texto" (CHARTIER ; ROCHE, 1976).

Do ponto de vista da estrutura, o trabalho foi organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresento o que venho chamando de Biblioteca Pedagógica do Monsenhor Álvaro Negromonte. Mais do que apresentar, o objetivo deste capítulo é colocar em evidência e analisar essa biblioteca, ressaltando sua importância na construção da trajetória intelectual do seu autor, que a produziu como um monumento do seu legado educacional.

No segundo capítulo, analiso o projeto de formação de professores que Negromonte empreendeu, através de livros e periódicos, destinados a transformar os professores em catequistas, instaurando, desta forma, o ensino religioso no âmago da educação escolar. O diálogo com o escolanovismo católico português, fruto da pesquisa realizada, por quatro meses, na modalidade "doutorado sanduíche", na Universidade de Lisboa serviu para alargar as reflexões acerca das práticas pedagógicas católicas e do pensamento católico renovado. Considerando que o movimento escolanovista português, tinha uma orientação significativamente católica, tal como sinaliza Mogarro (2001 e 2006), essa aproximação permitiu compreender algumas táticas de apropriação que os católicos fizeram em torno dos enunciados da Escola Nova, tendo os impressos pedagógicos como um dos seus principais veículos utilizados para converter o professorado e a família à "boa pedagogia".

No terceiro capítulo, me apóio em um dos livros da *Biblioteca Pedagógica* do padre, para destacar um dos projetos que, à primeira vista, representa uma interseção na sua lógica de produção, mas também pode ser entendido como um ponto de ligação entre o trabalho que ele vinha realizando junto às professoras e aquele que ainda estava por fazer junto às famílias. *A educação sexual,* endereçada

a pais e educadores, representava uma acentuada mudança nas práticas educativas da Igreja em relação à educação da sexualidade. Ao invés de silenciar sobre essa questão, Negromonte se dispôs a falar. Sob a chancela da Igreja, Negromonte assinou com uma das editoras de maior prestígio, entrando, a partir da publicação desse livro, para o rol dos ilustres escritores publicados pela casa José Olympio. Esse avanço em relação à temática da sexualidade por parte da Igreja suscitou várias questões, instigadas pelo diálogo com Foucault. Dentre elas, duas foram norteadoras: Em que condições e de que maneira Negromonte pôde falar da sexualidade? Quem ou o quê o padre Álvaro Negromonte representava nesse debate que teve, para ele, a questão da direção da consciência como fio condutor?

Por fim, no quarto e último capítulo, encerrei essa história, analisando os Tratados Pedagógicos produzidos para as famílias. A partir dos três livros utilizados como principais fontes, retomo a questão da educação sexual, desta vez endereçadas aos casais, noivos e cônjuges, e analiso as prescrições dadas por Negromonte aos pais em relação à educação dos seus filhos. O projeto de educação das famílias empreendido pelo padre visava, primeiramente, assegurar a indissolubilidade do casamento. Como um dos pilares fundamentais da sociedade, as famílias deveriam forjar, no espaço privado, cidadãos aptos a defender sua fé e dar testemunhos da mesma pela sua conduta social. O homem perfeito/santo que Negromonte visava formar, além de um espírito elevado, encaminhado para o plano divino, deveria possuir uma inteligência instruída acerca da doutrina cristã, pois “só na convicção da ideia está o segredo das vontades decididas e fortes”, as quais, dirigidas pela inteligência, deveriam assistir de perto à Igreja e à sociedade, através da chamada ação social católica (D. LEME, 1916, p.11, 15).

Posso dizer que a produção desta história se deu entre construções e desconstruções, opções guiadas mais por dúvidas do que certezas e que a pretensão foi a de trazer à tona algumas práticas educativas católicas, ainda não suficientemente exploradas nas pesquisas histórico-educacionais, e contribuir para que a figura de um importante intelectual e educador católico não caísse no limbo historiográfico. De uma forma ou de outra, esta pesquisa intentou representar apenas um dos fragmentos que compõem a história desse caleidoscópio, que é a educação católica.

1 O LEGADO EDUCACIONAL DO MONSENHOR ÁLVARO NEGROMONTE: UMA *BIBLIOTECA PEDAGÓGICA* E UM PROJETO DE EDUCAÇÃO PELAS LEITURAS

"Ide pois e ensinai a todas as gentes..."

17 de agosto de 1964. Morre na cidade do Rio de Janeiro, o Monsenhor Álvaro Negromonte, Diretor de Ensino Religioso da Arquidiocese do Rio de Janeiro, aos seus 63 anos, duas horas após o lançamento do seu livro *A Eterna Aliança*.

Esta notícia, transmitida na Revista Eclesiástica Brasileira (REB) em setembro do mesmo ano comunicava ao clero o falecimento do Monsenhor Álvaro Negromonte, ressaltando o legado educacional deixado por ele através, principalmente, da sua coleção de livros didáticos para o ensino religioso. Reconhecido entre seus pares como um dos grandes intelectuais da educação católica do seu tempo e da renovação do ensino religioso, Álvaro Negromonte envolveu-se profundamente nos debates educacionais da sua época, produzindo um conjunto variado de impressos pedagógicos que elegiam como alvos privilegiados a escola e as famílias.

Através de sua postura engajada, tornou-se uma figura recorrente nos periódicos católicos, utilizando-os como uma das principais armas para "combater o bom combate", frase recorrente entre os católicos militantes em alusão a uma das frases proferidas pelo apóstolo Paulo no final da sua vida (2 Tm 4:7) A partir das primeiras décadas do século XX, não só a imprensa católica, mas os impressos católicos em geral foram se qualificando "como meio moralizador e saneador dos costumes da sociedade, concomitantemente ao seu papel na conservação dos princípios e valores norteadores da ética cristã" (SOUZA, 1998, p. 628). Isso permitiu ao padre Álvaro Negromonte se inserir, gradativamente, no âmbito da "boa imprensa" católica, que ia se afirmando em oposição à chamada "má imprensa", acusada de atacar a fé católica, ferir os fundamentos da sociedade, os direitos da

família, etc[10]. Nesse campo de lutas e de relações de força estabelecidas, a palavra impressa foi o instrumento privilegiado pelo padre Negromonte, do início ao fim de sua trajetória.

Se, de acordo com Borges, “nenhum homem está verdadeiramente morto a não ser que morra o último homem que ele conheceu” (*apud* Borges, 2001, p. 6), eu acrescentaria, ainda, que também não estaria morto até que morresse o último homem que o leu. Foi por esse rastro dos textos que a história do Monsenhor Álvaro Negromonte pôde ser tecida, atrelada e completamente imbricada com o seu projeto pedagógico. Na busca pela compreensão do projeto, foi dado também a conhecer o homem que o produziu. O ano em que se encerrou a sua vida, portanto, não encerrou com ele a sua história. Esta se perpetuou como um legado, através da memória que deixou naqueles que, de alguma maneira, foram alcançados pela sua obra.

Dois exemplos de temporalidades bastante distintas são ilustrativos dessa afirmação. Em 1969, quando o Concílio Vaticano II (1962-1965) já tinha promulgado um novo texto de Catecismo e diversas outras publicações vinham sendo produzidas buscando atualizar a catequese, com base nas questões discutidas nesse Concílio, os livros do padre Negromonte ainda circulavam nas escolas confessionais, sendo utilizados pelos alunos como livros didáticos de catecismo e ensino religioso, como declara Mércia Negromonte[11], aluna do Colégio Santa Cristina, em Nazaré da Mata, cidade natal do padre. Ela afirmou que, apesar de não se lembrar do padre em seu tempo de escola, lembra-se de ter estudado por seus livros, que passavam, na sua casa, de irmão para irmão, hábito comum à época, segundo a entrevistada (2005). Cerca de aproximadamente quarenta anos depois, em um suporte completamente distinto, que dispensa e passagem do objeto material de um leitor a outro, mas permite que vários leitores o acessem simultaneamente[12], os livros do padre Negromonte continuam circulando e sendo referência em sites

---

[10] Sobre a boa e a má imprensa, ver Carta Pastoral de D. Leme (1916), documento em que o autor também aborda a necessidade de instrução religiosa a todos os católicos em suas diversas formas, dentre elas, sendo destacada, a leitura. Nesse aspecto, o papel da imprensa no bojo da Ação Católica também merece destaque. Conferir também, Acção Católica (1933).

[11] Sobrinha distante do padre e ex-aluna do colégio Santa Cristina. Entrevista concedida à pesquisadora em 15 de agosto de 2005.

[12] Sobre a mudança no suporte do texto e nas práticas de leitura ver Chartier (1999)

católicos que se dispõem a tratar de questões atuais, como a educação dos filhos, através de extratos retirados de seus livros e de *downloads* que permitem, gratuitamente, a leitura da obra na íntegra[13].

Não houve, neste trabalho, a pretensão de produzir uma biografia de Álvaro Negromonte, no entanto, a compreensão do seu projeto estava intimamente ligada a sua trajetória. Por isso, busquei atentar para as suas escolhas, que sinalizavam os interesses e objetivos do padre/autor, considerando também, suas condições de produção, os desafios que elas apresentavam, as capacidades que demandavam, os percursos que foram trilhados intencionalmente e também aqueles que foram obras do acaso e que acabaram proporcionando grandes oportunidades.

Os livros que Negromonte produziu fizeram parte de um conjunto de práticas educativas que se disseminou em todo o país nas primeiras décadas do século XX, objetivando a recristianização da nação e tinham na renovação do ensino religioso e na sua reintrodução nas escolas públicas, um de seus temas principais. Negromonte foi considerado como um expoente desse movimento, tendo seu trabalho ganhado realce e o título de “mestre brasileiro da pedagogia do catecismo” e “arauto da renovação catequética” por historiadores e intelectuais da Igreja do porte de Hélder Câmara (1941), Riolando Azzi (1977), Oscar Lustosa (1992), Mauro Passos (1998; 1999), Magno Vilela (1998), Ralfy Mendes de Oliveira (1980). Segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, realizada em 1983,

> A sociedade do século XX, marcada também pelos ateísmos práticos e teóricos-militantes, por diversos tipos de neopaganismo, pelas formas fanáticas e sectárias de religiosidade de origem recente e pelo indiferentismo religioso, precisará também de um tipo de Catequese que, além de uma sólida fundamentação da fé, seja capaz de ajudar o cristão a converter-se e a comprometer-se no seio de uma comunidade cristã para a transformação do mundo... Diversos pioneiros se dedicaram ao trabalho de sistematização e adaptação da catequese às novas exigências. É o caso, entre outros, de Mons. Álvaro Negromonte, que criou e difundiu no Brasil o chamado Método Integral de catequese, o qual se propunha como objetivo formar o cristão íntegro, firme na fé, forte no amor e pleno de esperança (CNBB, 1983, p. 5)

---

[13] As referências a algumas das obras do Monsenhor Negromonte, fragmentos e *downloads,* podem ser encontradas nos sites abaixo:
http://osegredodorosario.blogspot.com.br/p/livros-para-download.html;
http://www.ebah.com.br/search?q=corrija+seu+filho&type=File
http://alexandriacatolica.blogspot.com.br/2010/11/educacao-dos-filhos.html;
http://euricozine.blogspot.com.br/search?q=a+educa%C3%A7%C3%A3o+dos+filhos
http://www.salverainha.com.br/downloads/A_Educacao_dos_filhos.pdf

A posição de referência que alcançou no meio eclesiástico traduz a distinção que conquistou no interior do campo religioso. Todavia, até os anos 1980, seu trabalho e suas obras raramente se constituíram em objeto de estudo. Em geral, o autor aparecia como referência em trabalhos que versavam sobre a catequese, ou sobre o ensino religioso no Brasil, geralmente produzidos no âmbito da História da Igreja e que apontavam para a necessidade de se estudar mais sobre a vida e obra do padre Álvaro Negromonte[14]. Curiosamente, sua história esteve reduzida a pequenas notas de memória, entrelaçadas com a questão da modernização do ensino religioso.

Se os manuais podem ser entendidos como um "lugar funcional da memória coletiva", é preciso atentar para "os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se devem procurar não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva" (LE GOFF, 2003, p. 467). Assim como o fato de que a memória coletiva representa um "instrumento e um objeto de poder", ela é "um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade,* individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje" e sua forma escrita se constitui em uma das manifestações dessa luta pela dominação da recordação e da tradição (LE GOFF, 2003, p. 470).

Neste capítulo apresento a *Biblioteca pedagógica* do Monsenhor Álvaro Negromonte na educação brasileira, ressaltando sua importância na construção da trajetória intelectual do seu autor que a produziu, como um monumento do seu legado educacional. Conforme Vidal (2001), a constituição de uma *Biblioteca pedagógica* revela um investimento no desenvolvimento pessoal, profissional e o desejo de atualização, que sinaliza para o universo cultural e pedagógico em que se movem os seus leitores. Neste caso, pode-se dizer que esse universo dos leitores e sua demanda se entrecruzaram com o do autor da Biblioteca aqui em questão. A

[14] Recentemente, algumas pesquisas vêm sendo produzidas buscando evidenciar a presença do padre na história e na educação brasileira. Dentre esses estudos, merecem destaque: as teses de doutoramento do padre Ricardo Calvo, *Crescimento permanente e progressivo na fé: uma contribuição ao estudo histórico-pastoral sobre a catequese no Brasil a partir da obra de Monsenhor Álvaro Negromonte* (1986); do padre Antônio Francisco da Silva, *Álvaro Negromonte: modernidade, religião e educação: uma tentativa de aproximação do privado com o público na educação* (2005); de Mauro Passos, *A Pedagogia catequética e a educação na primeira República (1998);* de Luiz Alves de Lima, *A face brasileira da catequese: um estudo histórico-pastoral do movimento catequético brasileiro das origens ao diretório catequese renovada(1995);* e a dissertação de mestrado de Evelyn Orlando, *Por uma civilização cristã: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do Catecismo (2008)*.

forma como foi se compondo é indicativa dos vários sentidos e projetos que comportava. Seu projeto atesta, ainda, a presença expressiva da Igreja nos processos educacionais e nos processos de escolarização da sociedade brasileira, indicando alguns dos modos pelos quais essa presença foi se disseminando em diferentes espaços.

Nesse percurso, não se pode dizer que Negromonte seguiu indubitavelmente nessa direção. Assim como o *São Luís* de Le Goff, ele também construiu a si mesmo e a sua época tanto quanto foi construído por ela, entre acasos, hesitações, escolhas (LE GOFF, 1999, p. 18). Foi nessa perspectiva de buscar a compreensão dessa relação entre o autor e sua obra que se colocaram duas problemáticas norteadoras para o trabalho: analisar a *Biblioteca pedagógica* em seu papel de intervenção na sociedade brasileira através da educação e como suporte para a construção do Monsenhor Álvaro Negromonte como intelectual da educação católica no Brasil.

O termo *Biblioteca pedagógica* do Monsenhor Álvaro Negromonte foi inspirado nas coleções pedagógicas que se difundiram no Brasil a partir dos anos 1920, com um sentido político de intervenção no campo pedagógico (TOLEDO, 2001); e ainda, no conceito de “bibliotecas sem muros” de Chartier (1994), ao tratar das “Bibliotecas sem Muros” na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Essa noção de biblioteca não diz respeito a sua conformação material, mas está relacionada ao signo universal da biblioteca sem paredes, ou seja, uma biblioteca que reúne títulos ou catálogos de bibliotecas através de meios que possam alcançar o(s) leitor(s) ou uma comunidade de leitores. O leitor de Negromonte era o leitor católico, sem dúvida, isso ele deixava claro. Mas, ao escrever, se dirigia também a todos os indivíduos que tivessem buscando uma palavra segura e precisa sobre questões acerca da fé e da moral católica no mundo contemporâneo. Esse conceito foi, também, inspirado nas “Bibliotecas Pedagógicas Católicas”, tal como se refere Sgarbi (2001) ao conjunto de títulos ou catálogos de impressos católicos (livros, revistas, jornais, etc.) divulgados pela revista *A Ordem* e pela *Revista Brasileira de Pedagogia*, como meios pedagógicos destinados aos intelectuais e ao professorado, respectivamente, no sentido de forjar uma cultura cristã, salvaguardando a amplitude

da pedagogia católica que extrapolava o espaço escolar. A constituição desse projeto deve ser entendida de forma articulada ao grande vulto que os impressos e a imprensa periódica alcançaram na sociedade brasileira, pelas iniciativas pedagógicas que empreenderam e por terem se constituído em uma das formas não institucionalizadas de educação mais poderosas entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Composta por trinta livros publicados entre os anos de 1930 e 1960, a *Biblioteca pedagógica* Monsenhor Álvaro Negromonte compreende diferentes temáticas, que se conformam em torno de projetos educativos distintos e evidenciam o caráter de intervenção social do seu autor. Os livros foram classificados por mim, em três séries: didáticos, educação das famílias e uma série que, por agrupar temáticas distintas, sem maior coesão, intitulei como *outros.* Este trabalho, no entanto, não se prende a essa classificação, mas a dois dos três projetos pedagógicos, que essas séries compreendem: o projeto de formação docente que, possivelmente, por uma estratégia editorial, foi inserido na série didática[15], e o projeto de educação das famílias. Cada uma dessas séries esteve articulada à questões que, em diferentes momentos, se caracterizaram como problemas iminentes para a Igreja. Pode-se destacar o problema do ensino religioso nas escolas públicas, a falta de material pedagógico que despertasse o interesse nos alunos de catecismo, a educação sexual, o divórcio, o controle de natalidade e a educação dos filhos, como alguns dos temas que suscitaram inúmeros debates na sociedade brasileira e serviram de impulso à produção do Monsenhor Álvaro Negromonte.

Todavia, alguns elementos, na ordem dos livros, chama a atenção para o enfoque dado pelo autor à escola. Em edição publicada após o seu falecimento, a Revista Eclesiástica Brasileira (REB) destinou todo o verso da capa para erigir uma memória do padre e de sua obra. Trazendo opiniões de personalidades ilustres, como Gilberto Freyre e D. Jaime Câmara, acerca do seu trabalho, assim o apresenta:

---

[15] Os livros de formação de professores aparecem, nas referências feitas pelas editoras, ou pela Revista Eclesiástica Brasileira, como parte da Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte, que compreendia um conjunto de manuais de catecismos, publicados como livros didáticos e destinados aos alunos da 1ª série ao Curso Normal. Um estudo mais aprofundado sobre essa coleção foi realizado por mim no mestrado, sob o título *Por uma civilização cristã: a Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a Pedagogia do catecismo*. Ver Orlando (2008).

Coleção Monsenhor Negromonte

- 17 volumes destinados ao ensino religioso nas escolas – únicos escritos desde o 1º ano primário até o nível das Faculdades por um mesmo autor, o que lhes garante perfeita unidade didática.
- Obra de um escritor brasileiro que escreveu para o meio brasileiro, usando de uma linguagem ao mesmo tempo escorreita e clara, simples e objetiva.
- Trabalho aprimorado de "um dos maiores educadores brasileiros de nossos dias" – como o chamou o sociólogo GILBERTO FREYRE – e que dedicou toda a sua vida à difusão da doutrina da Igreja tendo-se transformado num "grande apóstolo da catequese no Brasil" na opinião do Cardeal D. Jaime Câmara.
- Coleção organizada segundo os princípios do "*Método Integral"*, formulado pelo próprio Monsenhor Negromonte, método que harmoniza as tendências mais modernas em assunto de pedagogia catequética (REB, verso de capa, 1964)

No texto citado, é apresentada uma relação das suas obras, na qual figuram apenas os livros de cunho didático que compõem a Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte. Nessa organização, três livros foram incorporados à série didática: um quinto volume para o primário e dois outros direcionados ao ensino superior. É também apresentada uma atualização do livro *A Pedagogia do Catecismo* sob o título *Nova Pedagogia do Catecismo,* que viria a ser lançada em 1965, ampliando, desta maneira, a coleção de quatorze para dezessete volumes[16], com seus respectivos valores e ressaltando a possibilidade de pedidos à Edições RUMO S.A.. Uma vez que à editora cabe a divulgação dos livros que publica, pode-se inferir que essa organização foi fornecida pela própria à REB e traduz um desejo de memória do próprio Monsenhor Álvaro Negromonte, que, não por acaso, era um dos sócios majoritários. Após o seu falecimento, seu sobrinho, Romeu Negromonte[17], sócio majoritário na mesma proporção que Álvaro Negromonte, continuou com a empresa ainda por alguns anos, propagando suas obras, através de reedições e da publicação da nova versão de *A Pedagogia do Catecismo*, atualizada pelo padre pouco antes de falecer.

[16] Essa foi a única referência encontrada em relação à Coleção com 17 títulos. Em geral, as referências variavam entre 11 títulos publicados pela Editora José Olympio e 14 títulos publicados pela Edições Rumo.

[17] A história da Editora Rumo é sombreada e muito do que consegui levantar está baseado nas memórias da Srª Neide Negromonte, viúva de Romeu Negromonte, que acompanhou o seu processo de abertura, vindo a trabalhar como secretária e organizando coleções ao lado de seu marido como a *Antologia dos poetas brasileiros e portugueses*. O Sr. Joaquim Correia Lima, sobrinho do padre e, à época, distribuidor dos seus livros no Recife também contribuiu com suas memórias acerca da circulação das suas obras no Estado. A Junta Comercial do Rio de Janeiro e o Diário Oficial da União também foram consultados e forneceram alguns dados que ajudaram a compor, ainda que de forma difusa, alguns rastros da história dessa editora.

O acento nos livros didáticos, de forma exclusiva, como aparece na REB, indica o peso e o valor que a coleção possuía para o padre e a aproximação memorialística com a temática do ensino religioso, setor da Igreja e da educação no qual empreendeu seus maiores esforços e lhe rendeu maiores créditos. Dos 32 livros publicados, 19 fazem parte da coleção de livros didáticos, 06 são destinados à família e 07 pertencem a outros estilos, dentre eles 4 traduções: uma do *Novo Testamento*, uma de *Os Santos Evangelhos de Jesus Cristo* e duas publicações em espanhol das suas obras *A Pedagogia do Catecismo* e *Educação Sexual,* chegando à seguinte constituição:

Figura 1 : *Biblioteca Pedagógica* Monsenhor Álvaro Negromonte

SÉRIE DIDÁTICA		
Curso primário		
Título	***Ano de publicação***	***Editora***
Meu catecismo – 1º ano	1942	Editora Vozes
Meu Catecismo – 2º ano	1942	Editora Vozes
Meu Catecismo – 3º ano	1942	Editora Vozes
Meu Catecismo – 4º ano	1942	Editora Vozes
Meu Catecismo – 5º ano	?	?
Curso Elementar		
Manual de Religião	1938	Editora Vozes
Curso secundário		
Minha vida cristã (para a 1ª série ginasial)	1953	?
A Doutrina Viva (para a 2ª série ginasial)	1939	Editora Vozes
As fontes do Salvador (Missa e Sacramentos) _ Para a 3ª série ginasial	1941	Editora Vozes

O caminho da vida (Moral cristã) – Para a 4ª série ginasial	1937	Editora Vozes
Curso Normal		
A Pedagogia do Catecismo	1938	José Olympio
La Pedagogia del Catecismo	1938	Editora Difusión/ Buenos Aires
Nova Pedagogia do Catecismo	1965	Edições Rumo
Guia do Catequista (para o 1º e 2º ano primário)	1961	Edições Rumo
Guia do Catequista (para o 3º ano primário)	1961	Edições Rumo
Guia do Catequista (Para o 4º ano primário)	1961	Edições Rumo
Curso Colegial		
História da Igreja	1954	Editora José Olympio
Colegial e Faculdades		
História da Salvação	1961	Edições Rumo
A eterna aliança	1964	Edições Rumo
Educação das famílias		
A Educação Sexual	1939	Editora José Olympio
La Educación Sexual	1939	Editora Difusión/ Buenos Aires
Noivos e Esposos: problemas do matrimônio	1948	Editora José Olympio
O que fazer do seu filho	1955	Editora José Olympio
A Educação dos Filhos	1961	Editora José Olympio
Corrija seu Filho	1961	Edições Rumo
Outros		
Diretrizes Catequéticas	1938	Editora Vozes
A vida de Jesus para os pequeninos	1947	Editora José Olympio

Novo Testamento (traduzido e anotado por Mons. Negromonte)	1948	Livraria Editora Agir
Os Santos Evangelhos	1941	?
Preparação para a 1ª comunhão	1961	Edições Rumo
O que é o Espiritismo?	1949	Editora Santa Maria
Hora Santa para as Catequistas	1961	Edições Rumo

A ordem dos livros aqui apresentada não corresponde à ordem de suas publicações. Esta possuía uma "dupla estratégia de intervenção cultural"[18]: a intervenção editorial, que organizava a produção dessas obras, considerando o mercado do livro e suas demandas, e a intervenção pedagógica católica, que selecionava e produzia os saberes que deveriam compor o repertório dos católicos em geral, sobretudo daqueles que fossem pais e/ou professores. Assim, na lógica de produção de sua Biblioteca, Negromonte privilegiou os impressos destinados à formação de professores[19], os livros referentes ao curso elementar e ginasial, completando a coleção de livros didáticos com a série para o ensino primário. Concomitantemente a esse projeto voltado para as escolas, Negromonte publicou *A Educação Sexual* e outros livros doutrinários. A série endereçada às famílias figurou como o último projeto pedagógico a compor sua Biblioteca[20].

A maior parte dos seus livros foi publicada pela Editora Vozes e pela José Olympio. A Vozes foi sua primeira editora e o legitimou no campo religioso católico. No entanto, Negromonte não passou muito tempo publicando seus livros por ela. Insatisfeito, provavelmente, com as estratégias de circulação da editora, ele passou

[18] Expressão tomada de empréstimo de Toledo (2006) para discutir a questão da circulação e apropriação de modelos culturais através dos impressos.
[19] Só *A Pedagogia do Catecismo* e o *Boletim Catequético*. Os outros livros destinados aos professores foram publicados em 1961, mas não foram abordados nesta pesquisa, por constituírem uma espécie de roteiro didático de lições correspondente à série *Meu Catecismo.* E, também, por não fazerem parte do projeto inicial do padre de formação de professores, o que o levou a prorrogar ao máximo esse tipo de publicação em forma de roteiro, cedendo, por fim, aos apelos do corpo de agentes eclesiásticos e de muitos professores/catequistas que pediam um texto que facilitasse o trabalho em sala de aula.
[20] Conferir, no anexo B, quadro de publicações da Biblioteca Pedagógica do Monsenhor Álvaro Negromonte, com suas respectivas datas de edição, reedição e editora por onde foi publicado.

a publicá-los pela José Olympio[21], após o convite para escrever o livro *A Educação Sexual*. Essa insatisfação pode ser percebida em carta escrita pelo padre à José Olympio, respondendo a uma consulta prévia quanto à tiragem de uma outra obra, a qual Negromonte responde: "Quanto à tiragem de FONTES DO SALVADOR, não sei dar palpite, sou macaco de meu galho. A primeira edição entrou no ano escolar de 42, e foi de 3 mil. Dada a 'bela' distribuição das VOZES, ainda hoje não sabem muitos colégios católicos que o livro foi publicado. Não servirá isto de base?" (NEGROMONTE, 09 de fevereiro de 1944).

Ao que parece esse foi o primeiro passo dado em direção à casa José Olympio. Para o editor, que não vinha investindo em literatura sobre educação sexual, parece ter sido interessante entrar nesse debate, em efervescência à época, pelas portas da Igreja, apresentando aos seus leitores uma obra produzida por uma voz autorizada da hierarquia eclesiástica. Essa estratégia garantia o seu quinhão no negócio dos livros sobre educação sexual, sem perder o seu público leitor mais conservador, alcançado também pelos livros didáticos do padre que passou a publicar. É curioso que, tendo se estabelecido como uma editora que não tinha como ponto alto a publicação de livros didáticos, a José Olympio tenha sido a principal editora da coleção de livros didáticos para o ensino religioso do padre. Isso reforça a hipótese do peso que os intelectuais católicos pareciam ter para a editora para a representação desta junto ao público leitor. As opiniões desses intelectuais acerca de algumas publicações que pudessem ser vistas como contendo um caráter duvidoso eram, geralmente, consultadas, sendo reforçadas em sua dimensão de autoridade. O recurso a essas vozes autorizadas parece ter funcionado, algumas vezes, para avalizar coleções dedicadas à educação feminina, como foi o caso da *Coleção Menina e Moça*, endossada por Álvaro Negromonte e Alceu Amoroso Lima.

Se a presença de intelectuais católicos do porte de Alceu Amoroso Lima e Álvaro Negromonte era representativa para a editora, por sua vez, José Olympio era o editor que mais atendia aos propósitos do padre, por ter um negócio reconhecido

[21] Essa insatisfação pode ser percebida em carta escrita pelo padre respondendo sobre a possível tiragem da obra à José Olympio, a qual Negromonte responde: "Quanto à tiragem de FONTES DO SALVADOR, não sei dar palpite, sou macaco de meu galho. A primeira edição entrou no ano escolar de 42, e foi de 3 mil. Dada a 'bela' distribuição das VOZES, ainda hoje não sabem muitos colégios católicos que o livro foi publicado. Não servirá isto de base?" (NEGROMONTE, 09 de fevereiro de 1944).

como polo produtor e irradiador da cultura[22]. Ao lado da Companhia Editora Nacional, as coleções da José Olympio tornaram-se, de acordo com Paixão e Mira, um dos "empreendimentos editoriais mais notáveis da História do Livro no Brasil" (1996, p. 81). De maneira que, publicar entre os intelectuais mais importantes do país parecia significar adotar a representação de uma Igreja que andava ao lado da modernidade, sem perder de vista os valores e princípios que a regiam.

Não obstante o tom cordato e amistoso observado nas correspondências do padre endereçadas a José Olympio, estas também apontam para as tensões existentes entre eles, passíveis de serem apreendidas em relações entre autor e editor. No conjunto analisado, era recorrente a insistência para que as obras ficassem prontas nas datas previstas, mas duas das cartas se destacam, nesse contexto, por revelarem um forte descontentamento por parte do autor em relação à publicação do manual *Vida de Jesus para crianças*[23]. O livro acabou sendo publicado pela José Olympio, no mesmo ano, com um novo título, *A vida de Jesus para a infância e para a juventude*, uma pequena alteração que sugeria uma estratégia de alargamento do público leitor. O episódio não parece ter afetado as relações entre autor e editor, visto que Negromonte continuou publicando suas obras pela José Olympio, até 1960. Ao todo, ele passou vinte e um anos nessa casa editorial, publicando, em raras exceções, nesse mesmo período por outras editoras. Ao longo dos anos, no entanto, esses pequenos entraves burocráticos podem ter motivado a abertura da Edições RUMO S.A, por onde passou a publicar suas obras.

Em 1960, o padre convidou seu sobrinho, Romeu Negromonte, advogado, residente em São Paulo à época, para morar no Rio de Janeiro e abrir, com ele, uma editora. De acordo com o Diário Oficial da União (1960), a editora tinha como finalidade publicar obras de cunho religioso e literário. A Srª Neide Negromonte

[22] José Olympio foi um dos editores mais importantes do país a surgir na década de 1930. Tinha um considerável apreço por novos escritores, razão de lhe ser atribuído o título de "descobridor de escritores", sub-título da sua biografia escrita por Antônio Carlos Villaça (2001). Segundo Villaça, a relação de José Olympio com seus editados era consideravelmente amistosa, o que tornou a sua editora um ponto de encontro que reunia os mais importantes autores e intelectuais brasileiros, ficando conhecida como "A casa de José Olympio", um verdadeiro centro de cultura. **Momentos do Livro no Brasil** (1996) aponta, ainda, para um José Olympio que ficou conhecido, dentre outras coisas, por lançar nomes quase desconhecidos do público, sendo 90% deles brasileiros; por investir na arte gráfica, quando isso era novidade; por inaugurar o método de crítica nas orelhas dos livros; por modificar o formato habitual de 18 x 12 cm para 21,5 x 13,5 cm; por, adotar o sistema domiciliar de vendas, o qual chegou a responder por 75% dos seus lucros; e, por ser o primeiro editor a colocar ações na bolsa de valores.

[23] Ver correspondências no anexo C.

(2007)[24], viúva de Romeu Negromonte e ex-Diretora Comercial da Rumo juntamente com o marido, não soube dizer as razões que levaram o padre a sair da José Olympio. Mas, de acordo com o seu depoimento, a editora era pequena e, inicialmente, publicava apenas as obras do padre, tendo depois passado a publicar outros livros, como a *Antologia dos Poetas,* uma coleção de sete volumes organizada por ela mesma e pelo marido, e a obra, *De Claridade em Claridade***,** do professor Eurípedes Cardoso de Menezes, curiosamente, um autor protestante. Porém, o grande foco da editora eram os livros do padre.

Atentar para essa relação que Negromonte estabeleceu com as editoras, é importante porque, de acordo com Chartier, "todas as dimensões da História da cultura impressa podem se associar à figura do editor, à prática da edição, à escolha dos textos, ao negócio dos livros e ao encontro com um público de leitores" (CHARTIER, 2004, p. 45). Os dispositivos editoriais assumem a função de selecionar, organizar, recortar e modificar os conteúdos do livro, visando criar um conjunto de condições que favoreçam a aceitação de uma obra no mercado e que, em uma esfera mais ampla, propicie uma determinada ordem nesse mundo escrito.

Abrir sua própria editora possuía um sentido, portanto, de maior controle e poder sobre as suas obras. A posição que ocupava no interior do campo religioso e no mercado dos livros, em 1960, já lhe rendia autonomia suficiente para empreender mais esse projeto de acentuado cunho intelectual e pedagógico, para além do viés comercial. A função do editor pode ser considerada também uma função intelectual, por abranger atividades que vão desde a seleção e controle dos textos, passando pelas relações com os autores, o controle do processo de impressão da obra, até a sua distribuição junto aos leitores. Normalmente, "esse empreendedor singular se vê também como um intelectual e cuja atividade se faz em igualdade com a dos autores; daí, aliás, suas relações freqüentemente difíceis e tensas" (CHARTIER, 1998, p.53). No caso do padre, pode-se pensar que essa função de editor assumiu uma ordem inversa. Sendo um intelectual com uma veia empreendedora, talvez tenha vislumbrado a possibilidade de sanar os conflitos recorrentes em relação à entrega dos livros em tempo esperado para a sua colocação no mercado para as

[24] Entrevista concedida à pesquisadora em 23/11/2007.

vendas do início do ano, Natal, Páscoa, a depender da obra. Ao mesmo tempo, ele assumia maior autonomia na produção dos seus livros, não precisando mais fazer consultas sobre as formas do livro, como se vê na carta que endereça a Daniel[25] no anexo D.

Essa preocupação com as formas de um texto tem um sentido normativo que faz com que o "autor, o livreiro-editor, o comentador, o censor, todos pensem em controlar mais de perto a produção de sentido, fazendo com que os textos escritos, publicados, glosados ou autorizados por eles sejam compreendidos, sem qualquer variação possível, à luz de sua vontade prescritiva"(CHARTIER, 1994, p.7). Essa disputa pelo controle do aparato editorial como forma de assegurar maior normatização da produção de sentido abre um caminho de leitura possível dessa história, ainda sombreada, em relação à atuação do padre como editor.

1.1 **Os caminhos de uma trajetória intelectual**

Nascido no Engenho Gameleira, situado na freguesia de Nazaré da Mata/Pernambuco, em 1901, Negromonte ingressou no Seminário de Olinda em 1914 e se formou em 1924. Após a formatura, retornou para a cidade de Nazaré da Mata, tendo sido ordenado naquela diocese, onde trabalhou por apenas três anos como sacerdote, diretor do Colégio Diocesano, capelão do colégio Santa Cristina e jornalista, sempre voltado para as questões educacionais e catequéticas[26].

Debilitado por problemas respiratórios, transferiu-se, em 1927, para buscar, nos vales mineiros um clima mais propício a sua saúde, encontrando ali, ares que também inspiraram e impulsionaram a sua carreira eclesiástica e a sua trajetória como intelectual da educação. Recém-chegado, participou do I Congresso Catequístico Brasileiro, realizado em 1928 na cidade de Belo Horizonte, o qual trazia

[25] Daniel Pereira era irmão de José Olympio e trabalhava ao seu lado na editora. Boa parte da correspondência localizada entre Álvaro Negromonte e a editora José Olympio, era destinada e respondida pelo próprio Daniel, com quem o padre parecia ter uma relação bastante amistosa, pelo tom sempre afável que usava nas cartas.
[26] Sobre o tempo em que exerceu o sacerdócio em Nazaré da Mata/PE e sobre a licença de mudança temporária para Minas Gerais por motivos de saúde, ver pasta *Padre Álvaro de Albuquerque Negromonte – Traços biográficos*, da Diocese da referida cidade e Pasta Álvaro Negromonte/Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

como tema o problema do ensino religioso em seus vários aspectos. Dentre eles, pode se destacar: a falta de material mais interessante para os alunos, a necessidade de um número maior de catequistas com melhor formação e a ausência do ensino religioso nas escolas públicas. Este último sendo resolvido com o presidente Antônio Carlos de Andrada, assinando o decreto que facultava o ensino religioso nas escolas públicas de Minas fora do horário escolar[27].

Ao que parece, esse Congresso permitiu-lhe entrar em contato com vários projetos que vinham sendo desenvolvidos no sentido de aprimorar o ensino religioso, através do catecismo. Possibilitou-lhe, ainda, o estabelecimento de relações que resultariam em grandes parcerias ao longo da sua trajetória, como a amizade com o padre Hélder Câmara, a professora Waleska Paixão[28], a professora Maria Luiza de Almeida Cunha[29] e o Arcebispo de Belo Horizonte, D. Antônio dos Santos Cabral. O contato com este último, lhe renderia, por exemplo, o cargo de Diretor do Conselho Arquidiocesano de Ensino Religioso daquela capital, em 1932. Conforme assinala o próprio Negromonte, "do Congresso catequético e do Decreto do Ensino Religioso em Minas se prende a história do ensino do catecismo no Brasil nos últimos 15 anos" (1943, p. 98). História na qual ele se inseriu, paulatinamente, pelas oportunidades que foram se abrindo a partir desse marco. Em discurso de homenagem a D. Cabral, Negromonte ressaltou os resultados do Congresso como o início de uma grande obra que estava por ser feita. Obra na qual investiu, ao lado de D. Cabral, os seus maiores esforços.

> O Congresso Catequético não modernizara o ensino de catecismo: abrira apenas o caminho. Nem o decreto do presidente Antônio Carlos agia *ex opere operato ...* Abria-se diante dos católicos mineiros uma tarefa imensa e desconhecida. Realizar o ensino e pô-lo à altura da Escola Nova, - eis a dupla tarefa em que os mineiros não descansaram ainda, nem poderão jamais descansar [...] Era necessário organizar - ou ver o fracasso. D. Cabral atendendo, aliás, ao *dec. Sane provido Concílio* Criou o Conselho Arquidiocesano de Ensino Religioso, cujo ofício é precisamente organizar, fomentar, orientar em toda a Arquidiocese o ensino do Catecismo. É sob suas vistas diretas, sob a sua orientação imediata (o Arcebispo vai presidir reuniões do conselho e ditar suas ordens), que os trabalhos progridem de ano para ano. As preocupações

[27] Um estudo mais aprofundado sobre esse congresso pode ser encontrado em Passos (1998).
[28] Á época, era professora da Escola de Enfermagem Carlos Chagas tornando-se, posteriormente, sua diretora até 1945, quando mudou-se para o Rio de Janeiro e passou a exercer a função de professora na Escola de Enfermagem Ana Nery, assumindo sua direção em 1950 (Arquivo Waleska Paixão,)
[29] Técnica em assuntos educacionais do Estado de Minas. Posteriormente, Negromonte viria a ser o padre que celebraria as missas na capela de sua casa, pela amizade que estabeleceu com a família, conforme relato de sua filha Maria Luiza de Almeida Cunha Ferreira (2006), atestado também nos termos de abertura e encerramento do Livro de Tombo da Capela de São José (oratório privado da família de Roberto de Almeida Cunha) de 1930.

> do Arcebispo com o bom ensino religioso, o seu gosto de verificar, o desejo de estimular os catequistas a fazerem sempre mais e sempre melhor, levam-no a presidir, cada ano, aos exames finais de religião nos colégios católicos da capital (Negromonte, 1943, p. 98).

Uma vez aberto o caminho, Negromonte o seguiu empreendendo vôos sempre mais altos na história da educação católica (teria sido essa a inspiração para o nome da sua editora?). Em estudo realizado por Matos (1990) sobre o catolicismo militante em Minas, a figura do padre Negromonte aparece recorrentemente em diferentes contextos. O ano de 1936 figura na historiografia da Igreja como o coroamento da aproximação entre Igreja e Estado em Minas, declarada pela "presença marcante do governo do Estado nas solenidades religiosas" do II Congresso Eucarístico Nacional (MATOS, 1990). Para Negromonte, esse parece ter sido um ano bastante produtivo. Dentre as várias atividades que exercia à época, esteve também à frente da fundação do Instituto Católico de Cultura, precursor da Universidade Católica, onde assumiu a função de reitor e e fundou o Boletim Catequético para a orientação do professorado mineiro.

Esse projeto de remodelação do ensino de catecismo que consolidou um novo *corpus* de saberes pedagógicos autorizados e que incidiu diretamente nas práticas educacionais católicas faz pensar, ainda, na representação que Negromonte alcançou como intelectual da educação. Nesse sentido, o diálogo com Sirinelli (1996) sugeriu pensar nas formas como as ideias chegam aos intelectuais e como elas incidem ou são assimiladas pela comunidade e pela cultura política de uma determinada época. Essa reflexão levou-me a buscar compreender a rede de sociabilidade na qual Negromonte esteva inserido. Diferentes indivíduos e grupos apareceram envolvidos nesses "novos" contornos que vinham configurando a pedagogia católica, revelando lutas de representação que colocavam em evidência seus esforços de reunião e de afirmação de identidades.

A vida associativa e a produção intelectual de um sujeito, que inclui realizações e projetos, experiências e expectativas, permite ver suas obras como elementos que são constitutivos e, ao mesmo tempo, constituídos por ele na mesma dimensão relacional pensada por Elias (1994) para tratar do indivíduo e da sociedade. Essas experiências extrapolam o âmbito do privado e resultam em

comportamentos históricos que se apresentam como marcas das suas experiências sociais. Práticas individuais e sociais se mesclam em um fenômeno dinâmico, que põe em evidência a relativa autonomia dos indivíduos no interior dos seus campos, ao mesmo tempo em que revela sua submissão a diversos condicionamentos que funcionam como marcas de expressão e de pertença a determinado grupo.

Em termos operacionais, pode-se dizer que os congressos, assim como as revistas, podem ser compreendidos como uma das estruturas elementares das redes de sociabilidade[30]. Os dois canais

> conferem uma estrutura ao meio intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que os subtende , as fidelidades que arrebanham a influência que exercem - e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano de sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás, um lugar precioso para a análise do movimento das ideias. (SIRINELLI, 1996, p. 249)[31].

Não sendo possível localizar exatamente o ponto de partida de muitas das relações que o padre Negromonte constituiu, este trabalho seguiu as pistas deixadas nos Anais dos Congressos e na imprensa periódica católica, sobretudo no *Boletim Catequético*, por considerar a relevância desses espaços na expressão dos debates instituídos em torno da renovação da pedagogia católica. Desde as primeiras décadas do século XX, essa temática vinha sendo discutida em vários países, que apresentavam, como fio condutor das discussões, a questão do catecismo. Os Congressos e as revistas foram, portanto, instrumentos privilegiados para a propagação de temas e legitimação dos atores envolvidos nesse processo à época, em âmbito nacional e internacional. Uma onda de congressos se alastrou, sobretudo

---

[30] O conceito de “rede de sociabilidade” é entendido neste trabalho na perspectiva proposta por Sirinelli (1996). Para ele, “todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”, que pode ser entendida de outra maneira, na qual também se interpenetram o afetivo e esse ideológico. “As ‘redes’ secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se, portanto, de uma dupla acepção, ao mesmo tempo ‘ redes’ que estruturam e microclima que caracteriza um microcosmo intelectual particular”.(p. 248, 252,253) . Nesse sentido, ele aponta as revistas e os abaixo-assinados como as duas estruturas mais importantes para a compreensão das redes de sociabilidade. Pensar nos congressos nessa dimensão, como um espaço de sociabilidade, foi algo que se construiu, ao longo da pesquisa, no exercício de rastrear os passos do padre Álvaro Negromonte através das relações que ele foi estabelecendo nos diferentes espaços que ocupou, procurando alargar, desse modo, um pouco mais o leque de possibilidades interpretativas acerca da trajetória do intelectual focalizado.

[31] Nessa citação, Sirinelli está se referindo apenas às revistas. A ampliação dessa definição para os congressos é responsabilidade da pesquisadora que compreende serem estas duas instâncias de sociabilidade que possuem formas de funcionamento e dispositivos de legitimação muito similares.

na Europa, promovendo uma tradição de troca de idéias e experiências que culminavam, frequentemente, na organização de uma revista pedagógica, com o objetivo de colocar em circulação os saberes resultantes dessas reuniões. De acordo com Bollin & Gasparin,

> O século XX é o século dos congressos (internacionais, nacionais e diocesanos) e das reuniões, das semanas e dias de atualização, que tiveram o mérito de alargar o debate-confronto sobre a catequese, enfrentando problemas novos e envolvendo um número maior de pessoas (estudiosos, pastores e agentes catequísticos de base). (BOLLIN & GASPARIN, 1998, p. 215)

Como espaços de sociabilidade, os Congressos Católicos consagraram o movimento de renovação educacional no campo religioso. Eles puseram em evidência, em primeiro lugar, os grupos constituídos em torno de uma temática, neste caso, a Escola Nova; e, em segundo lugar, as relações de força que se estabeleceram entre esses grupos. As diferentes posições ou leituras que emergem desses grupos, no entanto, devem ser compreendidas como elementos resultantes das disputas que se instauram no interior de um determinado campo. Segundo Bourdieu, são

> as relações de força entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um *quantum* suficiente de força social – ou de capital – de modo a que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio do poder, entre as quais possuem uma dimensão capital as que têm por finalidade a definição da forma legítima do poder [...] (BOURDIEU, 2007, p. 28, 29).

Os Congressos católicos possibilitam perceber essas estratégias, através das cumplicidades e antagonismos, das aproximações e distanciamentos que são passíveis de serem apreendidas pelas estratégias discursivas utilizadas pelos agentes envolvidos. Na perspectiva de Bourdieu,

> As estratégias discursivas dos diferentes atores e, em especial, os efeitos retóricos que têm em vista produzir uma fachada de objetividade, dependerão das relações de força simbólicas entre os campos e dos trunfos que a pertença a esses campos confere aos diferentes participantes ou, por outras palavras, dependerão dos interesses específicos e dos trunfos diferenciais que, nesta situação, particular de luta simbólica pelo veredicto neutro lhes são garantidos pela sua posição nos sistemas de relações invisíveis que se estabelecem entre os diferentes campos, de que eles participam (BOURDIEU, 2007, p. 56).

Tais estratégias e seus efeitos retóricos são indicativos desse espaço como uma instância política que veicula tendências de pensamento e interesses políticos e pedagógicos e mobiliza diferentes dispositivos de poder, que alimentam a dinâmica do próprio campo. No Brasil, assim como na Europa, os congressos catequísticos e os congressos católicos de educação também tiveram esse papel na remodelação do ensino religioso e serviram de palco para consolidar e formalizar redes de sociabilidade que se encarregaram, por diferentes canais, de manter a face católica na cultura escolar brasileira, na primeira metade do século XX[32]. Esses congressos fomentaram um espaço de debates e de trocas de experiências entre diferentes sujeitos envolvidos com as questões do ensino religioso e, em larga medida, impulsionaram as publicações pedagógicas voltadas para a formação de professores de ensino religioso e para a renovação dos textos de catecismo.

No Brasil, esse movimento seguiu uma lógica similar à que vinha ocorrendo na Europa e o papel que o padre Álvaro Negromonte desempenhou com seus projetos pedagógicos encontrou respaldo nas necessidades que vinham se colocando como prementes no campo pedagógico e no âmbito da Ação Católica. Alguns fatores certamente alimentaram a iniciativa de publicar mensalmente uma revista com vistas a auxiliar o professorado mineiro a realizar o catecismo de maneira mais eficaz, incorporando as contribuições das ciências da educação. Dentre eles, destacaria a sua participação no Congresso Catequístico de 1928, os anos de trabalho desenvolvido em escolas e paróquias juntamente com outros catequistas, a participação no I Congresso Católico de Educação, de 1934 e o diálogo com o movimento educacional católico europeu.

A imprensa pedagógica, por sua vez, ia se fortalecendo, cada vez mais, no Brasil, servindo, assim como os Congressos, para formalizar sociabilidades e promover um *status* e uma representação diferenciada dos seus articulistas junto ao campo. Não por acaso, Negromonte utilizou esse espaço desde a sua chegada em Belo Horizonte, contribuindo, primeiramente, com o jornal *O Horizonte* e, em

[32] Os congressos católicos como espaços de sociabilidade raramente têm se constituído objeto de estudo. Todavia, alguns autores têm desenvolvido importantes reflexões sobre a educação católica, e utilizado os anais dos congressos como fontes para compreender os discursos e os saberes produzidos e postos em circulação nesses espaços. Dentre eles, destaco os trabalhos de Passos (1998), Narcizo (2008), Melo (2006). Neste trabalho, eles se constituíram, também, em importantes caminhos para a compreensão da rede de sociabilidade do padre Álvaro Negromonte e do projeto político-pedagógico em torno do Boletim Catequético.

seguida, com o seu sucessor, o jornal *O Diário*, no qual esteve a frente de uma coluna intitulada “Vida Católica”, por dez anos. Ambos os jornais eram católicos e, neste último, ele não só escrevia como utilizava o espaço da coluna para noticiar aquilo que avaliava ser importante para o conhecimento e para a vida dos católicos. O caminho aberto a partir desses espaços sugeria desdobramentos para além da afirmação e publicização de um projeto de formação docente. Dava também passagem para os projetos pessoais do próprio diretor do *Boletim Catequético*, que também exerceu funções de destaque em importantes eventos católicos. No I Congresso Católico de Educação, por exemplo, ele foi relator da “Comissão de Sociologia Educacional”, ao lado do padre Hélder Câmara e do Leonardo Van Acker; já no II Congresso Católico de Educação, seu nome aparece no programa divulgado pelo jornal *O Diário* como relator da “Seção Formação de Catequistas”(O DIÁRIO, 14/02/1937). Tal compreensão torna necessária a reflexão sobre Álvaro Negromonte, portanto como sujeito e como parte de uma rede que o apoiou e viabilizou seus vôos. Como já sinalizou Elias,

> para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida; algumas vezes, porém isto ocorre de repente, associado a uma experiência especialmente grave. Sem dúvida alguma, é comum não se ter consciência do papel dominante e determinante destes desejos. E nem sempre cabe a pessoa decidir se seus desejos serão satisfeitos ou até que ponto o serão, já que eles sempre estão dirigidos para outros, para o meio social. (1995, p. 13).

As correspondências, nesse sentido, revelam em parte algumas das aspirações e também das condições de possibilidade que se apresentaram ao padre em diferentes momentos e permitem inferir acerca de algumas decisões tomadas, como a ordem de publicação dos seus livros e a mudança de editoras. Esse tipo de suporte, pelas formas como se apresenta, permite entrar na esfera da subjetividade que emerge dessa escrita do sujeito sobre si mesmo e apreender qualidades de um modo de ser, raramente expostos em outros suportes (Foucault, 1992). Além disso, as correspondências carregam um *quantum* de afetividade, que revela as posições

dos seus interlocutores em torno desse campo intelectual[33] e nas redes de sociabilidade onde estão inseridos[34].

A consciência manifestada pelo padre dos seus limites no interior do campo religioso parece ter servido como catalisador de dispositivos de legitimação para a constituição dessa rede, que acabou se configurando como uma das principais estratégias empreendidas em sua carreira. Nas cartas enviadas a Alceu Amoroso Lima, percebe-se claramente como o seu discurso variou ao longo do tempo. Do conjunto de correspondências localizadas, enviadas pelo padre ao diretor do Centro D. Vital e da Revista A Ordem, entre os anos de 1931 a 1951, o teor respeitoso e tributário, comum no início das cartas, foi cedendo lugar a uma relação estreita de amizade e confiança que, rapidamente, foi se consolidando. Já em 1932, Alceu o convidava para dirigir o Centro D. Vital em Belo Horizonte, cargo que Negromonte acabou recusando, por sobrecarga de funções. Em resposta ao amigo, assim justificava:

> Caríssimo Dr. Alceu,
> Ainda não lhe tinha respondido a última carta por não querer deixar de lhe dar uma palavra definitiva sobre o Centro D. Vital daqui. Não me era possível assumir novos compromissos. Pedi ao D. Cabral para trocar um dos outros compromissos pela Assistência ao Centro[35]. Ele não quis. Queria que eu acumulasse. E como não foi possível, ficou certo de designar o Fr. Zacharias van der Hoeven, que já trabalhou no Centro de S. João d'el Rey e é homem de largos conhecimentos e muito zelo. Garanto-lhe, diante de Deus, que está em muito melhores mãos que as minhas. Mas não escondo o quanto sinto por não poder atender ao seu pedido, e não tomar a mim uma tarefa tão de meu gosto [...] (Negromonte, 1932).

Essa carta aponta para a construção da trajetória de um intelectual da Igreja que se construiu, dessa forma, pelo caminho da educação, sem que,

[33] O conceito de campo intelectual é abordado aqui, na perspectiva proposta por Bourdieu: um campo social como outro qualquer, onde existem lutas, estratégias, interesses lucros, e, portanto, formas específicas. O campo intelectual aparece conectado a um campo político específico, onde os sistemas de relações definem o estado do campo intelectual, através da formação de um sistema de posições estéticas e políticas dos intelectuais, estabelecidas a partir dos indivíduos e dos grupos. O campo intelectual é, neste caso, determinado pela posição que seus agentes ocupam em relação ao campo de poder, em que pese a autonomia que possui em virtude da sua função e estrutura (BOURDIEU, 1990)

[34] É importante considerar, como assinala Gomes (1993), que os espaços de sociabilidade são "geográficos", mas também "afetivos". Eles podem se constituir em um duplo sentido: através das estruturas organizacionais da sociabilidade, como os locais de aprendizagem ou trocas intelectuais, mas também são constituídos pelos vínculos de amizade/cumplicidade, hostilidade/rivalidade, conflito/competição, além da "marca de certa sensibilidade produzida e cimentada por evento, personalidade ou grupos sociais", secretada nas redes que estruturam essas relações entre os intelectuais.

[35] Os outros compromissos aos quais o padre se referia incluíam a direção da Associação de Moços Católicos, da Associação Universitária Católica, a presidência do Conselho Arquidiocesano de Ensino Religioso, além da vice-presidência da Sociedade Pestalozzi.

necessariamente, essa opção tenha sido sempre constante. Ao contrário, essa carta desmistifica a ideia de vocação, ou destino, mesmo para um sacerdote, e traz à tona o senso de oportunidade e a habilidade de realização que alguns indivíduos possuem de se destacar onde lhes é possível. Essa carta é, ainda, indicativa de que a educação foi, para Negromonte, o terreno fértil, o campo das possibilidades que tornou possível a sua trajetória intelectual.

Apesar da recusa ao convite mencionado, a amizade estabelecida com Alceu, o acompanharia pela vida. Quando Alceu abriu a editora Agir, Negromonte recorreu algumas vezes aos seus favores, especialmente, em ocasiões em que a José Olympio não podia lançar alguma obra na data esperada. Depois de escrever o livro *A Educação Sexual***,** Negromonte o submeteu a apreciação de três censores a pedido de D. Antônio Cabral. Os três escolhidos foram Oscar Mendes, padre Hélder Câmara e Alceu Amoroso Lima. Em correspondência ao amigo, escreveu:

> Caríssimo Dr. Alceu,
> Vivat REX.
> A Livraria José Olympio pediu-me um livro sobre a Educação Sexual. Levei o pedido ao Sr. D. Cabral, que me autorizou a escrever. Mas depois de escrito, s. excia. Temeu aprová-lo. E me exigiu apresentá-lo a um júri composto do senhor, dos Oscar Mendes e do padre Hélder. Já consegui a absolvição do Oscar e mandei os originais ao p. Helder, pedindo que lhe entregasse logo após a leitura.
> Se me sinto honrado com isto – são 3 leitores assegurados ! - lastimo ter de incomodá-lo, principalmente agora, que sei os seus trabalhos aumentados. Mas, infelizmente, o Sr. D. Cabral não superou a mentalidade em que foram educados os homens do seu tempo. E vive de longe do mundo.
> O que ele quer do senhor, como homem de largo discernimento e de convivência na sociedade, é saber se o meu livro escandalizará, por ser um padre, e, se, portanto, convêm a publicação. É claro que não me negarei a fazer as correções que o seu juízo achar convenientes [...] (NEGROMONTE, 07 de julho de 1939)[36].

Um outro aspecto indicativo da aproximação entre os dois intelectuais católicos envolve o fato de que Negromonte fez parte do conjunto de autores que compuseram o livro *A crise do Adolescente*, organizado por Alceu Amoroso Lima, publicado em 1951 pela Agir Editora. O artigo que o padre inseriu nessa obra era parte da obra *Educação dos Filhos,* no prelo pela José Olympio, tendo sido

[36] Não foram localizados os pareceres do Alceu Amoroso Lima e do Oscar Mendes. O parecer do padre Helder Câmara foi publicado como um dos elementos pré-textuais do livro, como uma voz autorizada da Igreja, endossando a leitura da obra pelos católicos. No entanto, a 3ª edição do manual *Noivos e Esposos,* publicado pela Rumo, traz na orelha da capa a opinião do Alceu sobre o livro *Educação Sexual*, mas não foi possível estabelecer uma relação entre esta opinião e o parecer emitido por ele, em 1939, quando foi publicada a obra.

necessária uma concessão para publicá-lo pela Agir, o que sinaliza para a influência que os dois intelectuais católicos possuíam junto à editora José Olympio[37].

A trajetória do Monsenhor Álvaro Negromonte e o processo de construção da sua carreira eclesiástica apontam para a posição que ele foi ocupando no catolicismo brasileiro e a importância do seu projeto no contexto educacional que a Igreja Católica vinha buscando consolidar na década de 30, do século XX. Posição que talvez justifique a marca de pioneirismo que, muitos historiadores da Igreja atribuem ao seu trabalho, pela incorporação dos pressupostos modernos em suas propostas pedagógicas para o catecismo quando movimento similar foi empreendido em diferentes estados brasileiros, na mesma época, como pode se atestar através dos congressos regionais e da participação dos representantes desses estados nos Congressos Nacionais de Educação Católica[38].

Seguindo os rastros da sua trajetória pode-se perceber que desde a sua formação no Seminário de Olinda, em 1924, Negromonte, enveredou pelo caminho da catequese e do ensino religioso, setores através dos quais alcançou visibilidade dentro e fora do campo religioso. Mas o que o levou a enveredar por esse caminho? Além disso, o que o levou a adotar os ideais escolanovistas em seu discurso? Quais os problemas e as opções que precederam as suas decisões e seus atos? Que tipo de incentivos recebeu? As respostas para essas questões permitem a construção de um sujeito em sua complexidade, atentando para as oscilações próprias do seu projeto de vida que implica considerar, como assinala Borges, que

> suas decisões se pautavam pelo que sabia na época, pelo que sentia, pelo que podia fazer no momento das decisões. Sempre é fundamental levar-se em conta que esses atos decisórios se dão nos corações e nas mentes dos personagens, num cruzamento de tempos passados, presente e futuro, bastante imbricados. A dificuldade é achar como e em que grau. (BORGES, 2001, p. 7)

---

[37] O livro *A Educação dos Filhos* só viria a ser publicado quatro anos depois, em 1955, pela José Olympio com o título “O que fazer do seu filho?”, e reeditado em 1961, pela Rumo, com o título pensado inicialmente: *Educação dos Filhos.*

[38]Apesar de serem escassos os trabalhos referentes à obra do padre Álvaro Negromonte, na História da Igreja é recorrente sua indicação como “arauto da renovação catequética no Brasil”, tal como se refere Vilela (1998). Outras referências dessa natureza, destacando o trabalho do padre Álvaro Negromonte na modernização do ensino de catecismo no Brasil, podem ser encontradas nos trabalhos de Lustosa (1992), Azzi (1993), Passos (1998), Calvo (1986) e Silva (2005).

Com uma habilidade particular para fazer e manter amigos, destacada pelo padre Orlando Machado em artigo especial, pelo 26º aniversário da sua ordenação sacerdotal, publicado no Boletim Catequético de junho/julho de 1950, pode-se dizer que Negromonte acumulou um capital social, ao longo da vida, que contribuiu para marcar o seu trabalho em uma posição privilegiada no campo religioso no que concerne às questões educacionais e à renovação das práticas pedagógicas utilizadas na educação religiosa. Mas é interessante pensar que essa marca se construiu em meio a uma multiplicidade de ações que vinham sendo desenvolvidas nesse mesmo intuito reformador.

No Congresso Catequístico Brasileiro, realizado em Belo Horizonte, em 1928, já citado anteriormente, diferentes estados foram representados por educadores católicos que defendiam a reintrodução do ensino religioso nas escolas públicas. Conforme assinala Matos (1990), era para ser um Congresso local, mas a demanda o fez alcançar proporção nacional e contar com participantes de vários estados do país. O sucesso do Congresso se fez sentir pelas conquistas obtidas, as quais impulsionaram os católicos a empreenderem uma série de ações no sentido de melhorar a qualidade do Ensino Religioso, que, em Minas, amparado oficialmente pelo Estado, passou a ser pensado para o espaço escolar. A assinatura do Decreto do Presidente Antônio Carlos de Andrada, que culminou na Lei nº 1.092 a 12 de outubro de 1929, permitindo o ensino facultativo do Catecismo dentro do horário escolar, fez o grupo católico se mobilizar para elevar o Estado de Minas a uma posição de referência no cenário nacional em relação ao problema da “ignorância religiosa” e da importância do ensino de catecismo.

Em 1934, a Confederação Católica Brasileira de Educação promoveu o 1º Congresso Católico de Educação, do qual Negromonte participou como um dos relatores da Comissão sobre Sociologia Educacional, ao lado do padre Hélder Câmara e Leonardo Van Acker. Nesta seção, foram apresentadas teses que discutiam sobre os melhores métodos para o ensino de catecismo, a pertinência do diálogo com as Escolas Novas, a necessidade de melhorar a posição social do professorado, a colaboração da escola e da família, dentre outros temas. Mas o Congresso discutiu ainda outras questões, sobretudo na comissão de Ensino

Religioso, que iriam fundamentar a proposta do padre Negromonte para o *Boletim Catequético, em 1936.* Muitas das teses discutidas ali foram materializadas na própria constituição do *Boletim*, o qual visava responder à "necessidade de uma formação especial das catequistas para as escolas públicas e particulares"[39]. Cabe ressaltar que muitos daqueles participantes tornaram-se importantes colaboradores desse projeto, como o padre Guilherme Boing, as professoras Evangelina Gonzaga, Guiomar Borges e Celina Didier.

As teses apresentadas nesse Congresso serviram de impulso ao projeto pedagógico empreendido pelo padre e evidenciaram que o diálogo com os pressupostos educacionais modernos, vinha sendo empreendido em diferentes locais por algumas autoridades do campo religioso e do campo educacional católico.

Nos discursos proferidos ao professorado do Rio de Janeiro, em razão da manifestação promovida ao autor de *A Pedagogia do Catecismo,* sob os olhares atentos das autoridades religiosas, Negromonte demarcava seu posicionamento, ao afirmar que "os divulgadores da Escola Nova lhe deram uma antipática feição irreligiosa, fazendo-a mais um objeto dos combates que da assimilação e aproveitamento dos católicos" (Negromonte, 1938, p. 75). No entanto, ele indicava algumas vozes autorizadas que se dedicaram a debater essa questão. Dentre elas, ele ressalta a figuras do pe. Leonel Franca, Alceu Amoroso Lima e Everardo Backheuser.

> Mas a luz começou a fazer-se. O caos começou a iluminar-se. Surgiram daqui e dali vozes que precisavam a questão e orientavam os católicos. Era uma graça divina que a causa tivesse por si um nome com a autoridade do P. Leonel Franca, que honraria as letras de qualquer nação do mundo. A atividade apostólica de Tristão de Ataíde se exerceu também neste campo, nos "Debates pedagógicos" que tanta luz lançaram sobre a questão. Ninguém poderia esquecer, ao falar disto, a figura simpática e veneranda de Everardo Backheuser, o Saulo que Deus prostrou com as fulminações da graça, arrancando-o dos caminhos da perseguição para as lutas salvadoras do apostolado cristão (NEGROMONTE, 1938, p. 75).

Ele assinalava, ainda, que o movimento por uma catequese modernizada, calcada nos pressupostos escolanovistas, surgiu, por igual, em quatro estados: no Ceará, com o padre Hélder Câmara; em São Paulo, com a Irmã Lourença; em Pernambuco, com Cônego Jerônimo de Assunção, e, posteriormente, com o padre

[39] Tese apresentada por Guiomar Borges (1935, p. 14-19)

Carlos Leôncio, que deu ao movimento maior repercussão do que o seu antecessor; e, em Minas, com o próprio Negromonte e Waleska Paixão.

Com isso, ele ia se inserindo nesse movimento, como uma estratégia de inserção no campo intelectual, que vinha se configurando em torno da educação católica moderna. Esse posicionamento sugere um tipo de ação através da qual ia buscando se consolidar em meio a uma elite cultural ao mesmo tempo em que fazia com que seus pensamentos ressoassem no seu exterior. São esses laços que se estabelecem, precisamente, que conferem às elites culturais uma identidade, conforme afirma Sirinelli (1998, p. 264).

> muitas vezes, entre a esfera intelectual e o mundo que a rodeia existe uma forte osmose, nos dois sentidos: as elites culturais tomam a cor dos debates cívicos, mas também contribuem para lhes dar os seus tons. O meio intelectual não é apenas um camaleão que toma espontaneamente as cores ideológicas do seu tempo. Concorre, pelo contrário, para colorir o seu ambiente. Os letrados raciocinam de maneira endógena, mas o ruído dos seus pensamentos ressoa no exterior. É afinal o que dá a sua especificidade à *alta intelligentsia:* dela participam os que possuem, a um ou outro título, poder de ressonância. Faculdade de eco de que decorrem imediatamente duas questões. Por um lado, como avaliar a amplitude deste eco e o seu impacto na esfera política? Por outro, no domínio mais preciso das culturas políticas e da sua constituição, qual a parte das grandes ideologias forjadas ou veiculadas pelos letrados? (1998, p. 265)

A amplitude das ações de Negromonte, a começar do seu projeto de formação de professores/catequistas, que se estendeu à educação das famílias, esteve associada às estratégias de recristianização da nação empreendida pela Igreja, nas várias frentes de trabalho que abriu, em seus projetos da Ação Católica. De uma maneira geral, através dos impressos como um dos caminhos escolhidos para reconquistar seu espaço na sociedade, a Igreja foi afirmando seu império no campo pedagógico.

O acento na Psicologia da criança, marcava o projeto pedagógico de Álvaro Negromonte e pode ser percebido em todos os seus livros e atestado em algumas cartas endereçadas à editora José Olympio, onde demonstra preocupação com as formas de alguns dos seus livros[40]. Essa atenção em relação às formas do impresso e à sua adequação ao público-alvo, recebeu um forte impulso da professora Helena Antipoff que, com a introdução dos testes e inquéritos nas escolas de Belo

[40] Cf. anexo D.

Horizonte, realizou em 1929 uma pesquisa intitulada “Ideais e Interesses das crianças de Belo Horizonte”, na qual diagnosticou o ensino religioso como aquele que despertava o menor grau de interesse das crianças. A publicação do resultado dessa pesquisa no ano seguinte, desencadeou, uma forte reação da Igreja Católica que, através do padre Álvaro Negromonte, a contestou e a combateu fortemente nos jornais, em relação a sua posição diante do ensino religioso nas escolas. A nacionalidade russa da professora suscitava desconfiança e acusações de comunismo por parte da Igreja. Entretanto, a professora de Psicologia esclareceu a questão, associando os resultados da pesquisa a uma crítica fundada na “forma como o ensino religioso era ensinado”. Segundo ela mesma, “de maneira enfadonha e erudita como os livros de religião eram redigidos” (ANTIPOFF, 1996, p. 131). Talvez, com o intuito de aparar as arestas com a Igreja, Antipoff convidou, em 1932, o padre Álvaro Negromonte a assumir a vice-presidência da Sociedade Pestalozzi, que dirigia, aproximando-o das ideias de Edouard Claparède, de quem havia sido discípula em Genebra e colocando-o em contato estreito com o problema dos menores abandonados, com o qual viria a trabalhar, posteriormente, também no Rio de Janeiro.

Muitas das ideias acerca do interesse e da motivação da criança podem ser vistas apropriadas pelo padre, nos textos que endereçava aos professores, com a finalidade de melhorar o ensino de catecismo. Os livros da série *Meu Catecismo*, destinados aos alunos do curso primário, eram organizados a partir de pequenas lições que se desdobravam e se aprofundavam ao longo do curso, de acordo com a capacidade dos alunos. O método tradicional era descrito por Negromonte como muito dogmático e apresentava a tendência de prescrever, de fora para dentro, o que a criança deveria aprender, sem a preocupação de saber se ela era capaz, ou se o programa estabelecido estava de acordo com as suas potencialidades momentâneas e suas aptidões. Em contrapartida, sua proposta pedagógica apresentava os conteúdos sob medida, de forma que o ensino religioso não aborrecesse o aluno, tornando-se indesejado e pouco compreensível. A função da lição seria, a partir do interesse, produzir ações que respondessem a uma necessidade, por entender, conforme Claparède, que “o interesse é o princípio fundamental da atividade mental [...] Agir, ter uma conduta, é escolher, a cada passo, entre muitíssimas

reações possíveis. O móvel dessa escolha contínua é o interesse” (CLAPARÈDE, 1954, p. 61).

Baseado em muitas das ideias de Claparède, Negromonte propõe aos professores e, posteriormente, aos pais, uma revisão de suas práticas educativas, orientando-os a colocarem no cerne das atividades desenvolvidas com as crianças, a sua principal necessidade, que é a brincadeira. Por esse caminho, em diálogo estreito com a Psicologia da Criança e com as teorias de Claparède, dentre elas, a do jogo como meio educativo, ele os orienta a atrair os alunos, despertando-lhes a curiosidade, estimulando-os a participarem da aula e, mesmo em casa, através de jogos e brincadeiras que tivessem como pano de fundo aquilo que se pretendia ensinar. Dessa forma, eles iriam incorporando inúmeros hábitos e normas de conduta que passariam reger a sua vida cotidiana, transformando-os em verdadeiros cristãos, pela fé e pelas práticas. (ORLANDO, 2008)

A pesquisa da professora Antipoff acabou “beneficiando a própria Igreja Católica em Minas Gerais com o recolhimento de livros mal escritos e introdução de uma literatura mais atualizada para ensinar o catecismo” (ANTIPOFF, 1996, p. 133) e impulsionando o padre Álvaro Negromonte a produzir livros de catecismo mais interessantes para o público escolar.

A marca pioneira que muitos historiadores da Igreja atribuem à Negromonte no âmbito da renovação do ensino religioso, deve ser matizada, uma vez que os congressos, as revistas, as semanas de estudo realizadas em várias cidades já demonstram, com clareza, que essa era uma temática que vinha sendo debatida e circulando no cenário nacional. E, apesar de haver uma recorrência, sobretudo, em relação à bibliografia francesa e belga, como referência desse movimento, vários interlocutores, em diferentes posições no campo da educação católica, empreenderam iniciativas no sentido de suprir a falta de material produzido no Brasil e publicaram textos voltados para a realidade brasileira. O que diferencia o trabalho do Monsenhor Álvaro Negromonte nesse cenário e nesse movimento e lhe confere uma marca distintiva é o caráter sistematizado e de conjunto da sua produção.

A apresentação que o padre Hélder Câmara fez dos livros didáticos produzidos por Negromonte junto ao clero dá evidências desse projeto pedagógico articulado e coeso que ia sendo materializado em forma de coleção.

> Sentindo, por experiência própria, a falta que fazem livros adaptados às conquistas reais da Psicologia da aprendizagem e adaptados ao meio brasileiro, não se contentou em dizer como esses livros deveriam ser escritos. Deu-nos os livros de que precisávamos. Ofereceu-nos o mestre brasileiro um manual para o curso de admissão e uma coleção completa para o curso secundário. No momento, ele prepara uma coleção também completa, para o curso primário [...] (CÂMARA, 1941, p.395).

Esses livros foram produzidos paulatina e paralelamente ao projeto de formação de professores/catequistas veiculado no *Boletim Catequético.* Nesse periódico, era recorrente o enfoque na falta de material didático produzido no âmbito nacional. Nas prescrições de leitura que figuravam na seção *Biblioteca da Catequista*, grande parte dos livros recomendados fazia parte da produção francesa ou belga e os autores mais referenciados eram o abade Quinet[41], Marie Fargues[42], os quais já vinham aplicando os métodos ativos e as contribuições da psicologia no ensino religioso. No livro *A Pedagogia do Catecismo,* endereçado às futuras professoras, um dos aportes teóricos mais citados eram Dechamps[43] e De Hovre[44]. Ambos faziam parte da direção da Coleção *Les sciences et l'Art de l'Éducation*[45]*.* O diálogo com esses autores revela como o Brasil participou desse movimento de renovação catequética/catequística[46] no âmbito internacional, não só como consumidor das produções estrangeiras, mas também produzindo obras que incorporavam, à luz da doutrina católica, as contribuições pedagógicas modernas.

---

[41] Inspetor do Ensino Religioso da Diocese de Paris, o abade Quinet foi um dos autores mais citados pelos católicos envolvidos com a modernização do ensino de catecismo no Brasil. Seu livro *Apontamentos do Catequista* (vol. 1), teve tradução autorizada por Waleska Paixão e foi publicado no Brasil em 1935.

[42] Marie Fargues era uma das principais referências na pedagogia catequística francesa e seus textos foram largamente utilizados na Revista do Ensino e no Boletim Catequético. Seus livros, traduzidos ou não, constavam em todas as prescrições de leitura para as catequistas.

[43] L. Dechamps era professor de Pedagogia da Universidade de Louvain e diretor da Escola Normal de Braine-le-Comte.

[44] Franz De Hovre era abade e professor de Pedagogia de Anvers e de Gand, considerado um expoente da Pedagogia Católica. Seus livros *Pedagogos e Pedagogia do Catolicismo* e *Ensaios de Filosofia Pedagógica foram* obras referências e citadas, frequentemente, no campo católico.

[45] A Coleção *Les Sciences et l'Art de l'Éducation* era dirigida por um grupo de especialistas da França e da Bélgica e se propunha a esclarecer os professores acerca do movimento pedagógico contemporâneo, analisar o ponto de vista científico à luz da doutrina católica e extrair, assim, em vista de uma verdadeira preparação da criança para a vida, os resultados adquiridos das Ciência da Educação (traduzido pela pesquisadora do livro *Les Méthodes actives dans l'Enseignement religieux* (Fargues, 1934).

[46]De acordo com o Cristiano (1994), o termo catequético está relacionado à catequese em uma dimensão mais ampla, enquanto o termo catequístico diz respeito ao ensino religioso e de catecismo, especificamente.

Os livros do Monsenhor Álvaro Negromonte buscaram suprir essa lacuna na produção de livros nacionais adaptados à realidade e aos problemas próprios da sociedade brasileira, assinalada reiteradas vezes por intelectuais e professores, tanto nos congressos, quanto nos periódicos de educação católica.

Legitimado por alguns membros da hierarquia religiosa, Negromonte alcançou o *status* de porta-voz dessa articulação entre o ensino religioso e as Ciências da Educação. Seus livros voltados para o ensino religioso passaram a ser recomendados em caráter oficioso e funcionaram quase como um programa curricular para o ensino de catecismo nas escolas.

Mais uma vez, o padre Hélder Câmara atesta a competência intelectual e prática do padre Álvaro Negromonte. Conclamando os leitores a conhecerem melhor sua obra, sem o preconceito de ser "prata da casa", afirma:

> meditando nessa tendência muito humana, pedimos vênia para apresentar uma sugestão aos prezados colegas: vamos examinar, juntos , as publicações do Pe. Álvaro Negromonte , mas fazendo de conta que ele escreveu em inglês ou alemão, em francês ou espanhol. Não será difícil concluir que estamos diante de um escritor invulgar, que sabe o que deseja e executa, com segurança, o que sabe. Recordemos alguns princípios de psicologia, cujas consequências são vantajosas para os educadores. Veremos, oportunamente, que o Pe. Álvaro Negromonte os conhece e os utiliza, com segurança, nos seus escritos [...] O Pe. Álvaro não é um mero teórico [...] Sentindo, por experiência própria, a falta que fazem livros adaptados às conquistas reais da Psicologia da aprendizagem e adaptados ao meio brasileiro, não se contentou em dizer como esses livros deveriam ser escritos. Deu-nos os livros de que precisávamos. Ofereceu-nos o mestre brasileiro um manual para o curso de admissão e uma coleção completa para o curso secundário. No momento, ele prepara uma coleção também completa, para o curso primário [...] Dissemos uma vez e repetimos aqui: mesmo educadores como Pe. Viollet ficam longe do autor de *A educação sexual* – mestre brasileiro é da linhagem de Foerster (CÂMARA, 1941, p.395-409).

Em outro artigo, Hélder Câmara relacionava, de forma mais específica os livros didáticos de Negromonte, recomendando-os como base de um programa de ensino em unidades didáticas. De acordo com

> O Ministério da Educação, apresentando programas em unidades didáticas, se põe em plena ordem do dia no que respeita à construção de programas. Sobretudo nos Estados Unidos da América as unidades estão ganhando terreno [...] O ensino de religião adapta-se, perfeitamente, a tudo o que a pedagogia moderna dispõe de melhor. Enganam-se os que pensam que o catecismo é matéria retrógrada, só possível de se apresentar em moldes rígidos e mumificados, e só possível de se

> ensinar de modo enfadonho e desagradável [...] Apresentamos a seguir programas de religião para o curso ginasial, moldados em unidades didáticas, como os demais programas oficiais. Não cabe a um particular realizar esse trabalho. A própria Lei Orgânica do Ensino Secundário estabelece que "os programas de ensino de religião e o seu regime didático serão fixados pela Autoridade Eclesiástica" (par. Único do artigo 21). O presente estudo visa apenas a dar mais uma demonstração prática de que religião e pedagogia moderna não são incompatíveis. Os programas que vão ser lidos nenhum valor oficial possuem[47]. A autoridade Eclesiástica oportunamente, articular-se-á com o Ministério da Educação, apresentando diretrizes sobre o ensino religioso nos termos da legislação em vigor [...] Para organizar os programas de religião, acima apresentados como simples sugestões, nada mais foi preciso fazer do que acompanhar os livros sucessivos, lançados para o curso secundário pelo Pe. Álvaro Negromonte. Confronte-se o Programa de Dogma com a letra e, sobretudo com o espírito de Doutrina Viva, confronte-se o Programa de moral com o Caminho da Vida (2ª edição adaptada aos alunos), confronte-se o Programa de Liturgia com as Fontes do Salvador e poder-se-á apreciar melhor que grande mestre de pedagogia do catecismo o Brasil possui. Fica faltando assim a História da Igreja nos moldes vivos em que deve ser escrita[48]. Nada mais justo do que pedir ao Pe. Álvaro Negromonte que escreva o manual que deve palpitante no seu cérebro e no seu coração (CÂMARA, 1942, p. 941- 942)

Legitimado no campo religioso e educacional católico, Negromonte foi convidado pelo Cardeal Dom Jaime Câmara e por Dom Hélder Câmara para mudar-se para o Rio de Janeiro, em 1945[49]. Nessa cidade, exerceu as funções de técnico da educação do Serviço de Assistência a Menores (SAM), Diretor do Ensino Religioso da Arquidiocese do Rio, professor de Pedagogia Catequética do Seminário São José, além de atuar nas rádios e jornais cariocas, com programas voltados à educação da sociedade.

O trabalho realizado no Serviço de Assistência a Menores o fez retomar o contato com um problema real da sociedade brasileira, que era o abandono dos meninos órfãos e carentes, já abordado pelo padre em 1941, em artigo publicado no jornal *O Diário.* À época, ele chamava a atenção para a necessidade de se criarem escolas para os menores abandonados. Dizia ele: "suspendamos as obras supérfluas em benefícios das crianças abandonadas... Era vez de balneários e de

---

[47] É importante considerar que esse discurso foi proferido na Revista Eclesiástica Brasileira, uma das principais revistas do clero brasileiro. Nela publicavam apenas figuras do corpo de agentes eclesiásticos com relativa notoriedade no campo. O valor extra-oficial do programa proposto pelo padre Hélder Câmara, pouco significava para o campo religioso. Seu capital simbólico era suficiente para transformar uma simples sugestão, tal como ele propõe, em um programa, se não oficial, pelo menos oficioso da Igreja.

[48] A ordem seriada que Negromonte deu à sua coleção não seguiu a lógica do padre Hélder. O programa montado por ele contava apenas com os livros que Negromonte já havia escrito somado ao livro *História da Igreja,* que ainda estava por ser escrito. No entanto, o padre escreveu, ainda, o livro *Minha vida cristã*, direcionado para a 1ª série ginasial, remanejando o *Caminho da vida,* para a quarta série, no lugar da *História da Igreja,* conforme a indicação do padre Hélder Câmara.

[49] De acordo com os registros da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, seu nome foi incorporado à Lista do Clero, já em 1946.

cassino, escolas profissionais para os desgraçados meninos que o crime está atraindo (NEGROMONTE *apud PEIXOTO, 2006)*. Contratado como Orientador Geral do Ensino do Instituto Profissionalizante Quinze de Novembro (IPQN), Negromonte se aproximou do ensino profissional, passando, com essa experiência, por todos os segmentos da educação escolar. A "Seção de Orientação e Coordenação", à qual pertencia no SAM, deveria funcionar de forma articulada à de pesquisas pedagógico-sociais, promovendo a orientação técnica e educacional dos educandários, com o objetivo de colaborar na consecução dos objetivos e finalidades educacionais e medir o rendimento escolar (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO SAM, 1946)[50].

Essa experiência, segundo o padre, foi o que o estimulou a empreender um projeto de educação das famílias. No entanto, é possível perceber uma preocupação com a educação das famílias, presente já no primeiro livro da sua *Biblioteca pedagógica*, *O Caminho da Vida*[51]. Além disso, enquanto o projeto de educação das famílias pelos livros não se materializava de forma sistemática, Negromonte ia publicando extratos desse livro, onde tratava da questão da educação dos filhos, no *Boletim Catequético*.

Outra evidência nesse sentido aparece no próprio manual *A Educação Sexual,* endereçado aos pais e educadores. Mesmo não fazendo parte do projeto organizado, especificamente, para as famílias, pode ser visto como um impulso inicial no sentido de estabelecer uma linha entre os saberes da casa e da escola. Nesse livro, ele define os limites de atuação dos educadores em relação à questão da educação sexual, reservando um papel preponderante para as famílias nessa esfera, estabelecendo limites, aproximações e distanciamentos entre o mundo da casa e o da escola.

---

[50] Não foi possível averiguar as especificidades do trabalho realizado pelo padre no IPQN. Toda a documentação referente ao Serviço de Assistência aos Menores se encontra depositada no Arquivo Nacional. No entanto, os documentos de ordem pedagógica não foram localizados.

[51] É interessante lembrar que antes do manual *O caminho da vida* ser transformado em livro didático, era um Tratado de Moral para a sociedade católica. Ele foi produzido com essa finalidade, talvez pelo fato de o padre acreditar que o catolicismo em Minas estivesse arraigado muito mais na força da tradição do que nos sentimentos. Cf. Carta convite à Alceu Amoroso Lima para realização de um ciclo de conferências na União de Moços Católicos de Minas (07/1931), onde expõe essa percepção acerca do catolicismo mineiro, no anexo E.

Também, em carta à Editora José Olympio, em 1942, Negromonte deixava claro o interesse em publicar um manual para auxiliar os pais na tarefa de educar os filhos e consulta seu editor sobre essa possibilidade. Não se sabe por que razão, esse livro só viria a ser lançado em 1955, mesmo havendo uma anotação na carta, que indicava a intenção do editor em relação à publicação do livro[52].

É possível que o trabalho no SAM tenha, efetivamente, apontado para uma necessidade premente no sentido, não só de se instruírem as famílias para complementar a ação da escola, mas também no sentido de capacitá-las a exercerem no espaço doméstico uma formação mais eficaz, atentando para a psicologia da criança. Negromonte desmembra esse projeto em três etapas, desdobradas nos três livros que compõem a trilogia para as famílias[53].

A necessidade do esclarecimento científico para as mulheres estava atrelada à função exercida como mãe, professora ou catequista. Em muitos momentos, elas foram as principais destinatárias de suas mensagens do padre Álvaro Negromonte, chegando mesmo a se constituírem como suas principais interlocutoras. Mas, apesar desse acento diferenciado na figura feminina, Negromonte endereçou mensagens também aos pais, que foram apontados como os principais responsáveis pela educação dos meninos, sobretudo, a partir da adolescência.

Pode-se dizer que a *Biblioteca pedagógica* do Monsenhor Álvaro Negromonte - e os três projetos educacionais que comportava: formação de professores, renovação do ensino religioso e educação das famílias – estavam, também, em consonância com o movimento de educação pelas leituras que tomou corpo na sociedade brasileira, sobretudo, a partir dos anos 1920 e que se desdobrou em uma vasta produção de impressos pedagógicos para a educação da sociedade.

Essa via educacional possuía também uma dimensão prática, já assinalada pelas pesquisas desenvolvidas no campo da História do Livro, que indicam um barateamento em torno da produção de livros nacionais na década de 1920, o que tornou a substituição das importações por livros nacionais mais interessantes do

---

[52] Ver carta no anexo F.

[53] Todos os livros publicados para as famílias serão analisados nos capítulos seguintes. Por essa razão, neste capítulo, será feito apenas um panorama sobre os projetos que cada um deles compreende e sua representação dentro da Biblioteca Pedagógica do Monsenhor Álvaro Negromonte.

ponto de vista comercial[54]; Por outro lado, no âmbito da Pedagogia, isso significava ter livros mais próximos à realidade brasileira e aos problemas educacionais que ocorriam, efetivamente, no país; Se esses livros refletissem uma aproximação com outras obras de caráter similar no âmbito internacional, sinalizando para um diálogo estreito com seus pensadores, colocava, ainda, o Brasil no bojo de um movimento de circulação de modelos culturais e pedagógicos, alcançando, com isso, o estatuto de moderno.

1.2 **Criando laços, construindo pontes: a parceria feminina no projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte**

A mulher leiga, que parece não ocupar lugar na Igreja,
está na base das operações evangelizadoras.

Terezinha Zanlochi

Ao vasculhar a obra do Monsenhor Álvaro Negromonte e os caminhos de construção da sua história, inúmeras vezes me deparei com figuras e vozes femininas que fizeram ecoar o seu projeto em diferentes espaços e, no entanto, seus lugares na historiografia estão inscritos nos silêncios, no anonimato. Trazer as figuras dessas mulheres e o papel que desempenharam no projeto pedagógico do padre, tem um sentido de evidenciar a participação massiva das mulheres no campo religioso, através de um trabalho ativo de evangelização da sociedade, pela ação civilizadora que exerceram no âmbito público e privado, pela defesa de uma nação católica. Tanto na História da Igreja, como na História da Educação, o papel que as “mulheres leigas” exerceram na transmissão e conservação da fé católica tem sido relegado a uma invisibilidade para a qual, só recentemente, as análises de gênero vêm chamando a atenção. (Zanlochi, 2001).

Não seria possível compreender a dimensão do trabalho do padre, como já foi dito, sem atentar para as estratégias que utilizou e uma das mais importantes foi

[54] Sobre a produção dos livros no Brasil, ver Halewell (1985), Paixão & Mira (1996), Lajolo & Zilberman (2003), El Far (2006).

considerar as mulheres, em seus espaços de formação e atuação profissional. Às alunas da Escola Normal endereçou o seu segundo livro, que viria a ser um dos seus maiores clássicos, *A Pedagogia do Catecismo.* Às professoras em exercício, proporcionou acompanhamento constante, com o objetivo de transformá-las nas catequistas de suas turmas. Aos poucos, Negromonte foi procurando modelar nas mulheres, seus hábitos, comportamentos e valores e, com esse foco, foi compondo uma biblioteca autorizada para o perfil de mulher/mãe/professora que pretendia formar. Outra estratégia fundamental foi endereçar seu discurso às mulheres, ressaltando, de forma laudatória, o seu trabalho, o que levou à justificativa sobre o uso do termo catequista, sempre no feminino, na apresentação da referida obra:

> não só porque poucos catequistas homens conheço, mas principalmente como uma homenagem às inúmeras operárias anônimas que, em todas as nossas paróquias e escolas se consagram apostolicamente à formação religiosa das nossas crianças" (Negromonte, 1938, p. 16).

Esse tipo de discurso funcionou como importante estratégia de cooptação das mulheres, utilizada pela Igreja para aumentar o seu exército e a sua esfera de ação. Ao torná-las, publicamente, partícipes do projeto de recristianização da sociedade, tiravam-nas da invisibilidade do espaço privado, reafirmando a sua missão social.

O espaço que as mulheres burguesas passavam a ocupar na vida pública, a partir das primeiras décadas do século XX gerou diferentes tipos de atitude por parte da Igreja. Nesse sentido, em relação aos novos padrões de conduta moral, parte da hierarquia eclesiástica se opôs, declaradamente, aproveitando para afirmar a importância dos colégios católicos na manutenção dos valores tradicionais. Mas, em relação ao papel das mulheres na nova sociedade, Azzi aponta para dois tipos de atitudes principais adotadas pela Igreja:

> Os setores mais conservadores e reacionários insistem para que as mulheres voltem de novo ao recinto do lar, onde encontravam abrigo e proteção, ao invés de se expor aos perigos de degradação inerentes à vida social; já os grupos mais abertos reconhecem que as mulheres podem auxiliar o projeto de recristianização da sociedade, mediante sua atuação em algumas categorias específicas de trabalho (2008, p. 113)

Apontando nessa direção, o periódico *A Ordem* foi cedendo espaço para a presença de mulheres na revista, passando a considerá-las como autoras e

passando, também, a tratar de temas relativos à vida feminina na Seção “Crônica feminina”. Esse novo posicionamento, assumido a partir de 1932, indicava a compreensão que a intelectualidade católica no entorno desse periódico passava a ter acerca da importância da mulher na organização sociedade brasileira. Cabe destacar, de acordo com Magaldi que

> Desde a fundação da revista, em 1921, até 1932, ano do início da publicação da seção, nunca um artigo opinativo havia tido uma mulher como autora. Temas relativos à vida feminina também não eram objeto de grande atenção nos artigos do periódico. Em março daquele ano, foi publicado um primeiro artigo redigido por uma mulher, a educadora, Laura Jacobina Lacombe, intitulado “Alfabetização ou escola do trabalho”. Após esta única colaboração feminina, iniciava-se, em dezembro do mesmo ano, a seção que seria publicada por Lucia Miguel Pereira até janeiro de 1934. A partir de então, outras mulheres passaram a atuar como colaboradoras, tendo seus textos publicados periodicamente na revista (2008, p. 114).

A Seção “Crônica feminina” é um exemplo bastante indicativo da negociação que se estabeleceu entre as posições conservadoras, que defendiam uma atuação feminina, apenas no âmbito privado e outras posições, que compreendiam e consideravam as imposições do tempo presente (MAGALDI, 2008, p. 117).

Essa inserção das mulheres no exército de Cristo coincidia com a “estratégia de mobilização católica que, nos anos de 1930, dirigiu-se preferencialmente à classe média, com a qual a Igreja estabeleceu fortes laços”. Paulatinamente, as mulheres foram se tornando alvo de atenção especial e foram sendo incorporadas no combate contra o laicismo. “Quando surgiram boatos sobre uma possível inclusão do divórcio no texto constitucional de 1934, a juventude feminina católica foi convocada ‘às armas’”, como assinala Matos (2003, p. 97).

Ao reconhecer e utilizar a entrada dessas mulheres na vida pública, Negromonte passou a contar com a sua expressiva colaboração. Reconhecer a professora Waleska Paixão como a verdadeira precursora do movimento de renovação catequística em Minas, por exemplo, é uma evidência de como Negromonte se movimentou, estrategicamente, entre as mulheres, arregimentando-as como suas principais colaboradoras. Em seu livro *A Pedagogia do catecismo* (1940), ao apontar alguns mestres nessa área que vinham se destacando como importantes referências, ele assinalava que “a literatura estrangeira está enriquecida

com obras catequéticas em dia com tudo o que tem de mais novo. Entre nós foi a senhorita Waleska Paixão que iniciou esta literatura com os seus 'Cadernos Catequéticos'"(1940, p. 127). Negromonte segue suas indicações, apontando outros mestres considerados indispensáveis por suas contribuições, tendo reservado, porém, à professora Waleska Paixão, lugar privilegiado no topo da lista.

Waleska Paixão tornou-se seu braço direito na redação do *Boletim Catequético,* desde a sua fundação, e na Escola de Enfermagem Carlos Chagas, de onde se tornou diretora, em 1938[55]. Ao mudar-se para o Rio de Janeiro e assumir o cargo de direção da Escola de Enfermagem Ana Nery, em 1950, ela ainda propagava suas obras, como pôde ser constatado pelos inúmeros exemplares adquiridos do manual *O caminho da vida(1937),* registrados no livro de aquisições da Biblioteca (1950), provavelmente utilizados como referência bibliográfica da disciplina de Moral, que ficava sob sua responsabilidade. Essa proximidade que Negromonte alcançou com as Escolas de Enfermagem, fosse através da presença física como capelão em Minas, ou através da presença simbólica através das leituras no Rio, é indicativa de como o processo de cooptação das mulheres pela Igreja não descuidou da sua educação e procurou cobrir as diferentes áreas e os vários espaços de atuação nos quais elas foram se inserindo. Seus livros foram utilizados na formação de mulheres em diferentes contextos e, no caso específico das Escolas de Enfermagem[56], a cultura do corpo docente, impregnada de catolicidade, contribuiu para modelar suas práticas profissionais de forma articulada aos projetos da ação social católica, que se diferenciavam do antigo assistencialismo e demandavam melhor nível técnico[57].

A parceria que Negromonte estabeleceu com as mulheres revela a clareza da Igreja em relação à importância do seu trabalho na construção da cristandade. Segundo Beozzo, "é impossível não perceber o impacto da explosão dos ministérios femininos na Igreja [...] É evidente o ardor com que a mulher se lança para

---

[55] Negromonte era capelão da Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Sobre essa instituição, ver Santos (2006).

[56] Sobre a Escola de Enfermagem Carlos Chagas, ver Santos (2006).

[57] Segundo Azzi (2008), em 1940, foi introduzido um curso de Preparação ao trabalho Social, na Escola de Enfermagem Ana Neri, que veio a dar origem à Escola de Serviço Social do Rio de Janeiro, da Universidade do Brasil. Pode-se dizer que a história das Escolas de Serviço Social no Brasil está diretamente ligada aos projetos da Ação Social Católica, que foram se consolidando a partir da fundação da Liga das Senhoras Católicas, em São Paulo, em 1923, a qual tinha por "finalidade desenvolver a Ação Social Católica em várias atividades de natureza educacional e assistencial". (AZZI, 2008, 114-116)

concretizar ações catequéticas, leituras e estudos bíblicos ou participar da vibração dos grupos de oração” (1991, p. 47-50).

A escolha da formação pela via do impresso também deve ser considerada em sua historicidade. Devido à institucionalização precária da educação feminina no início da República, as iniciativas pedagógicas não-formais que foram organizadas nessa direção são dignas de nota, por darem indícios de diferentes projetos educacionais que, concomitantemente, vinham sendo empreendidos por vários grupos, no sentido de orientar a mulher para seu papel social como mãe, esposa e professora.

Gradativamente, as mulheres foram buscando a Escola Normal, tendo em vista vários objetivos. Dentre eles, “obter conhecimentos, preparo para a vida no lar e também para ter uma profissão que lhes permitisse sobreviver com seu próprio rendimento” (ALMEIDA, 2006, p. 77). Essa abertura para a mulher burguesa na esfera pública atendia ao ideário proposto de expansão da escolarização e do ensino primário, sem que os lares sofressem a ausência feminina. Esse “novo” papel não rompia com as funções de mãe e esposa que deveria desempenhar em seu lar. Ao contrário, “essa era a via pela qual poderiam conquistar o espaço público, isto é, valorizando seu trabalho no lar e a sua grande responsabilidade de educar as futuras gerações” (ALMEIDA, 2006, p. 80). Ser professora primária foi uma das vias de acesso para essas mulheres transitarem da invisibilidade do espaço doméstico para a visibilidade do espaço público.

O ambiente urbano e industrializado que propiciou essa transição também exigiu das mulheres uma educação adequada para atuar de forma significativa nessa sociedade, desde os cuidados com o lar até a sua inserção no campo profissional. A existência pública dessa mulher era considerada diante desse sentido de urbanidade nascente. Uma urbanidade que colocava a mulher como anfitriã e responsável pela harmonia do lar. Mas, de acordo com Soihet, havia também as mulheres que exigiram uma educação qualificada, não em nome da sua responsabilidade familiar, mas porque consideravam-se tão capazes “como o homem para o estudo das ciências”, apesar das constantes lições transmitidas em direção contrária. (2000, p. 98).

Em que pesem os diferentes caminhos pelos quais as mulheres foram conquistando seu espaço na esfera pública, o discurso em torno da importância da sua atuação na esfera doméstica se constituiu em uma importante tática utilizada pelas mulheres mais conservadoras, sobretudo, as católicas, que não pretendiam adotar uma postura mais radical pela sua emancipação. Com isso, elas contribuíram para a construção de uma nova representação em torno da educação feminina, associada ao seu poder de intervenção na sociedade, contando, para isso, com o apoio de muitos homens e mulheres que desejavam os avanços da modernidade, salvaguardando os valores tradicionais da família. "A intervenção feminina, desse modo, supunha-se capaz de uma ação moralizadora no seio da sociedade e serviria para manter a unidade da família e da pátria. A função materna não era mais apenas biológica, mas social e patriótica, principalmente." (ALMEIDA, 2006, p. 81).

Mas, as Escolas Normais não foram as únicas vias de educação feminina e nem de formação docente[58]. Outras formas ou "fôrmas" foram se configurando nesse intuito ao longo dos tempos: os colégios confessionais e a educação doméstica merecem destaque por contribuírem para produzir um sentimento de catolicidade e de hábitos virtuosos, que serviram para nortear as práticas educacionais desempenhadas pelas mulheres, tanto na esfera pública quanto privada[59].

As práticas de leitura, como processos formativos viabilizados através de impressos pedagógicos ou da imprensa periódica educacional, se constituíram em uma das principais estratégias utilizadas pelo Monsenhor Negromonte na educação das mulheres, que, impregnadas com o perfume da modernidade republicana, iam corroborando com a produção de uma representação feminina associada à guardiã da moral da família e da pátria.

Em meio a um conjunto de reflexões e ações voltadas para as mudanças que vinham ocorrendo em relação às mudanças sociais, fossem por questões demográficas, fossem por mudanças no papel da mulher na sociedade e nas

---

[58] Sobre os processos e práticas acerca da profissão docente ver Nóvoa (1987), (2001), (1997), Mogarro (2001); Mendonça (2007); Mendonça & Cardoso (2007); Mendonça & Xavier (2008); Xavier (2012), (2011); Catani (2003); Lopes (2003); Gondra (2008); Almeida (2006); Faria Filho (2005).

[59] Muitas mulheres ocuparam as salas de aula sem terem passado pelas Escolas Normais. A entrada de meninas nas escolas primárias trouxe, com ela, a necessidade de professoras para as educarem, atendida, frequentemente, por mulheres que possuíam boa formação e que acabaram ocupando esse espaço e desempenhando a função de professora. Ver Almeida (2006);

relações de gênero, várias vozes autorizadas se posicionaram nesses debates, tendo a família como principal escopo. A compreensão da “família com instituição social estratégica” levou muitos intelectuais a demonstrarem que, “para além de pretenderem atuar na conformação dos núcleos familiares, tencionavam contribuir para a extensão dos valores de ordem e equilíbrio ditados para a vida familiar na direção da sociedade” (MAGALDI, 2007, p. 21). As pesquisas histórico-educacionais e a preocupação de refletir sobre as faces regionais da educação e as singularidades dos processos educativos vêm sinalizando para as dimensões dessa estratégia em diferentes partes do território nacional, apontando para a convergência que, ao final do século XIX se produziu em relação ao gênero feminino como referência no exercício de educar a sociedade dentro e fora do lar. Para isso, “os discursos de parlamentares, médicos, clérigos, legisladores, não apenas espelharam as mulheres, mas as produziram: mãe-esposa e professora” (PINHEIRO, 2009, p. 174).

Ao endereçar *A Pedagogia do Catecismo* ao Curso Normal, Negromonte deixava implícito o seu desejo de alcançar os principais educadores, representados na figura feminina em seus papeis de mãe e professora, uma vez que nem todas as mulheres se formavam no Curso Normal buscando exercer o ofício do magistério. Muitas delas viam nesse caminho uma forma de obter maior conhecimento e preparo para gerenciar a família e educar seus filhos, como já foi apontado anteriormente. Essa estratégia indica o entrecruzamento das funções femininas, assim como, s formas através ds quais os saberes pedagógicos transitavam entre a casa e a escola, corroborando com o projeto social republicano, que responsabilizava a mãe de família pela formação moral dos filhos e futuros cidadãos da nação.

Na atuação como catequista, a esfera pública e privada se aproximavam, através de saberes e modos de conduta que poderiam circular livremente nesses dois universos, alastrando-se daí para a sociedade. A religião católica deveria impregnar as práticas educativas no lar e na escola, produzindo saberes inerentes ao catolicismo e reforçando um modo de conduta e um conjunto de hábitos impregnados de catolicidade. A educação abrangeria os sentidos e os corpos, os quais, devidamente educados e plasmados pelos princípios da moral católica e da

higiene, dariam mostras de como civilização e religião deveriam estar intrinsecamente associadas.

Nas páginas dos *Boletins Catequéticos* e manuais endereçados às famílias, pode-se depreender uma sintonia na instrução que pretendia um perfil de mulher, de família e de sociedade, alcançando, assim, as professoras e mães. Esse perfil se articula ao “mito do amor materno”, que, no Brasil, foi fomentado com expressividade também pelo discurso médico-higienista desde meados do século XIX.

> O discurso masculino e moralizador dos médicos e sanitaristas procura persuadir ‘cientificamente’ a mulher, tanto da classe alta como das camadas baixas, de sua tarefa natural de criação e de educação dos filhos [...] A valorização do papel materno difundido pelo saber médico desde meados do século passado procurava persuadir as mulheres de que o amor materno é um sentimento inato, puro e sagrado e de que a maternidade e a educação da criança realizam sua ‘vocação natural’ (RAGO, 1985, p. 78,79)

É certo que este era um ponto de afinidade entre o campo médico e a Igreja que, a seu modo, também contribuiu vigorosamente para difundir esse ideário de mulher virtuosa e casta, que elegia a figura de Maria como a sua maior inspiração. Com base na proximidade do moralismo do discurso médico com o do catolicismo foram definidas características essenciais da personalidade dos homens e das mulheres desde a infância. A partir delas, indicava-se pela pedagogia, o tipo de educação que mais se ajustava a cada um, de modo a não contrariar os preceitos já determinados por Deus e, consequentemente, pela natureza.

Os discursos produzidos por Negromonte, entretanto, não se dirigiam à qualquer mulher. As estratégias discursivas utilizadas pelo padre indicam que suas interlocutoras eram as mulheres das camadas médias e das elites, público que compunha, majoritariamente, o universo das leitoras da época e que possuía um importante papel social: “educar outras mulheres, com vistas a capacitá-las como educadoras dos filhos e das famílias” (MAGALDI, 2007, p. 29). Esse endereçamento, no entanto, não exclui uma ação na direção das famílias pobres.

De acordo com Donzelot (1980), a mulher burguesa possuía uma missão social de cunho educativo, que deveria se estender a toda a sociedade, ideário que parece ter sido reforçado pela educação e pela doutrina católica, posto em evidência no projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte. Mesmo quando escreve para as famílias, de forma específica, motivado pelo trabalho realizado com os

meninos do SAM, Negromonte o faz visivelmente tendo como principais destinatárias as mulheres das famílias burguesas.

Essa responsabilidade atribuída às mulheres burguesas atesta para o dispositivo de controle da Igreja que, ao cooptá-las e educá-las, instaura um mecanismo disciplinar que passa pelo governo de si e do outro. Na medida em que os valores da tradição católica são afirmados para si mesmas e propagados para o restante da sociedade, através de ações sociais encaminhadas a um público menos favorecido, a Igreja ainda lhe salvaguarda os espaços possíveis de atuação na sociedade.

A importância conferida à filantropia não era exclusividade do projeto de recatolicização da sociedade. Os médicos também passaram a se auto-denominar "'apóstolos desinteressados', 'cruzados' dedicados a uma missão salvadora desenvolvida coletivamente por meio daquela instituição assinalada como 'templo de caridade' (MONVORVO Fº *apud* MAGALDI, 2005, p. 5). E são dignos de nota os pontos de contato entre essas duas instituições educativas que adotavam "as marcas do altruísmo, da benemerência, da filantropia, sendo esta frequentemente assinalada no registro da caridade" (MAGALDI, 2005, p. 5). A diversidade de estratégias educativas encaminhadas na direção das mulheres, no sentido de valorizar a educação feminina como forma de complementar o que se entendia como sua "função natural" de educadora, indicava as representações que, tanto a Igreja quanto o campo médico possuíam acerca do papel que estas deveriam desempenhar junto à sociedade. Nessa perspectiva, ambos se aproximavam em seus objetivos e nas formas escolhidas para transmitir suas lições às mulheres dos diferentes segmentos sociais. Tomando por base o campo médico e a aliança que se estabeleceu entre as mulheres e os médicos, Magaldi destaca algumas dessas formas de endereçamento de mensagens educativas às mulheres por parte dos médicos, a partir da sua posição social. As mulheres letradas exerciam, de acordo com a pesquisadora

> Para além, da primeira forma de intermediação estimulada pelos médicos, que era aquela a ser desempenhada no espaço privado, na conscientização dos filhos e do marido acerca dos comportamentos higiênicos, um outro tipo de função mediadora no espaço público, representada pela retransmissão das prescrições médicas junto a outras mulheres de sua mesma condição social de modo a prepará-las para o

> exercício qualificado da função de parceiras do poder médico no espaço de suas casas.
> Uma outra forma através da qual os médicos estabeleceram aliança com as mulheres da elite em prol do seu projeto civilizador foi através da filantropia. Nesse caso, aquelas mulheres, caracterizadas por seu 'coração depositário de infinita bondade' eram chamadas a exercer ações de benemerência na direção das famílias e, em especial, das crianças pobres e, segundo o que se pode perceber, respondem com empenho à convocação. [...] (MAGALDI, 2005, p. 10,11)

Nessa dimensão filantrópica, a autora ressalta, ainda, diferentes estratégias educativas dirigidas às mulheres pelos médicos, o que permite estabelecer alguns pontos de contato com as práticas educativas encaminhadas pelo grupo católico nessa mesma direção. De acordo com Magaldi,

> Ainda compondo o quadro das estratégias educativas dirigidas às mulheres, podem-se incluir também os meios de transmissão oral das mensagens científicas, como cursos e conferências, que também tiveram importância no projeto médico de convencimento da sociedade. Se iniciativas desse tipo foram dirigidas a mulheres das camadas dominantes, situação em que se somavam às encaminhadas por meio de textos escritos, assumiam um lugar de destaque inegável no caso das mulheres das camadas populares, já que estas seriam em grande parte iletradas. Nesse caso, se havia o recurso à distribuição de folhetos educativos, enfatizavam-se, por outro lado, estratégias de mais fácil assimilação, como era o caso das palestras. (2005, p. 12)

As estratégias educativas baseadas nos impressos para as mulheres letradas e baseadas no recurso oral para um público mais amplo, incluindo as camadas populares, também foram adotadas pelo padre Álvaro Negromonte. Não obstante, esta pesquisa se deter sobre a primeira forma de transmissão, é importante assinalar que Negromonte ao longo de sua carreira, além da vasta produção de textos escritos, se dedicou a realizar palestras e semanas de estudo por todo o país, além de possuir um programa na rádio Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro[60].

A produção de impressos pedagógicos pelo padre Negromonte, destinados especificamente, à educação das famílias foi, relativamente, tardia, só acontecendo a partir da década de 1950, apesar de ter sido ensaiado desde os anos de 1930. Todavia, as mensagens que encaminhava às professoras nos *Boletins Catequéticos*, nos manuais de catecismo e de ensino religioso, nas semanas de estudo realizadas em todo o país atingiam-nas também em suas funções domésticas, uma vez que muitas delas eram casadas e mães de família.

---

[60] Esse recurso da educação por meio do rádio também foi adotado pelos médicos. Esse tipo de ação educativa tanto por parte da Igreja quanto do campo médico, merece uma investigação mais aprofundada que foge ao escopo desta pesquisa.

Não obstante, suas mensagens serem destinadas, privilegiadamente, às mulheres, Negromonte, publicou, em julho de 1937, no n° 14 do *Boletim Catequético,* um artigo intitulado “Educação dos Filhos”. Neste artigo, mais generalizado, chamava a atenção para a responsabilidade dos pais de fazerem do seu filho “um homem de caráter e um santo”, sem entrar em questões pedagógicas.

Em contrapartida, um outro artigo se destaca no *Boletim* em relação a essa temática. Intitulado “Às Mães” e publicado no nº 5/6 de 1936 pela professora Maria Luiza de Almeida Cunha, este texto evidencia as orientações pedagógicas endereçadas às famílias. Nele, a autora chamava a atenção das mães para a responsabilidade da formação religiosa dos seus filhos, marcando claramente a diferença do tipo de ensino proposto às mães e às professores. Para o catecismo, ela orientava encaminhar o aluno à paróquia, ou à escola. Mas, compreendendo que isso não era suficiente para suprir a formação religiosa da criança, acrescentava como as mães poderiam auxiliar nessa tarefa:

> Não é preciso uma lição formal de catecismo com os filhos em atitudes de escolares para ensinar a doutrina cristã. Esta pode ser ensinada sempre que o assunto ocorra nas conversas, nas pergu7ntas familiares. Não é assim que vamos dia a dia aumentando o cabedal de conhecimento dos filhos em outros assuntos? Por outro lado, a formação cristã não se faz unicamente por esse processo, mas também inculcando hábitos piedosos e atitudes cristãs aos filhos. Os hábitos compreendem a prática da oração diária, da manhã e da noite. Temos tanto afã em perguntar pela manhã aos filhos: “já escovaram os dentes? Por que não perguntar antes de tudo “já rezou”? [...] Além disso, a assistência sistemática à missa dos domingos e dias santos deve ser exigida como um dever sagrado e bem explicado aos filhos [...] As atitudes cristãs precisam ser ensinadas a cada instante [...] (Cunha, nº 5/6, agosto e setembro de 1936, p. 4)

Essa prática de se dirigir às professoras considerando sua condição de mulher/esposa/mãe também pode ser vista em outro artigo publicado pela professora Maria Luiza de Almeida Cunha, este na Revista do Ensino[61], intitulado “A influência da Religião na Educação da Criança”. Em todo o artigo, ela se colocava como mãe e se referia aos pais como responsáveis pela “míngua” de modelos aos quais aspiram as crianças, resultado de uma pesquisa realizada pelo Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento. Segundo a pesquisa, os resultados obtidos não revelam nenhum ideal superior, mas uma motivação egocêntrica,

[61] Maria Luiza Cunha foi uma das articulistas que mais contribuiu com a Revista do Ensino, conforme assinala Biccas (2001, 2006).

expressa pela vontade de parecer consigo mesmo. Ao que Cunha, prontamente, utilizava como argumento para chamar os pais à responsabilidade da educação religiosa na educação das crianças

> Como percebem, o sintoma é grave! Ai de nossas crianças se não as arrancarmos desta etapa tão primitiva do desenvolvimento psicológico. A culpa deste atraso é nossa, nossa, três vezes nossa! Não culpemos a Escola, não culpemos a sociedade desta avitaminose de ideais! Antes da escola, compete-nos a nós pais e mães o soerguimento destas aspirações [...] Mas, quais as dificuldades que para isso se nos antolham no momento presente? Parece-me que a primeira é a ignorância religiosa [...] Dessa ignorância religiosa decorre a difusão de conceitos errôneos sobre piedade; de normas de conduta perniciosas com o rótulo de cristãs [...] Não basta, entretanto saber religião para bem educar religiosamente os filhos. É preciso conhecer-lhes os temperamentos... e a vida moderna, arrastando pais e mães para fora do lar, priva-os de oportunidades de conhecerem os filhos, de os estudarem em um convívio sereno. Quantas mágoas, quantas tragédias temos observado por causa desse desentendimento entre pais e filhos! Não será a causa remota desses choques a falta de preparo para o matrimônio? [...] Suposto que os pais saibam religião e conheçam o temperamento do filho devem evitar ainda uma atitude muito perigosa para a formação da consciência infantil – e esta é a descontinuidade da ação. Num dia de bom humor, há pais que suportam dos filhos as maiores extravagâncias e diabruras, num dia de '*spleen'* as menores faltas são punidas com arrebatamento. Esses altos e baixos desorientam as crianças. Diante de atitudes equivalentes, é preciso que os pais mantenham sempre as mesmas reações. Esta serenidade metodiza o ambiente do lar. (CUNHA, 1935, p. 6-11)

Esse discurso é curioso, por se tratar de uma revista endereçada aos professores do Estado de Minas, publicada pela Secretaria da Educação e da Saúde Pública. O tom do artigo é um exemplo de como mensagens destinadas aos professores, os atingem na condição de pais, procurando intervir disciplinarmente em suas práticas cotidianas, no fórum público e privado, promovendo uma interpenetração entre a vida familiar e a vida profissional. Ao fim do artigo, retomando o estilo professoral, Cunha publica um programa de religião que abrange da Educação Infantil ao 4º ano primário aprovado pela autoridade eclesiástica[62].

De uma maneira geral, como consumidoras e colaboradoras da obra do Monsenhor Negromonte, as mulheres que acompanharam a sua trajetória puseram em prática essa missão educativa nos diferentes segmentos sociais ao publicarem livros e organizarem semanas de estudo, formando catequistas para atuarem em diferentes espaços sociais e imprimindo nas famílias a importância da educação

[62] Esse artigo foi apresentado inicialmente em uma série de conferências sobre educação religiosa, organizada pela Sociedade Pestalozzi, e publicado posteriormente na Revista do Ensino. O programa da professora Maria Luiza Cunha serviu de referência para os livros do Monsenhor Álvaro Negromonte, chegando a ser publicado, com autorização da autora, na 3ª edição da obra *A Pedagogia do Catecismo*.

religiosa na formação dos filhos. Se a escola pública esteve impregnada de catolicidade, não se pode desconsiderar as ações dessas mulheres que cumpriram um papel social que lhes foi atribuído e, através desse caminho, imprimiram suas marcas como mães e professoras na produção de uma sensibilidade católica.

Não por acaso elas foram as destinatárias privilegiadas do conjunto de impressos publicados pelo padre Álvaro Negromonte. Seu apoio, seu trabalho como colaboradoras das práticas educativas e da propagação do pensamento católico moderno foram fundamentais na renovação das práticas pedagógicas católicas na primeira metade do século XX.

Os estudos sobre esses temas se inscrevem, portanto, no campo da história cultural das práticas escolares e transitam pelo espaço da memória da qual se fizeram cúmplices. Mas, elas também se inscrevem no campo da história da educação das famílias e no campo da história da educação através dos impressos, revelando itinerários múltiplos, individuais e coletivos, que incitam a pensar nessa representação das mulheres como as principais cuidadoras do futuro republicano, conduzindo-nos à figura da mãe, esposa e professora como aquela em que se fazia convergir o tripé família/escola/civilização.

2. **OS IMPRESSOS PEDAGÓGICOS NA (CON)FORMAÇÃO DA PROFESSORA CATÓLICA**

> "Os métodos adaptados da pedagogia que se diz "nova" só serão aplicáveis quando o clero puder contar com uma geração de auxiliares a um tempo dóceis, ardentes e a par do movimento pedagógico"
>
> *Marie Fargues*

Este capítulo tem como foco o projeto de formação docente posto em prática pelo padre Álvaro Negromonte, a partir de uma parte da sua Biblioteca Pedagógica. Este projeto, apesar de ter sido empreendido no Estado de Minas Gerais, se estendeu a vários pontos do país, através do seu livro *A Pedagogia do Catecismo* e do *Boletim Catequético*. Este, mesmo sendo um impresso de caráter local, atingiu diferentes estados do país, o que pode ser percebido pela contribuição de professoras do Rio de Janeiro e do Ceará, sobretudo, além daquelas do próprio interior de Minas. Através de impressos pedagógicos de naturezas distintas, o padre objetivava, com o incentivo da Igreja, aparelhar o professorado católico com os conhecimentos doutrinário e pedagógico necessários para que se engajasse na luta pela recristianização da sociedade, em âmbito local e nacional.

Tradicionalmente, uma grande parcela dos estudos sobre a história da formação docente está intimamente ligada à história das escolas normais, instituições que se especializaram, ao longo do século XIX, nesta função. Todavia, desde os anos 1980, no Brasil, os crescentes estudos sobre o uso dos impressos pedagógicos como estratégia utilizada na formação de professores vêm consolidando, no campo da História da Educação, uma temática e um caminho de investigação que têm feito emergir outros aspectos dessa história, como, por exemplo, o das ações voltadas para formação contínua e continuada desses profissionais da educação, conduzida por diferentes tipos de impressos.

A variedade que surge desse material pode ser entendida como uma estratégia de produção que, visando objetivos pedagógicos distintos, utilizou dispositivos diferenciados, que abrangem da forma escolhida à abordagem discursiva. Livros, revistas, jornais, opúsculos, folhetos, almanaques constituem tipos

de impressos com finalidades educativas variadas, que foram utilizados em diferentes projetos voltados para a formação dos professores, em diferentes momentos e espaços sociais. Essa pluralidade de impressos, sinaliza para um importante caminho de investigação da história dos impressos que é a “circulação, em larga escala e para numerosas utilizações, do texto escrito multiplicado pela prensa tipográfica” (CHARTIER, 1998, p. 21).

Esse veio de investigação, na sua multiplicidade, amplia ainda o leque de possibilidades interpretativas, ao trazer à tona diferentes dispositivos que fazem emergir o projeto educacional que está posto em torno da produção, dos discursos, do formato, das formas de endereçamento ao público leitor. Esse caráter múltiplo e multifacetado que traz à pesquisa um espectro mais vasto de observação aponta para, pelo menos, duas questões que serviram de orientação para pensar este projeto de formação docente empreendido pelo padre Negromonte. Quais representações esses impressos revelam em sua constituição material e discursiva? Que saberes são veiculados e quais os sentidos que eles possuem na formação dos professores?

Desde os anos de 1980, os estudos realizados no campo da História da Educação sobre o uso dos impressos e da imprensa pedagógica, nos projetos de formação dos professores, seja pela Igreja, ou pelo Estado vêm mostrando que essas fontes/objetos são particularmente significativas para a compreensão não só da formação dos professores, mas da multiplicidade do campo educativo, considerando a noção de educação em uma perspectiva mais ampla. As várias facetas envolvidas nos processos educativos trazem à tona dispositivos inerentes ao próprio sistema de ensino ou para além dele, e apontam para os diferentes atores e redes que foram se configurando e se mobilizando em torno da produção e propagação de um conjunto de saberes e práticas, os quais, ao longo do tempo, foram se legitimando como fundamentais à formação dos professores.

Estes, no cenário instaurado pela República, eram estimulados a se preocupar com a formação integral dos seus alunos. Essa ideia atrelada à escola significava a ampliação do repertório dos professores para um modelo de educação que ia além de ministrar conhecimentos e deveria se preocupar com o

desenvolvimento dos seus alunos, em uma perspectiva que abrangia as suas dimensões intelectual, física e moral. Acreditava-se que, dessa forma o aluno estaria sendo melhor preparado para enfrentar e vencer os obstáculos da vida social. Conforme assinalam Magaldi & Schueler,

> como elemento significativo para a definição da escola renovada que se projetava por meio das reformas e se materializava no horizonte do "possível" – sendo este múltiplo e dependente de inúmeras variáveis –, situa-se a valorização dos processos de ensino-aprendizagem, compreendidos a partir da centralidade do aluno, com a utilização, por exemplo, de métodos ativos, que envolviam a participação mais direta daquele sujeito na produção de conhecimento, através da experimentação e do enfrentamento de desafios. Também no caso dessa temática, a memória construída a partir do escolanovismo e parcialmente cristalizada na historiografia envolveu o destaque conferido à renovação experimentada, enfatizando assim, uma perspectiva de descontinuidade e aproximando-se novamente da representação do marco zero (2009, p. 51)

A formação do "novo" homem exigia uma educação renovada, promovida por uma "escola nova" e orientada por uma pedagogia mais liberal, democrática, em estreito diálogo com as Ciências da Educação. Os professores, principais agentes dessa mudança, por estarem cotidianamente na linha de frente desse projeto, tornaram-se alvos privilegiados de um conjunto de ações empreendidas para a sua formação, dentro da concepção educacional que se pretendia estabelecer na sociedade brasileira. Ainda conforme Magaldi & Schueler,

> Se a questão da formação de professores em espaços específicos já se apresentava desde os tempos do Império, como objeto de debates e de políticas – que à época conviviam com a tendência da formação de professores pela prática –, este se constituiu num eixo de destaque desde os primeiros tempos republicanos, quando ao professor – cada vez mais representado pela figura feminina –, foi atribuída uma missão cívica primordial, a de "apóstolo da civilização", o que demandava um preparo bastante consistente, tendo como referência a magnitude da tarefa (2009, p. 50)

Diferentes projetos foram gestados e direcionados nesse sentido, assim como diferentes atores se envolveram nesse empreendimento. Estado, igrejas, médicos, higienistas, psicólogos, cada um dentro do seu campo de ação, buscou aparelhar o professorado com os novos saberes que iam se afirmando como indispensáveis à educação desse homem que se intentava produzir. Nesse sentido, de uma maneira geral, esse registro sobre o qual se apresentava o conceito de educação se distanciava e ia além da pura instrução, por contemplar a necessidade de se educar

o indivíduo em suas várias dimensões, em sua integralidade. Para os católicos, no entanto, essa noção de educação integral só poderia ser concebida, se associada ao ensino religioso[63]. Nesse aspecto, havia um consenso no interior do campo religioso católico, que não concebia como a criança poderia ser educada em uma perspectiva integral, sem a formação religiosa, que, de acordo com a Igreja, era a pedra basilar de formação do seu caráter e da sua alma.

O conjunto de boletins e o livro, analisados neste capítulo fazem parte de um projeto de formação de professores que não visava apenas aparelhar o professorado católico para que este ministrasse o ensino religioso, entendendo-o apenas como disciplina escolar. Ao direcionar seu projeto catequético para a escola, seus principais destinatários eram as professoras, mas a função que elas deveriam exercer extrapolava os limites das disciplinas escolares e se constituía em uma estratégia de fazer o ensino da religião católica atravessar todas as disciplinas escolares. Isso significava transformá-las em catequistas dispostas a atuar em tempo integral junto aos seus alunos e não apenas em professoras da disciplina de ensino religioso.

Tomando a proposta metodológica de Carvalho (2006) de classificar os impressos em unidades de análise, ainda que não seja possível determinar os usos dos objetos culturais, mas tomando como referência as prescrições que estão postas tanto na sua materialidade quanto no seu conteúdo, e levando em conta os destinatários visados, é possível, tomar de empréstimo da historiadora, suas categorias de análise do impresso, a saber: as caixas de utensílios, os Guias de aconselhamento e o Tratado de Pedagogia.

> Índices da permanência ou ruínas de estratégias historicamente datadas de organização do campo da Pedagogia, livros e revistas pedagógicas configurados como *caixas de utensílios* não circularam apenas na década de 1890, durante o chamado período áureo das realizações educacionais republicanas em São Paulo. Eles circulam ainda nas décadas de seguintes, concorrendo com outros impressos, organizados segundo outras regras. A *Revista do Ensino* e a *Revista Escolar* são

[63] O conceito de educação integral para a Igreja difere da proposta corrente, que vigorava nos debates educacionais. Nestes, o que estava posto era um modelo de formação que abrangesse as esferas intelectual, física e moral do indivíduo como forma de desenvolver todas as suas faculdades, tornando-o educado em todas as suas dimensões e, portanto, um cidadão mais útil e melhor para a sociedade. Para a Igreja, a educação integral visava desenvolver no indivíduo todas essas faculdades, sem perder de vista o que era entendido por ela como “o verdadeiro fim da educação”, que era o aperfeiçoamento da alma e o encaminhamento para Cristo. A educação era um meio e a cidadania era a forma de dar visibilidade a seu progresso interior rumo à salvação. A educação integral, na perspectiva católica, tinha como finalidade um projeto salvífico.

> testemunhos desse modo de conceber e organizar o campo normativo da Pedagogia que guarda forte relação com a concepção de pedagogia como *arte de ensinar,* organizando-se como *caixa de utensílios* e fornecendo modelos de lições e materiais para o uso do professor [...]
> O modelo *livro de aconselhamento* é produto de uma tradição mais antiga do que a que conformou o impresso como *caixa de utensílio.* Sua configuração é herdeira da longa tradição de um gênero: o das preceptivas ou livros de aconselhamento de príncipes que tiveram seu apogeu nos séculos XVI e XVII [...] Retomando tópicas e recursos retóricos dessa tradição, muitos livros de pedagogia que circulam no século XIX organizam-se como *livros de aconselhamento* recheados de preceitos moralizantes que visam moldar, segundo representações éticas de longa tradição no pensamento teológico-político europeu, um novo tipo de profissional, o professor [...] Aliava ao intento moralizante objetivos mais pragmáticos, fornecendo ao professor informações e conselhos úteis para o exercício da *arte de ensinar* [...]
> Essa nova literatura [...] se organiza como *Tratado de Pedagogia,* como corpo sistematizado de saberes e de doutrinas dedutivamente estabelecidos a partir de princípios de natureza científica ou filosófica. [...] Nele, a pedagogia deixa de fornecer modelos exemplares de lições para oferecer fundamentos e os métodos nela apregoados são dissociados da prática, das '*artes de fazer'.* O Tratado é um gênero tradicionalmente didático, que compendia teorias sobre determinado campo de saber, expondo-as analiticamente por meio de argumentos de autoridade e exemplos (CARVALHO, 2006, 156-168).

Nenhum desses modelos seria excludente entre si. Ao contrário, é possível verificar uma convivência permanente no cenário educacional que sugere pensar em uma possível complementaridade em seus papéis. E o Tratado, ainda conforme Carvalho (2006), com o tempo foi assumindo um desdobramento que se reflete em um novo papel: teorizar, mas também indicar possíveis práticas ao seu leitor.

Nessa perspectiva, a Biblioteca do Monsenhor Álvaro Negromonte compreende duas modalidades de uso do impresso na configuração dos saberes pedagógicos, e das práticas educativas, sejam elas de ordem pública, através da escola, ou privada, no âmbito familiar e foi organizada, nesta pesquisa, em dois blocos: os Boletins, voltados para os professores configuram o uso desse impresso como "caixas de utensílios"; os livros voltados para a família assim como o livro *A Pedagogia do Catecismo,* funcionam como Tratados de Pedagogia no sentido promover os saberes-fundamentos da pedagogia católica moderna e sugestões de aplicações práticas desses saberes tanto na esfera doméstica quanto nas salas de aula. Lições essas que poderiam ser apropriadas em diferentes práticas educativas, pela eficácia que garantiam ao processo de ensino-aprendizagem. Essa classificação permite vislumbrar instigantes possibilidades de percurso desses impressos, sobretudo no que tange a sua circulação, proposta que foge ao escopo deste trabalho

Nesta esteira, esses dois tipos de impresso iniciam a Biblioteca Pedagógica do padre Álvaro Negromonte e, possivelmente, no sentido de preencher a lacuna apontada no 1º Congresso Católico de Educação acerca da necessidade de melhor formação para as catequistas e melhor preparo para sua atuação no espaço escolar, acabaram constituindo o primeiro projeto pedagógico sobre o qual Negromonte se debruçou.

Paralelamente, publicações do tipo dos *Boletins* foram emergindo no cenário nacional sinalizando para um movimento de renovação educacional que se alastrava pelo campo religioso. O frei Oscar Lustosa, importante historiador da Igreja, aponta a existência em vários estados, de iniciativas congêneres, todas voltadas para melhor preparação dos professores como catequistas. Tinham como características comuns serem “pequenos, locais ou quando muito regionais, como o Boletim Catequético de Belo Horizonte, MG. Boletim da cruzada de educadoras católicas de Recife, PE. A Folha Catequética de Porto Alegre, RS” (LUSTOSA, 1992, p. 127). Em geral, os boletins possuem um espectro mais restrito do ponto de vista do conteúdo veiculado, se comparados às revistas, por exemplo. Estas, geralmente, têm uma circulação maior e visam propagar suas ideias em um âmbito mais vasto. No entanto, Negromonte trata o *Boletim Catequético,* em sua própria ficha técnica, como uma revista catequética mensal e é dessa forma que ele sempre o referenciava. Esse é um elemento significativo que permite pensar na aspiração do padre de fazer seu projeto alçar voos mais altos, e sinaliza para o sentido formativo e não apenas informativo - mais comum nesse tipo de publicação - que o impresso realmente possuía junto ao professorado. A opção por editá-lo como um boletim, e não como uma revista, talvez senha sido adotada apenas, por uma questão de redução de custo, já que esse era um ponto recorrentemente assinalado no periódico observado no chamamento aos assinantes para a importância da pontualidade no pagamento das assinaturas, visto que essa era a única fonte de renda do *Boletim*.

Como as iniciativas pedagógicas dessa natureza eram pontuais e não havia uma organização da ação catequética em âmbito nacional, uma das hipóteses levantadas por esta pesquisa é a de que Negromonte buscava preencher esse espaço no âmbito nacional, apesar de ressaltar o trabalho de seu pares nos outros

estados. Fazer o *Boletim Catequético* circular fora das fronteiras mineiras, por exemplo, foi uma importante estratégia adotada nessa direção e que pode ter contribuído para a sua expressiva atuação na *Revista Catequética*, fundada em 1949, no Rio de Janeiro pela Ação Católica. Essa revista se apresentava como uma tentativa de nacionalizar uma publicação dessa ordem, até então inexistente no âmbito nacional. Cabe destacar que essa revista foi lançada um ano após Negromonte se mudar para o Rio de Janeiro e, durante mais de 15 anos, foi o canal de transmissão das suas ideias e experiências (LUSTOSA, 1992, p. 128)[64].

O papel que os *Boletins Catequéticos* representam na Biblioteca Pedagógica de Álvaro Negromonte, o configura como um tipo de "caixa de utensílios". E, por serem mais interativos que os "Tratados" e pelo caráter contínuo que apresentavam, ao fornecer pequenas lições de cunho pedagógico e doutrinário, acabam por se constituir, "um dos melhores observatórios do movimento social na obra da escola e da formação" (NÓVOA, 1997, p. 46).

Considerar esses impressos como fontes significa ainda compartilhar com Nóvoa de que, em relação à imprensa, "é difícil encontrar um outro *corpus* documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as desilusões e as utopias que têm marcado o projeto educativo dos últimos dois séculos" (1997, p.

---

[64] A História da *Revista Catequética* ainda se apresenta em um cenário sombreado. Passos (1998) se refere ao Padre Negromonte como fundador desse periódico, enquanto Lustosa afirma que o mesmo foi fundado por Hélder Câmara, que, à época, era da Assistente da Ação Católica. Uma breve pesquisa empírica, forneceu algumas informações acerca da revista, mas não foi possível entrar nos detalhes de sua história. O ano de sua fundação, as circunstâncias em que ocorreu, os sujeitos que estavam em torno desse projeto, por exemplo, ainda não pode ser confirmado, uma vez que não foi localizado até agora os primeiros números dessa revista e nenhuma outra documentação ou registro sobre essa publicação. Nos arquivos do Seminário São José, consegui localizar apenas as revistas publicadas entre os anos de 1949 a 1958 e as revistas referentes ao ano de 1963. Em um mapeamento inicial dessas revistas, foi possível identificar, pelo menos, três diretores a frente do periódico: Cônego José M. Tapajós assumiu a direção da revista de 1949 a 1950, tendo o padre Hélder Câmara como redator; a partir de 1950, este assumiu a direção, tendo Negromonte como redator e, essa configuração permaneceu até 1958. No ano de 1963, Negromonte aparece como diretor da revista, mas não foi possível identificar o ano em que passou a desempenhar essa função, uma vez que os números publicados entre 1958 e 1963 não foram localizados. Não obstante a presença do padre Negromonte junto à revista desde os seus primeiros anos, e as marcas visíveis de aproximação com os *Boletins Catequéticos,* ela apresenta especificidades, que merecem uma investigação mais aprofundada, assim como a proximidade e parceria que se estabeleceu entre o padre Hélder e o padre Negromonte. Se os *Boletins Catequéticos* representavam uma experiência exitosa realizada por Negromonte, em Minas, com foco muito voltado para aquele estado, apesar de não se restringir a ele, a *Revista Catequética,* produzida no Distrito Federal, se configurava como um projeto que sistematizava, em âmbito nacional, a formação pedagógica/doutrinária das professoras/catequistas. Nesta pesquisa, acabei optando por focar nos *Boletins Catequéticos* por ter sido este, um dos primeiros canais utilizados por Negromonte para a formação docente. Interessava-me apreender a gênese do seu pensamento e do seu projeto pedagógico. Além disso, o contato com a *Revista Catequética,* só foi possível após o retorno do sanduíche em Portugal, e a complexidade do periódico o torna um interessante objeto de pesquisa, passível de uma investigação própria.

30). Pela sua agilidade de produção e circulação, o periódico permite captar aspectos do cotidiano educacional e coloca em circulação questões e problemáticas de seu próprio tempo, assim como revela as relações de força que se estabelecem entre teoria prescrita e as práticas efetivadas, as apropriações e os novos saberes produzidos a partir dessas relações, as aproximações e distanciamentos entre a tradição e inovação.

> São as características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o caráter fugaz e polêmico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia (NÓVOA, 1997, p. 31)

Por outro lado, um impresso pedagógico como o livro *A Pedagogia do Catecismo*, que foi produzido logo no primeiro ano da fundação do *Boletim Catequético*, permite apreender um projeto pedagógico mais denso, mais articulado que configura uma espécie de modelo de pedagogia a ser seguido. A densidade dos livros conforma os saberes neles veiculados que deveriam se perpetuar por mais tempo na memória dos seus leitores. Eles concentram em si, “lições de saber” doutrinário e pedagógico, seguidas de exemplos e sugestões de práticas que possuíam o sentido de reforçar a incorporação desses saberes. Pela forma como se estrutura e pelo seu objetivo pode ser considerado um “Tratado Pedagógico”, no sentido como define Marta Carvalho (2006), diferentemente dos periódicos que, por seu aspecto leve e mais próximo do cotidiano, permitem uma interlocução do leitor com os articulistas, com a redação, contando suas experiências a partir das orientações dadas no *Boletim* e contribuindo com suas produções, resultantes do trabalho em sala de aula.

Associar a formação do professora e do catequista e incitar essa ação conjunta nas salas de aula das escolas primárias do estado de Minas Gerais significava instituir, de forma legítima, uma cultura católica com o aval do próprio estado, tendo em vista que essas ações foram pensadas para os professores das escolas públicas e privadas. Significava, ainda, promover a formação de um perfil de professora que deveria ter a consciência integral dos seus deveres sociais e cristãos, mobilizando-se em prol do projeto de recristianização da nação.

Nesse sentido, além do tipo de professor que se pretendia formar, os *Boletins Catequéticos* e o manual *A Pedagogia do Catecismo* veiculavam ainda um modelo de pedagogia católica que aliava elementos da pedagogia moderna entendida como *arte de ensinar,* com alguns dos enunciados das escolas novas. Incorporados ao catolicismo, os princípios da Pedagogia Moderna, que serviram para modelar a escola paulista do final do século XIX, dividem o cenário educacional com muitos enunciados escolanovistas. Os enunciados e as prescrições veiculadas no *Boletim Catequético* dão mostras de como essa renovação do campo educacional católico estava impregnada de "modos de fazer" tão marcados pela Pedagogia Moderna, do início do século.

Não era interessante, estrategicamente, para os intelectuais católicos situados em torno do periódico, tomar partido de uma das correntes pedagógicas em disputa. Isso poderia gerar posições divergentes entre o professorado, com implicações no aumento do número de catequistas que deveriam somar forças e não se dividirem.

Essa preocupação em dialogar com as correntes escolanovistas, sem relegar os professores às suas próprias interpretações das novas orientações, levou muitos intelectuais católicos a se mostrarem abertos às novas correntes, naquilo que não ferisse os princípios católicos, mantendo a prática de mostrar aos professores "modos de fazer" essa incorporação em suas salas de aula. Apesar dos novos cânones, as lições práticas permaneceram como dispositivos fundamentais do projeto pedagógico de formação de professores católicos.

As duas classes de impressos aqui escolhidas para analisar o projeto de formação de professores põem em evidência aspectos importantes dos usos que os educadores católicos fizeram dos impressos na conformação desse campo doutrinário da pedagogia. Elas se destacam, ainda, por duas dimensões de análise que ajudam a compreender o entrecruzamento das esferas político-pedagógicas em seus discursos: o papel atribuído aos professores nessa tarefa de recristianização da nação através da reforma da sociedade pelo ensino de catecismo; e, um projeto de educação religiosa assentado no diálogo que os intelectuais católicos estabeleceram com as correntes escolanovistas.

2.1 *Boletins Catequéticos:* pequenas porções de doutrina e pedagogia para o professorado católico.

Nas páginas escritas por uns e por outros, as vozes estavam presentes[...]

Roger Chartier

Para Negromonte, a educação religiosa está no cerne da educação integral, proposta em seu projeto pedagógico. É em nome dela e através dela que diferentes sujeitos são envolvidos na tarefa de formar o católico. A catequese se revelava como um terreno fértil que vinha, através da publicação da Encíclica Acerbo Nimis e da Ação Católica, despertando o interesse dos clérigos e leigos e o incentivo por parte da hierarquia religiosa, mas a grande questão de base que estava em aberto era: quem formaria o cidadão católico? Conforme sinaliza Souza,

> as décadas de 20, 30 e até a metade dos anos 40 configuram um período bastante rico de iniciativas, no que tange ao reordenamento do catolicismo no Brasil. Um dos setores estratégicos desse empreendimento era, sem dúvida, a imprensa. No período compreendido pelo nosso recorte histórico[65], os impressos católicos, em geral (livros, jornais, revistas, etc) usualmente se auto-representavam como o extremo oposto do que era concebido como a má imprensa [...] A imprensa Católica qualificava-se como meio moralizador e saneador dos costumes e da sociedade, concomitantemente ao seu papel na conservação dos princípios e valores norteadores da ética cristã. (1998, p. 628).

Trabalhos como os do padre Álvaro Negromonte são expressivos dessa revisão pela qual a Igreja passou, conformando e difundindo um modelo de Pedagogia Católica que, oficialmente, só encontrou outras diretrizes nas propostas do Concílio Vaticano II. Seguindo o rumo das diretrizes da Ação Católica, Negromonte realizou um trabalho de caráter social pela via da educação. A instrução religiosa era o ponto nevrálgico que deveria ser resolvido, através do ensino de catecismo. A grande questão que se apresentava, de forma recorrente,

[65] Tal recorte se refere ao marco temporal de 1920 e 1950, período em que estava circunscrita a pesquisa sobre a produção e divulgação de prescrições e censuras de livros e leituras para a formação do público leitor em revistas católicas no período compreendido entre os anos de 1920 e 1950. Tal prática também é utilizada nos Boletins Catequéticos e será abordada adiante.

era: quem seriam esses catequistas[66]? Em um país de proporções tão grandes, contar somente com os párocos para fornecer instrução religiosa não era, efetivamente, uma estratégia muito eficaz, ainda mais quando se considerava que o seu contingente não era suficiente para atingir o universo projetado. Era imperativo criar uma estratégia para alcançar e formar o maior número possível de católicos, de maneira que o projeto de recristianização da nação se estabelecesse pelas bases.

O número reduzido de sacerdotes e as dificuldades de frequência no catecismo paroquial impulsionaram dois movimentos: aumentar o número de catequistas e utilizar um espaço mais adequado à educação religiosa. Sob esse influxo, Negromonte encaminhou ações para arregimentar um contingente de catequistas leigos, ao mesmo tempo em que se encarregava de sua formação doutrinária e pedagógica para atuarem, sobretudo, nas escolas, reinventando a catequese escolar.

Com esse objetivo, foi fundado o *Boletim Catequético,* em 1936, em Belo Horizonte. É importante considerar que a criação do *Boletim Catequético* não foi uma iniciativa isolada do padre Álvaro Negromonte. Ela fez parte do conjunto de iniciativas realizadas pelo Arcebispo D. Cabral, no sentido de implementar os resultados da Assembléia Catequética Nacional, realizada em 1928, naquele Estado. A primeira delas, como já foi assinaldo no capítulo anterior, foi a criação do Departamento Arquidiocesano de Ensino Religioso de Belo Horizonte, em 1932, sob a direção do padre Álvaro Negromonte, “um grande entusiasta da catequese, ‘com a finalidade de promover o ensino religioso nas escolas primárias e grupos escolares da Capital.’" (Arquidiocese: 28 *apud DANTAS, 2002, p. 50*).

> Além do Boletim, eram programadas atividades formativas para o ano letivo, como cursos intensivos e Semanas Catequéticas, enfocando os mais diversos assuntos referentes à formação do catequista e sua atuação em sala de aula: Evangelhos, Sacramentos da Igreja Católica, Psicologia Evolutiva e Formação de Valores e Hábitos, dentre outros. O conteúdo dos boletins, como também a organização dessas atividades, era preparado por uma equipe de catequistas e professoras que colaboravam com o Pe. Álvaro Negromonte. (Arquidiocese,1974 *apud p. Dantas 2002, p. 50*)

[66] Os catequistas são os responsáveis pelo ensino do catecismo, pelo ensino da doutrina e da moral cristã. Podem ser os párocos ou leigos.

Não foi por acaso que o primeiro volume do *Boletim* trazia na capa o endosso de D. Cabral, apresentando o periódico como uma “iniciativa mais oportuna, de mais imediata aplicação. Em boa hora o padre Álvaro Negromonte empreendera executá-la” (D. Cabral, 1940, p. 8).

Do ponto de vista metodológico, inicialmente, considerei realizar a análise deste periódico, entre o período de 1936 a 1945, por acreditar ter sido este o ano em que seu fundador teria deixado a direção do Boletim, ao se mudar para o Rio de Janeiro. Essa estratégia permitiria analisar o primeiro ciclo de existência do periódico, sob a direção do padre Álvaro Negromonte. Todavia, não foi possível localizar todos os números dos Boletins, assim como também não foi possível identificar quando, exatamente, o padre deixou a direção do periódico. Mantendo a hipótese de que sua permanência foi até 1945, os volumes editados sob sua direção chegariam a um total aproximado de 98, dos quais localizei apenas 42. Desses volumes, dispersos nos arquivos da Cúria Metropolitana de Belo Horizonte e da Biblioteca da PUC Minas, foi possível agrupar todos os volumes de 1936 a 1939. Os de 1940 não foram localizados e, quanto aos de 1941, foram localizadas apenas as edições dos meses de fevereiro, março, abril, maio e julho[67].

Apesar de haver encontrado na Cúria Metropolitana de Belo Horizonte alguns volumes encadernados em capa dura, o que revela uma intenção de conservação desse impresso e da história que ele encerra, eles estavam incompletos. É possível que a encadernação tenha sido feita por uma questão de ordem prática. A reunião de pequenas revistas em único volume facilitaria a guarda e evitaria as perdas, o que sugere uma técnica de organização de biblioteca que possui um sentido de preservação de uma história e de uma memória, viabilizadas por essas técnicas. Mas, se os dispositivos utilizados como a capa dura, a condensação em um único volume, indicam uma intenção de preservação, como saber por que os Boletins estavam incompletos? Apenas uma questão...

[67] Depois desse ano, só foram encontrados volumes de 1950, 1951, 1952 e 1959. Em relação a esses outros períodos, o índice de permanência na direção do periódico era muito baixo, se comparado com a fase em que Negromonte esteve em sua direção. Nesse período foi possível verificar, pelo menos, quatro editores do periódico: o pe. João Batista de Freitas entre 1950/1951; o pe. Luís Viegas de Carvalho, em 1952); o pe. Carlos José Gonçalves (1953/1954); e, o pe. Francisco Delile Pinto Ribeiro C.M, em 1959. O que se manteve de forma permanente foi a colaboração do padre em quase todos os volumes localizados, em forma de artigo de sua autoria, fragmentos de seus textos ou algum artigo sobre ele. Sua ausência do estado mineiro não significou o abandono ou a perda de um espaço no *Boletim Catequético* e junto ao professorado.

Por outro lado, ao aglomerar pequenos volumes em apenas um de capa dura, cria-se uma representação mais vistosa desse objeto no conjunto da biblioteca, mas ao mesmo tempo, descaracteriza-se o projeto editorial dessas revistas, de servirem como pequenas *caixas de utensílios*, com porções de “saber” e “saber fazer” para o professorado alimentar suas práticas educacionais diárias. Esses pequenos volumes, em toda a sua extensão, representam o investimento na formação contínua dos professores primários do estado de Minas.

Através desse periódico, Negromonte implementou um projeto de formação de catequistas, utilizando um contingente que já existia e crescia continuamente: o professorado católico. O êxito dessa estratégia representava um aumento expressivo no número de catequistas e refletia um projeto arrojado e ambicioso. O fato de ter sido implantado em Minas contava com a força da tradição católica no estado. Mas, para a hierarquia eclesiástica, em tempos de Ação Católica, não bastava apenas se dizer católico. Era preciso a mobilização e o engajamento de todos os católicos na reconstrução da cristandade no Brasil. No âmbito da educação, faltava aparelhar os professores, dando a eles lições de “saber”, “saber fazer” e inculcando o ensino religioso em suas práticas cotidianas, quase como uma extensão das suas convicções e da sua fé. Foi embasado nessa proposta que Negromonte apresentou o *Boletim Catequético:*

> Chegam-nos de toda a parte as queixas mais sentidas dos sacerdotes e das professoras acerca do catecismo. Aqueles lamentam a falta de catequistas que cuidem das centenas de crianças, de que eles não podem cuidar pessoalmente, e que as professoras públicas não ensinem catecismo nas escolas; estas lamentam a falta de manuais, de programas e, sobretudo, de conhecimento de religião. Enquanto isso, as crianças vão crescendo sem a indispensável formação cristã, de que depende uma verdadeira católica e a consequente salvação eterna. [...] Reconhecemos, entretanto a procedência das queixas de uns e de outras; os padres não têm os auxiliares que precisam, as professoras não estão aparelhadas para ser catequistas. Queremos auxiliá-los. Eis aí, a razão deste *Boletim.* Ficamos muito longe de atingir plenamente o nosso alvo, de realizar as ambições que tanto nos animam. Não faz mal. Começamos a fazer alguma coisa... que não existia. Continuaremos a alimentar nosso ideal: a formação integral das catequistas. E iremos vivendo a nossa realidade. Consolamo-nos em não ficar de braços cruzados, com medo da grandeza da tarefa. Sentimos que isso é melhor do que lastimar ... E não disfarçamos as nossas esperanças. As professoras mineiras são católicas na sua quase totalidade. Amam a Deus, amam a Igreja, amam os seus alunos. Fazer dessas crianças, verdadeiros cristãos, filhos dedicados da Igreja, fiéis servidores de Deus - é o ideal de todas. Nós vamos cooperar com elas na realização deste ideal. Contamos também com o auxílio de cada uma das professoras católicas, de cada uma das catequistas de Minas, para podermos fazer o bem que desejamos, podermos viver e crescer, com a graça de Deus, para a glória de Deus (Negromonte, ano I, nº 01, p. 1, 04/1936)

As estratégias discursivas utilizadas tinham como objetivo convencer o professorado mineiro de que ensinar o catecismo em suas salas de aula era uma tarefa ligada a uma causa maior, de âmbito nacional, que possuía como escopo a recatolicização da sociedade e, portanto, merecia a adesão de todos. Essa chamada à colaboração dos professores deveria refletir, primeiramente, na própria formação desse professorado, que passava a se construir e representar nessas bases. E, por conseguinte, visava a formação dos seus alunos, considerando-os, a longo prazo, como futuros cidadãos católicos convictos, aptos e dispostos a intervir na sociedade. Mas,

Além disso, o *Boletim* foi um veículo utilizado por Negromonte para dar visibilidade às suas idéias educacionais e às suas ações em prol da educação católica, marcando cada uma das suas iniciativas e produções bibliográficas como inaugurais e pioneiras na renovação da pedagogia católica. Ao longo do tempo em que ficou a frente do *Boletim,* e mesmo depois, todos os livros que publicou foram largamente divulgados, ainda no prelo, neste periódico e contavam, frequentemente, com uma recomendação de leitura feita por outros agentes do corpo eclesiástico, ressaltando o pioneirismo, o mérito e a importância da iniciativa. O padre Guilherme Boing foi um dos maiores propagadores das suas obras, atestando sobre elas em diversos números do periódico. Através dessa prática, o *Boletim* contribuiu ainda, de forma efetiva, para fazer circular os livros do padre dentro de um *corpus* de leituras autorizadas e prescritas pela hierarquia católica, que configuravam os saberes pedagógicos norteadores das práticas educativas da Igreja entre as décadas de 30 e 60 do século XX.

Esse tipo de dispositivo, que foi se configurando e dando forma ao *Boletim* como um veículo de formação de professores, mas também de promoção social do editor e do grupo que estava em seu entorno, deve ser lido também na materialidade do periódico. Não só os conteúdos veiculados pelo *Boletim,* mas as mudanças que ocorreram na fórmula editorial, ao longo dos anos pesquisados, produziram sentidos que acentuavam os usos desse impresso na conformação de um campo pedagógico, doutrinário e político. Os dispositivos textuais e materiais tornaram-se os fios condutores do meu olhar para esse projeto que, sob o rótulo da formação de

catequistas, comportava ainda, múltiplos objetivos e interesses pessoais e coletivos do grupo que foi se organizando em torno desse projeto, em dado momento.

Com um formato de 15cm (largura) x 22cm (altura) e treze páginas, com raras exceções, o Boletim não possuía uma estrutura rígida, mas apresentava uma lógica de organização interna que agrupava os artigos e as seções de acordo com os interesses abordados. Nessa "ordem", alguns protocolos orientavam a leitura: na capa, uma nota de alguma autoridade, como selo de legitimidade. O editorial, geralmente assinado pelo próprio Negromonte, trazia uma questão teórica ou problemática, as seções e os artigos internos eram selecionados de forma a complementar a problemática anunciada no editorial, sem muita rigidez. É possível perceber essa coesão mais evidente em alguns volumes do que em outros. Logo depois do editorial, os artigos e seções tratavam da formação doutrinária e pedagógica das professoras, atravessados por elementos que poderiam ser utilizados nas salas de aula como ferramentas didáticas (jogos, textos para leitura, exercícios)[68] e pelas propagandas. Tais dispositivos faziam com que o impresso pudesse ser utilizado tanto do ponto de vista teórico, uma vez que fornecia lições temáticas, quanto do ponto de vista didático.

Produzido pela Igreja para os professores, contou com a colaboração de representantes dessa categoria, também como articulistas e responsáveis de seções, como é o caso de Waleska Paixão, principal colaboradora do periódico, que assinava uma seção em todos os números, desde sua fundação, Maria Luísa Cunha, uma das mais recorrentes articulistas da Revista do Ensino, representante ilustre das mulheres católicas mineira, e Evangelina Gonzaga, professora do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, apontado por Negromonte como seu laboratório experimental dessa pedagogia renovada no âmbito do catecismo. A figura dessas três professoras merece destaque pela sua recorrência no periódico, mas é importante assinalar que elas não foram as únicas a contribuírem com o *Boletim,* que contava com a colaboração de outras articulistas, inclusive de outros estados, como era o caso de Celina Didier, de Pernambuco e Delfina Figueira de Melo, do Rio de Janeiro.

[68] Ver quadro de seções do *Boletim Catequético*, onde optei por agrupar todos esses elementos, em uma seção que intitulei como "Recursos Didáticos".

Essa estratégia de instituir autores que estabelecessem uma certa paridade com o público leitor, pelo gênero e pela função exercida, servia para fortalecer a crença desses leitores em relação à exiquibilidade da tarefa proposta. Faz parecer, ainda, que as vozes ressonantes não eram impostas hierarquicamente, mas eram fruto de um projeto construído na sua horizontalidade, atendendo aos interesses comuns de um grupo, o que produzia um sentido, um sentimento maior de pertença da parte de todos os agentes envolvidos. Entre estes, situam-se os que colaboram diretamente com a produção do *Boletim*, os que colaboram indiretamente, assinando numa categoria diferenciada de consumidor do periódico, como mantenedor compromissado, e os leitores/consumidores desse produto, que eram os grandes responsáveis pela continuidade do projeto.

Ao mesmo tempo, esse procedimento discursivo faz com que os professores/autores apareçam como partícipes de uma rede de sociabilidade que vai se consolidando em torno da temática da renovação do ensino religioso, projetando os personagens dessa história, em suas diferentes posições sociais e culturais, como sujeitos que possuem uma representação de distinção, tanto no campo educacional, como no religioso[69].

Talvez tenha sido essa distinção o elemento motivador da participação dos professores no periódico. Participar dos debates, experimentar e compartilhar os resultados dessa experiência, publicizando-os em algumas colunas do *Boletim* e nos Congressos e Semanas de Educação promovidas pelo Estado e também divulgadas no *Boletim* Catequético, eram formas de fazer parte e se afirmar nesse campo político e pedagógico que se organizava por diferentes caminhos. Por outro lado, a participação dessas professoras como parte de uma elite cultural, que vinha atuando na escolarização dos saberes religiosos, inserindo a doutrina católica no bojo dos saberes escolares, instaurava na cultura escolar, reconhecida como legítima e universalmente válida, o arbitrário da cultura católica. Essa conversão de um arbitrário cultural em cultura legítima conforme Bourdieu (1992), corresponde à

[69] O conceito de distinção é entendido aqui como um conjunto de disposições que configuram como um *habitus* de classe, típico da posição estrutural na qual os indivíduos foram socializados e diretamente relacionado aos diferentes tipos de capital (econômico, político, social, cultural, artístico, etc...) que detém em sua bagagem social (Bourdieu, 2007).

força da classe ou grupo social que o sustenta. De uma maneira geral, para esse autor, os valores arbitrários, capazes de se impor como cultura legítima, seriam aqueles sustentados por determinadas classes, portadoras de *habitus* de distinção, dentre as quais, ele situa os professores. Essa perspectiva de análise abre o horizonte para o investimento do padre Negromonte em chamar as professoras a participarem desse projeto de escolarização do catecismo, mobilizando um *quantum* variado de capitais na produção de uma cultura escolar católica, e, por conseguinte, legítima.

A materialidade do *Boletim* é indicativa das práticas que formalizam o uso desse impresso, assim como os protocolos de leitura põem em relevo as expectativas do autor e editor face ao público leitor constituído. Nesse sentido, vários foram os dispositivos materiais que orientaram a produção, a distribuição e a circulação das diretrizes pedagógicas que nortearam a renovação do ensino religioso no Estado de Minas e, posteriormente, no Brasil. Os procedimentos de composição e protocolos de leitura concebidos para instruir o leitor no manuseio e no consumo do periódico são significativos para perceber como o trabalho tipográfico "inscreve no impresso o que o editor supõe que seu público leitor é e o que ele pretende que ele seja" (Chartier, 1996, p. 98).

Do ponto de vista da composição, por exemplo, é possível verificar alguns dispositivos de *mise en texte,* os quais, a partir da perspectiva de Chartier (1996), são indicativos de como os editores distribuem o texto em uma página, remodelando sua apresentação, interferindo, nesse caso, de forma direta, na organização dos artigos, das seções, das imagens, quando estas existem, nas chamadas de propaganda, nas epígrafes que servem como dispositivos de autoridade, ao longo do periódico, sempre em busca de deixar o texto mais leve e nortear a prática de leitura. A partir daí, alguns sentidos podem ser inferidos, considerando que o produto final dessa operação é resultante de um trabalho conjunto do diretor da revista com o seu editor, onde a relação que se estabelece é de mútua cooperação[70], mas é o diretor da revista quem dá o aval final em relação ao produto que está veiculando.

[70] Essa relação entre diretor de revista e editor é menos tensa do que a relação autor/editor analisada por Chartier (1999).

Isso indica que todos os dispositivos tipográficos utilizados possuem o intuito de reforçar a produção de sentidos originalmente pensada pelo diretor da revista.

Divulgado mensalmente, o *Boletim Catequético* era vendido através de três tipos de assinaturas: anual, protetora e benfeitora. Cada uma custava, com preço de capa, 5$000, 10$000 e 20$000, respectivamente. Os assinantes anuais não eram divulgados, os protetores e benfeitores foram divulgados nos primeiros números e, depois, só os benfeitores tinham seus nomes listados, geralmente, na folha de rosto do *Boletim* e na quarta-capa. Todas as assinaturas eram anuais, correspondendo a dez números editados por ano, entre os meses de fevereiro e novembro[71]. Nos meses de dezembro e janeiro, a redação entrava de férias. As assinaturas deveriam ser pagas adiantadamente, acrescidas das despesas com o correio. A cada fim de ano, havia uma chamada para renovação das mesmas e, em alguns números, havia outra, destinada aos assinantes em atraso, possivelmente os que não renovaram suas assinaturas, para regularizarem sua situação junto ao *Boletim,* sob pena de suspensão do envio do periódico, uma vez que essa era apontada como a única fonte de renda com a qual contava[72].

Quanto à tiragem, não foi possível obter esses dados. Sabe-se, apenas, que o *Boletim* era publicado pela Editora São José, a qual, por sua vez, possuiu espaço de propaganda em todos os volumes aqui analisados. Esse espaço reservado à publicidade, que aparece desde o primeiro número, mantém, ao longo dos quarenta e dois volumes, um pequeno universo de anunciantes que se alternam, aparecendo ora na segunda capa, ora na quarta capa, e, esporadicamente, no interior do periódico, como é o caso da Editora São José e do jornal “O Diário”.

Os anúncios da Escola de Enfermagem e do jornal “O Diário” se mantiveram na sempre quarta capa. O jornal algumas vezes tinha seu anúncio duplicado também no interior do *Boletim.* Os dois anúncios asseguravam os interesses do

---

[71] Com exceção do primeiro ano, que teve o seu primeiro número lançado em abril. No ano seguinte, 1937, a redação publicou apenas oito números, para acertar o ano editorial de acordo com o ano letivo, reforçando, com isso, que os professores eram, efetivamente, seus principais destinatários e que o *lócus* de ação privilegiado pelo periódico para o ensino de catecismo era o espaço escolar.

[72] Apesar da forte campanha que o *Boletim* fazia em relação à importância de angariar assinaturas e mantê-las em dia, porque era a única fonte de renda do periódico, é importante destacar a presença de propagandas em todos os volumes do *Boletim* e a venda de todos os livros recomendados à biblioteca das catequistas e dos alunos.

editor e da redatora. O jornal era católico e Negromonte possuía no mesmo, uma coluna diária intitulada “Vida Católica”. Waleska Paixão era professora e, a partir de 1938, se tornou diretora da Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC), como já foi assinalado. Com o tempo, o *Boletim* serviu como veículo de propaganda também para os livros publicados pelos dois autores, com exceção do manual *Educação Sexual*, do padre Álvaro Negromonte, publicado em 1939[73].

ESCOLA DE ENFERMAGEM "CARLOS CHAGAS"

CURSO GERAL DE ENFERMAGEM

3 ANNOS EM 6 SERIES

Preparam-se technicas abalizadas para qualquer especialidade da clinica hospitalar, da particular, sanatorios dispensarios, ambulatorios, casas de saude, ciurgia-medica, anesthesistas, hospitaes de isolamento, assistencia a molestias contagiosas agudas e chronicas, enfermagem de Saude Publica etc., formando-as com esmero moralmente para a delicada e sublime missão de enfermeira:—aliviar a dor—consolar os que soffrem—defender e proteger a vida humana.

CURSO ANNEXO DE «CRUZ VERMELHA»

1 ANNO EM TRES SERIES

Destinado a dar ás senhoras e moças de nossa sociedade os conhecimentos grandemente necessarios de enfermagem domestica e de urgencia de puericultura e acção social que vão tornal-as mais uteis de mais valor no lar, na sociedade e á Patria.

Possue a Escola um provecto corpo de professores instructoras e direcção segura, e internato aprazivel e confortavel.

Séde—Hospital S. Vicente de Paulo—Bello Horizonte Tel. 3309—Internato —: Rua do Chumbo, 601—Serra—Bello Horizonte—Tel. 2945 :—

"O DIARIO"

UNICO JORNAL CATHOLICO

Noticioso

Moderno

Independente

E' o Jornal que todo catholico deve assignar

Assignatura annual 40$000

Assignatura semestral 25$000

EDITORA S. JOSE'

Livros, folhetos, folhas semanarias e avulsos em geral.

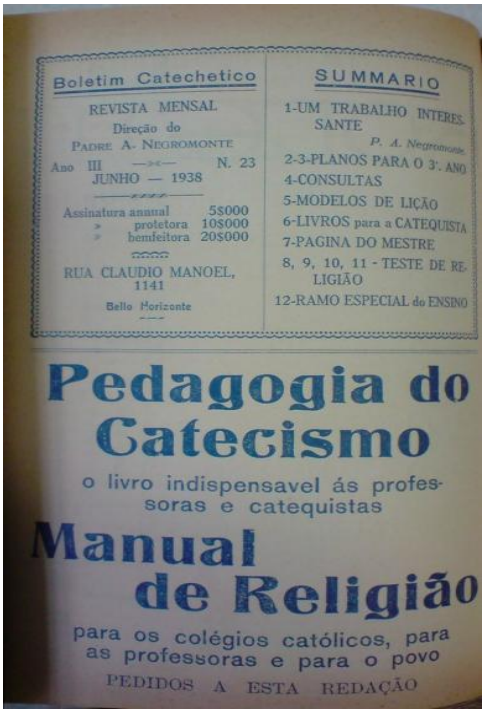
M. M. Silva Diniz

Rua Moscovita, 87

Telephone, 2 5 0 3

Bello Horizonte (Prado)

Figura 2 : Quarta capa típica do 1º ano do Boletim


Boletim Catechetico

REVISTA MENSAL

Direção do

PADRE A. NEGROMONTE

Ano III — N. 23

JUNHO — 1938

Assinatura annual 5$000

» protetora 10$000

» bemfeitora 20$000

RUA CLAUDIO MANOEL, 1141

Bello Horizonte

SUMMARIO

1-UM TRABALHO INTERESSANTE

P. A. Negromonte

2-3-PLANOS PARA O 3'. ANO

4-CONSULTAS

5-MODELOS DE LIÇÃO

6-LIVROS para a CATEQUISTA

7-PAGINA DO MESTRE

8, 9, 10, 11 - TESTE DE RELIGIÃO

12-RAMO ESPECIAL do ENSINO

Pedagogia do Catecismo

o livro indispensavel ás professoras e catequistas

Manual de Religião

para os colégios católicos, para as professoras e para o povo

PEDIDOS A ESTA REDAÇÃO

Figura 3: Segunda capa do nº 23

Quanto à distribuição dos boletins, é possível inferir que não fosse feita apenas para os assinantes. Em vários volumes, há notas de agradecimento pelo envio do *Boletim*, com algum comentário endossando a iniciativa. Nos anos subsequentes, a capa é usada também com finalidade pedagógica, mas no primeiro ano, sobretudo, ela é aproveitada para publicizar a legitimação que o *Boletim*

[73] Este é um dado relevante, porque o *Boletim* divulgou todas as obras publicadas pelo padre nesse período, inclusive as reedições. Todavia, o manual *Educação Sexual,* apesar de ser endereçado, no título, aos pais e educadores, não teve sua publicidade veiculada pelo *Boletim Catequético*. Esse dado me faz levantar a hipótese de que, apesar do caráter pedagógico, o *Boletim* se constituía um espaço político privilegiado e que não valia a pena fragilizá-lo com uma questão não consensual no campo religioso, como a educação sexual, ao contrário do ensino religioso e da necessidade de melhorar a formação do professorado católico, que tinham o consenso dos seus pares. Assim, talvez Negromonte optasse por manter o *Boletim* como um espaço neutro das polêmicas internas do campo religioso. Talvez isso justifique também porque, nesse dispositivo impresso, o foco é muito mais acentuado no conhecimento doutrinário das professoras. As questões pedagógicas aparecem como pano de fundo para viabilizar o ensino religioso, através de modelos de lições, onde algumas contribuições da pedagogia escolanovista são incorporadas, como é o caso do jogo, por exemplo.

alcança junto a membros da hierarquia eclesiástica, como se pode ver no texto abaixo, publicado na capa do nº 03.

> Recebo, acompanhado de uma carta, o primeiro número do *Boletim*, destinado a fomentar as atividades em favor do ensino do Catecismo [...] Por esta clarividência do problema social católico e por tão clara orientação, está V. Revma. de parabéns. O *Boletim* guiará o clero e as catequistas no desenvolvimento do principal ofício apostolar, que é o ensino da doutrina cristã. Acrescento minhas bênçãos, para o *Boletim*, as que já foram concedidas pelo Excmo e Revmo Sr. Arcebispo D. Antônio dos Santos Cabral. (Ranulpho[74], BC, nº 03, junho de 1936)

Essa prática de enviar livros, periódicos com dedicatória como um presente constitui uma estratégia de fazer circular o impresso, alargando seus horizontes e impingindo a leitura da obra a destinatários muito específicos, que poderiam servir para legitimá-la, propagá-la, ou adotá-la como referência em suas práticas formativas. De tal forma, que publicar os pareceres dos seus destinatários, também servia como importante dispositivo avalizador da obra, sobretudo ao se considerar que esses destinatários possuíam alguma influência no campo religioso, ou educacional.

Essas estratégias utilizadas permitem compreender o *Boletim* como um veículo político de circulação das ideias do padre Álvaro Negromonte e do grupo que foi se constituindo em seu entorno nessa discussão sobre a face moderna do ensino religioso. Tais ideias configuram uma Pedagogia Católica ancorada em princípios propagados por várias correntes do movimento das Escolas Novas. Nesse sentido, as ações desse grupo não só foram veiculadas, mas postas como modelos e referências para a renovação do ensino religioso no país, a partir do Estado de Minas Gerais, fazendo germinar, no interior do campo educacional católico, novas propostas que apontavam outros modos de fazer o ensino religioso, demonstrando-as como mais eficazes[75].

Estratégias similares podem ser vistas nas “revistas do ensino” de diferentes estados, levando em conta a sua condição de instrumentos da imprensa periódica

---

[74] Bispo de Guaxupé, município de São Sebastião do Paraíso, no Estado de Minas Gerais.

[75] Boa parte dos seus assinantes era da capital e do interior do estado de Minas, mas é importante assinalar a colaboração que recebia de professoras de outros estados. Esse dado é um indício relevante para pensar que, apesar de ser um periódico local, seu editor o difundiu também fora das fronteiras de Minas Gerais. No nº 12, é publicada uma lista de correspondentes fora da capital que indicam práticas de circulação do impresso dentro do estado de Minas. Ver lista no anexo G.

oficial[76]. No caso da Revista do Ensino de Minas Gerais, periódico oficial da educação direcionado a todos os agentes do campo educacional desse Estado, publicado entre 1925 e 1971, a representação de professor veiculada era a de um "agente responsável pela implementação das diretrizes e das propostas educativas e pedagógicas que estavam sendo veiculadas pela Diretoria da Instrução Pública, pela Inspetoria-Geral da Instrução e, posteriormente, pela Secretaria da Educação" (Bicas, 2006, p. 77). No caso do *Boletim Catequético*, seu diretor também acreditava no professor como esse "agente responsável pela implementação das diretrizes pedagógicas e das propostas educativas e pedagógicas veiculadas pelo Governo" associando-as, porém, às diretrizes veiculadas pela Igreja para a renovação do ensino religioso.

O Estado de Minas possui uma importância particular nesta pesquisa, porque foi onde Negromonte produziu a maior parte da sua Biblioteca Pedagógica[77] e desenvolveu seu projeto de formação de professores/catequistas através do *Boletim Catequético*. Além disso, a Revista do Ensino desse estado fez circular, entre os professores, um pensamento educacional que aliava, com aparente tranquilidade, o conservadorismo católico e a inovação pedagógica em seus enunciados. Cabe assinalar que esse não era um ponto pacífico nos diferentes projetos educacionais, elaborados nessa mesma época em outros estados brasileiros. Na Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, por exemplo, o discurso do "novo" aparecia imbricado com o discurso tradicional em algumas falas, "principalmente naquelas referentes ao papel da educação e à função do educador", mas essa relação "não era uma questão tranquila nem resolvida" (BASTOS, 2005, p. 151).

No entanto, em Minas, desde a recolocação do ensino religioso como componente curricular nas escolas públicas, a aliança estabelecida entre a tradição

[76] Diferentes pesquisadores vêm atentando para a imprensa educacional, como foco privilegiado de observação para a História da Educação no Brasil. Alguns deles elegeram o periódico "A Revista do Ensino" como objeto de suas investigações e ressaltaram as diferentes estratégias de produção, circulação e apropriação que esses impressos utilizaram para veicular os saberes pedagógicos que marcaram o campo educacional à época de sua produção. Nesse sentido, chamo a atenção para os trabalhos de Maurilane Bicas sobre A Revista do Ensino do Estado de Minas; assim como Denice Catani, que atentou para A Revista do Ensino de São Paulo, e Maria Helena Câmara Bastos que investigou um periódico semelhante no Rio Grande do Sul. Apesar de a Revista do Ensino de Minas Gerais só publicar um artigo do padre Álvaro Negromonte, a temática do catecismo e do ensino religioso vinha sendo largamente difundida por esse veículo de formação dos professores.

[77] Ver quadro de produções no anexo B, considerando as respectivas datas de publicação das obras, tendo em vista duas referências temporais fundamentais para sua carreira: o período em que viveu em Minas (1927-1945) e o período em que viveu no Rio de Janeiro (1945-1964).

católica e a inovação pedagógica no campo educacional delimitava, para a primeira, orientar os fins da educação enquanto a inovação pedagógica que se instaurava, sobretudo com base na Psicologia da criança, orientava a renovação dos métodos.

O processo de produção do *Boletim* levou em consideração uma representação de professora como agente responsável pela inculcação dos valores e hábitos católicos nos futuros cidadãos. Tal “missão”, entretanto, demandava um perfil considerado como apropriado, não só para o exercício da tarefa educativa, mas para a posição de visibilidade que essas mulheres passavam a ocupar, sob o aval da Igreja. O engajamento das mulheres na obra social e educativa da Igreja serviu para que houvesse uma revisão das características consideradas tipicamente femininas. Atributos como a passividade, outrora considerados quase como inerentes às mulheres, não cabiam mais em um contexto onde essas mesmas mulheres começavam a brigar e ganhar, aos poucos e com grande custo, alguns espaços na sociedade.

Usar essa disposição para a militância em favor das ações educativas foi uma das estratégias adotadas pela Igreja para fabricar professoras/catequistas. Com isso, ampliava-se a esfera de ação da mulher burguesa, aumentava seu poder de expressão e de visibilidade, tornando-a partícipe de um projeto maior político e social em defesa dos interesses do catolicismo. Esse outro lugar, no entanto, lhe circunscrevia um padrão de moralidade e comportamento que tinha na visibilidade tão desejada, a sua maior censora.

O perfil da professora catequista, inscrito reiteradas vezes e de tantas formas no *Boletim Catequético,* subtendia um modelo de mulher católica que deveria ser forte, resoluta, consciente da sua missão educativa e, consequentemente, da sua importância para o futuro do país. Apesar de toda essa exposição funcionar como um freio regulador, muitas mulheres corroboraram com essas normatizações, contribuindo com a sua propagação, como forma de satisfazer aspirações pessoais. As normas funcionavam para censurar, ao mesmo tempo em que serviam para promover um tipo de comportamento exemplar, carregado de um sentido de distinção social. Dentro dessas prescrições, a “boa catequista” deveria possuir sólida formação intelectual, pedagógica, doutrinária e moral, que compreendia,

dentre outras coisas, saber bem o catecismo, preparar bem as aulas, usar bons métodos em suas salas de aula, realizar a meditação de manhã, nunca descuidar do exame de consciência, cuidar da leitura espiritual, ir à missa e à comunhão todos os dias. Além disso, deveria deixar sobressair o seu maior dom: amar as crianças. Assim, sua vida e seus valores poderiam servir como um espelho aos seus alunos e à sociedade. Em diferentes números esses atributos eram ressaltados ou em página cheia, ou em pequenos quadros que funcionavam para chamar a atenção do leitor, ocupando uma parte significativa da página. Nesse panorama, o número 35, publicado em agosto de 1939, traz um desses quadros que se destaca, nesse universo, pela forma como ele se intitula: alguns traços para o retrato da educadora perfeita, um fragmento traduzido do livro *Comment former des hommes,* de Henry Pradel. Assim, ela define:

> Alguns traços para o retrato da educadora perfeita:
> - Não digamos que não há nada a fazer com tais alunos.
> - Não nos iludamos sobre nossa aparente autoridade.
> - Não tomemos o lugar da criança, paralisando-lhe as iniciativas.
> - Não poupemos esforços.
> - Ao imponhamos, mas façamos desejar o que queremos.
> - Não sejamos excessivamente administrativas.
> - Não desprezemos as tarefas modestas.
> - Não sejamos meticulosas demais.
> - Não condenemos todos os alunos a dar o mesmo resultado.
> - Não deixemos os alunos mais inteligentes submetidos ao regime comum. (H. PRADEL *in* BC, nº 35, agosto de 1939, p. 12)

É interessante perceber como as próprias mulheres assumiram esse papel de difundir essa representação e essa função pedagógica e moral que lhe foi sendo atribuída, desempenhando entre o público feminino um papel de censoras, antes, atribuído quase que exclusivamente, à Igreja.

A epígrafe de Pio XI, utilizada na capa do nº 51 , atribuía às mulheres grande parte da responsabilidade da educação e propagação da religião católica. “O fruto do catecismo depende quase totalmente do zelo, da inteligência e da habilidade com que as catequistas conseguirem tornar o ensino mais fácil e agradável” (BC, junho de 1941, capa). Na última página, uma mulher, Judith Monteiro, demonstrava não só ter assimilado a mensagem, como incitava outras mulheres na mesma direção, se referindo da seguinte maneira às catequistas:

> Já pensaste alguma vez que muitas e muitas das crianças que te foram confiadas, não terão oportunidade de receber outro ensino de catecismo, outra formação da alma, a não ser a que lhe deres? [...] De teu esforço depende pois a salvação de muitas almas... Este pensamento não te dá coragem para o trabalho catequista?" (BC, nº 51, julho de 1941, p. 13)

De uma maneira geral, o *Boletim* tinha um caráter, sobretudo, formativo, mas funcionando também, como um importante veículo de informação acerca do que estava sendo produzido na área, desde as mais recentes e recomendadas publicações, aos eventos realizados que abordassem a temática do ensino religioso. Com isso, seu diretor se propunha a atualizar o professor em relação às novidades pedagógicas e às ações da Igreja no campo educacional, assim como às iniciativas congêneres de outros países.

A estabilidade em relação à periodicidade mensal do *Boletim,* que, durante a direção do padre Negromonte nunca, se alterou, mesmo quando o periódico teve problemas com atraso nos pagamentos das assinaturas, facilitava no acompanhamento do trabalho com as professoras, seguindo o ano letivo. Posteriormente, essa estabilidade se manteve, mas o *Boletim* passou a ser bimensal e o valor da assinatura foi reajustado[78].

O projeto gráfico do *Boletim* também é bastante significativo e auxilia na compreensão dos dispositivos utilizados pelos editores na produção de sentidos dos textos veiculados e do impresso como produto cultural. Esses sentidos se revelam por múltiplos caminhos, dentre os quais privilegiamos aqui as capas, o verso da capa ou segunda capa, a terceira e a quarta capa, assim como a escolha do tipo de papel, as cores utilizadas e as ilustrações.

As capas, por exemplo, no tempo em que se considerou essa análise, foram remodeladas três vezes e não só em seu projeto gráfico. Em todos os volumes, as capas também veicularam informações importantes para o leitor, porque comportavam, muitas vezes, a opinião de alguma autoridade do campo religioso católico em relação ao próprio *Boletim*, ou ao ensino religioso.

---

[78] Não foi possível localizar a data da mudança na periodicidade do Boletim, mas constatou-se que, em 1950, ele se constituía como uma publicação bimensal.

Figura 4: Capa BC, nº 7.

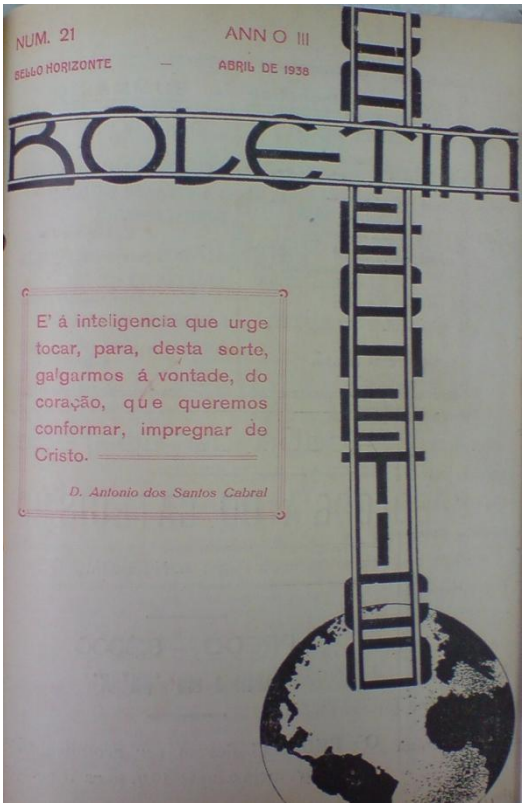


Figura 5: Capa BC, nº 21.

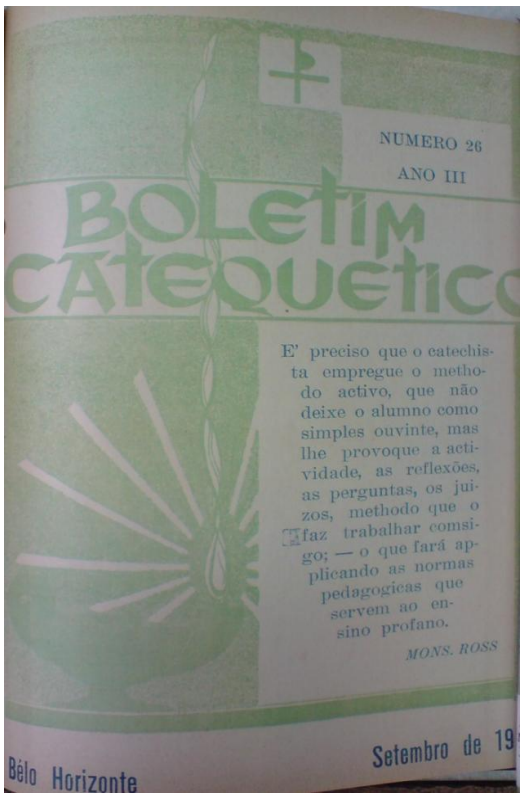


Figura 6: Capa BC, nº 26.

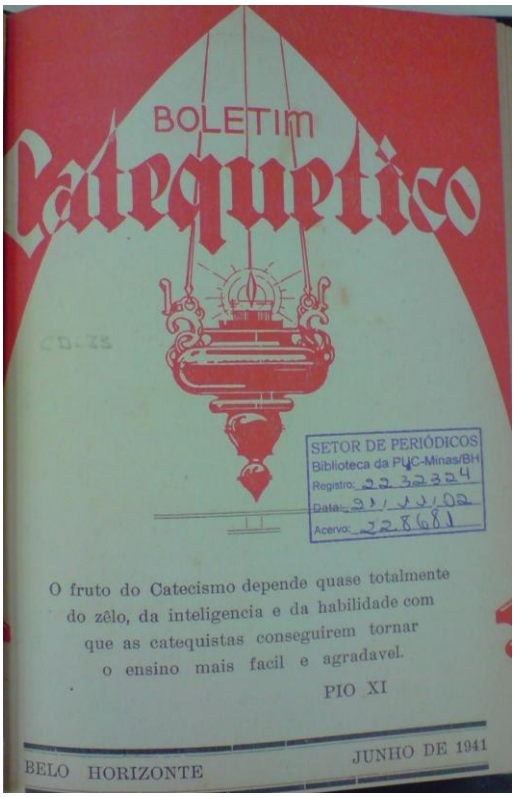


Figura 7: Capa BC, nº 51.

Os primeiros vinte e três números, compreendidos entre abril de 1936 e junho de 1938, apresentavam um tipo de capa em duas cores, que indicava, pela ilustração, o ideário do projeto empreendido. Sua composição gráfica permite inferir um movimento ascendente da Terra para o Céu, ligado pelo nome do periódico em cruz, o que veicularia essa ideia de transição pela formação religiosa.

Em relação ao segundo modelo, não foi possível precisar quantos números circularam com ele, mas essa mudança foi divulgada no próprio periódico, que pediu a colaboração dos professores para a composição da nova capa. A justificativa era a mudança da ortografia oficial. Isso não significava uma mudança total da capa, necessariamente, mas se constituía em uma excelente oportunidade de mobilizar os professores em torno do *Boletim*, reforçando o sentimento de parceria desse projeto. Na apresentação do número 24, em julho de 1938, a nova capa é explicada como um aprofundamento do simbolismo da primeira[79].

Em relação ao terceiro modelo, que permaneceu por mais tempo, não foi possível datar, neste trabalho, o seu início nem a sua motivação. Possivelmente, essa informação está presente em um dos números publicados em 1940, que não foram localizados no levantamento das fontes. Todavia, o aspecto gráfico que a compõem indica uma aproximação da capa anterior. Mais uma vez, a lâmpada da fé sé utilizada, ocupando posição central no *Boletim,* sugere pensar não só na fé que o catecismo pretendia acender no coração do povo, mas também, na presença de Cristo no *Boletim,* uma vez que o objeto utilizado dessa vez, na capa, é o que indica a presença de Jesus no altar.

As cores que compuseram o projeto gráfico do *Boletim* também são permeadas de sentido e, por isso, merecem atenção. Nos dois primeiros anos de publicação, o *Boletim* apresentou todas as suas capas padronizadas em duas cores: preta e vermelhas. Salvo três exceções que saem em preto e branco: o número 1, o

[79] De acordo com a redação, “Apresentamos hoje uma nova feição. A ortografia oficial nos obriga a nova capa. Vários leitores, atendendo ao nosso pedido, enviaram-nos desenhos. Alguns, realmente muito lindos. Escolhemos este, da senhorita Amelinha Monteiro, professora de desenho do grupo escolar “Afonso Pena” desta capital. Foi o que nos pareceu mais rico de simbolismo. É a lâmpada da fé, que o catecismo quer acender no coração do povo. O fumo vai dar ao PX no alto, e o X está em forma de cruz, juntando nova significação ao conhecido monograma de Cristo. Que este Boletim Catequético sirva para manter acesa a lâmpada que recebemos no Batismo e que devemos ter na mão quando formos para o as núpcias eternas com o Senhor” (Redação, nº 24, julho de 1938, verso da capa).

5/6[80] e o 7. O número 5/6 traz ainda outra diferenciação em relação aos demais, ao introduzir duas páginas encartadas em papel *couché* no corpo do *Boletim,* para destacar três fotos: as duas primeiras do Cardeal D. Leme e do Arcebispo D. Cabral; a outra, do padre Álvaro Negromonte, em uma homenagem feita por seus colaboradores, de forma modesta (em preto e branco), mas que refletia um tratamento especial, pela distinção do papel utilizado, e contribuía para formar uma representação junto ao leitor. Possivelmente, a razão pela qual se optou pelas capas monocromáticas, na publicação desses boletins com fotos, foi o barateamento dos custos de impressão.

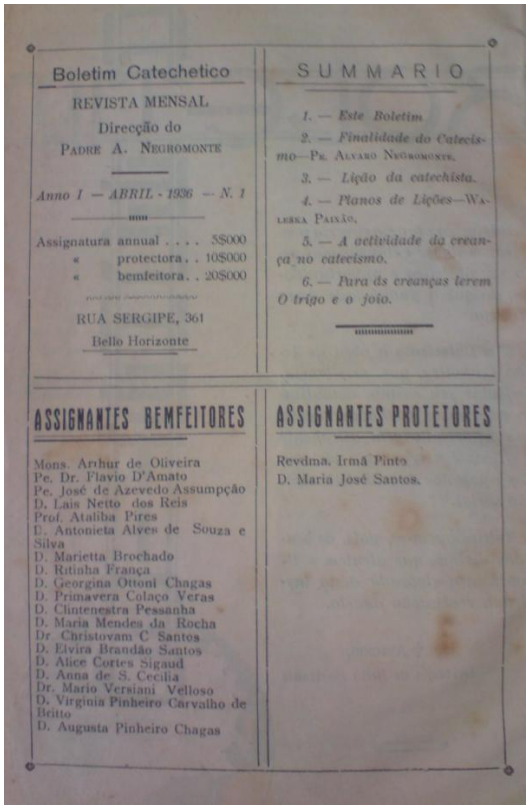
A partir de junho de 1938, pode-se verificar ligeiras mudanças. As cores da capa permanecem padronizadas, mas, no verso da capa aparece uma terceira cor azul turquesa e tipos diferenciados e significativamente maiores para anunciar os livros do padre Álvaro Negromonte, “Pedagogia do Catecismo” e “Manual de Religião”. Em julho de 1938, novas capas passam a abrir o *Boletim*, e se apresentam novas, não só no formato, mas, também, nas suas cores. Nesse momento, foram incorporadas três cores: preto, branco e azul, em uma dimensão espacial maior que nos números anteriores, tonando a sua apresentação mais viva. A partir do número 26, outras cores foram sendo incorporadas, dando um tom diferente a cada número do *Boletim*. Essa estratégia sinaliza para o leitor uma prática de renovação que coincide com o que estava sendo proposto para o catecismo, nas aulas de religião. A mudança das cores, e por cores mais vivas, sugere o desejo de incutir vivacidade nas questões religiosas, demonstrando para os professores como isso interfere e repercute no interesse do leitor em relação ao material impresso e aos saberes nele veiculados, culminando na relação ensino-aprendizagem.

A partir daí, alguns números variavam entre duas ou três cores na composição do projeto gráfico, possivelmente relacionado às questões de custo e de recebimento de assinaturas, mas se manteve o padrão de cores vivas na capa, que se distinguia sobremaneira do aspecto sóbrio que o *Boletim* possuía em seus primeiros anos. No terceiro modelo de capa adotado pelo *Boletim,* com exceção do

[80] Esse é o único caso, sob a direção do padre Álvaro Negromonte, em que são publicados dois números em um mesmo Boletim.

número 50, que utilizou três cores, os demais adotaram duas cores, mantendo a vivacidade da capa, padrão que se manteve, mesmo depois da saída do padre Negromonte da direção do periódico e se estendeu, considerando os limites dessa investigação, até 1959.

O verso da capa, a terceira capa e a quarta capa foram utilizados de diferentes maneiras, ao longo do período analisado, mas serviram, fundamentalmente, para transmitir propagandas, anúncios e pequenos textos formativos. Alguns desses dispositivos sofreram poucas variações no interior do periódico. O verso da capa, inicialmente dividido em quatro partes, passou, posteriormente, para três; duas dividiam a parte superior da página como quadros. O primeiro trazia informações acerca do *Boletim*, direção, ano, número, assim como endereço e valores das assinaturas; o segundo quadro era destinado ao sumário. A parte inferior da página, inicialmente dividida e informando sobre os assinantes benfeitores e protetores, deu lugar a apenas um quadro maior, que servia para dar mais destaque a alguma propaganda, ou tema, como se pode ver abaixo. Inicialmente usado de forma estratégica para angariar assinantes, pela divulgação de quem já havia se comprometido com o projeto, o espaço do verso da capa passou a ser utilizado de acordo com os interesses mais imediatos da direção do periódico.



Boletim Catechetico

REVISTA MENSAL

Direcção do

PADRE A. NEGROMONTE

Anno I — ABRIL - 1936 — N. 1

Assignatura annual . . . . 5$000
« protectora . . 10$000
« bemfeitora . . 20$000

RUA SERGIPE, 361

Bello Horizonte

SUMMARIO

1. — Este Boletim.

2. — Finalidade do Catecismo—PE. ALVARO NEGROMONTE.

3. — Lição da catechista.

4. — Planos de Lições—WALESKA PAIXÃO.

5. — A actividade da creança no catecismo.

6. — Para ds creanças lerem O trigo e o joio.

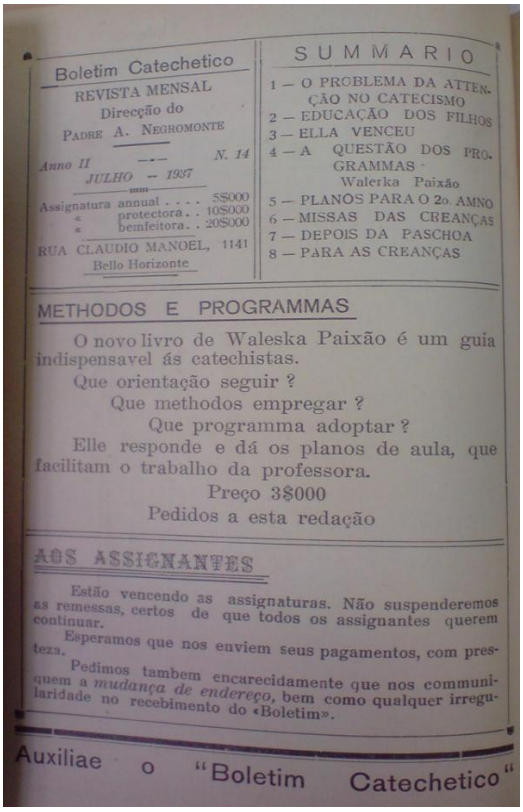
ASSIGNANTES BEMFEITORES

Mons. Arthur de Oliveira
Pe. Dr. Flavio D'Amato
Pe. José de Azevedo Assumpção
D. Lais Netto dos Reis
Prof. Ataliba Pires
D. Antonieta Alves de Souza e Silva
D. Marietta Brochado
D. Ritinha França
D. Georgina Ottoni Chagas
D. Primavera Colaço Veras
D. Clintenestra Pessanha
D. Maria Mendes da Rocha
Dr. Christovam C Santos
D. Elvira Brandão Santos
D. Alice Cortes Sigaud
D. Anna de S. Cecilia
Dr. Mario Versiani Velloso
D. Virginia Pinheiro Carvalho de Britto
D. Augusta Pinheiro Chagas

ASSIGNANTES PROTETORES

Revdma. Irmã Pinto
D. Maria José Santos.

Figura 8: Segunda capa BC, nº 01



Boletim Catechetico

REVISTA MENSAL

Direcção do

PADRE A. NEGROMONTE

Anno II — *N. 14*

JULHO — 1937

Assignatura annual . . . . 5$000
« protectora . . 10$000
« bemfeitora . . 20$000

RUA CLAUDIO MANOEL, 1141

Bello Horizonte

SUMMARIO

1 — O PROBLEMA DA ATTENÇÃO NO CATECISMO
2 — EDUCAÇÃO DOS FILHOS
3 — ELLA VENCEU
4 — A QUESTÃO DOS PROGRAMMAS
Walerka Paixão
5 — PLANOS PARA O 2o. ANNO
6 — MISSAS DAS CREANÇAS
7 — DEPOIS DA PASCHOA
8 — PARA AS CREANÇAS

METHODOS E PROGRAMMAS

O novo livro de Waleska Paixão é um guia indispensavel ás catechistas.

Que orientação seguir ?

Que methodos empregar ?

Que programma adoptar ?

Elle responde e dá os planos de aula, que facilitam o trabalho da professora.

Preço 3$000

Pedidos a esta redação

AOS ASSIGNANTES

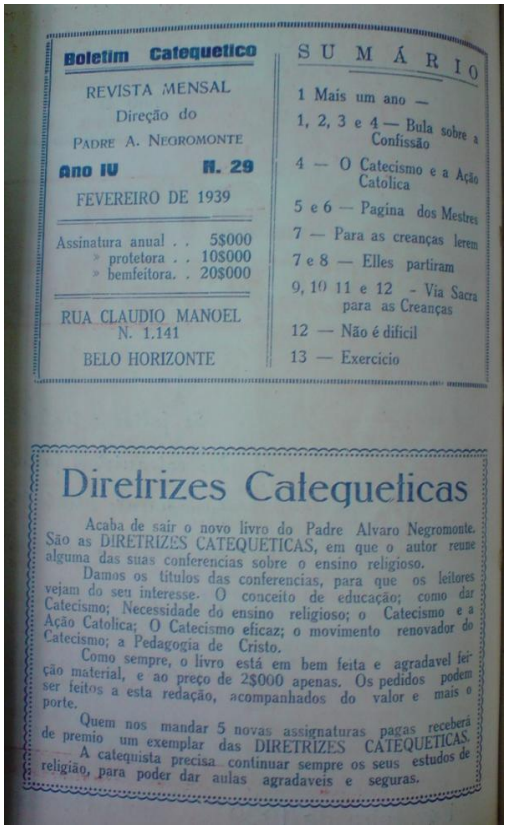
Estão vencendo as assignaturas. Não suspenderemos as remessas, certos de que todos os assignantes querem continuar.

Esperamos que nos enviem seus pagamentos, com presteza.

Pedimos tambem encarecidamente que nos communiquem a *mudança de endereço*, bem como qualquer irregularidade no recebimento do «Boletim».

Auxiliae o "Boletim Catechetico"

Figura 9: Segunda capa, BC, nº 14



Boletim Catequetico

REVISTA MENSAL

Direção do

PADRE A. NEGROMONTE

Ano IV — N. 29

FEVEREIRO DE 1939

Assinatura anual . . 5$000
» protetora . . 10$000
» bemfeitora. . 20$000

RUA CLAUDIO MANOEL N. 1.141

BELO HORIZONTE

SUMÁRIO

1 Mais um ano —
1, 2, 3 e 4 — Bula sobre a Confissão
4 — O Catecismo e a Ação Catolica
5 e 6 — Pagina dos Mestres
7 — Para as creanças lerem
7 e 8 — Elles partiram
9, 10 11 e 12 - Via Sacra para as Creanças
12 — Não é dificil
13 — Exercicio

Diretrizes Catequeticas

Acaba de sair o novo livro do Padre Alvaro Negromonte. São as DIRETRIZES CATEQUETICAS, em que o autor reune alguma das suas conferencias sobre o ensino religioso.

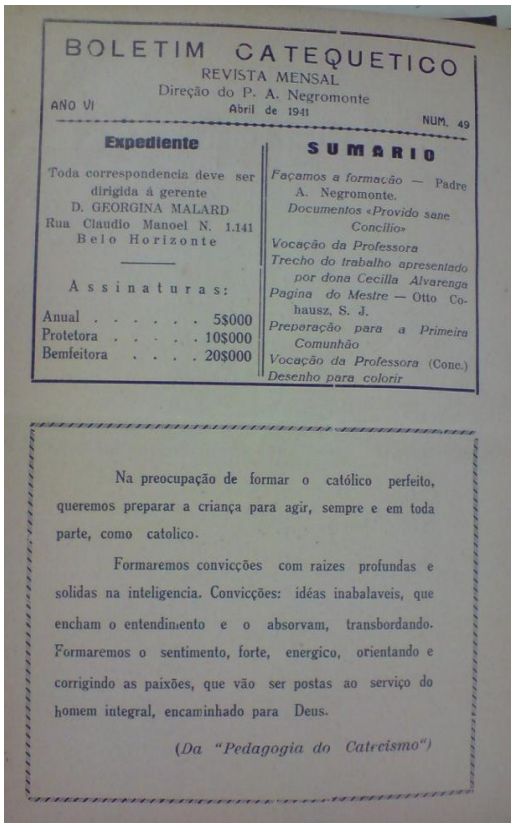
Damos os titulos das conferencias, para que os leitores vejam do seu interesse. O conceito de educação; como dar Catecismo; Necessidade do ensino religioso; o Catecismo e a Ação Catolica; O Catecismo eficaz; o movimento renovador do Catecismo; a Pedagogia de Cristo.

Como sempre, o livro está em bem feita e agradavel feição material, e ao preço de 2$000 apenas. Os pedidos podem ser feitos a esta redação, acompanhados do valor e mais o porte.

Quem nos mandar 5 novas assignaturas pagas receberá de premio um exemplar das DIRETRIZES CATEQUETICAS.

A catequista precisa continuar sempre os seus estudos de religião, para poder dar aulas agradaveis e seguras.

Figura 10: Segunda capa, BC, nº 29



BOLETIM CATEQUETICO

REVISTA MENSAL

Direção do P. A. Negromonte

ANO VI — Abril de 1941 — NUM. 49

Expediente

Toda correspondencia deve ser dirigida á gerente
D. GEORGINA MALARD
Rua Claudio Manoel N. 1.141
Belo Horizonte

Assinaturas:

Anual . . . . . 5$000
Protetora . . . . . 10$000
Bemfeitora . . . . 20$000

SUMARIO

Façamos a formação — Padre A. Negromonte.
Documentos «Provido sane Concilio»
Vocação da Professora
Trecho do trabalho apresentado por dona Cecilia Alvarenga
Pagina do Mestre — Otto Cohausz, S. J.
Preparação para a Primeira Comunhão
Vocação da Professora (Conc.)
Desenho para colorir

Na preocupação de formar o católico perfeito, queremos preparar a criança para agir, sempre e em toda parte, como catolico.

Formaremos convicções com raizes profundas e solidas na inteligencia. Convicções: idéas inabalaveis, que encham o entendimento e o absorvam, transbordando. Formaremos o sentimento, forte, energico, orientando e corrigindo as paixões, que vão ser postas ao serviço do homem integral, encaminhado para Deus.

(Da "Pedagogia do Catecismo")

Figura 11: Segunda capa, BC, nº 49

De acordo com Biccas (2006), o verso da capa e a quarta capa são espaços privilegiados para exibir as propagandas, anúncios e determinadas informações e permitem compreender, em uma dimensão mais ampla, os sentidos e significados que elas veiculam. Segundo a autora,

> Propaganda pode ser definida como uma arte de exercer uma ação psicológica sobre o público com fins comerciais e ou políticos. No caso dos anúncios, evidencia-se seu caráter como peça que pretende comunicar ao público as qualidades de determinado produto. Para isso, os anúncios veiculam imagens e outros elementos que produzam sentidos e deslocamentos no público que se queira atingir. No caso das informações, elas passam a desempenhar a função de instruir e dirigir os leitores a partir do que estava sendo divulgado na Revista (Bicas, 2006, p. 91)

No caso dos Boletins, as principais propagandas eram de cunho formativo, podendo ser de impressos ou instituições educacionais, tais como: o jornal "O Diário, o jornal "A União", a editora São José, responsável pela impressão dos *Boletins,* os próprios livros do padre Negromonte e dos seus colaboradores. Apenas duas instituições educacionais tiveram espaço específico reservado à sua propaganda no verso da capa do *Boletim:* a Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC), que ocupou a parte superior da quarta capa durante todo o tempo em que foi anunciada, até outubro de 1937[81] e a Escola Profissional Santa Ignez, que passou a ser divulgada também na quarta capa a partir de abril de 1937 e se manteve até novembro do mesmo ano. O espaço reservado para a propaganda desta instituição sempre foi inferior ao que ocupava a EECC.

[81] Não foi possível obter a informação da razão pela qual a EECC deixa de ter seu espaço de propaganda no Boletim. Duas hipóteses conjugadas podem ser levantadas. A primeira se refere à saída da Prof. Laís Netto dos Reys da direção da EECC, em 1938, por motivos de mudança para o Rio de Janeiro, onde assumiria a direção da Escola de Enfermagem Ana Néri e, a outra razão, articulada a esta, é a possível saída da professora Waleska Paixão da redação, passando a contribuir apenas como colaboradora, para assumir a direção da EECC, o que diminui seu poder de influência e decisão dentro da redação da revista.

ESCOLA DE ENFERMAGEM "CARLOS CHAGAS"

CURSO GERAL DE ENFERMAGEM

3 ANNOS EM 6 SERIES

Preparam-se technicas abalizadas para qualquer especialidade da clinica hospitalar, da particular, sanatorios dispensarios, ambulatorios, casas de saude, cirurgia-medica, anesthesistas, hospitaes de isolamento, assistencia a molestias contagiosas agudas e chronicas, enfermagem de Saude Publica etc., formando-as com esmero moralmente para a delicada e sublime missão de enfermeira:—aliviar a dor—consolar os que soffrem—defender e proteger a vida humana.

CURSO ANNEXO DE «CRUZ VERMELHA»

1 ANNO EM TRES SERIES

Destinado a dar ás senhoras e moças de nossa sociedade os conhecimentos grandemente necessarios de enfermagem domestica e de urgencia de puericultura e acção social que vão tornal-as mais uteis de mais valor no lar, na sociedade e á Patria.

Possue a Escola um provecto corpo de professores instructoras e direcção segura, e internato aprazivel e confortavel.

Séde—Hospital S. Vicente de Paulo—Bello Horizonte Tel. 3389—Internato —: Rua do Chumbo, 601—Serra—Bello Horizonte—Tel. 2945 :—

"O DIARIO"

UNICO JORNAL CATHOLICO

Noticioso

Moderno

Independente

E' o Jornal que todo catholico deve assignar

Assignatura annual 40$000

Assignatura semestral 25$000

EDITORA S. JOSE'

Livros, folhetos, folhas semanarias e avulsos em geral.

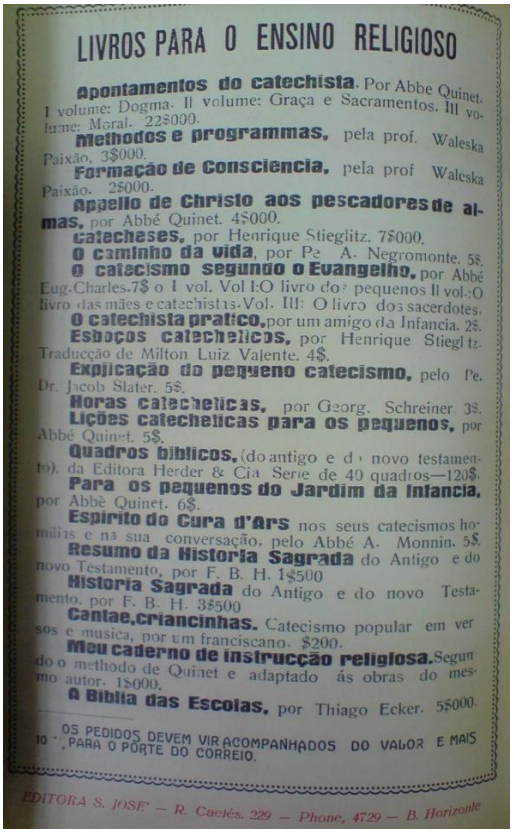
M. M. Silva Diniz

Rua Moscovita, 87

Telephone, 2 5 0 3

Bello Horizonte (Prado)

Figura 12: Quarta capa, BC, nº 01



LIVROS PARA O ENSINO RELIGIOSO

Apontamentos do catechista. Por Abbe Quinet. I volume: Dogma. II volume: Graça e Sacramentos. III volume: Moral. 22$000.

Methodos e programmas, pela prof. Waleska Paixão, 3$000.

Formação de Consciencia, pela prof Waleska Paixão. 2$000.

Appello de Christo aos pescadores de almas, por Abbé Quinet. 4$000.

Catecheses, por Henrique Stieglitz. 7$000.

O caminho da vida, por Pe A. Negromonte. 5$.

O catecismo segundo o Evangelho, por Abbé Eug. Charles. 7$ o I vol. Vol I: O livro dos pequenos II vol.: O livro das mães e catechistas. Vol. III: O livro dos sacerdotes.

O catechista pratico, por um amigo da Infancia. 2$.

Esboços catechelicos, por Henrique Stieglitz. Traducção de Milton Luiz Valente. 4$.

Explicação do pequeno catecismo, pelo Pe. Dr. Jacob Slater. 5$.

Horas catechelicas, por Georg. Schreiner 3$.

Lições catechelicas para os pequenos, por Abbé Quinet. 5$.

Quadros biblicos, (do antigo e do novo testamento), da Editora Herder & Cia. Serie de 40 quadros—120$.

Para os pequenos do Jardim da Infancia, por Abbé Quinet. 6$.

Espirito do Cura d'Ars nos seus catecismos homilias e na sua conversação, pelo Abbé A. Monnin. 5$.

Resumo da Historia Sagrada do Antigo e do novo Testamento, por F. B. H. 1$500

Historia Sagrada do Antigo e do novo Testamento, por F. B. H. 3$500

Cantae, criancinhas. Catecismo popular em versos e musica, por um franciscano. $200.

Meu caderno de instrucção religiosa. Segundo o methodo de Quinet e adaptado ás obras do mesmo autor. 1$000.

A Biblia das Escolas, por Thiago Ecker. 5$000.

OS PEDIDOS DEVEM VIR ACOMPANHADOS DO VALOR E MAIS 10 % PARA O PORTE DO CORREIO.

EDITORA S. JOSE' — R. Caetés, 229 — Phone, 4729 — B. Horizonte

Figura 13: Quarta capa, BC, nº 19

Assinantes bemfeitores

Mons. Artur de Oliveira.
Pe. Dr. Flavio D'Amato
Pe. Josè Assunção
Mons. Messias de S. Batista
Pe. Josè Augusto R. Bastos
Pe. Marciano Siqueira.
Pe. Guilherme Boing
Pe. Antonio Macedo
Prof. Ataliba Pires
D. Antonieta A. de S. Silva
D. Marieta Brochado
D. Ritinha França
Lais Neto dos Reis
D. Georgina Otoni Chagas
D. Primavera Colaço Veras
D. Clitenestra Pessanha
D. Maria Mendes da Rocha
Dr. Cristovam dos Santos
D. Elvira Brandão Santos
D. Alice Sigaud
D. Ana S. Cecilia
Dr. Mario Versiani Veloso
D. Virginia P. C. de Brito
D. Augusta P. Chagas
D. Ernestina Labarrere
Doutrina C. do C. Arnaldo
D. Florentina P. Sales
Escola Inf. «Bueno Brandão»

Editora S. Jose'

Impressos para todos os fins.

Publicidade religiosa como especialidade.

M. M. SILVA DINIZ

Fone 25—03

Rua Moscovita N. 87

O DIARIO

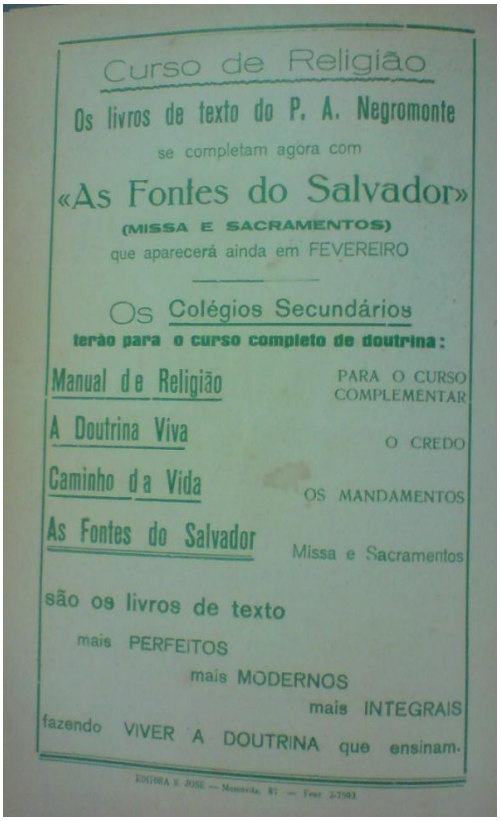
O maior jornal católico do Brasil

Moderno — Noticioso — Independente

Assinatura anual

50$000

Figura 14: Quarta capa, BC, nº 28''



Curso de Religião

Os livros de texto do P. A. Negromonte

se completam agora com

«As Fontes do Salvador»

(MISSA E SACRAMENTOS)

que aparecerá ainda em FEVEREIRO

Os Colégios Secundários

terão para o curso completo de doutrina:

Manual de Religião — PARA O CURSO COMPLEMENTAR

A Doutrina Viva — O CREDO

Caminho da Vida — OS MANDAMENTOS

As Fontes do Salvador — Missa e Sacramentos

são os livros de texto

mais PERFEITOS

mais MODERNOS

mais INTEGRAIS

fazendo VIVER A DOUTRINA que ensinam.

EDITORA S. JOSE — Moscovita, 87 — Fone 2-3503

Figura 15: Quarta capa, BC, nº 11

Os vários tipos de anúncios, propagandas e informações que foram utilizados na quarta capa revelam funções diferenciadas que esses dispositivos foram adquirindo na constituição do periódico. Eles faziam parte de uma prática discursiva, que possuía como objetivo a orientação do leitor na sua produção de sentidos.

Apesar de os livros do padre Álvaro Negromonte aparecerem poucas vezes no lugar reservado às propagandas, eles figuravam na lista de livros prescritos para o ensino religioso e em várias páginas no corpo do periódico. Suas propagandas não ficaram restritas à quarta capa do *Boletim.* Seus livros foram, sem dúvida, os mais propagandeados, anunciados e divulgados, ocupando diferentes posições e estratégias distintas. Muitas vezes apareciam no verso da capa, outras na terceira capa e outras na quarta capa. Em 1941, dos dez volumes publicados, os quatro localizados utilizavam a quarta capa cheia para propaganda dos livros do padre. O número 49 relacionava todos os livros já publicados por ele como um curso de religião completo para as escolas secundárias. Além disso, o *Boletim* veiculou ainda muitos excertos dos livros, no lugar de alguns artigos e pequenos fragmentos como epígrafes. O que significa que o *Boletim Catequético* veiculou e imprimiu no professorado católico, sobretudo o mineiro, um modelo de pedagogia católica escolanovista da qual o padre Álvaro Negromonte se fez e foi feito porta-voz.

Nesse sentido, o uso de imagens no interior do periódico tem, pelo menos dois sentidos; um, de natureza política, e outro pedagógica. O primeiro pode ser entendido pelas fotografias de membros da hierarquia eclesiástica, que funcionavam como dispositivos de autoridade, seguidas de fragmentos de falas que endossavam o trabalho realizado pelo *Boletim*. O segundo sentido tem um caráter técnico-didático, que utiliza imagens vazadas para as crianças colorirem como recursos interativos com a história contada pelo professor, ou mesmo recontada por ela. Essas imagens não aparecem em uma ordem específica e não estão vinculadas a nenhum artigo em especial. Parece, muitas vezes, que elas são postas como um elemento da *caixa de utensílios,* para auxiliar o trabalho do professor, assim como os exercícios e a seção “Para as crianças lerem”, que traz sempre uma pequena história de cunho moral.

O objetivo do periódico era formar os professores continuamente. Mas, para isso, era necessário que eles o lessem, efetivamente, e colocassem em prática as suas lições. Os temas tratados sempre vinham na segunda capa, inventariados no sumário, para facilitar o trabalho do professor no manuseio do *Boletim*. Ao mesmo tempo, as informações não eram dadas com tanta clareza, evitando que o professor pinçasse apenas o que lhe interessava. Ele precisaria ir aos textos para saber o que estava sendo tratado em cada artigo, seção e prescrição de leitura. Esses protocolos direcionavam o leitor a manusear o periódico, tentando, assim, salvaguar a expectativa do seu diretor.

Cada número do *Boletim Catequético* exibia, nessa lógica, um sumário, que inventariava os artigos e as seções que o compunham*, a*lguns deles sinalizando para a autoria dos mesmos. Não havia, no entanto, uma estrutura rígida em relação ao número de artigos e seções veiculadas em cada número, a não ser o limite de 12 páginas, geralmente, com pequenas variações em alguns números, como o nº 17, que divulga largamente as teses do Congresso de Educação, realizado em Belo Horizonte em 1937, que possui trinta páginas[82]. Esses artigos e seções também não possuíam um lugar fixo no corpo do periódico. A lógica que pode ser percebida de organização é a existência de uma coesão interna em relação aos temas abordados em cada número, mas isso não é visível no Sumário que muitas vezes apresentava títulos muito abstratos em relação ao objeto tratado.

Do ponto de vista do conteúdo, os temas abordados tratavam, fundamentalmente, da formação doutrinária e pedagógica das professoras, mostrando às mesmas, modos de articular o ensino religioso às “novas” propostas pedagógicas. Assim, os artigos e seções podem ser agrupados em três grandes blocos: lições doutrinárias para suprir a falta de conhecimento religioso das professoras, lições pedagógicas que traziam contribuições das Escolas Novas associadas ao ensino de catecismo, lições de cunho moral para formar a conduta da catequista. A cada número publicado, havia, ainda, a preocupação de fornecer as professoras, instrumentos que auxiliassem o ensino da religião católica em suas

[82] Esse número de páginas se refere apenas às folhas internas. As páginas pré-textuais não estão sendo contadas, no entanto, a terceira capa era geralmente aproveitada e contada como página no *Boletim,* supostamente como uma forma de melhor aproveitar o espaço.

aulas, como modelos de jogos, cruzadinhas, pequenas histórias. Assim, o *Boletim* se apresentava como uma *caixa de utensílios* teóricos, tanto doutrinário quanto pedagógico, e instrumentais.

Apesar desse caráter utilitário, os temas abordados nos artigos possuíam forte acento doutrinário. Dos três blocos, os artigos tratavam, fundamentalmente, das lições doutrinárias e algumas lições de cunho moral. Optei por agrupar, junto com os artigos, também as conferências e os excertos de livros por seu caráter teórico e algumas traduções que não figuram na seção "Página dos Mestres", considerando que cada um desses dispositivos mobiliza um conjunto de estratégias discursivas com finalidades distintas.

No corpo do *Boletim, c*om raras exceções, os artigos vinham sempre assinados, ou tinham sua autoria indicada. O primeiro artigo publicado consistia de uma apresentação do periódico, intitulada "Este *Boletim*", sem assinatura, mas claramente uma iniciativa da direção do periódico que o apresenta como uma tentativa de suprir a necessidade que vinha se apresentando de melhorar a formação das professoras, capacitando-as para cooperarem com a obra recristianizadora da Igreja, em seus espaços de atuação. Em seguida, o artigo "Finalidade do Catecismo", assinado pelo padre Álvaro Negromonte, é uma espécie de continuidade da apresentação em uma perspectiva mais alargada. Neste artigo, o autor justifica o projeto maior do qual o periódico faz parte, que é o ensino de catecismo, revelando a amplitude da iniciativa.

Todos os artigos, seções, atividades publicados no *Boletim* tinham em vista corroborar com esse objetivo[83]. A preocupação central era fornecer às professoras o conhecimento da doutrina católica para que elas pudessem cooperar com os padres na tarefa do ensino de catecismo, diminuindo assim, o estado de ignorância religiosa que assolava o país, como diagnosticou D. Leme (1916).

Artigos escritos, especialmente, para o *Boletim* como o artigo do Padre Leonel Franca, publicado no nº 17, em outubro de 1937, intitulado "Ensino Religioso: notas e sugestões" ou excertos de textos nacionais e/ou estrangeiros traduzidos, como "*A*

[83] O conjunto de artigos publicados pode ser conferido no anexo H.

criança de nove anos", *"Pequeno exame de consciência",* de Marie Fargues[84], dentre outros, serviam como lições doutrinárias para os professores.

A prática de transcrever artigos era recorrente na imprensa periódica pedagógica, como sinaliza Biccas (2001), apontando iniciativa similar adotada na *Revista do Ensino*. Nesse caso, a aproximação é ainda mais estreita quando se constata a presença dos mesmos autores e temáticas nos dois veículos de formação de professores[85]. Isso é revelador da articulação entre Igreja e Estado em Minas e de como a rede de sociabilidade tecida entre os diferentes atores do cenário educacional mineiro viabilizou a propagação do pensamento da Igreja em diferentes espaços sociais e contribuiu para a conformação do professorado católico por diferentes canais educativos. As conferências publicadas por professores e autoridades do campo religioso são tomadas aqui como produtos resultantes das interlocuções estabelecidas pelo padre e seu grupo nos congressos e semanas catequéticas realizadas em sua maioria em Belo Horizonte.

As seções representam um espaço específico para explorar um determinado tema de forma sistemática e recorrente no periódico e abarcam os três blocos apresentados: lições doutrinárias, pedagógicas e de cunho moral. Havia, ainda, seções que funcionavam como ferramentas didáticas para as professoras. A frequência ou duração das seções no *Boletim era* variável, o que pode sugerir possíveis demandas dos professores, ou da própria Igreja, dotadas de caráter dinâmico. A mobilidade que algumas delas possuíam, aparecendo em diferentes espaços do periódico, é ainda reveladora da importância que alguns temas adquiriram ao longo do tempo, tornando-se necessário tratá-los com maior atenção em contextos específicos.

No anexo 9, listei as seções, de acordo com a ordem em que apareceram no *Boletim,* considerando, também, a sua periodicidade. Algumas delas se mantiveram com fluxo contínuo, outras tiveram um caráter mais volante, o que não significava

---

[84] Essa autora aparece ainda como referência central do artigo "Escola Nova e Catecismo", publicado pelo padre Hélder Câmara no nº 10, em março de 1937.
[85] Os textos de Marie Fargues foram traduzidos e circularam, em larga escala no *Boletim Catequético* e na *Revista do Ensino.*

que as temáticas abordadas tivessem desaparecido do periódico. Muitas vezes, mudaram apenas os títulos, como foi o caso da “Biblioteca da Catequista”.

O “Editorial” cumpria sua função, abrindo todos os números do *Boletim Catequético,* no período analisado. Geralmente assinados pelo diretor do periódico, eles apresentavam um assunto, demarcando o ponto de vista editorial da revista. Apesar de o *Boletim* não possuir uma característica temática, muitas vezes, aquilo que tinha sido apresentado no editorial era retomado, sob outras formas, naquele mesmo número, revelando uma lógica de composição que buscava uma articulação entre os temas apresentados no editorial, nos artigos e nas seções, ainda que isso não aparecesse de forma evidente nos títulos.

A seção “Lição da Catequista” teve um período de vida curto. Durante o primeiro ano, foi frequente, com exceção do nº 5/6, sendo extinta a partir do segundo ano. Ao longo de sua duração, tratava, fundamentalmente, da doutrina católica. Funcionava como uma espécie de nota mais aprofundada em relação aos planos publicados naquele número do *Boletim,* a fim de facilitar trabalho da professora. Não há indícios que expliquem os motivos da extinção desta seção ter sido extinta.

“Planos de Lições” era sempre assinada pela professora Waleska Paixão e se manteve continuamente ao longo de todo o tempo analisado nesta pesquisa. Os planos eram apresentados de forma sequenciada, abordando um tema específico, de acordo com a série para a qual estavam sendo endereçados. No primeiro número da seção, a autora revela uma aproximação do *Boletim* com a *Revista do Ensino,* ao apresentar a seção ao público leitor da seguinte maneira:

> Nesta seção apresentaremos às catequistas uma série de planos de lições baseados nos programas para o Curso Primário, publicados na Revista do Ensino (nº de outubro de 1935). Cada número publicará quatro planos, um para cada série, indicando o que deve ser dado em cada ano (Paixão, vol.1, abril de 1936, p. 4)[86]

Dessa forma, Waleska Paixão reconhecia o trabalho da professora Maria Luiza Cunha nessa direção, assim como a posição que esta ocupava, institucionalmente, no campo educacional e dentro do catolicismo mineiro.

---

[86] Os planos em questão faziam parte do programa de Ensino Religioso publicado pela professora Maria Luiza Cunha na Revista do Ensino.

“Atividade da criança no catecismo” era uma seção que possuía forte acento pedagógico incorporado à aplicação da doutrina. Não vinha assinada e tinha como objetivo levar os professores a perceberem a importância da participação ativa da criança nas aulas de catecismo e de ensino religioso, para uma sólida formação cristã. Apesar de ter existido apenas no primeiro ano, no periódico, foi a seção onde os enunciados pedagógicos apareceram de maneira mais clara, indicando modos de fazer, já conhecidos pelas professoras e utilizados em outras disciplinas, adaptados ao ensino da religião. No número de abertura, dirigiu-se aos professores da seguinte maneira:

> Vejamos um pouco o meio de fazer agir no catecismo de modo a satisfazer as tendências infantis, subindo pouco a pouco do jogo ao trabalho mais intelectual, da figura às idéias, da história aos princípios, das coisas naturais às espirituais, enfim, da atividade natural à sobrenatural, de modo a obter vida espiritual intensa.
> Falaremos desde o começo, e sempre que for possível, aos olhos da criança, pelos quadros murais, álbuns de figuras religiosas, coleções de santinhos. Reforçaremos a impressão visual pela narração feita diante da figura e comentada enquanto as crianças folheiam os álbuns ou apreciam uma coleção de imagens sobre o assunto. Fixaremos essas impressões pelo desenho, quer fornecendo-lhes figuras para decalcar e colorir, quer pedindo-lhes desenhos espontâneos sobre os assuntos tratados.
> Desenvolveremos o interesse e a iniciativa, iniciando com eles a confecção de álbuns, quer com gravuras de revistas, quer com imagens trazidas por todos. Tornaremos variadas as aulas, substituindo às vezes a História por uma excursão à igreja mais próxima; depois de uma pequena visita ao S.S. Sacramento e a Nossa Senhora, deixaremos que as crianças olhem um pouco os objetos que se encontram na igreja. De volta à escola, conversaremos sobre o uso desses objetos. Em outra visita, faremos uma Via Sacra simples e rápida de modo a não cansar as crianças.
> Usaremos, também, de vez em quando, jogos que auxiliem a recordação de algum ponto já sabido ou a aquisição mais atraente de novos conhecimentos. [...] (BC, nº1, 1936, p. 8)

Para auxiliar o trabalho da professora por esse caminho, o *Boletim* se propunha a apresentar algumas sugestões para desenhos, álbuns, jogos, dentre outras práticas. Parece que a extinção da seção, deu lugar à publicação desses recursos, que passaram a ser disponibilizados, de forma praticamente ininterrupta, ao longo de todo o período analisado.

“Para as crianças lerem”, apesar do seu caráter volante, se apresentava como uma seção para o leitor e teve uma frequência expressiva no *Boletim.* Era uma ferramenta didática para uso das professoras/catequistas. Seu uso não era restrito às salas de aula. Em formato de pequenas histórias de cunho moral, essas lições poderiam funcionar como atividades de leitura para casa, ou para aulas de

catecismo paroquial, apesar de não ser este o foco privilegiado do periódico. Essa seção, apesar de se constituir como um recurso didático para as professoras, foi considerada nesta pesquisa, como uma seção específica, que convivia lado a lado com outros recursos disponibilizados para as professoras como jogos, caça-palavras, exercícios para completar, dentre outros). Essas ferramentas foram agrupadas, por mim, em outra seção, que intitulei “material didático”, para dar melhor visibilidade desse tipo de estratégia no periódico.

Com esse mesmo cunho didático, a seção “Missa para as crianças” se caracterizava pelos “modos de fazer”, pelos modos de explicar a missa às crianças. Em um passo-a-passo, descrevia como tornar compreensível para a criança o ritual da missa e as suas simbologias, para que elas pudessem participar, entendendo o que estavam fazendo. O objetivo principal era fazer com que as crianças, através do entendimento de suas práticas, adquirissem e cultivassem hábitos religiosos, através de uma sensibilidade educada nessa direção, e não pela imposição. Apesar de defender o princípio da obediência, uma das molas mestras da Igreja Católica, Negromonte considerava que a prática de atividades sem sentido para as crianças poderia levá-las a um grau de desconforto e de insatisfação, com sérios prejuízos na formação do seu caráter, e a uma vida adulta apática, sem nenhum interesse em expressar sua fé ou afirmar seus valores diante da sociedade em que vive.

Mas, as seções não visavam aparelhar o professorado, apenas nas questões didáticas. A formação teórica, no âmbito pedagógico e doutrinário também foi contemplada nesses espaços. A “Página do Mestre”, por exemplo, foi uma seção que passou a ser organizada dessa maneira, a partir de 1937, e possuía um caráter fortemente doutrinário, como mostram as epígrafes de autoridades religiosas, largamente utilizadas em todos os volumes analisados nesta pesquisa. A seção “Página do Mestre” teve um espaço significativo no *Boletim*, apesar de não possuir lugar fixo no corpo do periódico. Apresentava artigos de autoridades do campo religioso, especialmente na área da educação e do ensino de catecismo, e se caracterizava, sobretudo, por traduções, em sua maioria, e algumas transcrições de autores nacionais reconhecidos como mestres no campo da educação católica. A presença de autores estrangeiros indica uma linha editorial mais aberta, que

buscava, no diálogo com outros intelectuais do campo religioso católico, referências de como a apropriação dos enunciados do movimento escolanovista vinha sendo incorporada ao ensino religioso. Todavia, muitas vezes, essas traduções tratavam apenas de pontos de doutrina. Geralmente, eram feitas de livros, e não de artigos de revistas. Essa prática de traduzir autores estrangeiros, além de ampliar os horizontes do professorado, reforçava, ainda, a tese de Negromonte sobre a ausência de publicações mais modernas no Brasil, que dessem nova roupagem ao ensino religioso, através do catecismo, e endossava, mais uma vez, o ineditismo de suas obras, o que, por sua vez, contribuía para reforçar a representação da posição de pioneiro na configuração do campo educacional católico, a partir dos anos de 1930.

Além disso, ao se afirmar como veículo de divulgação de uma pedagogia católica ancorada nos dispositivos técnico-didáticos das pedagogias ativas, a estratégia de listar as melhores publicações na área, estrangeiras e nacionais, situava o Brasil no bojo desse movimento de renovação pedagógica que vinha ocorrendo no campo católico, em âmbito internacional. Ao privilegiar as obras de autores nacionais que atuavam, predominantemente, no Estado de Minas, produzia-se a representação de que a sociedade mineira dava um passo importante no sentido de participar, historicamente, desse movimento renovador pelo qual a pedagogia católica passava em diferentes países.

Nessa direção, as seções de “informes” e “anúncios”, apesar de não terem sido organizadas como tal no periódico, foram agrupadas na pesquisa dessa forma por terem possuído um espaço reservado em todos os números do *Boletim,* especialmente os anúncios. A organização desses elementos em uma seção teve o intuito de dar uma visibilidade maior ao *Boletim Catequético* como espaço político, que buscou afirmar o grupo que se organizou em torno da renovação da pedagogia católica no estado de Minas.

A “Biblioteca da Catequista” e a “Estante dos Pequeninos” constituem um espaço importante de ser assinalado[87]. As leituras prescritas nessas seções

[87] As duas Bibliotecas podem ser conferidas nos anexos J e K. A forma de organização e a ordem dada a essas bibliotecas seguem a seguinte lógica: em relação à Biblioteca da Catequista, alguns títulos apareceram listados na própria seção. No entanto, apesar de esta seção não ter se mantido com esse título em todos os números do *Boletim,* optei por manter a ideia apresentada pelo periódico de formar uma biblioteca para as catequistas,

permitem averiguar o enfoque dado ao conhecimento religioso na formação dessas professoras e das crianças. O aspecto pedagógico era abordado, frequentemente, no âmbito do “saber fazer”, através da divulgação de obras de autores estrangeiros, que vinham incorporando as contribuições das ciências da educação em suas aulas de ensino religioso, servindo como modelos para as professoras brasileiras.

A “Estante dos Pequeninos” aparece apenas uma vez, no número 07 do *Boletim,* com esse título, e os livros indicados eram, basicamente, de natureza doutrinária. Posteriormente, outras páginas com prescrições de leituras para as crianças foram publicadas com diferentes títulos como “Livros para as crianças”, “Literatura infantil: livros que as crianças não devem ler”*,* juntamente com um parecer em relação às obras. Essa avaliação foi feita pela professora Evangelina Gonzaga, do Grupo Barão Escolar de Rio Branco, importante colaboradora do *Boletim.* A preocupação e a censura de leituras infantis tinha em vista a higienização dos seus hábitos e costumes e era apontada como uma importante função a ser exercida pelos pais e professores, com a qual o *Boletim* buscava contribuir. A publicação dos livros examinados pela professora Evangelina Gonzaga aparecia como uma forma de “facilitar esta tarefa”. Sob esses argumentos, a página “Livros para as crianças” foi apresentada da seguinte maneira, no *Boletim Catequético:*

> A literatura infantil, sobre ser um dos gêneros mais difíceis, tem sido, entre nós, dos menos felizes. Em geral, os livros para crianças são procurados sem critério, só pelas ilustrações, pela apresentação. Alguns, dos mais interessantes, são cheios de perigos como os do Sr. Monteiro Lobato. Os pais e mestres cuidadosos deveriam sempre ler tais livros, antes de deixá-los às crianças. Para facilitar esta tarefa, iniciamos a publicação de um trabalho da prof. Evangelina Gonzaga , do Grupo Barão de Rio Branco. Damos abaixo os livros examinados e julgados bons. Daremos depois os maus. (BC, nº 9, 1937, p. 6).

Em contrapartida, outros textos eram sugeridos para complementar as práticas de leitura infantis: aqueles veiculados na “Estante dos pequeninos” e as

---

incorporando à lista de livros organizada, também os livros apresentados sob o rótulo “Livros para as catequistas” e outras sugestões de leitura que, frequentemente, de forma solta apareciam no Boletim. Muitos desses livros foram indicados várias vezes, como os do abade Quinet, de Marie Fargues, de Waleska Paixão e do próprio padre Álvaro Negromonte. Já na “Estante dos Pequeninos”, listada no anexo K, optei por relacionar juntas todas as indicações de leitura para as crianças, tanto as lições avulsas da seção “Para as crianças lerem”, quanto os livros indicados nas outras pequenas seções, indicando o estilo e o parecer, quando havia. Os livros não autorizados estão relacionados, juntamente com o devido parecer, no anexo L.

pequenas histórias de cunho moral, publicadas na seção “Para as crianças lerem”. Esse conjunto de leituras prescritas, tanto para as professoras quanto para as crianças, aos poucos, ia formando um repertório de leituras autorizadas para a educação da mulher e da infância brasileira, com forte acento moral e religioso.

Mas a representação de professora católica veiculada no *Boletim Catequético* não ficou restrita apenas ao âmbito cognitivo. Desde o 1º Congresso Católico de Educação, realizado no Rio de Janeiro, em setembro de 1934, o padre Boing já apontava a professora como a melhor mediadora entre o sagrado e o profano, pela sua aproximação com o mundo real da criança, ao contrário do sacerdote, que viveria recluso na Igreja, em meio às suas práticas devocionais, dando uma ideia errônea da Religião como algo restrito aos espaços paroquiais. Segundo Boing, se a professora

> entrega o ensino religioso ao próprio sacerdote, iremos confirmar na mente da criança esta idéia funesta, que tantos estragos já fez, que a Religião é uma coisa que só se trata dentro das igrejas e pelos padres. Atendamos ainda a que esta simples hora do catecismo, uma vez por semana, terá pouca influência, se o próprio ensino inteiro não for uma contínua lição de moral. Mais um motivo para não separar a mestra das matérias profanas da do ensino religioso. (BOING, 1935, p. 38)

O trabalho de Narcizo (2008), ao analisar as teses apresentadas nesse Congresso, põe em evidência como essa representação acerca da professora/catequista vinha sendo construída no interior do campo católico e educacional, sinalizando caminhos e possíveis ações nessa direção. O padre Guilherme Boing não foi o único a se manifestar nesse sentido. Na 1ª Comissão do Congresso, destinada a tratar do Ensino Religioso, a tese apresentada por ele, intitulada “A necessidade duma formação especial das catequistas para as escolas públicas e particulares e o seu modo*”,* convergia com a tese apresentada pela professora Guiomar Borges, cujo título “A necessidade duma formação especial das catequistas para as escolas públicas e particulares”, era, praticamente, idêntico ao da tese defendida por Boing. De acordo com Narcizo,

> A similaridade dos dois trabalhos não reside somente no título, uma vez que Boing também é defensor da idéia da “professora-catequista” como responsável pelo ensino religioso, reunindo assim os saberes religiosos e pedagógicos. No entanto, a tese do eclesiástico mineiro possui como foco principal a questão da necessidade do método de ensino e do preparo pedagógico do docente, ao passo que a tese da

> professora leiga confere um destaque um pouco maior ao aspecto religioso, do conhecimento da doutrina e do amor e sacrifício da docente do ensino religioso.

É curioso o fato de o padre Negromonte ter participado do Congresso como relator da 2ª Comissão, a qual tratava da Sociologia Educacional, e não da 1ª, que versava sobre o Ensino Religioso, tendo em vista o cargo que ocupava[88]. Todavia, pode-se dizer que o *Boletim Catequético* buscou cumprir as resoluções encaminhadas no sentido de formar professoras-catequistas, tanto do ponto de vista do conhecimento doutrinário, quanto da incorporação das contribuições pedagógicas modernas oriundas das Escolas Novas ao ensino de catecismo. O padre Boing apontava para a necessidade de construir um sistema catequético em consonância com os ditames da Pedagogia Moderna, o qual deveria ser delegado aos docentes, pela sua formação pedagógica. Não por acaso, ele tenha sido um importante colaborador do *Boletim Catequético* e propagador das obras do padre Álvaro Negromonte destinadas ao ensino religioso e à formação de professores.

Essa nova representação atribuída às professoras colocava-as, também, em uma posição de referência moral para seus alunos. Isso demandava a incorporação de um conjunto de hábitos, que deveriam ser desenvolvidos como indispensáveis à "boa catequista"[89]. Apesar de não aparecerem um uma seção específica, eram recorrentes em vários números do *Boletim,* pequenas chamadas destacando o que era necessário para ser uma boa catequista. Espalhadas pelo corpo do periódico ou, no versa da capa, um dos lugares mais utilizados, essas chamadas apareciam em pequenos quadros e funcionavam como lembretes para as professores da representação que possuíam, como já foi assinalado anteriormente.

A seção "*Consultas"* tem uma importância particular no periódico, porque sinaliza para a apropriação das professoras. Ela aparece no *Boletim* a partir do número 22, em maio de 1938. Nela, os professores lançam questões de ordem

---

[88] Segundo Narcizo, "Os trabalhos da segunda comissão do congresso, dedicada à sociologia educacional, focalizam questões relativas à atividade docente nos aspectos político, social e filosófico, contribuindo na identificação e análise de características que o professor deve possuir de acordo com o pensamento de diversos educadores católicos presentes no Primeiro Congresso" (2008, p. 81). Enquanto na 1ª comissão foram apresentados sete trabalhos, esta contou com quatorze trabalhos, "sendo os assuntos mais presentes a relação escola-família (3 teses), aspectos filosóficos (4 trabalhos), sociologia (3) e educação moral (2).. Os trabalhos restantes versam sobre o relato de escolares no aspecto disciplinar e a defesa do ensino da história da Igreja na formação de professores". (Narcizo, 2008, p. 81)

[89] Os hábitos e atributos da "boa catequista" já foram citados anteriormente.

pedagógica para a redação da revista, o que permite o acesso, ainda eu com limites, a algumas das suas dúvidas, mas também a muitas das suas práticas de apropriação, difíceis de serem apreendidas no processo de investigação historiográfica. Algumas delas são dignas de nota.

A primeira consulta é bastante curiosa, porque traz à tona uma questão que mobilizou esta pesquisa e que não aparece no *Boletim* de forma muito evidente, que é a relação família-escola no projeto pedagógico do padre Álvaro Negromonte. Pergunta a professora:

> Que deve fazer a prof. quando os pais não proíbem que os filhos assistam à aula de religião, mas não continuam, antes atrapalham o trabalho da professora? Resposta: É infelizmente muito comum isto. A escola é que devia colaborar com o lar. Mas o lar dificulta o trabalho das escolas. Que fazer ! A professora deve se esforçar cada vez mais para formar muito bem a consciência da criança, a fim de que ela saiba agir mesmo contra os exemplos e as insinuações de casa. Aumenta o trabalho, aumentam as responsabilidades da professora, mas não há outro caminho (BC, nº 22, maio de 1938, p. 10)

A resposta a essa questão põe em relevo um aspecto marcante na pedagogia proposta pelo padre Negromonte, que, apesar de não assinar, parece ser a pessoa que responde às consultas feitas pelos professores. Ele reconhecia a primazia das famílias na educação dos filhos, mas, considerando as dificuldades que essas possuíam para o exercício do seu papel educativo, afirmava a importância da escola na formação da criança. Não foi por acaso que seu maior investimento se voltou para a esfera escolar e os livros produzidos para os alunos e para os professores somavam a maior parte da sua Biblioteca Pedagógica.

Seu projeto, no entanto, defendia uma educação compartilhada entre família e escola. Mas, cada uma delas deveria educar o indivíduo em um determinado aspecto ou determinada forma, colaborando, mutuamente, sem intervir, de forma direta, uma no trabalho da outra. A questão que se colocava entre os defensores da educação laica, acentuando a instituição escolar como lócus privilegiado de educação, por entender que esta vinha se revelando como uma ação, cada vez mais complexificada e fundamentada nos “saberes” veiculados pelos especialistas da educação, aos quais as famílias não tinham acesso, também era compartilhada por Negromonte. Isso fica evidenciado, quando seu projeto de formação de catequistas

é endereçado, sobretudo, às professoras, a fim de articular o ensino da religião aos saberes especializados da moderna Pedagogia.

No entanto, ao investir na formação das professoras com o conhecimento religioso, ele também as alcançava em sua condição de mãe, as quais, formadas nos domínios das ciências, poderiam utilizar no espaço doméstico os saberes oriundos da Psicologia e da Pedagogia na educação dos seus filhos. O fato de a escola ter sido eleita como espaço privilegiado para o ensino religioso, não significava que a família ficava isenta em relação à educação religiosa de seus filhos. Ela deveria dar início aos seus primeiros hábitos cristãos e reforçar em casa, através das práticas cotidianas, o que fosse aprendido no catecismo, cooperando, assim, com a escola. Os conhecimentos doutrinários, pedagógicos e psicológicos fornecidos às professoras seriam muito úteis não só na escola e nas paróquias, mas também em suas casas, no desempenho de sua função materna.

Essa relação entre família e escola na educação das crianças e adolescentes, no entanto, convergia com alguns pontos das teses apresentadas sobre essa temática no 1º Congresso Católico de Educação, na seção da qual Negromonte foi um dos relatores[90]. Não obstante sua defesa por uma colaboração maior entre família e escola, Negromonte defende, assim como a professora Alcina Backheuser em uma das conclusões de suas teses, que o poder da família sobre a escola deve ter limites, conforme assinala Narcizo (2008, p.91). Conforme a professora, “por serem de responsabilidade direta do professor os métodos de ensino e a administração geral da escola, não cabe aos pais procurar intervir em tais questões de natureza especializada e completamente independente das atribuições da família”.(Backheuser, 1935, p. 131). Possivelmente, por adotar esse entendimento em relação à colaboração entre família e escola no processo educativo, ao tratar do ensino religioso no espaço escolar, ele preferisse manter as sua interlocução com as

[90] As três teses apresentadas eram de autoria de Alcina Backheuser, Laura Jacobina Lacombe e Maria Luisa Courrége Lage. Todas eram professoras e membros da Comissão Organizadora do Congresso. As duas primeiras atuavam, ainda, como diretoras de escolas. “O parecerista das três teses foi o Padre Helder Câmara, que ressaltou a importância das teses apresentadas e a relevância das mesmas como parte do projeto católico de arregimentar a família como aliada da Igreja contra o monopólio do Estado na educação e também do papel do professorado em auxiliar a Igreja nesta tarefa junto às famílias” (NARCIZO, 2008, p. 87). As teses e o seu respectivo parecer foram publicados nos Anais do 1º Congresso de Educação católica (1935, p.126-145).

professoras e não com as mães, ainda que tivesse a clareza de que seu projeto alcançava também o foro privado[91].

Outra consulta que se destacou na leitura dos *Boletins*, foi a seguinte. Perguntado por um jovem sacerdote acerca do que um pároco deveria fazer em uma situação de grande necessidade de instrução religiosa, sem ter catequistas, a resposta que se seguiu foi: "tratar imediatamente de ter catequistas"(BC, nº 27, outubro de 1938, p. 10). Esse foi o objetivo do *Boletim Catequético* – fornecer uma formação religiosa sólida às professoras, ensinando-as a atuarem como catequistas em todo o tempo escolar, e não apenas nas aulas de ensino religioso. Às professoras em exercício, o *Boletim* visava agregar o conhecimento da doutrina, mostrando como ensinar doutrina através das práticas pedagógicas modernas utilizadas nas outras disciplinas. Dessa forma, a escola ia sendo produzida como o *lócus* principal para o ensino religioso e, consequentemente, para a formação de verdadeiros católicos.

Do ponto de vista pedagógico, duas consultas forma, particularmente, elucidativas. A primeira diz respeito à prática de memorização como recurso didático, a que Negromonte responde da seguinte maneira:

> Um catequista faz decorar o texto do catecismo; depois de decorado é que explica tudo às crianças. Acha que é importantíssimo os alunos decorarem as fórmulas. E nos consulta a respeito.
> Em nossa "Pedagogia do catecismo" demos um largo capítulo que trata do assunto e pode ser consultado com vantagem. Achamos mau o processo. A primeira condição deve ser compreender o que se vai decorar, para não cair no memorismo. Pode-se talvez arguir que as crianças não quererão mais decorar uma vez que já sabem. Ainda que isto se desse, seria melhor do que não quererem compreender porque já decoraram. Outro perigo é que as crianças se desgostem com o catecismo porque são obrigadas a decorá-lo, ao passo que as outras matérias lhes são ensinadas de modo agradável. É preciso conciliar as duas coisas: compreender e decorar. Façamos decorar, mas depois de termos feito compreender. E mesmo assim, não é preciso fazer compreender tudo. Escolhe-se o essencial para não sobrecarregar as crianças, nem desgostá-las da religião. (BC, nº 24, julho de 1938, p. 3)

[91] Posteriormente, seus trabalhos destinados às famílias buscaram atender alguns pontos das teses apresentadas pela professora Laura Lacombe no sentido de orientá-las para que sua atuação em parceria com a escola não ficasse restrita ao espaço escolar, mas tivesse um escopo mais amplo de ação. Não foi possível identificar se Negromonte chegou a manter contato com associações como a Comissão Internacional de Educação Familiar e a *Association du Mariage Chrétien*, indicados pela professora Laura Jacobina ao Círculo de Pais. Mas, certamente, ele teve contato com o pensamento veiculado por essas instituições, uma vez que chegou a utilizar o padre Viollet como referência, algumas vezes no *Boletim Catequético*. Possivelmente, o trabalho desenvolvido pelo padre Jean Viollet como diretor da *Association du Mariage Chrétien* tenha inspirado alguns dos livros do padre Álvaro Negromonte, destinados à educação das famílias.

A segunda, vinda de uma professora de Porto Real, revela usos distintos que os professores fazem, em suas práticas, daqueles prescritos pela pedagogia católica. A consulta era a seguinte:

> Era uma explicação do primeiro mandamento a um garotinho de cinco anos. Em dado momento, disse a catequista: "Repita: Eu amo a Deus sobre todas as coisas". O menino repetiu e ela então agarra-lhe pelo pescoço, começa a apertar-lhe a garganta, mandando: "Diga, eu não amo a Deus". Horrorizado o pequeno repetiu essas palavras e ela completou depois a explicação". Pergunta a gentil consulente o que achamos do processo e se haverá outras catequistas assim.
> Este processo é estupefaciente. É um verdadeiro treino para o martírio. Talvez no México, na Rússia, na Alemanha ele até deva ser aplicado. Mas mesmo nos países de perseguição, o treino não deve começar tão cedo; aos cinco anos de idade. Mais tarde mesmo, ele seria bastante perigoso, bastante antipedagógico. E entre nós, capaz de suscitar acidentes lamentáveis com os pais da criança ou mesmo com a polícia. Se a catequista quer que seus alunos cheguem um dia a por tão alto o amor de Deus, que se deixe por ele martirizar, prepare-os para isto, porém pelos processos indicados [...] (BC, 32, maio de 1939, p. 12)

Ao devolverem suas experiências ao *Boletim*, esses professores dão a ver modos de fazer da prática docente, vestígios de usos efetivos[92] das lições prescritas que permitem ao historiador investigar um recorte da educação de difícil apreensão que é o das apropriações. Estas, neste caso, fornecem indícios da autonomia do professorado em relação ao que lhe foi prescrito, dando a ver o que foi apreendido dessas prescrições em suas práticas. O que foi feito desses saberes e como eles foram reelaborados, reconstituídos, organizados e sistematizados se converte em uma experiência que incide na própria produção e constituição do campo dos saberes pedagógicos e revela como a produção de um campo é sempre alimentada por tensões e relações de força que se estabelecem em uma disputa, nem sempre explícita, por um lugar de poder nesse próprio campo.

Esse processo de produção, circulação e apropriação dos impressos possibilita usos discrepantes daqueles previstos em sua produção (Carvalho, 2001). O parecer emitido por Waleska Paixão sobre o livro publicado pelas professoras Evangelina Gonzaga e Julieta Magalhães, é representativo dessa problemática. Ao avaliar a obra "Planos de Lições de Catecismo para o I e II ano nos Grupos

[92] Conforme Carvalho (2001) entre os "usos prescritos" e os "usos efetivos" há um hiato de difícil apreensão e que se constitui, portanto, em um campo de investigação a ser aprofundado nas pesquisas histórico-educacionais.

Escolares”(1938), a diretora da Escola de Enfermagem Carlos Chagas indica o livro na seção que engloba bibliografia para as catequistas, mas sinaliza para as autoras que a estrutura utilizada é bastante rígida e que isso difere das propostas que vinham sendo defendidas no *Boletim*, as quais enfatizavam a capacidade inventiva do professor em sala de aula[93] (PAIXÃO, *BC*, julho de 1939, p. 4-5).

Diferentes estratégias foram utilizadas na produção desses sentidos e, tal como Bicas afirma em relação à *Revista do Ensino*, pode-se dizer que sua linha editorial foi produzida ao mesmo tempo em que produziu o próprio *Boletim*,

> a partir de concepções pedagógicas fundamentadas na arte de ensinar, mescladas à introdução das novas correntes pedagógicas que estavam sendo trabalhadas na França, Inglaterra, Dinamarca e Suiça para as quais a criança era considerada um ser ativo (2006, p. 99).

A França, sobretudo, foi o grande polo inspirador para o diretor do periódico. As raras vezes que ele citou iniciativas congêneres a do *Boletim*, referiu-se à *Revista Catéchistes,* publicada na França pelo grupo lassalista e apresentado como um grande veículo de formação de catequistas naquele país. Não foi possível identificar se Negromonte foi leitor assíduo dessa publicação[94], mas é possível inferir algumas estratégias semelhantes daquela revista na fórmula editorial do periódico como o uso de artigos produzidos por personalidades notórias, dentre as quais se incluíam numerosos expoentes do movimento catequético internacional como *Quinet, Fargues, Boyer,* os quais foram traduzidos inúmeras vezes no *Boletim Catequético*. Esses sujeitos tiveram uma larga importância nesse movimento de renovação catequética em âmbito internacional. Em Portugal, seus nomes também são indicados nessa direção. De acordo com D. Cristino,

> Este autores, para além de serem os mais próximos e conhecidos, influenciaram largamente a catequese em Portugal. O movimento catequístico protagonizado na acção e nas obras destes pedagogos e catequetas insere-se na grande renovação

[93] Essa é uma marca muito clara da orientação pedagógica que norteou a Pedagogia Moderna nas primeiras décadas republicanas como “arte de ensinar, que visava a boa cópia de modelos de forma inventiva pelo professor. Essa permanência no discursos pedagógicos em 1938 é um claro indicador de como as diferentes pedagogias usadas pelos seus representantes para disputar o cenário educacional pela produzindo pela via da “atividade”, a marca do ”novo” e do “moderno”, conviveram nas práticas educativas por um longo tempo.

[94] Os livros referenciados eram todos vendidos pelo *Boletim* aos professores, mediante pedidos e remessa do valor dos mesmos acrescido das despesas postais. Já as revistas internacionais nunca foram recomendadas, possivelmente pelo alto custo e, talvez pelo fato de o *Boletim Catequético* sintetizar as contribuições de diversas dessas publicações.

> que atravessou a Igreja desde meados do séc. XIX e levou ao Concílio Vaticano II, especialmente através da influência dos movimentos bíblico, litúrgico, tomista e, mais tarde, o do apostolado organizado dos leigos. (1994, p. 130)

Os temas que vinham alimentando os debates pedagógicos daqueles tempos foram enfocados, ressaltando e afirmando a posição da Igreja em relação, sobretudo, às questões educacionais: finalidade da educação, moral e dogma, catequese e valores terrenos, liberdade religiosa, pessoa humana foram assuntos abordados, muitas vezes. No entanto, temas polêmicos como a Educação Sexual, não foram sequer mencionados no *Boletim*, nem mesmo nos anúncios referentes às obras do Padre Álvaro Negromonte.

A análise desses *Boletins* revelou que o projeto pedagógico do padre Álvaro Negromonte esteve completamente articulado às propostas da Ação Católica, e, por isso, tinha um caráter social que deve ser ressaltado. De cunho eminentemente doutrinário e pedagógico, o *Boletim Catequético* só teria sentido pela ação dos professores na evangelização da sociedade, através da educação. Ao formar catequistas, Negromonte estava aumentando o exército de profissionais da educação, ampliando a sua esfera de ação dentro e fora dos muros escolares. Essa estratégia de ação do padre, em uma dimensão mais ampla, evidencia ainda que a professora leiga, se constituiu na “principal mediadora de evangelização entre o clero e o povo” (Zanlochi, 2001, p. 207).

As catequistas constituíram uma força indispensável na obra de reconstrução da sociedade brasileira sobre os pilares da civilização cristã. Sob esse prisma, as representações sociais produzidas caracterizam as permanências culturais na construção de papéis sociais femininos erigidos em espaços possíveis onde a mulher leiga poderia operar, como as associações religiosas, as pastorais paroquiais, os movimentos sociais, os grupos de oração, ou de assistencialismo, as salas de aula e a imprensa pedagógica, estes dois contemplados no *Boletim Catequético* e na *Pedagogia do Catecismo*.

2.2 A Pedagogia do Catecismo – um Tratado pedagógico para os professores

"Os livros não apenas relatam História; eles fazem a História"

Robert Darnton

A ação catequética como base da Ação católica projeta entre 1920-1962 a catequese escolar no campo das atividades eclesiais. Entre as razões que nos auxiliam a compreender essa mudança, situa-se o processo, observado à época de afirmação da escola como instituição educacional privilegiada. Esse acento na escolarização da catequese deixou a família, nessa fase, em recesso ou na sombra, como assinala Lustosa (1992)[95], corroborando com o discurso em voga nesse cenário educacional dos anos 1920/1930, que afirmava a escola em instância privilegiada de educação, como afirmam Schueler & Magaldi:

> No cenário de modernização educacional dos anos 1920/1930, quando a instituição escolar já se apresentava num grau significativo de afirmação frente a outras instâncias da sociedade e a outros tempos e espaços sociais, momento em que os educadores adquiriam progressivamente uma condição profissionalizada e uma legitimação em termos de competência científica, as relações com a instituição familiar tenderam a se alterar. A escola, passando a ocupar a centralidade na sociedade, como instituição educativa, tendia a provocar deslocamentos em outras instituições sociais, o que se observava, por exemplo, acerca da função da família na educação dos indivíduos.(2009, p. 53).

É, no entanto, importante matizar essa missão atribuída à escola tanto no âmbito da formação dos indivíduos, como na reforma da sociedade. Os próprios educadores renovadores encaminharam iniciativas que manifestam sua consciência de que para consolidar esse quadro de modernização educacional e construir a "civilização" desejada, não poderiam prescindir dos educadores situados na esfera doméstica, mantendo, com isso, o papel das famílias valorizado, ainda que fosse veiculada a ideia de que estas deveriam aprender a ser parceiras competentes da escola, com a qual deveriam colaborar de forma irrestrita[96]. No campo religioso,

---

[95] Segundo este autor, só na década de 1950, a pastoral da família assumiu proporções mais amplas no campo do apostolado eclesial. A catequese na família foi revista e inserida em esquema mais aberto da pastoral familiar.

[96] É representativa dessa compreensão, a constituição dos Círculos de Pais e Professores nas escolas do Distrito Federal, no âmbito da Reforma Fernando de Azevedo e a defesa da "colaboração efetiva entre pais e professores", no Manisfesto dos Pioneiros da Educação Nova. Ver Azevedo (2003). Nesse aspecto, as pesquisas que Magaldi vem realizando destacam a relação entre a família e a escola nos debates educacionais

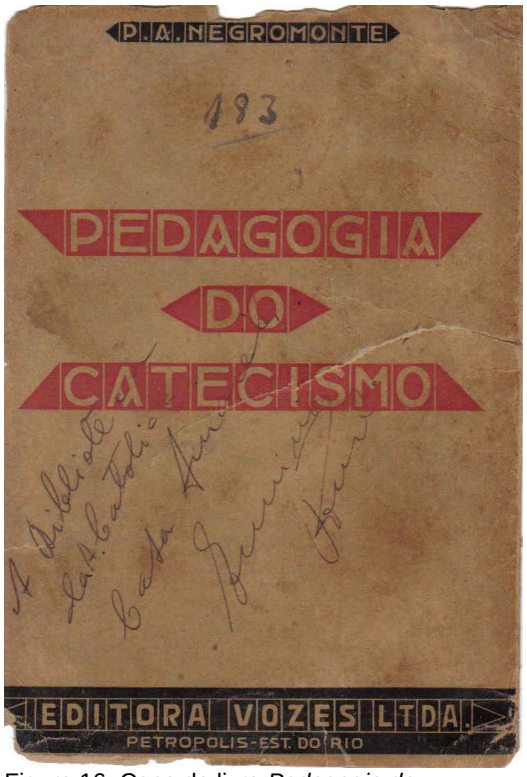


Figura 16: Capa do livro *Pedagogia do Catecismo,* 1940

esse enfoque dado à catequese escolar é bastante revelador dessa visão de conjunto, uma vez que, quando se trata de educação na fé, a Igreja não desconhece a necessidade de "destacar e articular os três polos da instrução e formação das crianças e dos jovens: a escola, a família e a paróquia", como aponta Lustosa (1992, p. 108).

A formação de professoras/catequistas e o acento na instituição escolar foi uma estratégia que vinha acompanhada de um conjunto de novos desafios que reconfiguraram as práticas catequísticas e o ensino religioso, de uma maneira geral, nessa época. A legislação educacional, os novos empreendimentos técnicos-científicos que emergiam das correntes pedagógicas espalhadas pela Europa e Estados Unidos e a falta de conhecimento dos professores em relação à doutrina católica podem ser considerados elementos que impulsionaram esse repensar da catequese.

> A abertura de espaço para o ensino religioso nas escolas públicas chega em momento oportuno, pois no decênio de 1930 a 1940 a "renascença catequética"(expressão do padre Álvaro Negromonte) deslancha em níveis múltiplos: renovação pedagógica, atualização dos catequistas qualificados, maior flexibilidade no uso dos recursos e instrumentos educacionais, sem medo da Escola Nova. São horizontes novos que esperam muita dedicação e esforço, fazendo da escola um espaço privilegiado para a evangelização. (LUSTOSA, 1992, p. 112).

Nessa direção, o frei Lustosa aponta as várias iniciativas realizadas, em diferentes estados, em relação à produção de textos originais, criação de centros de interesse e dinamização do catecismo. Em meio a todo esse movimento, ele destaca o trabalho do padre Álvaro Negromonte e do Monsenhor José Tibúrcio, na Paraíba como aqueles que forneceram "aos catequistas brasileiros de 1928, uma linha de orientação catequética que colocou, nos devidos termos, o valor e a função da

---

dos anos 1920/1930, balizando a idéia de "desqualificação da família pela escola" e "substituição da família pela escola", tal como vinha sendo construída pela historiografia. (2001), (2003)

pedagogia e da metodologia no campo do ensino religioso, sem deslizar para o plano escorregadio das sofisticações e das miudezas cerebrais" (LUSTOSA, 1992, p. 120)[97]. E aponta *A pedagogia do Catecismo* como a sua "obra fundamental" (1992, p.120).

Fruto de dez anos de experiência catequética, nessa obra Negromonte visava conduzir os professores por um caminho mais amplo, mais denso e sistematizado do que aquele que vinha desenvolvendo no *Boletim Catequético*[98], havia cerca de um ano. Nesse sentido, este livro buscava atender a outra dimensão da formação dos professores. Para começar, é um livro destinado às Escolas Normais, o que o coloca no rol das leituras prescritas para a formação docente. Já o *Boletim Catequético* era dirigido a professoras já formadas, mas, também, a qualquer pessoa que se dispusesse a ser catequista. Apesar da forte campanha de adesão, as assinaturas eram opcionais, o que indica uma fluidez maior na circulação deste impresso.

No livro *A Pedagogia do catecismo,* muitas das questões tratadas no *Boletim* foram sistematizadas e aprofundadas, criando para a obra uma representação de um *Tratado Pedagógico,* que alcança seu valor pela densidade de suas fórmulas, pela produção em maior escala, pela rede de distribuição mais ampla e pela perenidade que não se consegue nos periódicos. É através do livro que a história permanece por mais tempo e de forma mais duradoura na memória dos seus leitores, o que foi possibilitado, inclusive, pela diversas reedições da obra. O mérito do trabalho de Negromonte está, sobretudo, nas questões práticas, na difusão das novas conquistas pedagógicas aplicadas à catequese, e no entrecruzamento de novos temas, conforme assinala Passos (1999, p. 58). O manual utilizado neste

---

[97] Em nota, ele aponta que os grandes catequistas brasileiros foram votados ao esquecimento e marginalizados, não sendo devidamente estudada a sua influência na pastoral da comunidade eclesial do Brasil (p. 120). Em nota anterior, ele já ressaltava que "reconhecido em vida como 'mentor do catecismo no Brasil' (padre Miguel Meier) e 'um mestre brasileiro de pedagogia do catecismo' (Dom Hélder Câmara), o padre Álvaro Negromonte foi lentamente esquecido após sua morte (1964). Sua obra catequética merece, não apenas os agradecimentos dos catequistas, mas um estudo sério de sua importância e de sua influência nos 30 anos de atuação" (p. 113). Lembranças dessa natureza realçam que esse esquecimento está situado mais no âmbito da historiografia, de estudos mais sistemáticos que analisem a sua obra e o seu papel em um momento particular de renovação da pedagogia católica no Brasil, do que na própria memória da instituição, haja vista a recorrência dessas 'notas de memória' em relação ao padre Negromonte em muitos historiadores da Igreja.

[98] A publicação do manual *Pedagogia do Catecismo* expressa uma outra estratégia de uso do impresso usada por Negromonte para ampliar a circulação da sua proposta pedagógica em âmbito nacional e internacional. No mesmo ano em que foi lançado no Brasil, foi traduzido para o espanhol e publicado também na Argentina. Essa circulação e os usos que foram feitos desse impresso entre os portenhos instigam outras investigações que podem vir a contribuir, substancialmente, com a História da Educação Católica em uma perspectiva comparada.

trabalho para pensar esse projeto de formação docente foi a sua 2ª edição, publicada em 1940, pela Editora Vozes de Petrópolis, por ser a mais próxima ao período de publicação do *Boletim*, uma vez que não foi possível localizar a primeira edição do livro. A 3ª edição foi publicada em 1950, pela Editora José Olympio, chegando à nona edição, em 1961, pela Edições Rumo e, a um novo formato e uma revisão mais enxuta, publicada em 1965, após a morte do seu autor, intitulado *Nova Pedagogia do catecismo*.

Publicado em brochura, com 332 páginas e formato de 12,2 cm de largura por 18,0 cm de altura, um pouco menor do que os outros volumes que, posteriormente, publicou para o curso secundário, por essa mesma editora, o padre lançava em 1938, o livro que iria fazer parte das leituras prescritas para as normalistas[99].

Para reforçar essa prescrição e endossar sua legitimação, foram utilizados protocolos de leitura, como o prefácio feito por uma autoridade do campo religioso e uma apresentação da obra feita pelo próprio autor, que, na edição da José Olympio, passou a ser chamada de "Nota aos Professores". Ter um prefácio feito por uma autoridade significava um bom uso do dispositivo de legitimação, prática que já vinha sendo exercida no *Boletim Catequético*. Mais do que uma apresentação, o prefácio é o espaço onde se promove a obra. Neste caso, significa obter, publicamente, o aval da hierarquia católica. A publicização desse aval é um importante dispositivo capaz de orientar e interferir, de forma direta, na produção de sentidos do leitor, como pode se notar na apresentação da obra feita pelo arcebispo de Belo Horizonte, D. Antônio dos Santos Cabral:

> Iniciativa alguma mais oportuna, de mais imediata aplicação. Em boa hora, o padre Álvaro Negromonte, empreendera executá-la [...] Um olhar atento sobre os variados motivos versados com limpidez de estilo e convicção dominadora, revela-nos o valor intrínseco deste novo trabalho com que se opulenta a nossa ainda incipiente bibliografia catequética em vernáculo. Acolhemos pois com entusiasmo justificado e acariciamos com particular apreço este tratado destinado a operar uma inadiável remodelação de métodos até agora geralmente seguidos no ensino religioso (D. Cabral, 1940, p. 8, 10)

[99]O manual utilizado neste trabalho para pensar esse projeto de formação docente foi a sua 2ª edição, publicada em 1940, pela Editora Vozes de Petrópolis, por ser a mais próxima ao período de publicação dos Boletins, uma vez que não foi possível localizar a primeira edição do livro. .A 3ª edição foi publicada pela Editora José Olympio só em 1950. Esse longo intervalo de 10 anos entre as duas primeiras edições se altera sensivelmente a partir da mudança de editora. Daí em diante, o livro passa a ser com uma regularidade um pouco maior, em um intervalo que varia mais ou menos a cada dois anos, chegando à nona edição, em 1961 e a um novo formato, mais enxuto, publicado em 1965, após a morte do seu autor, intitulado *Nova Pedagogia do catecismo*.

A apresentação feita pelo próprio autor também se constitui um importante protocolo de leitura, no sentido de que ele aponta para o leitor modos de ler e de apreender a obra em questão. Neste caso, Negromonte começava sua apresentação, justificando a elaboração do livro, produzido a partir de uma carência no campo já sinalizada pelo Arcebispo D. Cabral no prefácio, estratégia que demarca uma posição no interior do campo religioso católico, que vinha se movimentando no sentido de renovar suas práticas pedagógicas utilizadas no ensino religioso. Assim, ele apresenta:

> O problema do ensino do Catecismo é a maior necessidade espiritual do Brasil. Muitos o compreendem, e se faz um esperançoso movimento de renascença catequética que já atingiu todos os ângulos da pátria. Observa-se, em geral, o desejo de ensinar a religião pelos melhores processos, com o maior rendimento possível, na louvável preocupação de integrar os catecúmenos nas práticas religiosas vividas conscientemente. As professoras principalmente reclamam o aproveitamento dos progressos pedagógicos no ensino religioso, como uma condição para tornar praticamente possível a introdução do catecismo nas escolas. Ao que convém acrescentarmos que é condição ainda mais necessária para introduzir a religião no interesse e na estima das crianças.
> Venho, de muito, na medida de minhas forças, procurando responder a esses apelos. Cerca de dez anos dedicados à Pedagogia Catequística, o conhecimento de numerosa bibliografia (principalmente francesa), o contato com organizações escolares e paroquiais, uma larga convivência com catequistas e professoras, a experiência pessoal de catecismo nos diversos meios sociais, me forneceram copioso material. Não os guardei avaramente. Versei esses assuntos em conferências, aulas e artigos, tendo mesmo fundado uma pequena revista catequética.
> A feição fragmentária desses trabalhos não era de molde a contentar os que amam as visões de conjunto. Valia pouco apelar para a literatura estrangeira: muitos se veem inibidos pela ignorância das línguas, outros pela dificuldade de aquisição. As poucas obras de vista geral fazem aplicações a meios bem diferentes do nosso e exige, uma adaptação difícil à maioria dos leitores.
> Tudo estava a exigir um livro nosso. Não sei se o livro seria este ... Mas confesso que o escrevi neste desejo. Imprimi-lhe, por isto uma orientação prática, sem pretensões de ciência ou erudição, expondo os princípios e tirando-lhes as conclusões, sempre de um modo simples, pensando na maioria dos leitores [...] A visão de conjunto que procurei exigia algumas repetições, que fiz sempre com desembaraço. Por vários motivos. Justificar-me-ão os que sabem que repetir é dos mais eficazes processos de fixação. Todos temos um certo número de ideias, às quais voltamos sempre, principalmente quando queremos propagá-las. Mons. D'Ulst, grande orador francês se desculpava de ver nos seus discursos 'os mesmos pensamentos voltarem sem cessar'. Além disso, as ideias aqui repisadas são daquelas que, na recomendação de Goethe, 'é preciso dizer três vezes' [...]. (Negromonte, 1940, p. 14, 15)

Esse caráter prático ao qual ele faz menção não minimiza a base teórica que o sustenta. Essa proposta que articula teoria e prática é importante no sentido de reforçar o argumento da justificativa de ser este empreendimento uma tentativa de resposta aos professores. Pelas características que o define, o livro *Pedagogia do*

Catecismo é entendido nesta pesquisa como um Tratado[100] pedagógico, típico das formas que passaram a configurar essa classe de impressos a partir dos anos 1920 e 1930 no Brasil. A articulação entre lições de "saber" e "saber fazer" se constituiu como um tipo de estratégia discursiva que, a partir das transformações ocorridas no campo da produção dos saberes pedagógicos, reconfigurou esse tipo de impresso e fez emergir um tipo de literatura que, de acordo com Carvalho, a

> regra principal de ordenação deriva de um critério que constitui o campo da Pedagogia repartindo o discurso que o articula em duas grandes série: a dos saberes-fundamentos e de suas aplicações práticas". Nesse formato, o impresso pedagógico se acomoda à perfeição nas coleções de livros especialmente destinados ao uso dos professores e de alunos das Escolas Normais que ganham visibilidade no mercado editorial brasileiro a partir dos anos 30. (Carvalho, 2006, p. 168)

Outro ponto que vale a pena destacar em relação à apresentação da obra pelo autor, é que, apesar da menção feita às professoras com dificuldades na língua estrangeira, o autor não restringiu as possibilidades de ampliar o capital cultural de seus leitores e disponibilizou os referenciais teóricos internacionais, fornecendo uma vasta bibliografia sobre os métodos "modernos" no catecismo, o ensino religioso, a pedagogia escolanovista e pedagogia católica. A literatura indicada é, esmagadoramente, estrangeira, salvo raras exceções para os trabalhos de Waleska Paixão e Pe. Leonel Franca. Essa estratégia utilizada por Negromonte é bastante indicativa da intencionalidade do autor em imprimir sua marca nesse movimento que, para a Igreja, representava uma mudança histórica no âmbito da educação católica no Brasil, em estreita consonância com os debates internacionais. Expressa, ainda, uma proposta metodológica que, ao ser produzida, também produz uma imagem, uma autoria, um selo de legitimidade daquele que a veicula, nesse caso, o padre Álvaro Negromonte. Não por acaso, ao publicar, a série *Meu Catecismo*, uma

[100] O modelo de impresso entendido como Tratado de Pedagogia é entendido nesta pesquisa tal como define Carvalho: "um compêndio ou súmula, que opera dissertativamente, aplicando o estilo médio, caracterizado pela propriedade vocabular, pela clareza e pela brevidade das definições, argumentos e exemplos [...] Ao mesmo tempo, o Tratado estabelece relação com discursos anteriores ou contemporâneos do seu gênero ou de outros gêneros. A função – ou relação – põe em cena a *tradição* do campo de saber específico compendiado no tratado, ou seja, as autoridades canônicas, científicas, comprovadamente 'verdadeiras', que devem ter em mente quando se trata daquele saber" (2006, p. 165, 166)

das estratégias de aproximação utilizada é a “Nota aos professores”, onde ele explica o “seu método”[101].

Dividida em três partes, a obra *Pedagogia do Catecismo* trata, fundamentalmente, nas duas primeiras partes, da necessidade do ensino de catecismo e da pessoa do catequista[102], abrangendo sua formação espiritual, doutrinária e pedagógica. A terceira parte é destinada aos meios a empregar no catecismo. Cada uma delas varia em tamanho, revelando a prioridade do autor em relação às temáticas abordadas. A primeira parte é composta de cinco tópicos; a segunda, de nove; e a terceira é composta de vinte e dois tópicos. Nesta, pode-se perceber melhor o diálogo com as correntes pedagógicas escolanovistas, porque aparecem referenciadas de forma direta e indicam uma apropriação das contribuições técnico-didáticas, mas também das teóricas, sobretudo do campo da Psicologia[103].

Neste trabalho, Negromonte buscou explorar mais as contribuições pedagógicas, e, embora um terço da obra seja sobre os “meios a empregar”, o aspecto teórico, ainda que apresentado em articulação estreita com o prático, o manteve no campo das orientações gerais pedagógicas. Tais reflexões deveriam servir aos professores como subsídios para sua prática, onde poderiam utilizá-los de forma criativa, de acordo com o perfil dos seus alunos e de suas possibilidades.

A primeira parte, destinada ao ensino de catecismo, começa tratando da finalidade deste e o justifica por vários argumentos, sendo o primeiro, entre os apresentados o da decadência dos costumes que se pode perceber, segundo o autor, em diferentes espaços: no lar, nas paróquias, na sociedade , na escola. Essa decadência seria responsável pela indisciplina, pela inconsistência religiosa, pela consciência regida apenas pelas convenções sociais e pelos interesses imediatos, pela falta de caráter, pelo aumento da criminalidade, atestado, segundo o autor, em pesquisas publicadas no manual, como uma espécie de prova irrefutável das consequências da ausência do ensino religioso na formação dos jovens.

---

[101] Ver anexo M, com a exposição do método.
[102] O título dessa segunda parte aparece no masculino, não ressaltando o viés de gênero. No entanto, ao elencar cada tópico no sumário, o gênero feminino volta a ganhar relevo em tópicos como: “quantas catequistas? e “a catequista-professora”.
[103] Ver esqueleto do Sumário, no anexo N.

> Ninguém tem mais dúvidas a respeito: a escola sem catecismo falhou, é uma sementeira do mal. Vendo-se a decadência moral alastrar-se apesar da multiplicação das escolas, os chamados educadores leigos começaram a querer corrigir os males, mas ainda sem Deus, sem o catecismo. Introduziram o ensino de moral e cívica,para ver se salvavam a infância da ausência de patriotismo que devorava os adultos. Fizeram ensinar os deveres do cidadão, impostos pela lei e pela Pátria. Debalde. O dever exige mais do que o conhecimento: assenta sobre a formação moral que impera o seu cumprimento. E a escola leiga não dá formação moral [...] Precisamos de formação moral. E esta é impossível sem formação religiosa (1940, p. 23)

A educação moral religiosa é componente fundamental no projeto de educação integral da Igreja Católica. Se, por um lado, ela contribui para a formação do cristão, e, com isso se encarrega de formar seu corpo e sua alma, encaminhando-o para o seu “verdadeiro destino”, por outro lado, esse caminho era entendido pelos católicos como o mais eficaz para a formação dos cidadãos e fortalecimento da Pátria. Não só nas lições de catecismo, mas em todas as situações em que houvesse oportunidade, a catequista deveria trabalhar noções morais com seus alunos.

Isso requeria da catequista um triplo exercício: conhecer a doutrina, entender os princípios da Pedagogia e da Psicologia e saber mobilizar os saberes doutrinários de forma didática, levando em conta o nível de desenvolvimento e perfil dos seus alunos. Essa tarefa envolvia um grau de dificuldade que precisa ser assinalado, porque norteia, de certa maneira, a publicação desse livro. Sua motivação estava assentada na “ignorância religiosa” declarada pelo autor e, em conformidade com a Pastoral Coletiva de Dom Leme (1916), na fragilidade do conhecimento pedagógico.

Para suprir essas lacunas, a produção de impressos pedagógicos do padre Negromonte buscava intervir na prática pedagógica dos professores, no sentido de orientá-los no ensino da religião, tendo em vista essas novas demandas que dificultavam o desenvolvimento de um trabalho mais eficaz. O Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Belo Horizonte, dentre outras escolas, serviu,de acordo com o próprio autor, como laboratório experimental da “nova” pedagogia católica. Dessa forma, Negromonte conseguiu imprimir um caráter científico no modelo pedagógico que veiculava, marcando uma posição, não só no campo religioso, mas também no

campo educacional, como renovador do ensino religioso, conforme assinala Aguayo (1959, p. 258).

Em discurso aos professores sobre a obra *Pedagogia do Catecismo,* Negromonte fundamenta a articulação proposta entre ensino religioso e novas técnicas modernas de educação, em vários anos de estudo, mas sobretudo, na observação e experimentação. Apoiado pelos poderes públicos e pelo professorado do Estado de Minas, aponta as escolas públicas mineiras, de maneira geral, mas, sobretudo, o Grupo Escolar Barão de Rio Branco, como seus laboratórios experimentais onde pôde, na prática, experimentar as contribuições das correntes escolanovistas no ensino religioso.

> Assim, ajudado eu vinha trabalhando. Os tempos requeriam certo aparato científico na apresentação do método pedagógico de que se serviu o Mestre Divino. Estudei a escola Nova à luz do Evangelho e o Evangelho à luz das conquistas pedagógicas deste século. Reuni os estudos nestes dois livros[104]. (NEGROMONTE, 1938a, p. 90)

Essa necessidade de se impor no campo, acelera, em alguns momentos, a produção de escritos canônicos e, normalmente, ocorre quando o conteúdo da tradição encontra-se ameaçado. “O breviário, o livro de sermões ou o catecismo desempenham ao mesmo tempo o papel de um receituário e de um resguardo, estando, portanto, destinados a assegurar a economia da improvisação e a impedi-la” (BOURDIEU, 2005, p. 69). Mas que tradição Negromonte vinha considerando ameaçada?

No Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado em 2006 no Brasil, Peter Burke em conferência intitulada “Cultura, Tradição e Educação”, aponta que um dos movimentos relacionados ao conceito de tradição afirma que “a ilusão de continuidade pode esconder inovações e rupturas”, o que me parece ilustrar bem o papel da Igreja no Brasil, ao participar dos debates acerca do novo modelo de Pedagogia. A participação de Negromonte nos debates educacionais acerca da “nova” Pedagogia e das Escolas Novas, o uso das novas técnicas educacionais nas

---

[104] O autor se refere aqui aos livros *A Pedagogia do Catecismo* e *Manual de Religião,* ambos publicados em 1938.

escolas católicas e públicas, nas paróquias e nos impressos, a mudança de foco nas aulas de catecismo e no material pedagógico dessas aulas, observados a partir da atuação de um agente do corpo eclesiástico, aponta para inovações e rupturas de uma instituição que, com frequência, ainda passam despercebidas, por estarem inseridas em um registro de uma tradição de ensino conservadora, em relação aos fins que regem a educação. A força da conservação dos fins da educação, dos valores, dos hábitos, do diálogo com a Filosofia em um momento de valorização crescente das ciências da educação, faz com que as práticas educativas católicas sejam percebidas, geralmente, na perspectiva da continuidade. O diálogo com Burke sinaliza para a importância de se matizar essas categoria, e atentar para as formas de convivência entre tradição e inovação, tanto no pensamento educacional quanto nas práticas educativas. Conforme Burke,

> precisamos do conceito de tradição, mas não do conceito tradicional de tradição, isto é, da transmissão de uma mensagem (num sentido amplo da palavra) sem mudanças. Depois da descoberta da importância da recepção livre e criativa precisamos de um conceito de tradição mais flexível, mais fluido [...] A tradição consegue incorporar novas experiências.(2006, p. 22)

As formas pelas quais a instituição escolar foi se afirmando, entre nós, com o passar dos séculos, instituiu uma representação, que se consolidou em uma tradição, de se educarem os indivíduos por essa via escolar, com tal acento que esta se tornou o *lócus* privilegiado para essa tarefa. A busca por “novos” instrumentos para o trabalho a ser desenvolvido nas escolas estimulou as várias reflexões que contornaram e mudaram as feições da Pedagogia ao longo dos séculos. Toda essa busca tinha como finalidade alcançar maior eficácia no ensino e, consequentemente, na formação dos alunos dentro dos padrões civilizatórios em voga veiculados pela instituição escolar. Mesmo entre os católicos, que defendem a primazia das famílias na educação dos filhos, pode-se constatar a atenção e o investimento feito na educação escolar.

A própria pedagogia catequética do padre Álvaro Negromonte é um exemplo da importância da educação escolar. Apesar de seu objetivo focar em arregimentar e formar um grande contingente de catequistas, os moldes que ele utiliza são do

âmbito da escola. Planos de lições, prescrição de leituras, exercícios, socialização dos alunos. Não é à mãe, apenas, ou à mulher, de maneira geral, que ele endereça as suas propostas pedagógicas para o ensino de catecismo, ainda que não seja possível desconsiderá-las como tais. Mas, é, nesse caso particular, à professora! A sua preocupação era fornecer subsídios doutrinários e pedagógicos, estes já incorporados à doutrina, para que a professora pudesse utilizar em suas aulas. Tornar-se catequista era sinônimo de tornar-se professora de catecismo, com a ressalva de que, para isso, era preciso ter a destreza para atuar em seu "ofício", não só no tempo das aulas, mas extraindo de todas as situações da vida escolar as possibilidades didáticas que elas proporcionam. Aquela que não fosse professora formada, ou em formação, e se dispusesse a ser catequista deveria receber a preparação doutrinária e pedagógica adequadas, a fim de exercer bem sua função.

A proposta pedagógica de Negromonte estava atenta às discussões e aos resultados que vinham sendo produzidos no campo da Psicologia da Educação e incorporava-os, na medida em que se revelassem proveitosos para a aprendizagem, sem contrariar os princípios da Igreja. Isso desconstrói a imagem produzida pelos "pioneiros" sobre a posição que os católicos teriam estabelecido frente ao movimento escolanovista, de forte oposição e rechaçamento. Essa representação silencia o diálogo e a apropriação que os educadores católicos fizeram do movimento das Escolas Novas, assim como apaga todas as iniciativas empreendidas por esse grupo, no sentido de renovar suas práticas pedagógicas, com base nas contribuições científicas. Esse apagamento reforça o ideário de que tudo que não estivesse vinculado ao grupo dos "pioneiros" era "tradicional", "velho", "obsoleto", e, consequentemente, um impeditivo às mudanças e aos progressos educacionais[105]. Deste ideário, ainda há marcas que podem ser observadas na História da Educação Brasileira e na compreensão acerca da pedagogia católica até os dias de hoje.

[105] A cristalização dessa representação nas pesquisas histórico-educacionais, no Brasil, está profundamente associada a uma fonte comum e basilar utilizada, predominantemente, até os anos 1980, como suporte para pensar as questões educacionais, do ponto de vista histórico, que foi o texto *A Cultura Brasileira,* de Fernando de Azevedo (1976), produzido de forma a marcar e dar visibilidade a ação do grupo dos "pioneiros" na renovação da educação brasileira.

A relação de forças que se estabeleceu entre o grupo católico e os pioneiros fez com que cada um, a seu modo, buscasse afirmar seu espaço nesse campo em que a disputa instaurada tinha uma dimensão pedagógica, mas, também, política. Em discurso aos professores do Estado de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, o autor, ao apresentar a obra e explicar o seu projeto, identifica um erro comum que estaria presente não só na fala dos educadores que defendiam a escola laica, mas na dos professores de maneira geral, sobretudo quando se tratava do ensino religioso.

> Parece que tinham identificado religião e escola antiga, sem a elementar perspicácia para perceber que a Igreja só podia ensinar pelos métodos então correntes. Atribuía-se à Igreja um erro que era dos tempos. E com isso se fazia oposição surda ou pública à entrada do catecismo no regime escolar (NEGROMONTE, 1938a, p. 81).

Dessa forma, Negromonte procurou se ater aos métodos correntes de sua época e sistematizou "seu" método para o ensino de catecismo em consonância com aquilo que havia de mais novo na pedagogia católica através do diálogo com as pedagogias alemã, francesa e belga. O "Método de Munique", criado em 1901, por um grupo de catequetas[106] alemãs, foi incorporado pelo padre, que passou a difundir essa nova forma de ensinar o catecismo. Segundo Bollin & Gasparin, o método também foi chamado "método psicológico" ou "método de Viena" ou "método de Stieglitz" (esses dois últimos referentes à cidade onde foi discutido e elaborado e àquele que foi seu maior expoente, respectivamente), apresenta-se do seguinte modo:

> Estrutura a lição catequística em cinco momento sucessivos, três estágios principais (apresentação – explicação – aplicação) e dois secundários (preparação – síntese):
>
> 1) A preparação desperta o interesse da criança, recorda as relações com a matéria já conhecida, indica os objetivos a atingir.
> 2) A apresentação oferece a verdade ou instância moral a tratar de forma intuitiva: narração, parábola...
> 3) A explicação vai do particular concreto para o universal geral, com a elaboração ativa do aluno.
> 4) A síntese reúne os resultados da explicação e inclui-os no relato dos conhecimentos e da vida da criança.
> 5) A aplicação orienta as ideias e os propósitos para a vida concreta; muitas vezes, termina-se com uma oração

[106] Os catequetas são pessoas que, além de ensinar o catecismo, se dedicam a estudar e refletir sobre as práticas da catequese nas diferentes comunidades cristãs.

> Assim, põe-se em ação os sentidos, a inteligência e a vontade, isto é, todo o catequizando. (BOLLIN & GASPARIN, 1998, p. 236,237)

Esse método ficou mais conhecido como “método psicológico”, de raiz indutiva. Nos anos seguintes a sua elaboração, foram organizados cursos catequísticos para formar professores dentro dessa nova concepção pedagógica. Além disso, por “meio de congressos, revistas, traduções e contatos pessoais, o método de Munique é rapidamente conhecido na Europa e no resto do mundo”.(BOLLIN & GASPARIN, 1998, p. 237).

Esse método consistia, predominantemente, em uma releitura dos princípios de Herbart. Não obstante o caráter intelectualista da pedagogia herbartiana, os pontos que ele se dispôs a tratar eram de fundamental importância para a pedagogia católica. A aplicação da ciência em relação ao governo da criança, a instrução e a disciplina serviram como o aparato teórico-científico para o enfrentamento de algumas das questões pedagógicas basilares da Igreja e ancorava dando novos contornos à Pedagogia católica que, através desse diálogo e da empiria extraída das experiências resultantes dessa apropriação, paulatinamente, foi se afirmando como uma pedagogia que fazia conviver, lado a lado, elementos da tradição e ciência. Por essa via, a tendência de se ensinar o catecismo, seguindo apenas a ordem lógica dos tratados, foi sendo superada e novas propostas foram se instaurando, no sentido de buscar

> [...] uma ordem experimental de vida, focalizando-se este ou aquele aspecto fundamental da doutrina (unidade didática) e abordando-se outros em ligação com ele. Inspira-se vivamente, na *História da Salvação*, valorizando a Bíblia e utilizando, de maneira especial, o Evangelho. Tudo isso em linguagem e estilo menos abstrato e mais em resposta às necessidades da criança. Faz da *liturgia* uma fonte de estímulo e de programação para melhorar a qualidade da vida cristã, incorporando às celebrações litúrgicas o conteúdo da existência cotidiana. O *Método de Munique* detonou um processo de profundas consequências nas técnicas e na focalização da educação da fé. (Lustosa, 1992, p. 118)

O Brasil não ficou alheio das discussões resultantes dos Congressos Catequísticos, realizados na primeira década do século XX. É digno de nota, que algumas tentativas foram empreendidas no sentido de instaurar as contribuições oriundas desses congressos. De acordo com Lustosa (1992), em diferentes lugares, pôde-se ver focos de tentativas de aplicação das novas propostas ao ensino

religioso, mas “claro está que aqui mais se copiava do que se criava. Nem sempre havia o interesse esperado e devido pelo ensino religioso e os estímulos eram poucos e limitados” (Lustosa, 1992, p. 119).

Só a partir dos anos de 1930, de acordo com Lustosa (1992) e Passos (1998), o padre Álvaro Negromonte conseguiu dar maior visibilidade ao Método de Munique, através da sua larga atuação catequética em suas Semanas de Estudo, do *Boletim Catequético* e, principalmente, dos seus livros de catecismo. Ele não só se dispôs a dialogar com as propostas de Munique, como também se dispôs a experimentá-las, até chegar a alguma coesão pedagógica passível de ser endereçada aos professores, e sempre passível de ser melhorada, tendo em vista a adaptação ao meio, aos diferentes alunos e às condições de realização do trabalho.

Muitos professores foram seus colaboradores na experiência cotidiana e contínua de elaborar uma pedagogia católica que estivesse ancorada nos debates pedagógicos do seu tempo, e atendesse às demandas sociais do país. No *Boletim,* ou mesmo nos livros, Negromonte destacava a participação dos professores na construção do seu projeto. Solicitando e agradecendo suas contribuições para a melhoria dos textos. Esta pode ter sido uma das principais razões para o êxito do projeto, atestado pelo autor ao afirmar na terceira edição da *Pedagogia do Catecismo,* que esta foi “revista e atualizada, tomando em conta a melhora da situação catequética no Brasil nos 12 anos decorridos da composição deste livro (NEGROMONTE, 1950, p. 13).

No segundo capítulo do livro, intitulado “o catequista”, apesar do gênero indicar que ele estava se referindo tanto a catequistas homens quanto a mulheres, ele se destinou a tratar da representação da “professora-catequista”. Assim como vinha sendo estimulado no *Boletim Catequético,* esta, sendo uma professora católica, deveria ser catequista em tempo integral, utilizando ao máximo o espaço escolar, extraindo dele as melhores condições para o exercício da sua prática. Importante acento foi dado à sua formação, seu trabalho, suas responsabilidades, buscando modelar não só suas práticas como sua conduta, sob o argumento de ser esta, também, forte recurso a ser usado pela pedagogia do exemplo. A catequista,

como ele se refere ao longo do capítulo[107], deveria ensinar o catecismo às crianças em uma linguagem apropriada. Para isso, era necessária uma preparação maior, assim como o emprego de métodos modernos mais aperfeiçoados para não deixar o ensino religioso em condições de inferioridade em relação às outras disciplinas. A função da catequista passou a ser associada à da professora católica que deveria estar pronta, para a qualquer momento e lugar, ser capaz de ensinar a religião que professa. Para garantir melhor preparação, o padre reclamava para os cursos normais um processo concomitante de formação da catequista. "A cadeira de metodologia do catecismo deve fazer parte do programa, a fim de adestrar as moças na teoria e na prática do ensino religioso" (Negromonte, 1940, p. 80).

A justificativa para tal referência apoia-se em duas razões, apresentadas pelo próprio autor: a primeira, por não ter visto catequistas homens e, a segunda razão, por querer prestar uma homenagem às mulheres que se dedicam a esse trabalho. Essa aliança com as mulheres se, por um lado, reforça o papel da mulher como principal responsável por encaminhar as crianças pelo melhor caminho e fazer delas bons cidadãos, fiéis a Deus, à Igreja e à Pátria , por outro lado, as promove diante da sociedade como uma força indispensável e qualificada para contribuírem na recatolicização da sociedade.

O trabalho de sistematizar o ensino religioso não ficava a cargo dos professores. Para garantir maior coesão, Negromonte os orientava com programas e propostas metodológicas, publicados no *Boletim Catequético* e na *Pedagogia do Catecismo.* Era sugerido que os programas fossem organizados de forma sequenciada, desde o jardim de infância ao colégio; de modo proporcional ao número de aulas do ano escolar, sendo desestimulada a ideia de ensinar toda a teologia no ginásio. Os métodos devem associar o eterno com o novo e fazer uso dos modernos processos de ensino que consistem, basicamente, em ensinar, fazendo viver a doutrina. O ensino religioso deveria ter a mesma importância de qualquer outra disciplina, por isso demandava de quem se propusesse a realizá-lo um bom aparelhamento doutrinário e pedagógico. Por conhecimento da doutrina,

[107] Esse título é um dos raros espaços onde ele usa o gênero masculino. O sub-tópico "Catequistas leigos", ainda nesse capítulo, é outro espaço que, apesar de ser intitulado dessa forma, indica possibilidades de catequistas em outros universos predominantemente masculinos, como os seminários, mas, ainda assim, se reporta, quase que exclusivamente, às mulheres. Conferir o anexo N.

compreende-se saber o catecismo, tendo como base o Segundo Catecismo (edição oficial dos bispos do Brasil), com a segurança que lhe permita maior articulação de atividades, sem perder de vista o contexto da aula e sem torná-la cansativa; conhecer a vida cristã para as aplicações práticas do Catecismo à vida, sendo capaz de articular teoria e prática.

Considerando que o objetivo do catecismo tinha como fim o plano sobrenatural, não bastava somente o investimento nos meios humanos. Uma boa professora poderia não ser uma boa catequista. A santidade de vida, o espírito sobrenatural, uma sólida e verdadeira piedade eram enfatizados pelo autor da obra como elementos fundamentais para o êxito da catequista, pela força que emanavam, através do exemplo, ou seja, a catequista deveria viver e fazer ver aquilo que ensina. Seu trabalho e sua vida estavam diante de observadores perspicazes.

> Seus observadores olham, ouvem, refletem, concluem. E, quando concluem, são terrivelmente lógicos. Um menino de três anos, instado pela mãe para rezar à noite, manda à maninha que vá ela rezar, ele não irá porque, explica textualmente, 'homem não reza, quem reza é a mulher: papai não reza'. Surpreendente exemplo de observação e lógica. (NEGROMONTE, 1940, p. 116)

As crianças não só observam, como imitam àqueles que lhes servem como referenciais; em geral, os pais, os mestres, os heróis. Segundo Claparède, a imitação tem suas benfeitorias: "quando crianças, imitamos tudo sem compreender e, graças a essa imitação, aprendemos a compreender" (CLAPARÈDE *apud* NEGROMONTE, 1940, p. 115). A força do exemplo tem em vista não permitir que o discurso da catequista não corresponda à sua prática. A eloqüência necessária para o seu desempenho em sala vem da força de uma vida verdadeiramente cristã. Tais doutrinas e exigências estimulam um processo de auto-regulação também nas professoras, que não deveriam só ensinar os seus alunos a regularem e controlarem suas pulsões; antes de qualquer coisa, deveriam controlar a si mesmas, as suas próprias paixões e regularem suas vidas pelo código comportamental que ensinavam. Seus maiores reguladores externos não seriam os padres, distantes da sua realidade em sala, mas seus alunos, presentes constantemente no seu cotidiano. Esse controle dos impulsos e das ações cotidianas, como a fala, o trato, o comportamento, ou o simples modo de se vestir configuram um mecanismo disciplinar que age em uma

dupla dimensão: disciplina interna, que tem um caráter de auto-regulação, como propõe pensar Elias (1994) e uma disciplina externa, aplicada pela presença coercitiva dos seus alunos, que funcionavam como dispositivo disciplinar, ao exercerem uma prática de vigilância constante, na perspectiva que Foucault (1987) permite pensar. Nesse sentido, outros dispositivos são utilizados com essa finalidade disciplinar, como as práticas de elevação espiritual que todo cristão deve alimentar, transformando-as em um *habitus,* como a meditação, o exame de consciência, a leitura espiritual, a confissão freqüente, a comunhão e a missa. Todos esses dispositivos se inscrevem em um registro de regulação e de auto-regulação pelo qual as professoras deveriam reger a sua vida e a dos demais a sua volta.

As mulheres, principais destinatárias desse projeto formativo, tornaram-se, sem dúvida, as principais colaboradoras dessa moralidade que marca a profissão docente, mas, sobretudo, o ofício da catequista. Ocupando diferentes posições e espaços, elas endossavam esse projeto da professora-catequista. Mais do que uma rede de sociabilidade, a relação que o padre estabeleceu com essas mulheres foi fundamental para a consolidação do seu projeto pedagógico e para a produção dessa memória. Laís Netto dos Reys, Waleska Paixão, Helena Antipoff, Maria Luíza Cunha foram algumas das personagens que contribuíram para produzir o intelectual católico, ao mesmo tempo em que ele as promovia como catequistas ideais e engajadas.

A forte presença do gênero feminino nos diferentes campos de atuação pelos quais a pedagogia católica enveredou em Minas Gerais pode ser entendida como uma das razões de as mulheres terem sido escolhidas como principais destinatárias de suas obras. Mas grosso modo, essa promoção feminina estava inserida também em um movimento estimulado pela Ação Católica para aumentar, consideravelmente, o exército cristão em prol das causas que contribuíam para fortalecer o catolicismo, sobretudo as educacionais. Isso incluía, como já foi dito, incorporar as mulheres para que dessem sua contribuição, salvaguardando seus papéis e funções na sociedade que vinha se reorganizando sobre bases modernas e conservadoras, ao mesmo tempo. Em contrapartida, Negromonte alimentava essa

disposição, fazendo jus ao seu empenho, reforçando a necessidade do seu trabalho e auxílio.

No terceiro e último capítulo, o autor se destina a tratar dos meios a empregar no ensino de catecismo, deixando claro, o largo investimento de articulação entre teoria e prática feito para subsidiar as professora. A atenção que ele depositou nessa parte da obra é perceptível logo no primeiro tópico, quando explica que toda essa inovação tinha um caráter prático e visava o aumento da freqüência nas aulas de catecismos, através de um ensino mais atrativo e interessante, adaptado à linguagem da criança e às suas motivações. Para esta, o método e os recursos se constituem nos maiores atrativos para despertar, segundo o próprio Negromonte, a "expressão consagrada de Herbart: o interesse imediato. E tudo o mais virá como acréscimo" (NEGROMONTE, 1940, p. 144-145).

Nessa parte da obra, é interessante perceber os três pontos nodais da pedagogia herbartiana[108] abordados por Negromonte: o governo, o interesse e a disciplina. O governo era abordado na perspectiva do controle a ser exercido sobre a criança, inicialmente pelos seus pais e depois pelos mestres, com a finalidade de submetê-la às regras do mundo adulto e viabilizar o início da instrução. O interesse deveria gerar atenção para a instrução e a disciplina deveria servir para manter firme a vontade educada. A cooperação das famílias era vista com reticências: "Não tenhamos ilusões. Em geral, ou não contamos com a família para a formação cristã ou temos nela uma adversária terrível. É *mister* influir sobre ela para captar-lhe a simpatia e alcançar-lhe a cooperação. Porque sem isso quase nada se faz."(Negromonte, 1940, p.142). Os professores deveriam ter essa clareza e uma vez conquistada a frequência, a garantia da sua manutenção seria a próxima preocupação.

A atenção dos alunos era um ponto sobre o qual, Negromonte considerava de grande valor educativo, e orientava os professores a empregar os seus melhores cuidados. "A Psicologia da criança é o guia do catequista, como de todos os mestres que não querem construir no ar" e dela derivam o poder de apreensão,

[108] Os conceitos de Herbart foram apropriados do livro História da Pedagogia de Franco Cambi (1999) e História da Pedagogia Geral de Francisco Larroyo (1982).

análise, fixação, a consciência e o rendimento. Por isso, a catequista, como boa professora, deve manter e cultivar a curiosidade dos pequenos.

> Chego a uma classe de criancinhas, todas desatentas. A catequista ensina quantas naturezas há em Jesus Cristo e se esforça com as mãos para manter os pequeninos voltados para ela, a fim de ouvi-la. E não consegue nada. Eu tiro do bolso meia dúzia de santinhos e espalho no banco. A criançada rodeia. Chovem comentários. Fazem-me perguntas inocentíssimas, deliciosíssimas. Respondo e faço outras. 'Deixa eu ver'... E estendem as mãozinhas ávidas, os olhos rutilantes, fronte contraída suspensa a respiração. Todos os fenômenos fisiológicos que Ribot anotou para a atenção.[109] (Negromonte, 1940, p. 149, 150).

Crianças com sete anos, ou menos, não se interessam por abstrações; elas querem ver, ouvir, pegar. É uma fase marcada pela espontaneidade, em que a criança deve ser despertada com um estímulo exterior. Mas, nem mesmo os brinquedos seguram a sua atenção por muito tempo, o que não seria um problema, ou um mal para o autor. O mal, segundo Negromonte, "é o professor não compreender isto. Não se adaptar ao aluno, querendo impor coisas impossíveis" (1940, p. 149). Os recursos didáticos, grandes auxiliares da catequista, eram apontados como indispensáveis e não deveriam ser economizados. O caderno de lições deveria ter, em seu conteúdo, cada plano de aulas, assim como o recurso utilizado e as eventualidades que ocorressem nas aulas deveriam ser registradas. Posteriormente, esses cadernos poderiam ser considerados um curso completo de catequese, que embora não tivesse a função de suprir a preparação da aula seguinte, facilitaria muito o trabalho da catequista.

Passada a fase da atenção espontânea, seguia a fase da atenção voluntária, onde as professoras deveriam desenvolver o interesse das crianças. "Se na atenção espontânea é o objeto que nos atrai, na voluntária, somos nós que procuramos o objeto" (Negromonte, 1940, p. 153). Nesse caso, a atenção do aluno poderia surgir de motivações interiores, unidas à satisfação das tendências naturais, que têm em vista a satisfação imediata. Os jogos, tão valorizados pelos educadores escolanovistas, estimulados também no *Boletim Catequético,* tiveram neste livro um importante papel funcional. Um conceito conceito de esforço, uma das tônicas da Psicologia e das Pedagogias Ativas, foi abordado com base na teoria de Claparède,

[109] A referência à Ribot é do livro Psychologie de l'attention, informada ao leitor em nota de rodapé.

que o associa ao interesse. Esse interesse deveria ser orientado e conduzido sem o estigma da força, mas pela formação da vontade pelo esforço. Nesse ponto,

> a perfeição é o termo ideal. Até chegarmos lá, os caminhos são vários. Os motivos perfeitos valem muito pouco nesta fase: É seu dever', 'você tem lição a estudar', 'é a vontade de Deus'. Ainda aqui, os interesses imediatos são o meio mais indicado, aliás o único viável, Não podemos perder de vista o egoísmo da criança, para podermos educá-la. Chamemo-la ao dever pelo que a interessa. Depois aperfeiçoamos os motivos.(Negromonte, 1940, p. 150)

Além da curiosidade e do interesse natural das crianças, Negromonte alertava ainda os professores do fato de que a educação não deveria ser um divertimento, mas era "necessário despertar-lhes o interesse por aquelas coisas que lhes queremos ensinar. Do contrário, o nosso trabalho não será apenas inútil, mas contraproducente" (Negromonte, 1940, p. 153).

Na perspectiva herbartiana, a disciplina é voltada para manter firme a vontade educada, no caminho e propósito da virtude, supondo autodeterminação, que é uma característica do amadurecimento moral. Isso conduziria a formação do caráter, que está sendo proposta, ao contrário do governo que, na perspectiva de Herbart, se refere a uma outra instância do processo de desenvolvimento da criança, se constituindo por intervenções diretas, mais adequado, portanto, ao trato com as crianças pequenas. A disciplina sempre foi fundamental na pedagogia católica, porque é ela quem leva à auto-regulação. Para os educadores católicos, de uma forma geral, deve ser trabalhada a partir da compreensão dos regulamentos, das ordens, das proibições, por entenderem que só se pode amar aquilo que se compreende. As sanções mostram, por fatos concretos, através de recompensas (prêmios), ou punições (castigos), o que é bom ou mau, encorajando no cumprimento do dever e auxiliando na correção dos defeitos, com a mesma objetividade formativa, o que lembra a teoria behaviorista do estímulo/resposta e do reforço positivo.

A pedagogia do catecismo deveria assemelhar-se à pedagogia das outras disciplinas, utilizando, portanto, os métodos mais racionais, resguardando-lhe o seu terreno sobrenatural. O intelectualismo era apontado pelo padre como o maior erro metodológico. E, do ponto de vista metodológico, sua orientação era "para a

indução: ir do conhecido para o desconhecido, do sensível para o espiritual, do concreto para o abstrato, do particular para o geral, de baixo para cima" (NEGROMONTE, 1940, p. 190). A esse método chamdo indutivo ou Método Psicológico, estariam ligados todos aqueles que defendiam o ensino religioso, de acordo com os avanços da Pedagogia Moderna, e não se abstinham da influência de outros métodos modernos, como os centros de interesse de Decroly, o método de projetos de Montessori, a educação funcional de Claparède.

Depois de explicar os conceitos norteadores considerados indispensáveis aos professores, Negromonte abordava, de forma extensa, porém breve, a variedade de métodos existentes, separando-os em três categorias: material, recursos didáticos e auxiliares do ensino. Dentre os materiais pedagógicos elencados, figuravam os quadros murais, os álbuns, as projeções luminosas, os museus catequéticos, o quadro-negro, mapas, dísticos. Dois deles foram mais explorados: a confecção dos álbuns, pela própria criança, foi apontada como uma das melhores formas de tirar proveito desse material. Depois de suscitar o interesse e despertar o entusiasmo, a catequista deveria fazer com que as crianças construíssem os seus próprios álbuns. Movidas pelo trabalho, orientadas e dirigidas, as crianças deveriam confeccionar e encadernar o seu livro. O outro método mais explorado foi o museu catequético, por seu grande valor, não só instrutivo, mas educativo. Nesse caso, não só o museu da classe, mas o da escola, teria uma função extra-aula que permitiria à criança, ao visitá-lo, aprender, relembrar, completar seus conhecimentos. O cuidado na organização do museu e a devida catalogação dos materiais expostos permitiriam à criança aprender sem o auxílio da professora. Nessa perspectiva, Negromonte faz alusão a um museu catequético, que poderia ser organizado nas cidades maiores, servindo como centro de apoio e reciclagem para as catequistas, proporcionando maior circulação do conhecimento. Essas questões também vinham sendo largamente discutidas também no *Boletim Catequético.*

Dentre os recursos didáticos, os exemplos, as comemorações, as histórias e as parábolas eram instrumentos que facilitariam a compreensão das crianças, minimizando as dificuldades que elas poderiam ter, de apreender coisas abstratas. Por essa razão, os professores deveriam usá-los sempre que possível. As histórias,

por exemplo, são reiteradas várias vezes, nos Boletins Catequéticos, como importante instrumento do ensino.

> As crianças gostam imensamente de histórias [...] É de ver a atenção quando se começa uma história: ‘um dia’... Uma vez...’. Faz-se um silêncio profundo, fixam-se as vistas na catequista, a imobilidade é de estátuas vivas. Quem ouve assim, aprende melhor, guarda melhor [...] É neste momento que as crianças resolvem intimamente fazer como este ou não fazer como aquele. É excelente a reação despertada. Nem fica nisto. O pequeno que não sabe repetir a lição de catecismo, os conselhos ouvidos, sabe contar a história. E propaga a doutrina que a história encerra. O papai gostará de ouvir... o que talvez nunca ouviu ! (Negromonte, 1940, p. 204, 205)

Dos vários auxiliares de ensino, Negromonte elenca, possivelmente como os principais, as excursões, as dramatizações, os deveres escritos, os jogos, os trabalhos manuais e o controle do conhecimento. Relembrando Everardo Backheuser, o padre defende as excursões como “uma viagem de estudos” (BACKHEUSER *apud* NEGROMONTE, 1940, p. 208), um auxiliar de ensino excelente para o catequista. Mas, os deveres escritos também teriam sua função e, assim como nas outras disciplinas, não deveriam ser desconsiderados. Os jogos eram destacados como recursos interessantíssimos, pela aproximação com o universo de interesse da criança, o das brincadeiras. A catequista deveria apenas escolher o jogo, segundo a idade da criança, e adaptá-lo a lição que estivesse sendo ensinada. Sobre os melhores estudos a respeito dos jogos, Negromonte faz referência ao texto de Claparède, *Psicologia da Criança;* o capítulo de Aguayo, na *Didática da Escola Nova*, o qual, segundo ele, é ainda melhor que o de Claparède, por ser mais rápido e mais simples, e o texto de Lourenço Filho, *Princípios Gerais de Educação.* Cita, ainda, outras referências de autores católicos, sobretudo franceses, a respeito do jogo no catecismo como necessidade da criança.

Os trabalhos manuais, tão estimulados na Escola Nova, aparecem também valorizados para as aulas de catecismo. Conforme o autor, as dramatizações se constituem em um dos mais interessantes recursos da escola renovada e possibilitam que a criança exteriorize os sentimentos que pudessem aflorar a partir da aula. O controle do conhecimento dos alunos servia de referência para a catequista. Nesse caso, só a observação pouco oferecia de subsídios. Assim, as

perguntas, os exames, os certames[110] e os testes eram apontados, pelo padre, como os melhores indicadores do conhecimento do aluno.

A música também não passava ao largo das diretrizes do padre aos professores. O refinamento estético conduziria à elevação da alma e deveria ser ensinado, sem dúvida, nas aulas de catecismo, já que também as atividades musicais se constituíam em um ótimo exercício de fixação e da educação da sensibilidade. A força disciplinadora do canto não deveria ser desconsiderada. A necessidade de ordem, da uniformidade, das entradas a tempo (forçando a atenção), do esforço da memória, fazia do canto um auxiliar de primeira ordem na formação da criança.

Outro ponto interessante a ressaltar, nesse projeto de formação do professor de catecismo, é o ensino da oração. Apesar de ser abordada praticamente na metade do último capítulo, Negromonte o institui como o primeiro cuidado que deve ter a catequista. Não bastaria, entretanto, ensinar o que é oração, dizer como se reza e quando. Era preciso acostumar a rezar, educar o corpo nessa prática. Esse processo visava à formação de um sujeito educado ao ponto de, ao estar em estado de liberdade, ou longe do controle institucional, ser capaz de reproduzir, ainda assim, os seus ensinamentos, por estarem introjetados nele de forma tão arraigada que não fosse possível agir de outra forma. O exame de consciência aparecia como um outro ponto para o qual as catequistas deveriam atentar, porque era o caminho para a auto-regulação, pela qual a criança deveria ser acostumada a julgar-se pelos padrões morais que lhe foram ensinados, obrigando-a a reconhecer não só os erros exteriores cometidos, mas até as “maldades e desvios de espírito” (NEGROMONTE, 1940, p. 250). Esse exercício disciplinar marcava a intenção do autor em orientar as professoras no manejo de dispositivos eficazes para o controle dos corpos e das mentes, a começar por si mesmas.

---

[110] Tipo de controle do conhecimento muito utilizado na Europa,desde o século XVI que consistia em uma competição de conhecimentos catequéticos. Geralmente começa nas paróquias até atingir o vulto nacional. Os vencedores vão a disputa final na capital do país. Segundo Negromonte esses exames obrigam a estudos e interesses que elevam o seu valor além de simples apuração de conhecimentos. no Brasil teve um forte estímulo do padre quando foi Diretor de Ensino Religioso no Rio de Janeiro, o qual proporcionou suas “Maratonas Catequéticas em todo o país nas quais os vencedores iam ao Rio de Janeiro para a etapa final.

A representação de Jesus Cristo se constitui uma das mais fortes idéias da moderna pedagogia religiosa. Segundo o padre, seria necessário convergir a criança para a pessoa de Jesus Cristo, porque é mais fácil amar uma pessoa do que uma idéia. Nesse sentido, o ensino do dogma deveria caminhar para fazer pensar cristãmente[111], gerando convicções, o que assegura católicos práticos e militantes. O ensino da moral deveria valer pela prática, muito mais do que pelas noções. Só teriam valor moral os atos livres. A educação, nesse ponto, seria para a liberdade, entendida como a capacidade de escolher fazer o certo, caso contrário, a educação não teria alcançado seu sentido. Nesse ponto, seria de grande relevância o cuidado que a catequista deveria ter, ao ensinar a criança a usar a própria liberdade, pela formação da vontade e da auto-regulação dos instintos, sempre condicionada por mecanismos de vigilância interna, que ressoavam dos ensinamentos da professora na consciência do indivíduo.

A questão moral, que atravessou todos os pontos pedagógicos do livro, recebeu especial atenção no último item tratado pelo padre, a partir de uma exposição sobre o sexto mandamento (Não pecar contra a castidade). Negromonte considerava a castidade como elemento de suma importância para a formação moral do indivíduo, sobretudo, por estar relacionado ao controle que o homem deve ter de si mesmo. Elias (1990) denomina essa prática como “controle das pulsões”, ou seja, a capacidade que o indivíduo tem de contrariar, vencer e dominar as suas próprias paixões, controlando e disciplinando seu corpo. Tal processo deveria ser iniciado na infância e associado à prática da virtude. Segundo o padre, as crianças mal educadas, acostumadas a fazer tudo o que querem, sem medidas, são crianças com incrível facilidade para a impureza, pois, não estando acostumadas a contrariar as outras paixões, não encontrarão forças para contrariar a paixão impura, uma vez que a tendência sexual é a mais forte da natureza humana.

A preocupação com a castidade levou o padre a prescrever um receituário para as professoras no sentido de cultivar, nos seus alunos, corpos castos, através

[111] Para Negromonte, fazer pensar cristãmente não é mesmo que fazer saber ou decorar simplesmente. É fazer saber para amar. Há um elo de afetividade nessa relação, pois só o amor é capaz de realizar coisas espontâneas e duráveis. A verdade deve ser penetrada até o âmago para que o sujeito seja capaz de formular um juízo acerca do que ouviu como sinal da sua compreensão. Só esse tipo de inteligência esclarecida é capaz de encaminhar bem a vontade, projetando a religião e a atitude moral condizente com esta, sobre todos os atos livres do indivíduo.

dos meios naturais, do trabalho[112], do esporte, de um ambiente inocente, das boas companhias[113]; e dos meios sobrenaturais, através da oração, da freqüência dos sacramentos, do amor a Deus e a Nossa Senhora e da estima ao estado de graça. Dessa forma, Negromonte acreditava estar propondo uma forma de desenvolvimento saudável, que se distanciava de tudo que pudesse ser considerado uma ameaça ao pudor. Todas essas medidas serviriam à formação de um *habitus* religioso como reflexo da internalização do estado de graça. Com isso, a Igreja se propõe a dialogar com dois universos que compõem a história da humanidade: um material, concreto, no qual se realiza a história humana; outro abstrato, idealizado, para o qual a História deverá levar os homens. (Manoel, 2004).

Essa proposta pedagógica de Negromonte imprimiu marcas no movimento de reorganização da sociedade brasileira, ultrapassando as fronteiras do tempo, apesar de ser pouco estudada no campo da História da Educação. Na reunião dos Bispos, que culminou no Diretório Geral para a Catequese (1988), o espaço reservado à memória de Álvaro Negromonte aponta para o êxito do seu empreendimento pedagógico.

> Há nomes importantes de líderes da renovação da Catequese, sobretudo na década de 50 e 60, como Joseph Colomb, na França, Leone de Maria, na Itália, J. Delcuve, na Bélgica, Álvaro Negromonte, no Brasil, e de Institutos de Catequese como o *Institut Supérieur de Pastorale Catéchétique* (ISPC), do Institut Catholique de Paris, o *Institut Lumen Vitae,* na Bélgica, o *Instituto San Pio X*, em Salamanca, depois em Madri. Exerceram particular importância as Célebres *Semanas Internacionais de Catequese*, como Munich, Manila, Eichsttät e Medellin e alguns Diretórios de Catequese (Fonds Obligatoire na França) e Catecismos de Adultos, com destaque para o Catecismo Católico da Alemanha e o Catecismo Holandês (...) No caso do Brasil, tivemos antes do Concílio a grande liderança do Pe. Álvaro Negromonte com seus livros, cursos e congressos, e da Ação Católica, com seu método VER, JULGAR e AGIR e sua Revista de Catequese. (CNBB, 1998)

O livro A *Pedagogia do Catecismo* marcou, não só a História da Igreja e da catequese brasileira, como também a História da Educação. A obra atesta o diálogo efetivo da Igreja com as novas teorias educacionais, como as da Psicologia e da Didática, que modelaram os novos contornos que a Pedagogia passou a assumir,

---

[112] Para o padre, todas as crianças deveriam ser acostumadas a um tipo de trabalho manual para ocupar as horas vagas entre o estudo e o recreio.

[113] Nesse sentido, o padre ainda faz uma crítica às amizades de crianças de sexo oposto e de idades diferentes e reitera a posição contrária da Igreja em relação à co-educação, alertando aos pais dos frutos perversos desta prática.

desde o dezenove. Não obstante seu autor ter seu nome sempre lembrado no campo da História da Igreja, na História da Educação os estudos sobre o padre Álvaro Negromonte e as marcas que ele deixou na educação brasileira através de uma modelo de Pedagogia católica renovada, sobre o qual boa parte do professorado entre as décadas de 1930 e 1960 foi formada, ainda são incipientes. Seu trabalho evidencia uma, dentre tantas outras leituras que os católicos fizeram do movimento escolanovista, e chama a atenção para a participação feminina na construção e na propagação de uma representação de professora católica e de uma cultura escolar calcada nos pilares do catolicismo.

As duas classes de impressos privilegiadas por Negromonte para a formação docente – as revistas pedagógicas e o livro – trazem à cena um sistema de regras e normatizações que contribuíram para modelar um contingente significativo de professores e instaurar valores católicos na cultura escolar brasileira. É interessante pensar nesse projeto de formação de professores, inscrito em um quadro mais amplo, de viés transnacional, onde alguns elementos como a presença feminina, o diálogo com a escola nova, o uso de impressos pedagógicos na formação dos professores, parecem circular como marcas constitutivas desse projeto pedagógico católico de formação de professores, buscando consolidar este campo de produção cultural em sólidas bases católicas[114].

[114] Na experiência realizada em Portugal, pude ter contato com alguns periódicos voltados para a formação de professores e para o pensamento católico. O *Boletim Oficial do Ensino Primário Escola Portuguesa*, publicado pelo Ministério da Educação Nacional, tinha como foco o aparelhamento dos professores, tanto do ponto de vista doutrinário quanto pedagógico visando a consolidação de um campo de produção cultural, que instituía nas práticas profissionais dos professores primários, uma cultura pedagógica estabelecida em sólidas bases católicas. Os temas publicados no *Boletim A Escola Portuguesa* se atravessavam mutuamente, produzindo uma marca que permite compreender o grau de catolicidade que impregnava aquele projeto de formação de professores. A doutrina cristã aparecia como uma temática própria, que servia para reforçar a mentalidade cristã do professorado à luz dos princípios escolanovistas, mas aparecia também como pano de fundo nos artigos de cunho estritamente pedagógico, nos informes que veiculavam as iniciativas sociais do Estado português e naqueles artigos que versavam sobre o perfil do professor e da escola portuguesa. A *Revista Brotéria,* um dos polos difusores do pensamento católico em Portugal, possuía circulação internacional e sua repercussão chegou ao Brasil. Sua importância pode ser dimensionada pela prática de envio de livros que muitos autores faziam à sua redação, inclusive brasileiros, como Alceu Amoroso Lima e Hélder Câmara. A revista, por sua vez, não se limitava apenas a propagar essas obras, mas publicava uma apreciação sobre a mesma. Do ponto de vista pedagógico, os aportes teóricos do movimento escolanovista, foram incorporados, na medida em que contribuíam, diretamente, para a eficácia do desenvolvimento do processo educacional. O mergulho nos arquivos portugueses, e o contato com essas e outras fontes permitiram ampliar a minha compreensão acerca do movimento escolanovista, do projeto de formação de professores, ancorados em bases católicas, fundamentais a esta pesquisa. Cada um desses periódicos, no entanto, por sua complexidade, demandam um trabalho de investigação que excedem os limites desta pesquisa, mas sinalizam e sugerem pesquisas futuras, já ensaiadas em um artigo apresentado no IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado em 2012 na

No caso específico do projeto pedagógico empreendido por Negromonte, os impressos que publicou apresentavam algumas particularidades. Ao buscar formar catequistas, em última instância, ele não se dirigia apenas às professoras, embora estas fossem suas destinatárias privilegiadas. Sua atuação se dirigia também a outros públicos, buscando alcançar por diferentes caminhos, segmentos distintos da população, mas que tinham como ponto comum, a função educativa. Imbuído de um ideal de formação de educadores, Negromonte se voltou também para as famílias, tratando de diferentes temáticas, inclusive de uma, de particular importância, considerada tabu no interior do campo religioso, como será analisado no capítulo seguinte.

Universidade de Lisboa, em co-autoria com a professora Maria João Mogarro, minha supervisora durante o sanduíche naquele país.

3. **UM SACERDOTE NA ESTANTE DE LITERATURA SEXUAL**

Ao longo da trajetória de todo intelectual, alguns caminhos são escolhidos previamente, outros simplesmente aparecem no meio do percurso com possibilidades até então impensadas. Pode-se dizer que foi, desta forma, que se deu a incursão do padre Álvaro Negromonte nos debates acerca da educação sexual. Seu livro *A educação sexual*, publicado em 1939, a convite da editora José Olympio, tinha mais a função de instaurar uma palavra de ordem, transmitida por um representante autorizado pela Igreja e acalmar os ânimos daqueles que vinham demonstrando uma incessante "vontade de saber".

A chave de leitura para compreender a produção desse manual passa pelo desejo, por essa obsessão pelo conhecimento sexual que assolou a sociedade burguesa nos anos de 1930 no Brasil, produzindo uma demanda por esse tipo de saber que culminou na produção de um mar de discursos sobre esse assunto, conforme assinalam Carrara & Russo (2002) e Vidal (1998).

A entrada da Igreja nessa temática pode ser entendida na perspectiva de organização desses discursos, como forma de instaurar uma base moral, também nesse campo da sexologia e da higiene, um dos pilares sobre os quais a temática vinha sendo organizada. A disputa pela escola pública, em curso nos anos de 1920 e 1930 foi, efetivamente, a faceta privilegiada em torno da educação nacional. No entanto, as práticas educativas entendidas como necessárias à sociedade urbana e industrial, que vinha se afirmando de modo crescente, demandava um controle higiênico dos corpos e das almas, que não deveria ficar restrito apenas ao aparato escolar.

Pensar na produção desse manual tendo como referência o projeto que o padre Álvaro Negromonte vinha desenvolvendo, de escolarização da catequese em bases escolanovistas, e formação de professoras catequistas, fazendo o ensino religioso atravessar todo o universo escolar, remeteu a algumas questões. Por que ele aceitou escrever sobre esse tema? Como esse projeto se inseria na *Biblioteca*

Pedagógica que ele vinha construindo? Como esse tema se inseria ainda, na perspectiva de educação integral que a Igreja Católica vinha propugnando para a formação do homem civilizado? Essas questões acabaram norteando a análise desse manual e da proposta de educação sexual veiculada pelo autor. Obviamente, outras questões foram aparecendo ao longo do caminho.

Pensando nos possíveis motivos que teriam levado o padre Negromonte a permear sua produção de livros de ensino religioso para o curso secundário, abrindo espaço para este "novo" projeto, algumas lacunas foram se abrindo. Não ficou evidenciado, até agora, nenhum possível interesse prévio do autor nesse assunto. Considerando que o convite para a publicação da obra partiu da própria editora, conforme assinalado no primeiro capítulo deste trabalho, a hipótese levantada foi uma possível indicação do amigo Alceu Amoroso Lima, que já publicava pela Editora José Olympio e um ano antes, em 1938, havia lançado o seu livro *Idade, sexo e tempo*. Tal indicação, no entanto, não se confirma pelo tom cordato e explicativo com que o padre se dirige ao amigo, pedindo o seu parecer sobre a obra. Por que razão, então, a editora José Olympio fez este convite especificamente para o padre Negromonte e não a outro membro da hierarquia eclesiástica? Como em toda história, essa também tem seus pontos em aberto, apagados, escondidos pelos rastros do tempo, esse é um deles.

Se, por um lado, não foi possível chegar até os motivos que levaram à escolha do autor, por outro lado, os motivos editoriais da José Olympio podem ser melhor compreendidos. De acordo com Russo, a sexologia começou a dar seus primeiros passos no Brasil, na década de 1920, mas foi ao longo das décadas de 1930 e 1940 e, ao lado da Psicanálise, que se pode dizer que obteve seu florescimento. Não obstante o acento que os discursos sobre a questão sexual ganharam no final do século XIX até os anos de 1920, foi a partir dos anos de 1930 que os primeiros profissionais se autodesignaram como sexólogos e trabalharam em prol da constituição de uma disciplina específica. (RUSSO *et al,* 2011, p. 35). A relação entre Sexologia e Psicanálise é marcada por vários pontos de contato em suas histórias, assim como por fortes particularidades em relação ao campo médico. Conforme apontam Carrara e Russo, "em contraste com a Psicanálise, que impôs

bem mais facilmente sua face respeitável no campo da Medicina e da Psiquiatria, a Sexologia atraía sobre si suspeitas de imoralidade e seus cultores nem sempre escaparam ao estigma de perversos ou pervertidos”(2002, p.275). Apenas dois médicos podem, segundo esses autores, ser classificados como sexólogos da primeira metade do século XX: Hernani de Irajá e José de Albuquerque.

O primeiro cursou a faculdade de Medicina em Porto Alegre, transferindo-se, logo após, para o Rio de Janeiro, onde ficou conhecido por extensa produção sexológica e por seu trabalho artístico, com foco em nus femininos. Mantinha ainda um consultório para consultas sexológicas, que era divulgado em suas publicações. José de Oliveira Pereira de Albuquerque formou-se em Medicina, no Rio de Janeiro e, ao longo dos anos 1930, lutou em prol da institucionalização da Andrologia e da Educação. Fundou dois periódicos especializados nessas temáticas: o *Jornal de Andrologia* (1932-38) e o *Boletim de Educação Sexual* (1933-39). Essas publicações podem ser consideradas os órgãos oficiais de duas instituições também criadas por ele nos anos 1930: o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES), que abrigou por vários anos um museu, um posto de aconselhamento e uma pinacoteca, e o Centro Coordenador de Estudos em Andrologia (RUSSO, 2011).

O Círculo Brasileiro de Educação Sexual merece destaque nesse contexto, por ter sido um órgão que mobilizou diferentes estratégias para difundir a educação sexual entre as massas, entre as quais se situou a publicação de um periódico, destinado a propagar a educação sexual a partir de diferentes vieses. Em suas páginas, publicaram intelectuais de especialidades distintas, entre os quais podem ser citados, Júlio Porto-Carrero, entre os médicos, Carlos Sussekind de Mendonça, entre os juristas e Armanda Álvaro Alberto, entre os educadores. Ao todo, foram editados 47 números do Boletim.

Esse interesse em relação à educação sexual foi apontado também por Vidal, que reforça os anos de 1930 como um marco representativo. De acordo com suas análises, nessa época,

> multiplicavam-se as publicações sobre o tema, dedicadas a pais, professores e professoras e aos próprios alunos e alunas. Vários brasileiros escreveram sobre o assunto, dentre eles, Afrânio Peixoto, Carlos Sussekind de Mendonça, J.P. Porto Carrero, Maria Ignez Marquez de Souza, Fernando de Magalhães e Álvaro Negromonte. Autores estrangeiros como Havelock Ellis, tiveram suas obras traduzidas para o português. A profusão das publicações e palestras e o interesse

> dos jornais indicava a existência de um público leitor ávido de informações (VIDAL, 1998, p. 57).

Tal interesse encontrou reforço e legitimidade na Segunda Conferência Nacional de Educação, realizada em 1928, em Belo Horizonte, da qual resultou a aprovação das seguintes teses em relação ao assunto:

> A educação sexual pode e deve ser ministrada no Brasil [...] Ela compreenderá três fases – uma preliminar, que se destina a preparar a infância para a compreensão esclarecida dos destinos do sexo; outra que se propõe a ministrar aos educandos, nas próprias aulas de ciências naturais do curso secundário, o conhecimento das personalidades fundamentais/ e uma última, que proporcionará ao adolescente, fora de qualquer curso coletivo e especialização complementar, que constitui a educação sexual propriamente dita (ANAIS DO CONGRESSO *apud* VIDAL, 1998, p. 59)

A aprovação das teses não refletia um consenso entre os professores e intelectuais da educação ali reunidos. Na Conferência, havia diferentes vozes representativas de diversos segmentos da sociedade e as principais divergências estavam postas na discussão acerca da instituição que deveria ser responsável por proporcionar a educação sexual da infância. Uns defendiam unicamente a família, e outros viam família e escola como instâncias que deveriam estar articuladas nesse exercício.

Conforme assinala Vidal (1998), esse debate acalorado em relação à temática da educação sexual possibilitou à Igreja Católica se reposicionar em relação à necessidade e ao conceito de educação sexual. Com isso, o padre Álvaro Negromonte, como um dos seus representantes, demarcou uma posição no interior do campo religioso, que refletia o entendimento de alguns intelectuais católicos sobre a importância da educação sexual, considerando a exposição da temática em diferentes canais laicos da sociedade. Apesar da defender a necessidade da educação sexual, Negromonte criticava às maneiras como o tema vinha sendo abordado. A postura do padre, entretanto, não refletia um consenso entre os intelectuais do campo católico. Como ele mesmo aponta em seu livro, alguns dos seus pares, defendiam a ideia de que não se deveria expor a criança a esse tipo de temática, pelo risco de se produzir um efeito de antecipação em relação à sua natureza.

Nesse contexto, é interessante também atentar para a situação da sexologia no mercado editorial brasileiro. De acordo com Carrara e Russo, “além de afluírem aos consultórios médicos buscando alívio para problemas na esfera sexual, os brasileiros também começavam a consumir avidamente o que se escrevia sobre o assunto” (2002, p. 280,281). De acordo com os autores, o clássico *A questão sexual*, do psiquiatra e neurologista suíço Augusto Forel, foi publicado no final dos anos 1920, no Brasil, como parte da coleção Biblioteca de Estudos Psicossexuais, da editora Civilização Brasileira, e vendeu os três mil exemplares de sua primeira edição, em apenas dois meses. Além de Forel, outros eminentes sexólogos estrangeiros figurariam nesta coleção e na coleção Biblioteca de Educação Sexual, da mesma editora, ambas voltadas para a divulgação desse tipo de literatura.

Dentre os vários autores que publicaram obras de sexologia a essa época, além de Forel, outro médico se destaca, para mim, pelas recorrentes citações, que Negromonte viria a fazer sobre suas ideias. Havelock Ellis, médico inglês, considerado por muitos, como um dos fundadores da moderna sexologia. Suas obras, consideradas referências no campo da sexologia foram publicadas por duas importantes editoras entre 1933 e 1936. Seus livros, *A inversão sexual, A educação sexual* e *O instinto sexual,* foram os primeiros a serem publicados em 1933, compondo a coleção Estudos de Psicologia Sexual, da Companhia Editora Nacional. Já *A Seleção sexual no homem* foi lançada em 1935, seguida de *O pudor, a periodicidade sexual, o auto-erotismo,* em 1936, estes dois publicados pela Civilização Brasileira. Apesar de ser um clássico da sexologia, Havelock Ellis foi apresentado ao público brasileiro, pelas editoras, apenas como membro da Sociedade de Medicina Legal de Nova York. Esse fato, como aponta Carrara e Russo

> exemplifica muito bem o que parece ter sido uma das estratégias das editoras para publicar esse tipo de literatura sem correrem o risco de serem acusadas de licenciosas: apresentar livros de sexologia como sendo trabalhos de disciplinas mais respeitáveis. E, entre tais disciplinas, destacava-se sobretudo a medicina legal, que detinha uma espécie de licença para tratar de assuntos moralmente delicados, como a homossexualidade, os crimes sexuais e as então chamadas "degenerações do instinto genésico". (2002, p.282, 283)

Sob esse influxo, o mercado editorial brasileiro da primeira metade do século XX adotou como estratégia a organização de coleções especiais para acolher esse tipo de literatura. Nesse sentido, merece destaque a Civilização Brasileira, pela edição de Forel.

Não menos representativa nesse cenário, a José Olympio, editora de maior prestígio à época, segundo Sorá (1998, p. 59), também investiu em publicações que tratavam de questões acerca da sexualidade e da educação sexual. Sua proximidade com a literatura de divulgação sexológico-psicanalítica data de sua fundação, mas a história da editora demonstra uma preferência por autores católicos para tratar desse tipo de temática, conforme assinala Sorá (1998). De fato, só a partir dos anos de 1940, uma série de títulos sobre temas sexológicos vieram a aparecer no interior de uma coleção intitulada A Ciência Hoje.

> Entre tais trabalhos destacam-se: *Você e a hereditariedade* e *Você e a sexualidade, mulheres e homens*, de Amran Scheinfeld, publicados, respectivamente, em 1943 e 1948; *Sexo, vitaminas e nutrição (o corpo humano)*, de Loyoan Clendening, em 1944 (3ª ed.); *A psicanálise ao alcance de todos (o edifício que Freud construiu) exposição e crítica de suas teorias e aplicações,* de Josef Jastrow, em 1948; *O sexo na vida diária,* de Edward F. Griffith, com prefácio de um reverendo, em 1949. Fora da coleção A Ciência Hoje, a José Olympio publicaria o já citado *Conheça-te pela psicanálise,* de J. Ralph, em 1932, e, em 1936, um livro de Stekel intitulado *Educação dos paes*, traduzido pelo professor Leme Lopes. Além disso, divulgava inúmeros brasileiros, sobretudo católicos militantes, como Alceu Amoroso Lima, cujo livro *Idade, sexo e tempo (três aspectos da psicologia humana)* seria publicado em 1938, e o padre Alvaro Negromonte, cujos livros *A educação sexual — para pais e educadores* e *Noivos e esposos, problemas do casamento* seriam publicados, respectivamente, em 1939 e 1948.(CARRARA & RUSSO, 2002

Várias outras editoras investiram em publicações estrangeiras e nacionais sobre esse tema, no entanto os sexólogos parecem ter ocupado um lugar sempre marginal no mercado editorial, e dificilmente publicavam pelas mesmas editoras que os médicos com maior prestígio[115]. A José Olympio, especificamente, parece ter mantido a sexologia estrangeira ou brasileira em posição secundária nos quadros de sua linha editorial nesse período. É provável que essa situação tenha relação com o intenso conflito que se instaurou entre os sexólogos brasileiros, principalmente José de Albuquerque, e a Igreja Católica, entre os anos de 1920/1930.

Mas, embora José de Albuquerque tenha chegado a afirmar que a literatura sexual não era voltada par as massas, mas para um “círculo reduzido de leitores”.

[115] Um estudo mais detalhado sobre a posição que a sexologia ocupou no mercado editorial brasileiro pode ser encontrado em Carrara & Russo (2002).

De acordo com seus argumentos, “se o livro é de ciência sexual não interessa aos libidinosos, pois estes querem tão-somente livros licenciosos e lúbricos, e não interessa à grande massa do povo, porque esta tem tudo o que é sexual na conta de imoral” (ALBUQUERQUE *apud CARRARA & RUSSO*, 2002, p. 282). Parece, no entanto que, o intenso debate sobre essa temática, o movimento empreendido pelas editoras de organizar coleções voltadas para a educação sexual, as estratégias de posicionar esses sexólogos na estante dos seus leitores, afirmando seu caráter científico completamente distinto das obras de cunho pornográfico, levou à proliferação desse tipo de literatura de tal forma, que “atesta que o círculo de leitores não devia ser assim tão reduzido como Albuquerque queria fazer crer” (2002, p. 282) e fez com que a publicação de obras sobre educação sexual se tornasse um importante filão do mercado editorial.

Contudo, para a editora José Olympio, por seu caráter mais conservador, esse tipo de literatura deveria representar certa idoneidade junto ao seu público leitor, o que seria facilmente conseguido se fosse produzida por um sacerdote. Esse tipo de preocupação aponta para o clima de tensão que se instaurou com a entrada de obras sexológicas no mercado editorial brasileiro.

> Enquanto editoras de prestígio como a José Olympio parecem ter ficado com os autores católicos, editoras com claras tendências marxistas (e, portanto, anticatólicas), como a Calvino, ou dirigidas por judeus, como a Guanabara, parecem ter reservado um espaço maior para a literatura considerada perigosa do ponto de vista dos católicos. (CARRARA & RUSSO, 2002)

Por outro lado, para o padre Negromonte, que vinha despontando no cenário educacional em âmbito nacional, o convite da editora José Olympio parecia ser bastante oportuno. Primeiro, porque o autor entraria no rol daquilo que havia de mais prestigiado na literatura nacional da época, com o selo de “uma grife que indicava por si só a qualidade da obra publicada” (SORÁ, 1998). A atenção para a escolha da editora é importante, porque boas editoras revelam “'personalidade e integridade editorial'”, as quais imprimem marcas que funcionam como selo de legitimidade nas obras que publica. (SMITH Jr, 1990, p. 59). Segundo este mesmo autor,

> Editores criativos, tais como Dina Malhotte na Índia, Alfred Knopf nos Estados Unidos, Sir Allen Lane no reino Unido, Santiago Salvat na Espanha, Sobby Griess no Egito, Gonzalo Losado na Argentina e José Olympio no Brasil conquistaram suas reputações não exatamente como bons homens de negócio, mas porque o nome de suas empresas no frontispício significa alguma coisa para o leitor (SMITH Jr., 1990, p.59).

É importante destacar que *A Educação Sexual* foi o quinto livro publicado pelo padre Álvaro Negromonte e o primeiro publicado pela José Olympio. Optar por publicar um novo livro por essa casa editorial pode sugerir que seu projeto pedagógico passaria a abarcar duas direções: a formação do leitor católico e a cooptação de um novo público, moderno e ávido de informação.

No momento em que a Igreja Católica vinha perdendo espaço diante de um cenário moderno que se instaurava com força cada vez maior na sociedade brasileira, a presença do padre, entre os autores da Casa José Olympio, sugeria um importante sentido. Publicar entre os intelectuais mais expressivos do país significava veicular a representação de uma Igreja que andava *pari passu* com a modernidade, sem perder de vista os valores e princípios que funcionavam como seus eixos norteadores.

Além disso, publicar uma obra que versasse sobre a educação sexual poderia ampliar sua esfera de atuação no território nacional, marcando sua posição como intelectual e educador católico, capaz de emitir uma opinião segura e precisa em um debate acalorado, fazendo-se porta-voz da doutrina da Igreja para um público amplo de educadores. A entrada nessa temática alargava também a sua esfera de ação para além dos limites do ensino de catecismo e renovação do ensino religioso, tornando-o partícipe em outros debates fundamentais à formação do cidadão brasileiro.

Na historiografia sobre educação sexual, é comum encontrar a figura do padre Negromonte como um dos precursores da educação sexual nos moldes católicos, ignorando outras iniciativas anteriores nesse sentido, como, por exemplo, a do padre Pascoal Lacroix[116]. Alguns elementos podem ter contribuído nesse sentido, como o selo editorial da José Olympio, os dispositivos de legitimação que

[116] O padre Pascoal Lacroix publicou em 1935, “A solução do problema sexual”, como forma de angariar fundos para a construção do Seminário Sagrado Coração de Jesus, na cidade de Taubaté. A obra teve o parecer crítico feito por Everardo Backheuser. Um estudo mais aprofundado sobre o trabalho do padre Lacroix e de seu manual de educação sexual, pode ser encontrado em Costa (2007).

utilizou na divulgação da obra, ou a visibilidade que seus livros de catecismo alcançaram por todo o país, produzindo uma representação pioneira de si como o educador que vinha mudando a face da pedagogia católica, através de suas propostas ancoradas nos debates científicos.

Mas não apenas por uma questão de demanda do mercado editorial, a Igreja entrou nesses debates acerca da educação sexual. De fato, não foi por acaso que Havellock Elis e Augusto Forel, ambos publicados pela Companhia Editora Nacional, foram os autores mais criticados por Negromonte. A preocupação com o corpo, a família e a sexualidade vinha mobilizando médicos e higienistas desde o século XIX, os quais vinham trabalhando para sanear as cidades, a começar pelas próprias populações. Tal preocupação já era apontada por Negromonte, no último capítulo do seu livro *A Pedagogia do Catecismo,* ao tratar da importância de se educarem as crianças para a castidade. Os corpos infantis tornaram-se alvo de atenção e de uma série de medidas de aperfeiçoamento. A escola foi eleita como o lugar ideal para cultivar corpos belos e saudáveis e, nesse sentido, a ginástica, os jogos, os trabalhos manuais, as brincadeiras foram assumindo papel fundamental no currículo escolar. (VAGO, 2002). Todas essas estratégias utilizadas não visavam apenas endireitar os corpos considerados “tortos”, era preciso “endireitar” também a alma da população, que tinha arraigada em si a cultura da insalubridade, da falta de ordem, do sexo livre, da natalidade e mortalidade desenfreada, dentre tantos outros elementos que, produzidos como marcas de uma cultura que se forjou brasileira, foram sendo transformados em problemas sociais a serem sanados.

Nesse aspecto, o higienismo foi ganhando expressividade como uma espécie de religião da saúde, com vistas a assegurar a formação de sujeitos bem aprimorados que determinariam o padrão projetado para a nação. Defendia-se que “a saúde individual deveria ser objeto de atenção do Estado, já que desequilíbrios de caráter fisiológico que acometessem os indivíduos, sempre vistos como pais em potencial, poderiam conduzir a graves repercussões na saúde e na sociedade” (MAGALDI, 2007, p. 147).

Múltiplas estratégias foram desenvolvidas, com base nos preceitos da higiene e da eugenia, como dispositivos de controle da saúde, visando alcançar o equilíbrio

da sociedade futura. O exame pré-nupcial, proposto pelo médico Júlio Porto-Carrero, foi um desses dispositivos que causou sérias polêmicas com a Igreja Católica (MAGALDI, 2007; Costa, 2007). Para o médico, esse dispositivo visava aferir a capacidade procriadora dos indivíduos e deveria ser revalidado anualmente, a fim de garantir a fiscalização sobre a saúde dos indivíduos. Além disso, nessa lógica, "apenas deveriam constituir as famílias que, por mérito de pais bem educados nos preceitos da higiene e eugenia, ou por força da intervenção do poder médico, o fizessem sob a égide da saúde" (MAGALDI, 2007, p. 147). Esse grau de intervenção do Estado na constituição das famílias, naturalmente, suscitou forte oposição de algumas lideranças católicas. Dois importantes representantes da Igreja como o padre Leonel Franca e Alceu Amoroso Lima combateram ativamente essa proposta do exame pré-nupcial[117].

Entendido como uma "arte de constituir famílias", pode-se dizer que o eugenismo andou ao lado do higienismo nas propostas de alguns educadores, que tiveram como um dos seus principais representantes, o médico José de Albuquerque (CARRARA e RUSSO, 2002). Esses movimentos apoiados tanto pelo Estado quanto pela Igreja, acabaram contribuindo para promover as famílias a uma posição basilar na sociedade, ao mesmo tempo em que estimularam inúmeras medidas no sentido de governá-las. Eleita a célula *mater* da sociedade, tornava-se imperativo vulgarizar os conhecimentos científicos para que eles pudessem ser aplicados pelos pais no interior do lar. Educar as famílias, para que estas estivessem afinadas com os discursos científicos vigentes à época, passou a ser a preocupação de diversos intelectuais, sobretudo os das áreas médica e educacional. Lasch chama a atenção para as ações veiculadas através do campo da saúde pública no processo de modernização das sociedades capitalistas[118]. Para ele,

> Ao mesmo tempo em que exaltavam a família como o último refúgio de privacidade em uma sociedade ameaçadora, os guardiões da saúde pública e da moral insistiram no fato de que a família não podia satisfazer suas próprias necessidades sem intervenção de especialistas. (LASCH, 1991, p. 35)

[117] Essa reação da Igreja Católica em relação ao movimento eugenista pode de ser vista em Magaldi (2007) e Costa (2007). Com enfoques em intelectuais diferentes, Magaldi destaca a reação da Igreja Católica, a partir da voz autorizada do padre Leone Franca, enquanto Marones analisa como esse discurso interferiu na educação sexual proposta por alguns intelectuais da Igreja, como Alceu Amoroso Lima, o padre Pascoal Lacroix e o padre Álvaro Negromonte.

[118] Apesar de tratar da sociedade norte-americana, sua análise pode ser estendida para uma realidade mais ampla.

Os intelectuais envolvidos neste projeto tencionavam introduzir, no espaço privado do lar, através de discursos científicos, hábitos e valores que, inicialmente direcionados às famílias, deveriam refletir na sociedade, sendo forjadas, para isso, estratégias diversificadas. Essa abertura para a educação sexual nos anos 1920/1930 é entendida por alguns historiadores como uma novidade para a época. Como aponta Azzi,

> Até então, via de regra, as crianças e os adolescentes eram educados numa ignorância completa com relação à natureza sexual do próprio corpo e da própria pessoa humana: o sexo era considerado um tabu. A nova abertura teve como um dos eixos principais as pesquisas científicas destinadas a um maior controle da natalidade. Ainda na área médica, os higienistas começaram a incentivar a prática de esportes, da natação, dos banhos de mar, das roupas leves no verão e da vida ao ar livre, não faltando até mesmo propugnadores do nudismo (1993, p. 102)

É interessante observar como essas mudanças sociais despertaram a atenção e mobilizaram a hierarquia eclesiástica. Não seria possível pensar na disposição de Negromonte em aceitar o convite da editora José Olympio, ainda que sob a autorização do Arcebispo D. Cabral e a chancela de três censores, o padre Hélder Câmara, Alceu Amoroso Lima e o jornalista mineiro Oscar Mendes, como forma de entrar nesse debate, interferindo nessas mudanças e circunscrevendo os limites possíveis, e até esperados dos católicos?

Se a educação sexual foi sendo propugnada como uma medida profilática em prol da proteção da família, e, consequentemente, do Estado e da Pátria, deveria estar subscrita à moral católica.

3.1 **As famílias como dispositivos de governamentalidade**

Esse tipo de poder que se esperava que fosse exercido pelas famílias em relação à manutenção da ordem social sinaliza para um tipo de governo que não está restrito a um controle absoluto da população pelo Estado. Ele deve ser compreendido disseminado em diversas instituições, que exercem micro-governos e estabelecem relações de força entre si, como a Igreja e o campo científico, por exemplo, concorrendo, ao mesmo tempo, ainda que sob concepções variadas, para

a causa comum do bem estar da população. Esse fenômeno foi desencadeado, como aponta Foucault, no final do século XVIII, nas sociedades da Europa Ocidental, sendo marcado por um conjunto de ações do governo no sentido de "melhorar a sorte da população, aumentar sua riqueza, sua duração de vida, sua saúde, etc" (FOUCAULT, 1984, p. 289).

As famílias aparecem, nesse contexto, como um dispositivo de governo e como segmento da população que, se, em certa medida, possui uma autonomia relativa em relação ao Estado, em outra, se constitui em segmento privilegiado por este para a atuação em relação à população.

Esse tipo de governo disciplinar exercido sobre a população urbana e industrial que, a partir de fins do século XIX, começa a reconfigurar a sociedade brasileira, projeta a família, a um papel fundamental no interior das populações. De acordo com Foucault,

> Até o surgimento da problemática da população, a arte de governar não podia ser pensada senão a partir do modelo da família, a partir da economia entendida como gestão da família. A partir do momento em que, ao contrário, a população vai aparecer como absolutamente irredutível à família, a família passa para o nível inferior em relação à população; aparece como elemento no interior da população. Portanto, ela não é mais modelo; é um segmento, segmento simplesmente privilegiado porque, quando se quiser obter alguma coisa da população quanto ao comportamento sexual, quanto à demografia, ao número de filhos, quanto ao consumo, é pela família que se terá efetivamente que passar (FOUCAULT, 2008, p. 139).

A governamentalidade que se instaura, a partir daí, coloca a população como objeto e instrumento dessa nova arte de governo. Esta passa a agir diretamente sobre si mesma através das campanhas e, indiretamente, por meio de técnicas que estimulam a natalidade, o consumo, a inclinação para determinadas atividades e vários outros movimentos dos fluxos da população. O conceito de governamentalidade permite compreender o Estado pelo exterior do Estado. Não através de um papel e de um poder central, mas no conjunto de relacionamentos de poder que se referem a todas as situações em que um indivíduo, grupo ou instituição procura interferir na conduta do outro (FOUCAULT, 2008, p. 159). Nesse deslocamento, é possível perceber, no lugar de uma estrutura rígida de poder, micro-estruturas de poder que "se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social e neste complexo, os micro-poderes existem integrados ou não ao

Estado" (MACHADO, 1998, p. 12). As instituições aparecem como parte de uma instituição global, e exercem formas de governo que necessariamente não estão vinculadas, ou subjugadas ao Estado, mas mantém com este relações que, de forma direta ou indireta, ora se acentuam, ora se atenuam.

A instituição familiar no final do século XIX, passa a se apresentar como um dos segmentos da sociedade, que funciona como a principal articuladora do Estado mas que, de certa maneira, ainda mantém a função de polícia. A emergência dos saberes científicos e a legitimação da escola como agência de educação e civilização afirmou ainda mais a necessidade de educação das famílias para esse exercício de policiar a sociedade, através dos seus pequenos núcleos. Assim, sob variadas formas, foram encaminhadas mensagens às famílias no sentido de educá-las de acordo com as novas necessidades sociais que vinham se apresentando.

No Brasil, a crescente valorização dos saberes científicos, desencadeada no final do século XIX, fez com que os médicos se transformassem em importantes aliados das famílias, sobretudo aquelas de segmentos sociais privilegiados, em prol de uma sociedade urbana saneada, o que as legitimou no exercício da ação educativa dentro da esfera privada. Uma educação que, inevitavelmente, iria reverberar também na esfera pública.

A mãe, desse modo deveria ser trazida à cena social, como um agente imprescindível e insubstituível, em termos de educação. A valorização da maternidade e a construção da representação da imagem de mãe, como identidade essencial da mulher, foram algumas das estratégias utilizadas pelo campo médico, com o objetivo de consolidar novos hábitos e uma nova relação saudável e harmoniosa entre pais e filhos no âmbito familiar. Por isso, desde o século XIX, foi-se normatizando um tipo de discurso, a partir de vertentes variadas, que apontava para a necessidade de se propor às mulheres um exercício da maternidade que superasse as práticas tradicionais e instintivas. Vários instrumentos educativos, como manuais e artigos de cunho pedagógicos publicados em jornais, foram produzidos amplamente nessa direção, visando alcançar o público feminino. Deste aprendizado, veiculado pelos impressos, derivaria a formação da criança civilizada e a constituição de uma família saudável e harmônica[119].

[119] Ver FREIRE (2006).

Essa emergência da figura feminina e a mudança no desenho da família como uma instituição de poder põem em evidência a variedade de mecanismos utilizados na produção de um indivíduo. “O poder disciplinar não destrói o indivíduo; ao contrário, ele o fabrica” (MACHADO, 1998, p. 20). A forma como as mulheres se reconfiguraram na cena doméstica traz à vista que o “indivíduo não é o outro do poder, realidade exterior, que é por ele anulado; é um de seus mais importantes efeitos” (MACHADO, 1998, p. 20).

As mudanças que ocorreram na área da família, da participação feminina na organização dessa nova sociedade e nos dispositivos de controle da sexualidade podem ser entendidas pela lógica do poder pastoral, tal como aponta Foucault (2008). De acordo com este autor, esse tipo de poder se apresenta como uma forma de governo responsável pelo governo das almas e dos corpos. Através dele, a Igreja

> só se encarrega da alma dos indivíduos na medida em que essa condução das almas também implica uma intervenção, e uma intervenção permanente na condução cotidiana, na gestão das vidas, mas também nos bens, nas riquezas, nas coisas. Ele diz respeito não apenas aos indivíduos, mas [também] à coletividade [...] (FOUCAULT, 2008, p. 204)

De uma maneira geral, o pastor[120] tem uma tarefa de ensino que, na verdade, está diretamente ligada a uma direção da conduta cotidiana e à direção das consciências. Esse exercício vai além de ensinar o que se deve saber ou fazer, envolvendo também o acompanhamento dos efeitos dos ensinamentos transmitidos, através da

> observação, da vigilância, de uma direção exercida a cada instante e da maneira menos descontínua possível, sobre a conduta integral, total, das ovelhas. A vida cotidiana não deve ser simplesmente, em sua perfeição, em seu mérito ou em sua qualidade, o resultado de um ensino geral nem mesmo o resultado de um exemplo. A vida cotidiana deve ser efetivamente assumida e observada, de sorte que o pastor deve formar, a partir dessa vida cotidiana das suas ovelhas, que ele vigia, um saber perpétuo que será o saber do comportamento das pessoas e da sua conduta (FOUCAULT, 2008, p. 239).

Esse tipo de poder também não está restrito apenas à Igreja. A polícia das famílias pode ser vista como uma forma tática de poder pastoral, em uma dimensão

[120] Entende-se por pastor aquele que tem a missão de cuidar das ovelhas, zelar pelo seu sustento e cuidar para que nenhuma se perca. Aquele que dedica sua vida a essa tarefa imbuído de um poder constituído seja pela Igreja, seja pela comunidade a que pertence.

diagonal, que indica outras relações existentes sob a lei, a verdade e a salvação. Partindo do princípio de que o pastorado, em suas formas modernas, estendeu-se, em grande parte, através do saber, das instituições e das práticas médicas, pode-se dizer, de acordo com Foucault, que, “a Medicina foi uma das grandes potências hereditárias do pastorado” (FOUCAULT, 263). O saber médico, com a força do poder pastoral, em sua missão de governo das almas, desenvolveu uma série de estratégias no sentido de dirigi-las, de levá-las pelo melhor caminho a uma vida plena, mais rica e mais abundante.

Exemplo prático dessa disputa pode ser visto no terreno da educação sexual. Se, desde o século XIX, a Medicina desenvolveu várias campanhas visando sanear a sociedade das doenças venéreas que se tornaram a nova praga do século e que se constituíam, portanto, como um problema efetivo, a Igreja, por sua vez, aliada aos mesmos interesses, utilizava-se de outro discurso na solução do problema da moralização da sexualidade e do enraizamento desta nos limites do lar. A prevenção de doenças venéreas pela moralização do sexo e o enclausuramento das práticas sexuais na esfera doméstica era um discurso que aproximava, em certa medida, a Medicina e a Igreja, apontando para pontos de contato entre diferentes campos de saber. A forma como a educação sexual era propugnada por ambos os grupos apresentava variações que permitem perceber como o saber científico esteve, também, a serviço de um poder pastoral, e como as diferentes teses convergiam para a ação disciplinadora das famílias.

Na análise que faz sobre a “polícia das famílias”, Donzelot, em um diálogo estreito com Foucault, afirma que as famílias seriam o motor de propulsão do desenvolvimento social, assinalando, no entanto que, isso só aconteceria, através de uma acoplagem com outros setores, da mesma forma que outros setores entram em relações de acoplagem, ou de cruzamento para agirem sobre ela. A cada cruzamento, montam-se dispositivos que irão funcionar de diferentes maneiras, tais como a filantropia, a caridade, o tribunal de menores, etc. Todas as prescrições oriundas dessas instâncias girariam em torno da ideia de conjugalidade, dos deveres e das funções sociais de cada cônjuge. O que fica evidenciado é que a família, como dispositivo de governo, e seus múltiplos mecanismos de controle da população, podem ser melhor compreendidos, se inseridos em um conjunto de ações táticas

gerais, situadas no horizonte da governamentalidade (DONZELOT, 2001)

Neste caso, as ações seriam preenchidas de significado por diferentes instituições que, conjuntamente, buscavam civilizar a nação brasileira. Os discursos científicos e morais indicam um poder pastoral que se afirma, pelo governo das almas e da formação das condutas, a partir de medidas de intervenção nas ações cotidianas, oriundas tanto da Medicina quanto da Religião.

Os modos pelos quais os católicos fizeram uso desse dispositivo tinham em comum seu uso como aparato disciplinar. Os conteúdos e as práticas discursivas veiculadas, no entanto, não representavam um consenso no interior do campo católico, que pode ser visto na variedade de proposições educacionais que esses impressos divulgavam. Tais propostas são reveladoras de concepções distintas de práticas educativas e participação na vida social.

Um exemplo elucidativo dessa questão pode ser visto na obra “Educação Sexual: para pais e educadores”, publicada pelo padre Álvaro Negromonte, em 1939. Nessa obra, Negromonte demarcava um posicionamento autorizado pela Igreja acerca de um tema polêmico, que vinha povoando os debates no campo educacional. Consoante com os novos tempos, Negromonte não condenou a educação sexual. Ao contrário, abriu um diálogo com essa temática, sinalizando para práticas de aproximação da Igreja com alguns enunciados higienistas, utilizados em muitas das propostas educativas no século XX.

Esse tipo de abordagem era ainda incipiente entre os católicos. Uma pesquisa feita com base no periódico *A Família Cristã,* publicado pelas Irmãs Paulinas, revela um tipo de educação bem diferente daquela propugnada por Negromonte para as mulheres. Das três fases da revista, conforme análise realizada por Prandi (1975), só na terceira, que é situada a partir dos anos 1960/70, nota-se uma abertura para esse tipo de discussão. A primeira fase é marcada com recomendações acerca do padrão de conduta que a mulher deveria possuir, com forte acento em papéis que a afastariam da participação integral na sociedade, dedicando-se à vida religiosa e familiar (anos 1940/1950). De acordo com o pesquisador, havia uma grande discrepância entre os modelos de comportamento propostos e as formas vigentes nessa época. Na segunda fase (1959/1960), aparece discreta aceitação em relação ao desempenho de novos papéis para a mulher na sociedade. (PRANDI, 1975, p.

30-34). A orientação das mensagens veiculadas no periódico apresentava, de acordo com o pesquisador, um forte teor tradicional que foi cedendo espaço, gradativa e lentamente, para o discurso moderno.

Dos conteúdos analisados com base nesse esquema tradicional-moderno, os resultados obtidos foram: de 1940 a 1945, apenas 5,3% das mensagens apresentavam um teor moderno; de 1946 a 1955, 21,1%; de 1956 a 1965, 42,3%; por fim, no período de 1966 a 1971, esse percentual havia subido para 58,7%, marcando uma abertura para o diálogo com as propostas e temas modernos, ao longo do tempo. (PRANDI, 1975, p. 27). A porcentagem de casos com tema de orientação moderna indicava que, apesar de haver uma tendência crescente de modernização na orientação da conduta, os temas relativos a casamento e comportamento sexual apresentavam os mais baixos incrementos médios anuais aos relativos a educação e lazer. A concepção de "moderno" definida pelo autor e tomada em contraposição à noção de "tradicional", diz respeito

> à posição do Catolicismo em relação às mudanças sociais que têm como padrão a situação nos países capitalistas ocidentais. O conceito de moderno guarda em seu bojo, as transformações referentes aos papéis sociais, à concepção secularizada do mundo, ao individualismo e demais fenômenos incluídos no que Wirth denominou 'urbanismo como modo de vida', às mudanças nos padrões de família, e a importância da educação formal, bem como à incorporação da tecnologia e da ciência, tanto no sentido de aplicação utilitarista como no de expansão e validação da racionalidade e da coerência objetiva na interpretação e orientação do comportamento" (PRANDI, 1975, p. 15).

Os resultados da análise de Prandi levaram-no a afirmar que os modelos de ação presentes ao longo do tempo, no periódico *A Família Cristã,* apresentam, por um lado, "uma tradição conservadora e antimodernizante", mas, por outro lado, é possível verificar "adaptações às exigências dos novos tempos". Conforme o autor, "entre uma estratégia e outra, das quais a segunda posição certamente encontra apoio em reduzida minoria das lideranças instituídas, o Catolicismo vai se encontrando cada vez mais identificado na proposição de modelos de conduta e pensamento com o 'mundo profano'". (PRANDI, 1975, p. 36). Ele admite, ainda, que a Igreja abre mão de algumas posições anteriormente defendidas, impelida pelas mudanças sociais, mas afirma não haver, no periódico estudado, nenhum indício, ou sinal de que essas transformações na abordagem de temas diversos, tenham

ocorrido no sentido de se antecipar às mudanças.

Em estudo realizado por Magaldi (2008), sobre a seção *Crônica feminina,* publicada na revista *A Ordem,* entre os anos de 1932 a 1934, também é observável essa "negociação" que os católicos "promoveram entre os valores tradicionais e a dinâmica da sociedade moderna". (2008, p. 114). A seção ficou a cargo de Lúcia Miguel Pereira e tratava de temas variados, inerentes aos interesses do público feminino. A presença de uma mulher junto aos colaboradores de *A Ordem,* já sinalizava uma abertura para as demandas impostas pelos tempos, salvaguardando espaços de atuação legítimos para a mulher nessa sociedade. Ao mesmo tempo, servia, também, como dispositivo de controle da formação das mulheres católicas, como uma estratégia que visava assegurar o encaminhamento de mensagens educativas consoantes com os valores da Igreja Católica. "Daí o lugar concedido pela revista a uma mulher que serviria sua sociedade, através de seus escritos, de uma forma bastante precisa: contribuindo para a conscientização de outras mulheres sobre a 'missão social' que deveriam desempenhar" (MAGALDI, 2008, p. 119). Essa missão social, no entanto, era precedida pela necessidade de uma sólida educação feminina. Mais uma vez, observa-se a preocupação acerca da necessidade de "educar-se para educar". Ao analisar uma das crônicas publicadas por Lúcia Miguel Pereira, sobre essa temática, Magaldi assinala que a autora defendia um maior rigor em relação à educação feminina de seu tempo, em bases apropriadas, mas em sintonia com as mudanças vividas pela sociedade. Nessa direção, ela sublinha que

> A cronista preocupava-se com a eficácia de um processo que deveria internalizar, nas moças, as 'amarras' consideradas necessárias para que pudessem se auto-governar em um contexto de maior liberdade e de mais amplas possibilidades de escolhas. No processo de disciplinarização da 'alma feminina' indicado pela autora, é essencial o papel desempenhado por uma 'crença sólida', vista como fundamento de uma educação que mantivesse a mulher 'fiel a si mesma, ao seu passado de abnegação e sacrifícios'. Porque se os 'tempos modernos' acentuariam a responsabilidade social da mulher, permitindo-lhe 'larga e expressiva realização de poderes', qualquer novo encargo deveria situar-se necessariamente em um patamar subordinado ao da maternidade' (MAGALDI, 2008, p. 121)

Apesar de parte significativa dos segmentos católicos adotarem uma ética religiosa que poderia facilmente ser identificada à uma ética "fora do mundo", na linguagem weberiana, a ética religiosa que passou a fundamentar alguns intelectuais e educadores católicos envolvidos nesse projeto de reorganização da sociedade,

parece ter adotado os contornos de uma ética “do mundo”. No caso particular do padre Negromonte, por exemplo, pode-se dizer que ele era um homem do seu tempo e parecia entender, com clareza, a necessidade de encarar os problemas do mundo da forma como eles se apresentam. Assim ele defendia a necessidade da educação sexual em seu livro:

> Agora, os tempos mudaram. Hoje se fala das questões sexuais com uma liberdade tão grande que é, de certo, para lamentarmos, mas não será nunca para desprezarmos. Temos de encarar os problemas do mundo como eles são, para os podermos resolver, e não como gostaríamos que eles fossem, para ficarmos arquitetando remédios imaginários – ou perdendo o tempo em lamúrias estéreis, enquanto as almas continuam a arruinar-se [...] Ora, é dever dos educadores preparar os homens para viverem no seu tempo, e não nos tempos idos. O que lhes incumbe é preparar os homens para resistirem aos perigos da sua época, e poderem praticar a virtude, quaisquer que sejam as dificuldades (NEGROMONTE, 1939, p. 3,4).

É nessa lógica de compreender os problemas do mundo e utilizar as ferramentas de intervenção que ele apresenta como as mais eficazes, que Negromonte estabelece um diálogo estreito com o campo científico.

Ainda que o padre, ao apontar para o sentido da educação sexual, reforce que sua preocupação é, eminentemente, de cunho moral, é preciso lembrar que, para os higienistas, a moralização da sociedade era uma das formas de saná-la de grande parte das suas doenças. Daí a importância, para esse grupo, da instituição familiar como dispositivo de governo que encerra no espaço doméstico os instintos sexuais, responsáveis pela corrupção dos corpos (pela contração de doenças) e da sociedade (pelo aumento de menores abandonados e de outros problemas sociais), conforme afirma Donzelot (2001).

Os argumentos utilizados pelo padre, quanto à necessidade da educação sexual, eram bastante similares aos do médico Júlio Porto-Carrero, por exemplo. Este assinalava que os pais deveriam conversar com seus filhos sobre esse tema, sob pena de que, se não o fizessem, outros o fariam de forma nociva, chamando a atenção para as repercussões futuras dessa omissão (MAGALDI, 2007, p. 153). O padre Negromonte, alertando os seus leitores sobre a importância de a Igreja quebrar o silêncio e assumir seu papel nesse campo da educação, ponderava sobre as vantagens e os inconvenientes dos silêncios dos pais em relação à educação sexual.

> Que acham os pais a este respeito? Pensarão por acaso que os seus filhos continuarão a ignorar tudo porque eles não lhes falaram? Pois se enganam enormemente. Chegará o momento em que, atormentados pela natural curiosidade, os filhos irão procurar fora as respostas a suas perguntas, depois de se terem perdido em divagações perigosas que lhes excitavam a imaginação e aquietavam o espírito, com não pequenas repercussões na orientação moral da sua vida [...] é natural que 'educados' assim, tomem tão errada orientação na vida, como a que até hoje têm tomado [...] mas vamos conceder – o que concedemos apenas para argumentar – que os meninos não cheguem a esses conhecimentos de fonte envenenada (1939, p. 4,5)

Outro ponto em comum entre o discurso do padre e de Júlio Porto-Carrero envolvia a preferência de ambos em relação à conveniência de a educação sexual ser encaminhada desde a primeira infância, conforme solicitação da criança, como condição para a constituição de adultos saudáveis. O médico, preocupado com a saúde física e privilegiando as famílias, por serem estas o núcleo inicial de socialização infantil; o padre, atrelando a educação física à moral e reforçando nas famílias a sagrada missão de educar os filhos.

Questões como o tempo, a medida de conhecimento e o educador responsável também se aproximavam, em ambos os discursos. Em um estudo apresentado em uma das seções da Associação Brasileira de Educação, intitulado *Instrução e Educação Sexuais,* Júlio Porto-Carrero esclarecia:

> Já não se discute mais a questão de conveniência da instrução das crianças a respeito das coisas relativas ao sexo, pelos pais ou professores. Um pouco de reflexão basta para compreender que nenhuma criança se mantém ignorante a esse respeito "inocente", até a puberdade [...]
> A questão de saber-se quem deva fazer a instrução, se os pais, se os mestres, merece apenas esta resposta; uns e outros, a seu tempo.
> Quanto a saber-se quando deva ser iniciada essa instrução, apenas pode responder-se: tão cedo quanto isso interesse à criança; e essa é a razão pela qual os pais devem iniciar a tarefa (*apud* MAGALDI, 2007, p. 153)

A análise do tema da educação sexual pelo médico se encaminhava em uma dupla direção: de um lado, enfatizava a importância de os pais ensinarem seus filhos sobre os "fenômenos do amor e da procriação", de acordo com a medida de interesse que a criança fosse demonstrando em relação à sua própria sexualidade e à vida conjugal dos pais. O médico acreditava que essa instrução, dada de forma "oportuna, leal, inteira e dosada", contribuiria para melhor escolha dos cônjuges e casamentos mais estáveis. Por outro lado, era necessário educar os pais e os

demais educadores para que estes entendessem e, com isso, pudessem nortear a vida sexual infantil (Magaldi, 2007, p. 154).

Com vários pontos de convergência, ao analisar essas mesmas questões, Negromonte ressalta a importância, uma vez estabelecida a necessidade da educação sexual, de se atentar para quem, quando e como promover a educação sexual das crianças. Preocupado em assegurar o monopólio dos saberes transmitidos para esse fim, o padre elenca quatro possíveis educadores em ordem hierárquica: os pais, os confessores, os professores e os médicos, todos em consonância com a moral católica. Essa hierarquia na transmissão de saberes indica um acento diferenciado em relação ao médicos, que proclamam o saber científico como o canal mais seguro da prática educativa, habilitando assim a escola e a família para esse exercício, desde que estivessem sob orientação e cuidados dos higienistas.

Para Negromonte, os médicos, embora não fossem considerados os mais aptos para promoverem a educação sexual, poderiam auxiliar nessa empreitada, por terem o prestígio da ciência que faltava muitas vezes aos pais.

> Não é honroso para a ciência dizer que ela nada ganha em associar-se à Moral, neste como em qualquer outro caso. Não quero confundir a ação do médico com a do sacerdote ou a do professor de religião (quem escreve é um sacerdote), quero que a ação desses dois formadores morais não se separe e menos ainda se oponha, como se fossem duas cousas paralelas ou antagônicas (NEGROMONTE, 1939, p. 51).

Se, do ponto de vista médico, esses discursos vinham acompanhados de um forte investimento na vulgarização dos conhecimentos da Psicanálise na direção das famílias, por parte da Igreja, era necessário, primeiramente, abrir espaço para esse debate no interior do próprio campo católico. A partir daí, então seria possível avançar na divulgação de um projeto de educação sexual seguro e preciso, no qual, já devidamente depurado, podia se encontrar um instrumental teórico de forte cunho moral e uma censura incisiva sobre toda literatura considerada ofensiva aos valores da Igreja.

Ao orientar os leitores, que, nesse momento, parecem ser especificamente os pais, sobre como promover a educação sexual, Negromonte afirma:

> As coisas devem ser ditas, sem rodeios, sem preocupações, com desembaraço e *naturalidade.* Devemos falar das coisas sexuais como falamos das demais coisas. Ninguém estranhe. Porque ou não devíamos dizer ou devemos dizer assim. O contrário seria despertar malícia, aguçar a curiosidade, prejudicando os interesses da educação. Quanto maior for o mistério de que envolvermos as nossas palavras, tanto maior será também a curiosidade que elas despertarão nos educandos [...] (1939, p. 81)

Ao argumentar sobre o melhor momento para se iniciar a educação sexual, Negromonte toma por base a Encíclica *Divini Illius Magistri,* condenando a iniciação sexual precoce. Ao mesmo tempo, ele afirma:

> Não é mais possível manter a salutar ignorância, guarda e preservativo da inocência infantil. As crianças muito cedo se põem em perigosos contatos com o cinema, as revistas ilustradas, os cartazes, as conversas levianas de casa, a semi nudez das praias e das piscinas, a companhia de outras crianças 'sabidas' e mal acostumadas. Assim, a inquietação sexual, que só deveria chegar com a puberdade, antecipou-se em grande velocidade" (NEGROMONTE, 1939, p. 94)

Sem se preocupar em estabelecer uma idade para iniciar a educação sexual, Negromonte prescreve que a iniciação comece logo que a ignorância não seja mais possível. "Se as perguntas aparecem é porque já existe a *necessidade de saber*. Já não é mais precoce" (NEGROMONTE, 1939, p.101).

O propósito da educação sexual ia além de "ocultar o perigo", "amedrontar", ou "reprimir os impulsos sexuais", conforme assinalava o médico Júlio Porto-Carrero. Consistia em "ensinar a defesa ante o perigo", ante as agressões do meio; é "ensinar a sublimar no útil, não na fantasia improdutiva e perigosa" (PORTO CARRERO *apud* MAGALDI, 2007, p. 155). Nessa mesma linha de pensamento, salvaguardando as diferenças do fio condutor em cada um desses educadores, Negromonte afirmava:

> Não fazemos da castidade uma força simplesmente do espírito porque sabemos a parte que o corpo exerce no composto humano. Os argumentos fisiológicos, de que abusam os educadores do lado oposto, nós os empregamos, com a diferença de submetê-los ao critério moral, único realmente digno da pessoa humana. Por exemplo: fazemos suma questão da saúde física, mas procuramos assegurá-la pela saúde moral que vale muito mais. Cremos nos preceitos de higiene e de profilaxia, mas nunca procuraremos substituir por eles os preceitos de Deus.
> Ensinamos também os educandos a *defender-se.* Fazemos disto a suprema finalidade da nossa educação sexual. Com uma diferença apenas – e esta diferença é básica e definitiva: - que para nós defender-se significa outra coisa. Defender-se é preservar-se, guardar a pureza da alma e a integridade do corpo no meio dos mil perigos que o assaltam no mundo. Significa dominar os impulsos fortes do instinto pela vontade adestrada e esclarecida. Se quisermos tomar a palavra de Feré,

> significa dizer *civilizar-se*, porque a 'civilização diz ele, tem por submeter os instintos à vontade'. Significa viver de acordo com a razão, a consciência e a fé, que traçam normas e marcam um ideal de homem (NEGROMONTE, 1939, p. 29)

Outro ponto em comum nos discursos do médico Júlio Porto-Carrero e do padre Álvaro Negromonte envolvia a crença na figura das mulheres como a maior aliada das práticas de intervenção educativa, no âmbito da família. Alçadas a uma posição diferenciada, constituídas de um poder regenerativo da sociedade, fosse pela Medicina ou pela Religião, as mulheres foram eleitas as principais destinatárias das mensagens educativas em prol das famílias brasileiras e colaboradoras de diferentes projetos intervencionistas com vistas a assegurar o bem-estar físico, psíquico, moral e espiritual da população

Como se vê, a partir de concepções de mundo distintas, médico e sacerdote acreditavam estar preparando as famílias para atuarem no panorama educacional do seu tempo. Marcando uma posição clara em relação ao grupo católico, Negromonte demonstra a consciência de participação e de intervenção social que sua proposta assumia, ao afirmar ser "dever dos sacerdotes preparar os homens para viverem no seu tempo e não nos tempos idos" (1939, p. 4), inserindo-se dessa maneira, no bojo das ações e das estratégias de governo endereçadas às famílias.

É interessante destacar, a partir da análise das aproximações entre os discursos pronunciados por esses dois representantes de campos diferentes que os mesmos apresentavam, na mesma época, muito mais em comum, do que muitos discursos veiculados no interior do próprio campo religioso. O projeto de formação moral empreendido pelas Irmãs Paulinas nos anos 1940, através do periódico *A família cristã,* analisado por Prandi (1975), e tomado nesta pesquisa como elemento de comparação, apresenta em relação à proposta do padre Álvaro Negromonte, uma distância significativa. Esse é um dado que evidencia o trânsito da Igreja entre a tradição e a modernidade como um processo complexo, e põe em evidência a flexibilidade das fronteiras que se estabeleceram entre os campos, quando se tratou de formar corpos saudáveis e espíritos modelarmente elevados. Destaco, ainda, como ponto comum, o uso dos impressos que ambos fizeram no ajustamento dos indivíduos e na orientação para a ação que estes deveriam adotar em relação às mudanças ocorridas na sociedade. Ações estas que, no âmbito do catolicismo,

deveriam ser consoantes com os cânones e as expectativas da Igreja.

3.2 *A Educação Sexual:* modelando espíritos e cultivando corpos castos

O projeto de educar moral, intelectual e fisicamente, que se constituiu como pilar da maioria dos projetos educacionais no período republicano, encontrou respaldo também na Igreja. Ampliando o escopo, mas sem descartar essa proposta, os católicos sistematizavam sua base educacional em outros termos, que contemplavam a educação do corpo, da mente e da alma. Esta proposta se aproximava do projeto almejado por médicos, higienistas e outros intelectuais, que foram se envolvendo com as questões educacionais, preservando o acento nos fundamentos espirituais da vida, considerados essenciais à formação de todo homem e sociedade.

Na proposta pedagógica do Padre Álvaro Negromonte, é possível apreender como educação moral e física se atravessavam, em suas prescrições na busca pela recatolicização da sociedade. Apesar das tensões e disputas estabelecidas com a Medicina e a Psicanálise em torno do campo educacional e da legitimidade do exercício de educar a população, Negromonte não se absteve, como já foi apontado, de incorporar muitos dos saberes médicos e psicanalíticos relacionados à questão do corpo, do desenvolvimento deste e de suas necessidades biológicas e fisiológicas, como também dos apegos, afetos, desejos e emoções. Essa tática de apropriação produziu um discurso refinado que, de um lado, colocava a Igreja em posição de diálogo com a ciência moderna, e, de outro lado, reforçava a necessidade de manter determinados padrões, na formação do homem civilizado católico.

Esse trânsito, no entanto, era feito em uma via de mão dupla. Se a Igreja, por um lado, atrelava a educação moral à necessidade de se controlarem melhor os corpos, formando-os de acordo com a consciência e a moral católica, o campo médico, por sua vez, desde o século XIX, já via nessa aproximação com o discurso moral, um terreno fértil para modelar as condutas na direção de uma sociedade mais higiênica. Do conjunto de teses médicas produzidas na Faculdade de Medicina do

Rio de Janeiro, no período de 1850 a 1890, foram analisadas por Gondra (2004), algumas delas, como ressalta o próprio autor, “exploram relações entre o físico, o moral e o intelectual; sobretudo entre os dois primeiros aspectos”, em busca do sonho de educar integralmente. (p. 226).

O binômio moral/higiene sustentou o projeto modernizador da nação, ancorando tanto o discurso religioso, quanto o laico. Também no campo da Psicanálise, como já foi apontado, quanto no da Puericultura, essa aproximação com a religiosidade pode ser percebida. De acordo com Magaldi:

> Ao analisarmos as representações produzidas pelos próprios médicos acerca de seu projeto, interessante é perceber que, ainda que embasado nos referenciais da ciência, o mesmo é revestido de uma evidente feição religiosa. Em textos produzidos no âmbito do IPAI, os médicos se auto-denominavam “apóstolos desinteressados”, “cruzados” dedicados a uma missão salvadora desenvolvida coletivamente por meio daquela instituição, assinalada como “templo da caridade”(MAGALDI, 2005, p. 4).

A proposta de educação sexual propugnada por Negromonte pode ser lida por essa ótica da educação integral, que, no livro *A Educação Sexual,* aparece com forte acento na preocupação com a educação do corpo e com o refreamento das paixões advindas do corpo. A dimensão que a educação física possui na abordagem de Negromonte apresenta um sentido alargado e atravessado pelas outras duas componentes do tripé pedagógico, tal como define Vago:

> A dimensão da ‘educação physica’, que compunha a tríade educativa pretendida com o novo modelo escolar, não se restringiria, assim, a uma disciplina escolar específica. Considerando as representações que circulavam entre os agentes envolvidos na instituição daquela cultura escolar, parece-me possível dizer que eles emprestavam à dimensão ‘educação physica’ um significado de amplitude tal que acabava por nele incluir a ‘educação intellectual’ e a ‘educação moral’. Em outras palavras, o que estou procurando realçar, é que a educação e a educação moral parecem constituir também, e, antes de tudo, dispositivos de ‘educação physica’ das crianças: a cultura escolar traduzia-se em sentido alargado em cultura (cultivo) dos corpos das crianças nas (e com as) práticas escolares, em conjunto (2002, p. 22)

De acordo com este autor, ao longo da História da Educação Física, é possível perceber algumas representações que caracterizam os debates da área. A primeira delas seria a da “correção dos corpos”, ancorada nas ideias e práticas de higienização e disciplinarização que possuía como pressuposto inicial, “o estabelecimento de uma ordem urbana e escolar, mas visava também à “eficácia dos gestos”, com a preparação desses alunos para o mundo do trabalho” (Vago,

2002).

Essas duas representações, “correção dos corpos” e “eficácia dos gestos”, são passíveis de serem apreendidas na proposta pedagógica de Negromonte. Preocupado em cultivar corpos castos, que contribuíssem com a elevação espiritual dos educandos, seu manual de educação sexual demonstra, também, uma atenção voltada para a formação de corpos e espíritos fortes, que dignificassem a Deus e à Pátria. Negromonte destaca, ainda, a necessidade do envolvimento de todos nessa tarefa, no conclame que faz nos parágrafos finais de seu livro: “Pela salvação das almas que se perdem, pela dignidade humana que perece, pela saúde do povo que se corrompe, pelo futuro da Pátria, vamos todos a esta cruzada que salva as almas, dignifica o homem, fortalece a raça e assegura os destinos da Pátria” (1939, p. 281).

Publicado em uma brochura de 281 páginas e formato de 13 x 20 cm, o livro permitia o manuseio do texto para fins de estudo. O fato de ser proposto por uma autoridade religiosa traz alguns pontos a considerar: a legitimidade, o posicionamento da Igreja em relação ao assunto, o esclarecimento sobre o tema a partir do ponto de vista cristão. O fato de ser manuseável, ao ponto de facilitar o estudo da temática, tal como os textos anteriores já publicados pelo mesmo autor, sugere uma ruptura com a representação de uma prática de leitura sacralizada, instituída, por exemplo em relação aos textos de capa dura. Ao mesmo tempo, a forma em questão indica sintonia com a lógica do mercado de barateamento da produção impressa, devido à diminuição do custo final do livro. Ainda assim, o livro custava 9$000. Comparado aos outros livros do padre e de outros autores, é possível perceber que não era um livro de preço baixo. A título de comparação, é interessante pensar que este era o seu livro mais caro. A *Pedagogia do Catecismo* custava 6$500; As *Fontes do Salvador*, 8$000; *O Caminho da Vida,* 5$000; *A Doutrina Viva,* 5$000; *Manual de Religião*, 4ª ed., 4$000; *Diretrizes Catequéticas* 2$000. De uma maneira geral, seus livros custavam relativamente mais caro que algumas obras de autores renomados publicadas nos anos 1920, como por exemplo, *O Atheneu***,** de Raul de Pompéia, que custava 3$000**,** *Poesias* de Olavo Bilac, 3$000, *Os Caboclos* de Valdomiro Silveira, 4$000 a re-edição, *História do Brasil* de João Ribeiro, 4$000[121]. O valor de suas obras pode ser um indício do público leitor para o qual ele encaminhava

[121] Os valores aqui apresentados forame extraídos de Orlando (2008) e Lajolo & Zilberman (2003).

suas mensagens.

Pensar nesse público, a partir do suporte material que veicula sua prática discursiva, pode fornecer elementos sobre o tipo de família e de outros educadores aos quais ele se dirigia. Sugere pensar, ainda, nas estratégias de circulação desse livro. Apesar de ser o seu livro mais caro, foi, por sua vez, fora da coleção de livros didáticos, o que teve maior número de reedições, chegando a onze edições, entre 1939 e 1963, data da última edição localizada.

Grosso modo, ele falava às famílias católicas ou sensíveis à mensagem da Igreja: tanto às adeptas, quanto àquelas que ele estava buscando cooptar pela via da educação. Apesar de não haver nenhuma marca discursiva a respeito do tipo de família a que se destinava de modo privilegiado, três aspectos – dois de ordem material e um de conteúdo - não podem deixar de ser percebidos como evidências de um destinatário visado: o fato de ser um livro com 281 páginas sugere um leitor relativamente experiente e o valor do livro acima da média indica um público disposto a pagar pelo conhecimento. Não obstante, o fato de atingir de modo mais evidente a família oriunda de setores letrados e de segmentos sociais favorecidos, não quer dizer que não atingisse outros universos, o que justificaria o número de reedições.

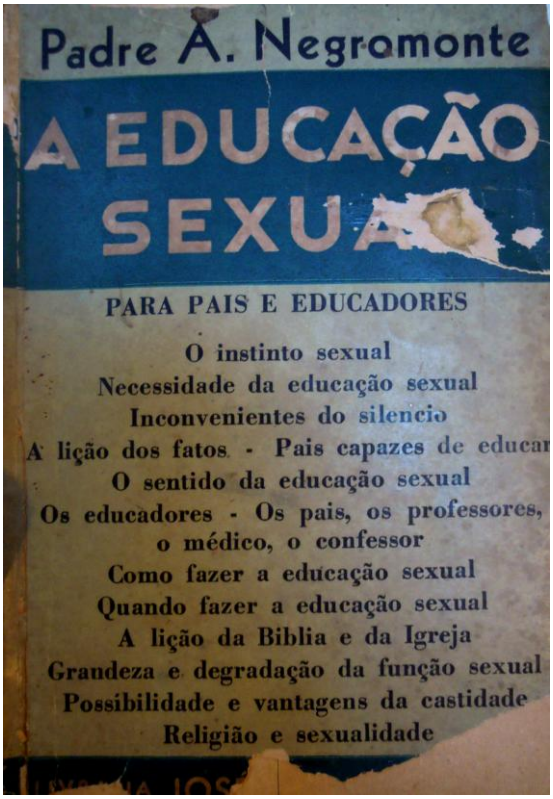


Figura 17: Capa do livro *A Educação Sexual,* 1939

Do ponto de vista do conteúdo, um embate com o que campo científico vinha estabelecendo em relação ao assunto revela uma densidade que vai além de uma simples instrução sobre o tema. Esses indícios permitem inferir que Negromonte não estava preocupado apenas em instruir, mas também em fornecer subsídios para que os próprios pais, como educadores, pudessem se contribuir na afirmação dos princípios católicos no campo educacional.

Os discursos do padre permitem compreender como Negromonte concebia a família em sua função social.

Independentemente, do nível das suas práticas de leitura, as famílias católicas deveriam ser instruídas para atuar no espaço privado, tanto quanto no público. Nesse quesito, ele aponta a *Association Du Mariage Chrétien,* como uma iniciativa exemplar dos católicos franceses, que produzia publicações com a cooperação de pais, mestres, médicos e sacerdotes, visando o bem da sociedade como objetivo comum. O fato de apontar essa iniciativa como possível fonte de inspiração e estímulo aos católicos brasileiros, é outro ponto que coloca em evidência que ele não estava falando, aleatoriamente, para qualquer segmento social.

A importância do tema fica visível, pelo destaque que lhe é dado por meio do título, na capa do livro. Destacado no alto da página, em fontes garrafais, vinha seguido de parte do sumário, informando ao leitor o que seria abordado na obra. A autoria, no topo da página, assegurava a chancela da Igreja sobre uma obra entendida como segura para os leitores.

A folha de rosto traz o sub-título, a autoria e uma epígrafe, reveladora da preocupação do autor e editor de deixar clara a legitimidade da obra destinada aos pais e educadores, através de uma citação de São Paulo como uma forma de endossar que nada havia de imoral no livro, estigma recorrente nos livros de sexologia, apesar do tema em questão: “Para os puros todas as coisas são puras” (S. Paulo).

Na folha seguinte, outro elemento marca essa legitimidade: o *imprimatur,* seguido do parecer favorável do Padre Hélder Câmara ao bispo D. Cabral, que havia solicitado a sua leitura a fim de garantir a idoneidade da obra. A posição oficial que o padre Helder ocupava naquele momento no interior do campo religioso também é referenciada e representava um selo de respeitabilidade e, consequentemente, de incontestabilidade da obra. É importante ter em conta que o padre Hélder Câmara foi um grande entusiasta do trabalho do padre Negromonte e lhe abriu portas valiosas no interior do campo católico. Essa amizade é destacada no parecer, pelo próprio padre Hélder, que, apesar de reconhecê-la, afirmava a isenção da sua opinião sobre a obra.

> Exmo. E Revmo. Sr. Arcebispo D. Antonio dos Santos Cabral
> V. Excia., bondosamente, me confiou o *nihil obstat* do livro sobre educação sexual que o Pe. Álvaro Negromonte acaba de escrever.
> A princípio, vacilei quanto á oportunidade de um livro sobre o assunto, escrito, no

> Brasil, por um sacerdote. O livro me dissipou qualquer dúvida. Posso estar enganado – mas o que eu penso é que ele, com a graça de Deus, vai fazer entre nós um bem imenso. [...]
> Não vacilarei em recomendar aos Superiores Maiores das Ordens Religiosas masculinas e femininas que tornem o livro do Pe. Negromonte conhecido pelos religiosos que cuidarem da educação. [...]
> Não pense V. Excia. Que esteja falando a amizade que me une ao Pe. Álvaro Negromonte – fala a minha consciência de educar católico e de ministro de Deus. (Pe. CÂMARA, 1939)[122].

É importante destacar essa visão, destacada pelo Pe. Hélder de que o livro deveria chegar tanto aos moços, quanto às moças, autorizando, desta forma, a leitura deste livro para as mulheres, considerando sua função de educadora. Além de sublinhar o alcance desse livro junto a leitores não católicos, para o que assinalava que, ao contrário de encontrarem uma visão estreita de um sacerdote em relação à temática, encontrariam "uma palavra segura e precisa, capaz de fazer bem".

Os pareceres de Oscar Mendes e de Alceu Amoroso Lima não foram publicados no livro. No entanto, a 8ª edição do livro *Noivos e Esposos,* publicado em 1963, pela Edições Rumo, trazia nas orelhas opiniões, tanto de Alceu como do Cardeal D. Jaime Câmara, a respeito do manual *A Educação Sexual*, reproduzidas a seguir[123]:

> **Opinião de Tristão de Ataíde sobre "A EDUCAÇÂO SEXUAL" do MONSENHOR NEGROMONTE**
>
> Livro muito bem escrito, não só pelo estilo correto e correntio, mas ainda pela lógica de sua argumentação e a franqueza com que encara um problema que em geral procuramos resolver pela tática dos avestruzes, que escondem a cabeça em baixo da asa, quando veem o inimigo... O Pe. Negromonte combate, com razão, esta tática que nada resolve, e numa série de capítulos de argumentação cerrada e espírito realista, o que não exclui uma grande austeridade e delicadeza de expressão, - mostra como é dever elementar dos pais dizerem a verdade aos filhos, em matéria sexual, de modo inteligente e discreto antes que eles venham a tomar conhecimento dessa delicada verdade de modo clandestino, malicioso e perturbador de sua formação fisiologia e moral. Os pais, as mães e os educadores muito encontrarão de útil e mesmo indispensável na leitura deste livro, que só um homem de alma intrépida como o PE. Negromonte teria coragem de escrever, contra os preconceitos dos charlatães da educação sexual materialista e generalizada, e contra a timidez ou a rotina de muitas consciências honestas (1963, 1ª orelha).
>
> **O CARDEAL JAIME CÂMARA apreciando o livro "A EDUCAÇÂO SEXUAL", do MONS. NEGROMONTE**

---

[122] Cf. parecer do padre Hélder, na íntegra, publicado no livro A Educação Sexual no anexo O.
[123] Não foi possível averiguar se esse foi um dispositivo utilizado em alguma das edições desse livro publicadas pela José Olympio. Se for este o caso, não é possível precisar quando esse dispositivo passou a ser adotado em referência ao livro *Educação Sexual.*

> “Profundamente científico e cristão nos conceitos e experiências, promove a verdadeira educação sexual. É claro, mas delicado. Encara tudo através do prisma sobrenatural e educativo. É sincero e objetivo. Em cada parágrafo sentem-se o zelo sacerdotal, o ardor pela salvação da juventude e da família. Eis porque recomendo a todos os pais e educadores, como digno de leitura atenta e aplicação adequada, o livro intitulado A EDUCAÇÂO SEXUAL, elaborado à luz da ciência e da moral, por Monsenhor Álvaro Negromonte (1963, 2ª orelha).

Devidamente legitimada, a obra foi dividida em dezenove capítulos, indicados no índice, que vem logo depois do parecer: quinze, entre estes, envolvem orientações genéricas a ambos os destinatários (pais e educadores); um, esclarece as funções específicas dos educadores, classificando, separadamente, os pais, os professores, o médico e o confessor; e, três deles, se direcionam especificamente às famílias[124].

Os temas desenvolvidos parecem responder às seguintes questões: é necessária a educação sexual? Por que? Para que? Quem deve propiciar essa educação? Como? Quando? Quais os riscos de não fazê-la? Como garantir que seja feita com sucesso?

O primeiro capítulo faz uma espécie de introdução da obra. Intitulado “Necessidade da educação sexual”, discute os problemas advindos da ausência de educação sexual, ou de sua promoção de forma incorreta. Para o autor, a educação sexual deveria preparar o adolescente para “enfrentar o embate” que se instaura entre a sua sensibilidade aflorada pela idade e a “função eminentemente social” do sexo, saindo dessa luta vencedor, por ser capaz de refrear seus instintos. Para tanto, não bastaria estar instruído em um sentido que mais remete a uma advertência do perigo, e sim, estar efetivamente preparado, formado bem o suficiente para lidar com as situações mais adversas que a sociedade moderna lhe impõe. O auto-controle do jovem é encarado pelo autor como um hábito que deve ser formado e cultivado. De acordo com Negromonte, “se para as demais coisas da vida se requer a formação de hábitos, quem não vê que se requer aqui mais do que em qualquer outro setor?”(NEGROMONTE, 1939, p. 2).

Para ele, o verdadeiro sentido da educação sexual está em partir da consideração moral.

> A educação moral que defendemos e propugnamos é um encaminhamento para a

[124] Conferir índice no anexo P.

> castidade. Fora disto não tem sentido para nós [...] Partimos da inteligência, mas não ficamos nela. Queremos dominar o instinto e governá-lo pelo espírito. Devemos subordinar a emoção à sua finalidade monogâmica e procriadora. Estão os sentidos vivamente envolvidos na questão – e nós não os desprezamos. Mas não temos a ilusão de dominá-los por meros conhecimentos intelectuais ou demonstrações técnicas, que mais servirão para desencadeá-los. Por isso mesmo, em nossa educação sexual, o conhecimento é um caminho para a formação da vontade e o domínio dos sentidos. Como a função sexual é, acima de tudo, uma função moral, a sua educação específica é, acima de tudo, uma formação moral (NEGROMONTE, 1939, p. 26)

A formação das vontades e o domínio dos sentidos eram as bases da sua proposta de educação sexual. Bases nas quais, segundo Elias (1990), estaria assentado todo o processo civilizador. O discurso do padre e suas propostas educativas estavam recheados de elementos civilizatórios que corroboravam com a formação do novo homem civilizado que se pretendia na sociedade brasileira da primeira metade do século XX.

Na concepção dos católicos, a pedagogia propugnada por eles era fundamental para a formação desse homem civilizado, porque só ela seria capaz de ensinar com segurança os fundamentos que garantiriam o auto-controle dos impulsos e dos instintos. Controlá-los seria uma questão de vontade, que seria garantida pelo exercício dos princípios morais. Negromonte apresenta uma dessas formas de intervenção em seus tratados pedagógicos, articulando civilização e cristandade nas suas prescrições educativas. O resultado dessa apropriação se assemelha àquele analisado por Elias, ao tratar da formação de *habitus.* Para esse autor,

> desde o começo da mocidade, o indivíduo é treinado no autocontrole e no espírito de previsão dos resultados de seus atos, de que precisará para desempenhar funções adultas. Esse autocontrole é instilado tão profundamente desde essa tenra idade que, como se fosse uma estação de retransmissão de padrões sociais, desenvolve-se nele uma autosupervisão automática de paixões, 'um superego' mais diferenciado e estável, e uma parte dos impulsos emocionais e inclinações afetivas sai por completo do alcance do nível da consciência (ELIAS, 1993, p. 202)

Buscando assentar-se em princípios científicos, Negromonte apontava para a necessidade de um projeto de educação que unisse alma e corpo, preocupação própria dos educadores católicos, diferentemente, de outros educadores, para os quais, essa questão da formação da alma, no sentido de encaminhá-la para a salvação, não se apresentava no horizonte das suas propostas pedagógicas.

Esse ideal é um ponto chave. Para ele, não bastava defender a ideia da

necessidade da educação sexual e dos prejuízos que o silêncio acarretava para a criança e para o adolescente, que iriam buscar em outras fontes as explicações das quais necessita. É preciso ter clareza de que todo o esclarecimento que o autor propõe tem um fim específico e determinado. Nesse sentido, a educação sexual propugnada por Negromonte seria uma espécie de encaminhamento para a castidade, através da formação da vontade, tendo a educação intelectual como um os principais meios para atingir esse fim. A educação sexual era considerada por Negromonte, acima de tudo, como uma educação moral. No entanto, ele defendia a necessidade de se educar integralmente o indivíduo a fim de alcançar, com êxito, o resultado esperado.

> Para atingir esse fim, fazemos, sem dúvida, a formação ou – como dizem – a iniciação intelectual. Mas esta iniciação não é para nós um curso de biologia, fisiologia ou sexologia. O conhecimento do organismo, das suas funções, do seu destino não nos pode faltar – e nós os ministramos oportuna e moderadamente. A isto, porém, juntamos o aspecto moral inseparável, vamos repetir, inseparável dos atos livres do homem. O educando deve, portanto, saber distinguir o bem do mal; saber o que é permitido e proibido, e mesmo no que é lícito, distinguir, para evitar, o que é perigoso. Deve conhecer os meios e a sua eficácia, para ajudar as fraquezas e deficiências do próprio temperamento e os perigos da vida (NEGROMONTE, 1939, p. 27)

Uma vez estabelecida a necessidade da educação sexual, o ponto seguinte consistia em determinar quem deveria fazê-la. Para esse exercício, ele elencou, em ordem hierárquica: os pais, os professores, o médico e o confessor[125]. Quanto aos pais, em primeiro lugar, eles teriam o dever de educar por primazia, por terem sido instituídos por Deus. Em segundo lugar, eles possuíam um conjunto de qualidades necessárias para essa função, tais como:

> um conhecimento sério da vida[126], uma perfeita liberdade de espírito, uma autoridade reconhecida e acatada, uma delicadeza de sentimentos capaz de falar sem ferir a quem ouve, a conveniência de todas as horas para saber dizer o que for necessário e só isto, no momento oportuno e, tudo isto servido ademais pela absoluta confiança do educando [...] isto de modo ordinário e geral, só encontramos nos pais. (NEGROMONTE, (1939, p. 32).

A família foi apontada pelo padre como a melhor instituição para promover a

[125] Curiosamente, no livro ele não segue essa lógica hierárquica ao tratar de cada um desses educadores e de suas esferas e modos de ação. Ver ordem utilizada no índice do livro, ainda no anexo P.
[126] E, por isso, maior capacidade de falar dela, objetivamente.

educação sexual dos filhos. Neste aspecto havia uma divergência com o campo médico que, apesar de estimular a participação dos pais na educação sexual dos filhos e orientá-los para essa finalidade, encarregava a escola de corrigir os defeitos que poderiam advir dessa educação doméstica.

A educação sexual promovida dessa maneira reforçaria “uma moral religiosa, intimamente ligada à família e preocupada com a manutenção das diferenças de gênero” (VIDAL, 1998, p. 61). Na proposta pedagógica do Monsenhor Negromonte, apesar de a figura feminina ser uma personagem central na educação dos filhos, aos pais também foi atribuído um conjunto de responsabilidades que marcava a conformação dos papéis sociais no interior da instituição familiar. Aí, a educação de meninos e meninas não só era diferenciada no conjunto de saberes que caberia a cada um, mas também, em relação ao sujeito responsável por promover essa educação. Se, nos primeiros anos, a mãe aparece como a principal educadora dos filhos, na adolescência, sobretudo para os meninos, a figura paterna emerge nesse cenário com uma função que lhe é atribuída como própria e tem seus termos normatizados no rol dos saberes e das práticas educativas do âmbito privado.

O argumento recorrente dos pais, sobre não saberem como fazer a educação sexual, era considerado e reconhecido por Negromonte, que chamava a atenção para a necessidade de se criarem medidas que contribuíssem para formar pais capazes de educar seus filhos, intervindo diretamente na orientação da sua sexualidade.

> Somos forçados a reconhecer que, no momento atual, a imensa maioria dos pais não está em condições de fazer a educação da castidade dos seus filhos. Faltam-lhes as tradições de uma educação semelhante e não estão recebendo ainda o que os costumes lhe negaram. Ainda os melhores não sabem como fazer. Nem a mentalidade corrente é favorável. (NEGROMONTE, 1939, p. 271)

Com isso, ele reforça as propostas feitas no 1º Congresso Católico Brasileiro de Educação (1934), de se organizarem centros de educação para pais e professores, no sentido de orientá-los nessa pedagogia. Os educadores deveriam ser preparados para influir sobre os pais. De acordo com Negromonte, sendo eles mais abertos às novas ideias, por estarem em contato mais de perto com os problemas educacionais e por iludirem-se menos com os bons costumes das

crianças, sobretudo por não se tratar de seus filhos, deveriam ser os primeiros a serem orientados para que pudessem atuar junto aos pais. Cursos ministrados para pais e educadores em conjunto também eram recomendados por Negromonte, que indicava as organizações da Ação Católica para essa tarefa, deixando claro o lugar de onde deveriam partir as intervenções sobre a sexualidade dos indivíduos. Posicionando-se, preventivamente, em relação às políticas laicas de educação sexual, ele insistia com os pais: “Façam a educação sexual de seus filhos antes que os governos, alarmados com as proporções do mal, queriam tomar as medidas erradas e desastrosas das iniciações coletivas através das escolas como se vêm fazendo em outros países”(NEGROMONTE, 1939, p. 278).

Além dos pais, Negromonte considerava todos os demais educadores apontados no livro, inaptos para fazerem a educação sexual, ou, em alguns casos, apenas bons auxiliares de ensino dos pais. Nesse sentido, o papel dos professores como auxiliar dos pais, salvo algumas exceções, estava diretamente relacionado à formação geral dos educandos.

> Em classe o grande dever é a formação das vontades, a preocupação de fazer o aluno dirigir a vida pelos interesses elevados do espírito, a convicção prática de que somos especificamente homem na medida em que dominamos os instintos, o amor ao ideal de uma vida pura, o sentido das responsabilidades sociais decorrentes das atitudes individuais, a firmeza de caráter que gosta de triunfar das tendências inferiores, o amor aos prazeres elevados, a figa de tudo o que é baixo e grosseiro- a orientação do educando para vencer a natureza desorganizada e viver segundo a razão e a fé, eis, numa palavra, a grande tarefa do professor. Se trabalhar nisso, está cuidando de modo indireto da educação sexual que não se pode desligar da educação do homem. Fora desta ação geral. Sobremodo benéfica, o professor só excepcionalmente incursionará nesses assuntos (NEGROMONTE, 1939, p. 38).

Apesar de não serem instigados a tratar da sexualidade de seus alunos de forma direta, eles teriam um papel primordial no que ele chamava de *ginástica das vontades,* fundamental na formação geral dos educandos. A educação sexual era considerada por Negromonte apenas uma partícula da educação geral, que deveria formar homens fortes. Ele afirmava: “é preciso ser forte para ser puro”. O que fazia com que a maior preocupação dos educadores fosse a formação de homens fortes. Quanto a isso, Negromonte tecia severas críticas aos modos como a sociedade, de maneira geral, ia conduzindo o processo educacional. Para ele, a forma como os jovens vinham sendo educados, inclusive pelos pais, servia para formar uma

vontade fraca, que, por conseguinte, ficava a mercê das paixões.

Contestando veementemente o caráter pouco disciplinar que, por todos os lados da sociedade, ia se configurando, ele apontava para o tipo de homem que as medidas educativas propugnadas em seu livro tendiam a formar. A citação abaixo é longa, mas por ser bastante ilustrativa do pensamento do autor em relação à importância da disciplina nas práticas educativas e de sua crítica à concepção moderna de educação, optei por reproduzi-la.

> Tomemos um dos nossos meninos. Examinemos como está sendo educado. A sensibilidade brasileira não tolera nem que a criança chore: - corre logo a acalentá-la. Não pode ver a criança em dificuldade – corre imediatamente a ajudá-la. Não sabe contrariar os pequenos. Se antigamente se fazia isso, por sensibilidade, mal orientado amor, hoje se faz por comodismo, para não ter trabalho com as crianças. Ainda pior.
> Os ricos vão criando os filhos em um ambiente horrível de facilidades, de satisfações, de requintes, em que a preocupação é o luxo, o goso da vida, sob o nome menos vergonhoso de conforto. As vertiginosas acelerações do progresso contribuem para nos fazerem mal à formação do homem forte. Temos tudo à mão. Desde pequenos, nada fazem de difícil os homens modernos. Não se cansam em caminhadas. Não se preocupam com os estudos, porque as escolas lhes facilitam a aprendizagem. Não padecem o frio. Não suportam o calor. Nem mesmo as dores que os afligem. Os aquecedores, os ventiladores, os analgésicos se multiplicam, proporcionando confortos agradáveis, mas enfraquecendo paulatinamente a vontade.
> Tudo o que custa é posto de lado. Os próprios pais são os primeiros a fazer assim. Custa-lhes manter uma ordem: - eles a relaxam. Custa-lhes exercer a vigilância: - abandonam o filho a si mesmo. O menino pede uma coisa; negam; mas se o menino insiste, deixam para se verem livres.
> Seríamos tidos como retrógrados se aconselhássemos a fazer as crianças comerem do que se põe à mesa e não do que gostam. Seríamos desumanos se não déssemos aos pequenos o que pedem, chorando ou insistindo. Perguntar-nos-iam para que as empregadas, se mandássemos os próprios meninos fazerem a cama e arrumarem o quarto. Censurar-nos-iam se deixássemos a criança passar meia hora de fome para esperar o almoço que tardou um pouco. Seríamos impiedosos se não déssemos ao filho um presente de aniversário, se não o felicitássemos por um triunfo escolar, se não o elogiássemos porque teve o primeiro lugar em um torneio esportivo, se o privássemos de um passeio ou jogo ou divertimento, sem motivo, apenas para exercitar a sua vontade, se o mandássemos a uma caminhada maior a pé, se o deixássemos um pouco mais de frio e outras coisas semelhantes. A verdade é que dessa maneira estaríamos preparando o menino para ser u m homem forte [...] (1939, p. 265, 266)

Para o autor, esse excesso de liberdade e falta de disciplina era fatal para o problema da moralidade e, consequentemente, para a questão sexual. Ser capaz de vencer a si mesmo em coisas simples era, na concepção de Negromonte, fundamental para a castidade. Em contrapartida, orienta como começar desde cedo essa *ginástica das vontades,* como uma forma de orientar a sensibilidade das crianças, de maneira que isso se refletisse em seus corpos, devidamente adestrados pela vontade.

> Com uma semana de nascidas, estão as crianças viciadas a só dormir nos braços... O cuidado deve ser maior do que muitos pensam. O exercício há de ser prolongado. Muito mais para a vontade do que se exige para o corpo. Será talvez duro, severo, exigente, mas é necessário. Ensinemos a resistência. Façamos a cultura da energia. Exercitemos a vontade em todos os domínios. Ponhamos a formação do caráter no centro de nossa pedagogia, se quisermos formar homens castos (1939, p. 167).

Dessa maneira, não sendo os primeiros a lidar com as crianças, os professores poderiam contribuir para essa formação geral, corrigindo na escola a indisciplina dos costumes, muitas vezes trazidos de casa, da rua, da convivência com más companhias, dentre outras situadas. Deveriam, ainda, atuar sobre os pais, orientando-os para que exercessem, no espaço doméstico, uma educação moral mais sólida, da qual a educação sexual era matéria que não deveria ser desprezada.

Outras maneiras, mais diretamente ligadas à educação física, foram destacadas pelo padre Negromonte, como valiosos instrumentos que, utilizados na educação do corpo, atenderiam aos propósitos da alma. Procedimentos educativos e modelares, dirigidos aos corpos de crianças e adolescentes, foram analisados por Vago (2002), ao tratar da cultura escolar que foi se afirmando nas duas primeiras décadas do século XX, na cidade de Belo Horizonte. Tendo sido produzido quase duas décadas depois do período estudado por este autor, o livro *A Educação Sexual* não só permite, como instiga, essa aproximação com o processo de educação dos corpos através da cultura escolar, em um período que o antecedeu, por se tratar, primeiramente, do mesmo *lócus* de produção que era a cidade de Belo Horizonte e pela convivência de modelos formativos para a educação física que ela sugere. É possível estabelecer aproximações entre a “correção dos corpos” apontada por Vago, e as prescrições relacionadas ao “cultivo dos corpos” propostas por Negromonte, mesmo duas décadas depois, quando o foco da educação física naquela cidade, segundo Vago, parecia avançar para outra dimensão da educação física, voltada para a “eficácia dos gestos” como novo objetivo norteador dessas práticas, o que também aparece em algumas das prescrições do receituário do padre Negromonte.

Naquele contexto, Vago (2002) destaca a ginástica como uma das formas de intervenção no corpo dos escolares, considerada altamente positiva pelos

educadores da época. De forma similar, o padre assinalava que a educação física e esportiva, misturada ao estudo das outras matérias, apresentava boas vantagens para a vida escolar e contribuía para que o aluno, com o espírito mais alegre e descansado, vencesse as tentações que a vida pudesse lhe proporcionar. É possível inferir, a partir desse tipo de recomendação, a importância atribuída pelo padre à educação física e intelectual, como auxiliares da educação moral.

Esses recursos, no entanto, não suprimiam a necessidade de outras medidas de controle e vigilância, consideradas de fundamental importância para o autor, como as boas relações com os professores e diretores, que proporcionava um ambiente de confiança e dificultava a ação perniciosa de chamados "maus elementos"[127].

Apesar de não pretender que essa questão da sexualidade se tornasse matéria escolar, Negromonte fazia algumas ressalvas para algumas situações em que isso pudesse acontecer. A educação sexual coletiva, de forma livre ou por meio de debates, não era admitida, a menos que se apresentasse uma situação em que o professor, ou a professora, devesse se manifestar. Nesses casos, deveria se encarar o problema como ele se apresentava, sem pudores ou hipocrisia, mas falando justamente o essencial à solução do problema e sempre de forma casta (1939, p. 43)

Para os colégios internos femininos, o problema apresentava algumas variações. Nesse caso, a professora era instruída a exercer a função de orientação, se destacando nessa posição, pela confiança da adolescente, que, não tendo com quem falar sobre suas dúvidas, poderia recorrer a ela, elegendo-a como uma espécie de confessora. Essa questão da confiança foi reiterada diversas vezes pelo padre. Além disso, havia outra questão que precisava ser sanada, para a qual o olhar atento da professora e a postura de amizade e confiança se configuravam importantes elementos do aparato disciplinar escolar. Negromonte aponta as "amizades particulares" entre as meninas, como uma verdadeira praga, que se disseminava nos colégios, das quais derivavam "carinhos perigosos à virtude". Os pais deveriam alertar suas filhas sobre os perigos advindos de amizades com companheiras muito sentimentais, carinhosas, exclusivistas. Quanto às professoras,

[127] São caracterizados como maus elementos todos aqueles que buscavam não só transgredir as regras, mas influenciar outros colegas a fazer o mesmo.

era assinalado:

> Além da vigilância geral, cumpre-lhes uma tarefa específica. É necessário, de um lado, salvar as meninas dadas a esses males, corrigindo-lhes positivamente os defeitos, levantando-lhes o espírito por meio de ideias certas, de conceitos elevados, fazendo-as encarar com dignidade os assuntos em questão. É necessário retificar as ideias errôneas, dando do instinto procriador, das suas funções e órgãos uma concepção digna, que sustenta o espírito em uma esfera alta. Seria talvez ocasião asada a aula ciências naturais, quando do estudo do corpo humano. Em vez de omitir o estudo do aparelho genital – causando assim motivo de estranheza e malícia, e deixando as meninas numa ignorância injustificável – era o momento para orientar as mocinhas, ensinando-lhes com seriedade, elevação e verdade o que elas muitas vezes aprendem de modo indigno e errôneo. Nos casos particulares, de acordo com as necessidades, o entendimento pessoal resolveria tudo, sob a condição de se falar com clareza e com simplicidade (NEGROMONTE, 1939, p. 46).

Amparado nas práticas de algumas religiosas, que atestaram ter sido esse o melhor caminho que encontraram, assegurando os bons resultados obtidos, Negromonte endossava tais estratégias. Essa aproximação entre a educadora e as alunas, permeada por uma postura de clareza e honestidade diante de suas inquietações, aproxima, mais uma vez, o papel da professora ao da mãe, na educação das meninas, o que se pode notar claramente, na fala do padre, ao se referir a um capítulo incluído mais adiante no livro, intitulado “A mãe e a filha”. Ele afirmava: “além disto, tudo que vamos dizer adiante da mãe em relação à filha na idade difícil da adolescência, entendemos igualmente aplicável à educadora. Pois é quase sempre no colégio que as internas precisam daqueles cuidados e instruções” (NEGROMONTE, 1939, p. 47).

No capítulo referido, o autor tratou, dentre outros pontos, da importância da mulher conhecer seu próprio corpo. Criticando a questão da igualdade entre os gêneros, afirmava que se, diante da lei moral, homem e mulher são inteiramente iguais, o mesmo não se dá no campo da fisiologia. Com base nesse argumento, chamava a atenção para a necessidade de que tanto as meninas, quanto as moças, aprendessem a cuidar do seu corpo, tendo em vista as funções que lhe são inerentes. Um dos pontos explorados, no sentido de estabelecer uma relação sexista no cuidado com o corpo, era o dos esportes, importante, segundo Negromonte, para a conservação e garantia da saúde feminina. Nesse sentido, ele destacava os esportes moderados, pelos benefícios que traziam à saúde.

> Não os podemos interdizer à mulher, contanto que não atentem ao pudor nem se tornem contraproducentes à saúde. Sendo a mulher menos resistente que o homem, os seus exercícios tomarão isto em consideração. Os excessos fazem mal não apenas à saúde, mas também à beleza feminina. A mulher como forma de atleta é detestável. O esporte feminino não irá até o atletismo, mas ficará nos intuitos do desenvolvimento harmônico do corpo, da higiene e da estética (p. 151)

E buscando amparo no campo científico, Negromonte cita o Dr. Jorge Calado, em um dos seus artigos publicados na revista portuguesa *Brotéria*[128]*:*

> Os entendidos aconselham os movimentos que desenvolvem particularmente os músculos do abdômen (por causa dos esforços que a maternidade lhes exige) e do tórax (para aumentar a capacidade respiratória, que é fraca nas mulheres). Recomendam igualmente a natação, o tênis e, principalmente, a marcha a pé. E condenam, em geral, todos os exercícios que masculinizam a mulher. Principalmente na puberdade, no momento 'em que o útero aumenta de volume, por uma substituição do tecido conjuntivo pelo tecido muscular e o ovário, por uma radical e profunda modificação da sua estrutura, se integra na função correspondente' [...] Ora, uma das mais desastradas consequências dos esportes na mulher é a deformação da bacia. É precisamente na puberdade que a bacia aumenta, para se tornar o precioso escrínio que mais tarde comportará o filho antes de vir à luz. Ao da mulher que naquele tempo, por exercícios impróprios ou imoderados, lhe reduziu o diâmetro, masculinizou-a, apertando-a, endurecendo-a.[...] O ciclismo, que hoje as mocinhas estão generalizando cada vez mais entre nós, é um desses maléficos esportes cujas desagradáveis consequências chegam 'a determinar a rigidez do períneo, a ponto de impedir o parto e tornar necessária uma intervenção cirúrgica'. Isto se aplica igualmente à equitação. São também cheios de perigos os exercícios de saltos e as corridas (CALADO *apud* NEGROMONTE, 1939, p. 150-152)

O resultado das várias intervenções no sentido de formar um corpo educado para a castidade dava sinais visíveis de uma sólida formação moral e espírito elevado. Assim como um corpo não educado também tinha muito a revelar dos vícios e paixões as quais o rapaz ou a moça estavam acometidos. Comportamentos como agitação, perturbações frequentes, modificação abrupta dos hábitos, inconstância acentuada da vontade, insônia, eram apontados pelo padre como sinais vitais de que o menino estava se entregando ao "vício solitário", ou onanismo, considerado uma doença que parecia acometer apenas ao menino, já que a masturbação feminina não era sequer considerada.

---

[128] A Revista *Brotéria* se constitui como "órgão militante de uma certa alta cultura católica", apesar das várias reestruturações pelas quais passou, sempre esteve assentada em uma matriz católica, ligada à Companhia de Jesus, responsável, em parte, pelo "movimento da restauração católica portuguesa surgido nos finais do séc. XIX, princípios do séc. XX" (MANSO, s/d, p. 1) O diálogo do padre Negromonte com um autor publicado por esse periódico serve como indício de uma leitura aproximada do pensamento católico português veiculado nessa revista. Talvez, não por acaso, tenha sido localizado pontos de contato interessantes entre as propostas pedagógicas do padre Álvaro Negromonte e aquelas divulgadas no *Boletim Escola Portuguesa* acerca do escolanovismo católico, como apontei no 2º capítulo.

> É verdade que a transformação da idade modifica enormemente o temperamento do adolescente, mas não será tão difícil notar as diferenças de caráter mórbido. Não é da idade, mas do vício, se o menino se torna pálido, desconfiado, evitando olhar para a gente; se perde a capacidade de trabalho, principalmente intelectual; se foge de alegria, próprias dos adolescentes. Isto são sintomas do vício (1939, p. 119)

A masturbação era considerada pela Igreja, portanto, como um vício. E, como todo vício, extremamente prejudicial à saúde do indivíduo e da sociedade, uma vez que, “em pleno desenvolvimento, tudo que o organismo perder é em detrimento próprio, atual e futuro (NEGROMONTE, 1939, p. 119). Nesse caso, o pai, já não mais a mãe, deveria atuar sobre o filho, buscando curá-lo e não puni-lo. No conjunto de prescrições do padre para este tipo de caso, a primeira delas dizia respeito, mais uma vez, à questão da confiança. Para ele, era essencial que o menino fosse tratado com bondade, para assegurar sua inteira confiança nos pais. A partir daí, a cura iria requerer “remédios naturais e sobrenaturais”. Dentre os naturais, eram recomendados um regime alimentar não excitante, os banhos frios, os exercícios físicos, os passeios ao ar livre que obrigam a uma ligeira fadiga e levam ao sono” (NEGROMONTE, 1939, p. 120). Arrancar-lhe o vício era imprescindível para a formação de um corpo virtuoso. Nesse sentido, era fundamental atentar também para as crianças menores, entre 8 e 10 anos. Para estas, ele aconselhava, como medidas profiláticas, o cuidado e a vigilância com alguns costumes, como “levar a mãozinha aos órgãos sexuais”, o que poderia “degenerar o vício” nas crianças. Além disso, também chamava a atenção para as roupas que muito justas, que “obrigam a criança a tocar-se, desembaraçando-se; muito folgadas, roçam-na, excitando-a. Por isso, a boa educação dada pelos pais deveria encaminhar os filhos para o amor à pureza e para o temor de Deus, sem descuidar da vigilância contínua e discreta” (NEGROMONTE, 1939, p. 121).

A outra classe de educadores elencada pelo padre Álvaro Negromonte, foi a dos médicos. Embora tenha sido o grupo de educadores menos explorado pelo autor, em número de páginas a que se dedica seu livro, e não fossem considerados os mais aptos para promoverem a educação sexual, há uma significativa abertura para o “médico da família”.

Mas, mesmo aos médicos, Negromonte prescreve modos de conduta para esse exercício. Categoricamante, ele orientava que um dos cuidados preliminares para atuar junto à criança, seria deixar de lado a sua posição de técnico e seus

conhecimentos de Anatomia, Fisiologia e Higiene sexual. Antes de tudo isso, ele deveria utilizar seus conhecimentos de Psicologia, para entender o temperamento do jovem de quem estava cuidando. Dessa forma, seria de grande valia aos pais. O peso da ciência vale para o jovem como um dogma e essa era uma das razões pelas quais Negromonte via o médico como um educador importante, considerando seu lugar de auxiliador dos pais, e não o inverso.

A crença, no entanto no papel puramente sanitário do médico, era criticada fortemente pelo padre.

> Não é honroso para a ciência dizer que ela nada ganha em associar-se à Moral, neste como em qualquer outro caso. Não quero confundir a ação do médico com a do sacerdote ou a do professor de religião (quem escreve é um sacerdote!), quero que a ação desses dois formadores morais não se separe e menos ainda se oponha, como se fossem duas coisas paralelas ou antagônicas [...] Quando, pois, reputamos o médico um auxiliar na educação sexual, supomos que ele esteja disposto a contribuir para a educação da castidade. Supomos que ele não deixe absorver pela especialidade, nem esqueça que a educação é *sempre integral* e que não se pode educar *somente* uma faculdade, isolando-a, principalmente quando se trata de um instinto poderoso e envolvente como este (1939, p. 51).

O conhecimento científico aparecia, portanto, associado às questões de Higiene, consideradas de grande valia, desde que não fossem pensadas isoladamente. A ideia primeira, e que não poderia se perder de vista, era a da conservação do senso da moralidade. Isso garantiria que os preceitos de higiene não substituíssem jamais os mandamentos divinos. A Higiene sexual, para Negromonte, consistia nos cuidados físicos que ajudassem a afastar o adolescente do que ele chamava de “arremetidas dos instintos”. Mas, no intento de formar a criança e o jovem para a castidade, o cuidado com a alimentação não passou ao largo da sua atenção. A moderação era de extrema importância, pelas vantagens que representava para o organismo e, paralelamente, como exercício de auto-controle. Além disso, era orientado o afastamento de alimentos que pudessem produzir irritações que se refletissem no aparelho genital. No receituário da boa higiene do padre Álvaro Negromonte, deveriam ser evitados alimentos ricos em gordura, excesso de carne, condimentos, bebidas alcoólicas, café em demasia, fumo e tudo o que pudesse trazer “irritações locais, sempre perigosas à castidade” (NEGROMONTE, 1939, p. 73).

À falta de higiene correspondia, na visão do padre, uma série de hábitos

viciosos e cheios de prejuízos morais e sanitários. O cuidado com a limpeza dos órgãos sexuais era estimulado, assim como os outros cuidados de higiene, desde cedo, sem distinção dos outros órgãos, para não despertar malícia nas crianças. Mais uma vez, o banho frio cotidiano era recomendado, principalmente para os meninos, sobretudo, no clima quente do nosso país. O sono também era considerado quesito importante para a higiene sexual, sobretudo no que tangia aos hábitos de dormir, como: dormir e acordar cedo, sair da cama assim que acordar, evitar cama macia demais, cobrir-se pouco para não concentrar muito calor no corpo, deitar de lado e nunca de costas e trocar de roupa para dormir.

Além dessas medidas físicas, havia várias outras orientações que visavam à higienização dos corpos, mas também das mentes das crianças e jovens, tais como: evitar más companhias, más conversas, leituras não indicadas, sobretudo os romances, o cinema, os bailes e a ociosidade. Tais construtos da modernidade contribuíam, na ótica da Igreja, para comprometer a moral sexual dos jovens.

Os confessores, deixados por último, eram, por sua vez, considerados pelo padre como os melhores auxiliares dos pais, situados em patamar “superior aos professores e aos médicos”, por algumas razões táticas, indicadas por ele. Em primeiro lugar, eram valorizados pela autoridade que gozam no confessionário, por falarem com conhecimento de causa e não sobre conjecturas, já que falam apenas depois de terem ouvido; em segundo lugar, o sigilo sacramental permitiria ao penitente falar com sinceridade e integridade de causa e, arrependido do mal que confessava, poderia apresentar boa disposição para receber os conselhos que o levariam à emenda.

Não por acaso, apesar de figurar como última classe de educadores, Negromonte afirma que os confessores são os melhores auxiliares dos pais na questão da educação sexual. Conforme sinaliza Foucault,

> a essa formidável extensão do domínio da confissão sacramental e da revelação das faltas, temos a acentuação ainda mais acentuada do poder do confessor; ou antes, seu poder como senhor da absolvição, esse poder que ele adquiriu a partir do momento em que a penitência se tornou um sacramento vai se ver flanqueado de todo um conjunto de poderes adjacentes, que ao mesmo tempo o apóiam e lhe dão uma extensão (2002, p. 224)

Essa técnica da confissão, na dimensão como Negromonte a apresenta, vai

além do sacramento. Este, como já foi apontado, assegura o poder de intervenção da Igreja na formação das almas, através da figura do confessor. No entanto, esse dispositivo, utilizado de forma muito sutil, se permeado de uma aura de carinho e amizade, era apontado como um importante instrumento de controle e vigilância de que, tanto os pais como os mestres, e os próprios médicos, deveriam se utilizar para acompanhar mais de perto a formação das crianças e dos jovens, desde as suas dúvidas e inquietações, aos erros e vícios cometidos. Sob diferentes aspectos, o envolvimento de educadores de diferentes segmentos pela legitimidade da educação sexual pode ser entendido como característica de um tipo de governo pastoral, que tinha em vista conduzir a população a um grau de bem estar, que circunscrevia o poder de intervir em seus corpos e governar suas almas.

E a confissão sempre teve suas regras. Instaurada como pastoral no Concílio de Trento, a pastoral da confissão foi retomada, e mais largamente desenvolvida, por São Carlos Borromeu. Este descreveu algumas normas para esse exercício, entre as quais a boa acolhida, sempre pronta e benevolente, figurava como recurso essencial à boa confissão (FOUCAULT, 2002, p. 229). Ao eleger o confessor como auxiliar dos pais nessa tarefa de educar para a castidade, Negromonte destacava três características basilares, retomadas, segundo ele, das lições de Teologia Moral: prudência, tanto para ouvir quanto para perguntar; habilidade, para obter a confissão para, só então, ponderar de acordo com cada caso; e, bondade, ao aplicar a penitência, porque ela conquista a confiança. Além de contribuir para a formação da vontade, para a virtude e para o esclarecimento da inteligência do penitente, o confessor estaria em uma posição privilegiada, por exercer um poder disciplinar que se expõe no ato da confissão. Para isso, seria de fundamental importância, na opinião de Negromonte, que o confessor conhecesse e não deixasse de abordar o papel do corpo nas lutas da castidade. Nesse aspecto, Negromonte, faz uma crítica ao livro do padre Lacroix, seu antecessor na abordagem dessa temática da educação sexual, como um livro “cheio de filosofia e ascética, esquecido do lado fisiológico”. Conta o depoimento de um rapaz que, ao terminar de ler o livro *Solução do Problema Sexual,* afirmava que o moço do padre Lacroix só possuía alma. Esse era um grave equívoco para Negromonte, que defendia firmemente que o problema da sexualidade “só pode ser solucionado assim como ele é: - do corpo e do espírito.

A experiência me ensinou que os argumentos morais e religiosos ganham nova força, quando estribados em razões fisiológicas" (NEGROMONTE, 1939, p. 60). E, trazendo o pensamento de uma revista francesa acerca da doutrina de Freud, reiterava que o sacerdote que quisesse ficar à altura do seu tempo, não poderia ignorar essa doutrina.

Essas quatro classes de educadores apontadas pelo padre apareciam em seu projeto educacional articuladas em suas práticas educativas, sendo salvaguardados os benefícios que cada uma poderia proporcionar à educação das crianças e adolescentes em relação à questão da sexualidade. Pode-se dizer que os dispositivos de controle que Negromonte visava instaurar, tendo em vista a disciplinarização dos corpos, em que pesem as suas particularidades, iam ao encontro de outras estratégias que vinham ocorrendo no âmbito da escola, desde a Primeira República, com o objetivo de formar corpos castos, dóceis, servis e úteis à Pátria. O discurso moral e a preocupação com os bons costumes parecem ter sido um dos canais privilegiados, por diferentes educadores, para arrancar os vícios e extirpar os males provenientes de uma educação considerada pouco higiênica e "imoral".

Em meio aos discursos propugnados por médicos, higienistas e muitos educadores, que buscavam atribuir à escola, a tarefa de tarefa de substituir os hábitos trazidos de casa, por outros considerados civilizados, Negromonte sublinhava que, no caso da questão sexual, a educação trazida de casa não poderia ser desprezada, e considerava que iniciar esse processo, expondo a criança a enunciados, ainda não aprendidos em seus lares seria prejudicial, porque anteciparia curiosidades ainda não construídas em seus repertórios. Sua defesa era pelo esclarecimento de todas as dúvidas, conforme estas fossem surgindo, o que tornava a educação sexual para cada criança, um caso particular. De preferência, essa aprendizagem deveria estar subscrita à esfera privada. Quando as curiosidades se apresentassem, no âmbito escolar, os professores deveriam esclarecer, individualmente, à criança e ao jovem, apenas o suficiente para suprir a curiosidade daquele momento, mas remetendo-os às suas famílias, para que estas acompanhassem o desenvolvimento de seus filhos, tomando a seu cargo, um dos pontos, considerados pela Igreja, como fundamentais da sua educação. A iniciação

sexual deveria buscar promover

> conhecimento necessário ao educando. É impossível orientar devidamente a vontade, sem esclarecer a inteligência [...] os conhecimentos são dados exclusivamente em função da finalidade da educação sexual. Como esta pretende e procura o domínio do instinto pela vontade disciplinada, ou, por outras palavras, a prática da virtude da castidade" (NEGROMONTE, 1939, p. 63).

Sem haver firmado a prática da virtude, o conhecimento do assunto serviria apenas para despertar curiosidades que naturalmente não haviam sido afloradas, precipitando os jovens naquilo que se pretendia evitar. Razão pela qual a família foi eleita para iniciar as crianças por esse caminho, construindo modos de ser apropriados, falas, gestos e olhares adequados e convenientes, desejos controlados, corpos educados. O dispositivo da sexualidade mobilizou diferentes agentes na produção de um corpo que, protegido, ia sendo adestrado, domado, dominado.

A entrada de Negromonte nesse debate permite pensar em uma atualização estratégica das práticas educativas endossadas pela Igreja como condição para intervir nos problemas do seu tempo, como o próprio autor reitera tantas vezes. Obviamente, nesse lugar de fala, estava implícito um lugar de poder, que registra uma voz autorizada pela Igreja para falar da sexualidade. As condições em que se deu essa abertura da Igreja em relação ao tema, tem, a meu ver, uma importante chave de leitura nos modos como o campo médico passou a intervir na sociedade e no próprio processo de escolarização que, sob o primado da racionalidade científica, passou a encaminhar práticas educativas na direção da população. O intenso debate que se estabeleceu, a partir da Medicina, da Psicanálise e da Sexologia, impôs à Igreja a necessidade de se falar sobre a questão da sexualidade, ao invés de silenciar. Essa transição, no entanto, não veio sem reservas, haja vista toda a preocupação do Arcebispo de Belo Horizonte D. Cabral em liberar a publicação do livro, exigindo para tanto o aval de censores respeitáveis, representantes tanto da hierarquia eclesiástica, quanto da intelectualidade laica católica. A forma como foi organizado o discurso católico, através do padre Álvaro Negromonte, instaurou um modo de fazer muito próprio da Igreja, que encontrou no caminho da moralidade e da educação para a castidade, a possibilidade de dialogar com o campo científico e estabelecer uma posição nesse debate acerca da educação sexual.

A tarefa educativa atribuída às famílias, em relação à questão da sexualidade, atravessou toda a obra, apontando que a educação dos pais nessa direção “é o caminho que temos. Os que defendem a educação sexual escolar argumentam com a ignorância dos pais [...] Atuemos sobre os pais para que estes possam atuar sobre os filhos” (NEGROMONTE, 1939, p. 279).

Não se pode desconsiderar que esse foco na formação de pais capazes de educar os filhos abria, também no campo editorial, um nicho para o qual Negromonte já havia manifestado interesse em explorar. Talvez, não tenha sido por acaso que, na edição de 1963 do livro *Educação Sexual*, no capítulo sobre a formação dos pais, ele indique os livros *Educação dos Filhos* e *Corrija seu Filho*, publicados por ele, como exemplos de “boa pedagogia” para as famílias. Essa preocupação com as leituras, o cuidado com o que as crianças, os adolescentes, os professores e os pais vinham lendo, permeou as práticas educativas do padre, nos diferentes canais que utilizou. Ao longo de todo o livro *A Educação Sexual,* Negromonte apontou inúmeros autores, sobretudo do campo científico, que vinham tratando da temática, endossando alguns, indicando outros, ainda que com muitas ressalvas, como era o caso de Havellock Ellis e, criticando fortemente todos aqueles que feriam os valores do catolicismo. Os passíveis de crítica compunham a maior parte do seu discurso que, por sua vez, buscava se afirmar em sentido oposto, apoiando-se sempre nos princípios morais da Igreja, sem descartar, no entanto, o que, em sua opinião, a Medicina trazia de benéfico.

No capítulo seguinte, serão analisados os livros produzidos por Negromonte para orientação das famílias. Muitos dos pontos, sobretudo em relação à educação dos jovens no período do namoro e do casamento, já haviam sido ensaiados no manual aqui analisado e voltaram a ser explorados no livro *Noivos e Esposos*. Optei por tratar dessas questões no capítulo seguinte apenas para evitar maiores repetições, ainda que, no projeto educativo do padre, as repetições fossem planejadas, possuindo um sentido absolutamente pedagógico. Assim, em alguns pontos, farei a devida menção àquilo que já havia sido tratado no livro *Educação Sexual,* por entender que a repetição de ideias revela muito do pensamento do autor aqui estudado e da pedagogia que veiculava, como representante da Igreja.

4. **TRATADOS DE PEDAGOGIA PARA AS FAMÍLIAS**

A produção de impressos pedagógicos e a estratégia de educar as famílias ganharam forte acento na sociedade brasileira desde a virada do século XIX para o XX. Segmentos variados da sociedade compreendiam sua importância como um dispositivo de governo através do qual, muitas das medidas sociais seriam viabilizadas, como as questões sanitárias, econômicas, morais, culturais que vinham povoando os debates acerca da reconstrução da nova nação. Os intelectuais envolvidos com o projeto educativo das famílias consideravam, entretanto, que, como toda instituição, esta também possuía modos de fazer e de se auto-governar próprios, o que lhe conferia relativa autonomia na dinâmica social e tornava a tarefa de educá-las ainda mais imprescindível. Não bastava apenas instruí-las. Era preciso produzir a necessidade dessa instrução Acreditava-se que só a necessidade, vontade e técnica aliadas teriam força suficiente para promover uma mudança interna nas famílias, começando pelos seus valores e incidindo diretamente sobre sua forma de organização.

Nos anos 1920, era intensa a prática de prescrever lições sobre modos de conduta e comportamentos, sendo a mesma utilizada largamente em diferentes publicações de cunho pedagógico como manuais de civilidade[129], manuais médicos, textos literários, dentre outros. Sobre manuais publicados por médicos e textos literários endereçados às famílias, os trabalhos de Magaldi (2003), (2005), (2007), (2008) fornecem importantes contribuições e permitem pensar em diferentes formas de intervenção que buscavam modelar as práticas familiares. O estudo de Cunha e Magaldi (2010) permite ainda perceber como o impresso foi utilizado com o objetivo de modelar comportamentos, e afetos, indicando ao mesmo tempo como o tipo de discurso se altera e incorpora as marcas do seu tempo. Na virada do século XIX para o XX, quando a sociedade brasileira estava se organizando em torno da urbanidade e muitos dos códigos de civilidade eram observados nas formas polidas de sociabilidade, os manuais de civilidade tiveram grande relevo primeiramente na educação das elites e, posteriormente, na vulgarização desses modos de conduta.

---

[129] Ver os trabalhos de Cunha (2007), (2008a), (2008b)

Já, a partir das primeiras décadas do XX, embasados em outra concepção de civilização a qual, segundo as autoras, não se apoiava tanto na questão das sociabilidades e dos comportamentos de base ornamental, outro tipo de manual educativo voltado às famílias passa a emergir no mercado editorial ancorado na tônica daquele momento, a qual refletia a forte preocupação higiênica e moral. As novas prescrições eram traduzidas nas páginas dos manuais pedagógicos publicados por médicos, padres e mulheres literatas e professoras que, a partir da sua posição ou função sócia, se apresentavam como qualificados para o exercício de educar. Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que a emergência de um tipo de impresso não caracteriza a extinção de outro. É digna de nota a permanência da diversidade de manuais educativos na sociedade brasileira, ao longo do século XX, e seus diferentes usos na formação das famílias, principalmente das mães.

De uma maneira geral, esses impressos constituem um *corpus* documental que contribui significativamente com as pesquisas em História da Educação, sinalizando para a convivência de diferentes modelos educativos utilizados, estrategicamente, como formas de intervir no papel social da família, orientando a sua função educativa, mesmo em um momento em que o acento dessa função parecia ter sido deslocado da casa para a escola.

Na historiografia da educação brasileira, a temática da família e as formas de educação que foram produzidas e endereçadas a ela no sentido de transformá-la em um forte aliada capaz de participar eficazmente do projeto de civilização da sociedade, têm obtido pouca atenção dos estudiosos do campo. Alguns pesquisadores como Magaldi, Maria Teresa Cunha, Maria Martha Freire, Marcus Vinícius Cunha, têm se voltado nessa direção e contribuído substancialmente com suas pesquisas, mas ainda se observam importantes caminhos a serem explorados, tanto do ponto de vista do objeto em questão, como das fontes que viabilizam tais investigações.

Segundo Magaldi e Cunha (2010),

> se as investigações voltadas para a instituição escolar têm resultado numa produção rica e multifacetada, que muito tem inspirado outras pesquisas e o ensino em história da educação, observa-se por outro lado, uma lacuna significativa em nosso campo, no que se refere aos estudos relativos à família e às intervenções educativas encaminhadas em sua direção e em seu interior (2010, p. 145)

Esta pesquisa segue um pouco nessa direção e busca contribuir com as investigações acerca da educação das famílias brasileiras, atentando para o uso que a Igreja Católica fez do impresso para educar a população, privilegiando dois projetos pedagógicos desenvolvidos pelo padre Álvaro Negromonte. Seguindo o rastro dos contextos de produção, foquei primeiramente, no projeto endereçado aos professores, por ter sido o primeiro a ser desenvolvido pelo padre, buscando atender às demandas sociais e religiosas daquele momento. Como a história também se faz dos acasos, no capítulo anterior, abordei o que considero um sub-projeto na direção das famílias. Respondendo a demandas do mercado editorial, as também a demandas religiosas, a publicação da obra *A Educação Sexual,* situou-se como uma espécie de evento não planejado, em que já se observavam sinais de um projeto maior que, posteriormente, seria endereçado às famílias. Teria sido esse acaso o elemento que motivou o padre a pensar na necessidade de produzir livros de orientação pedagógica para as famílias brasileiras? Em alguns pontos da referida obra, o autor reconheceu a dificuldade para as famílias em assumir a educação sexual dos seus filhos, pela fragilidade e deficiência de sua própria formação neste aspecto.

De uma maneira indireta, ao privilegiar as mulheres como suas principais colaboradoras e interlocutoras, Negromonte vinha cumprindo esse papel, ainda que de forma sutil, na direção das famílias, uma vez que a essas mulheres eram atribuídos importantes papéis tanto no espaço público quanto no privado.

Este capítulo, no entanto, tem como foco o projeto que o padre Negromonte direcionou às famílias, de forma específica, a partir de 1948, quando deu ensejo à sua trilogia educacional. Tal conjunto é composto pelas obras: “Noivos e Esposos: problemas do matrimônio”, publicada em 1948 como primeiro volume e com o objetivo de estabelecer um modelo de família católica; *A Educação dos Filhos*, segundo volume, publicada em 1955, buscava instrumentalizar os pais nos subsídios teóricos acerca dos fundamentos e dos ideais da educação, com base nos saberes produzidos pelas Ciências da Educação; e, por fim, “Corrija seu filho”, terceiro e último volume da trilogia, publicado também em 1961 pela Edições Rumo, visando proporcionar aos pais lições práticas para auxiliar na educação dos filhos,

utilizando as contribuições da Psicologia acerca da questão dos temperamentos das crianças.

Todos os manuais do Monsenhor Negromonte possuíam caráter nitidamente normativo e visavam sedimentar valores e comportamentos que, ao serem internalizados, transformariam as famílias em importantes aliadas na formação do novo homem, dentro e fora dos limites do lar. O que estava previsto nesses manuais era, portanto, a produção de um grupo social instruído dentro dos liames do catolicismo e chamado a desempenhar uma função na sociedade, que necessitava de uma sólida base teórica.

A intenção de firmar uma pedagogia católica voltada para as famílias e a forma como seus livros foram organizados e endereçados aos leitores, acabou por configurá-los como uma espécie de Tratado de Pedagogia, como denomina Carvalho (2006). Na perspectiva da historiadora,

> o Tratado é uma modalidade de configuração material do impresso [...] Nele, o impresso passa a ser organizado com a pretensão de totalizar e sistematizar doutrinariamente um campo de saberes – o da Pedagogia – investindo-o do caráter de *corpus* de conhecimentos dedutivamente derivados de conhecimentos filosóficos ou científicos [...] (CARVALHO, 2006, p. 157,158)

E acrescenta,

> O tratado é um gênero tradicionalmente didático, que compendia teoria sobre determinado campo de saber, expondo-as analiticamente por meio de argumentos de autoridade e exemplos [...] Neste sentido didático, implícito na sua forma, o tratado é pragmático, pois compõe sua linguagem como ação sobre o destinatário e seu mundo. Ao mesmo tempo o tratado estabelece relação com discursos anteriores ou contemporâneos do seu gênero ou de outros gêneros. (CARVALHO, 2006, p. 165,166)

Seguindo a tendência dos tratados, tal como assinala Carvalho (2006)[130], a trilogia composta por Negromonte é apresentada ao leitor, do ponto de vista metodológico, com poucas variações de um livro para outro, constituindo um padrão entre eles, tanto do ponto de vista estrutural, quanto do ponto de vista retórico. Aliás, pode-se dizer que a estrutura das obras contribuiu com estratégia retórica utilizada. Divididas em duas partes[131], a primeira é destinada a firmar os princípios teóricos

---

[130] Segundo a autora, a partir do século XIX, a concepção da Pedagogia como “arte de ensinar” sofreu um processo de corrosão que imprimiu ao impresso um novo formato, configurando-o em regras de repartição que articula o discurso em duas grandes séries: a dos saberes-fundamentos e a de suas aplicações práticas (CARVALHO, 2006, p. 168).

[131] Com exceção do terceiro livro que mantém essa estrutura em cada capítulo.

acerca da temática em questão, vez ou outra, fazendo alusão a exemplos; a segunda, mantém a teoria, mas é recheada de situações mais próximas do cotidiano, que servem para exercitar a reflexão sobre as diferentes situações e problemas do dia-a-dia, de forma relacional à doutrina da Igreja, ao mesmo tempo que prescreve um conjunto de normas de comportamentos considerados adequados pela ótica católica.

O caráter pedagógico desses livros carregava uma intenção similar à dos manuais de civilidade, dos quais trata Norbert Elias, ainda que com uma estratégia discursiva diferente. Os primeiros eram “instrumentos de ‘condicionamento’ ou ‘modelação’, de adaptação do indivíduo a esses modos de comportamento que a estrutura e situação da sociedade onde vivem tornam necessários” (ELIAS, 1990, p. 95). Mas o discurso desses manuais era apresentado de forma suave, pontuado de conselhos, o que de acordo com a conceituação de Carvalho (2006), poderia ser classificado como “Guias de Aconselhamento”. Os manuais de Negromonte apresentavam essa mesma função, com duas importantes diferenças em relação aos manuais de civilidade: a necessidade de teorizar sobre o assunto e o tipo de discurso.

O diálogo com as ciências educacionais impulsionou uma mudança nas práticas educativas e incidiu, de forma direta, na produção de discursos com essa finalidade. Essa mudança é crucial em relação aos textos de aconselhamento. Negromonte não escreve para aconselhar. Ele esclarece seu leitor sobre o tema em questão, à luz da doutrina da Igreja e da Ciência, o chama para analisar como tal temática vem se apresentando no cotidiano e prescreve modos de comportamentos concernentes a um cristão. Seus textos são, portanto, analíticos e prescritivos, o que os tornam distintos dos manuais de civilidade, apesar da função educativa que os aproxima.

A pedagogia do Monsenhor Álvaro Negromonte foi se consolidando entre as décadas de 30 e 60 do século XX. Fundamentado em um aparato teórico que articulava a Filosofia às Ciências da Educação, seu discurso, em todos os seus livros, era apresentado em lições de “saber” e “saber-fazer”, contribuindo para afirmar a Pedagogia Católica no campo dos tratados pedagógicos em uma tendência moderna.

4.1 **Lições para o casamento**

O manual “Noivos e Esposos (problemas do matrimônio)” teve sua primeira edição publicada pela editora José Olympio em 1948, sendo reeditado seis vezes por essa casa, chegando a sua oitava edição, em 1963, pela Edições Rumo. Este trabalho é baseado nessa última edição.

Do ponto de vista material, a obra remete a protocolos de leitura que indicam a disposição que o leitor deve ter diante, não do livro, mas da temática em questão. Nesse ponto, apesar da análise estar baseada na última edição, as capas referentes à 1ª e à última edição foram utilizadas a título de comparação, por terem se diferenciado, significativamente. Essa mudança dá indícios do espaço que Negromonte conquistou na literatura pedagógica voltada para as famílias. Se, no final da década de 1940, o livro deveria trazer estampado na capa, praticamente, todos os temas de que tratava, nos anos 1960, essa estratégia parece ter perdido a importância, bastando, apenas, o destaque para a temática.

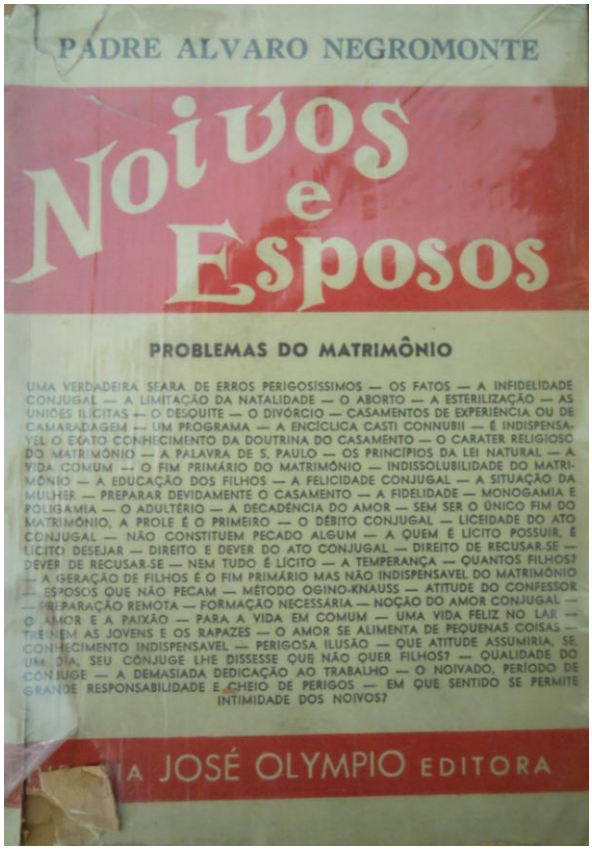


Figura 18: Capa do livro *Noivos e Esposos*, 1948.

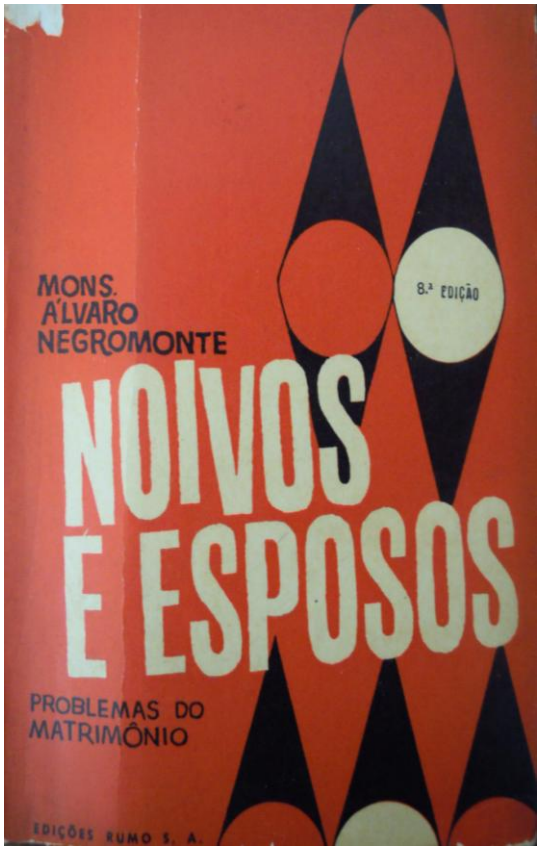


Figura 19: Capa do livro *Noivos e Esposos*, 1963.

Em papel cartão, destacado na cor vermelha, nas duas edições, vinha o título, sinalizando para o interesse do autor de chamar a atenção de um público alvo específico: os noivos e os casados (sem distinção quanto à confissão religiosa). O sub-título deixa claro o que ele esperava do seu público-alvo: a disposição de examinar e discutir os problemas do matrimônio. A objetividade pedagógica do padre leva a pensar que tal discussão teria um ponto de chegada, uma espécie de conclusão, um Ideal a ser atingido.

No aspecto material, o livro *Noivos e Esposos,* se assemelhava aos outros que o autor vinha publicando, inclusive os didáticos. Brochura de formato 18 x 14 cm, fácil de manusear, facilitando o estudo tal como foi indicado nos manuais de catecismo. Naqueles livros, o autor dizia ao leitor que o livro deveria ser estudado sem nenhuma reverência, estimulando o leitor a grafar as partes mais importantes e a adotar ao lado daquilo que mais lhe chamava a atenção. O formato deveria auxiliar o leitor nessa prática de leitura. Em contrapartida, as 211 páginas, nenhuma ilustração e quatorze páginas de elementos pré-textuais diferem completamente das obras destinadas à escola. Isso parece indicar a pretensão do autor nessa obra, de discutir o assunto de forma objetiva, compenetrada e mais madura, o que fica evidente, por exemplo, na ausência de ilustrações. Se, para a infância, ele considerava esse protocolo de leitura fundamental, para o adolescente e para o adulto ele parecia não ter a mesma opinião. Nas obras endereçadas a esses dois públicos, Negromonte quase nunca utilizava ilustrações, o que pode sugerir que o autor não considerasse esse protocolo indispensável para leitores dessas faixas etárias e que associasse a maturidade à seriedade, tanto na densidade das questões propostas, quanto na materialidade dos seus suportes.

O índice aparece antes do texto. Como ele se dirige, privilegiadamente, a dois destinatários, essa seria uma forma de situar seus leitores na parte que lhe cabe na obra, não os impedindo de ampliar seu conhecimento sobre a temática, deixando evidente que o autor tinha como objetivo afirmar a doutrina para os casais católicos e conquistar novas famílias, em bases sólidas, para a Igreja.

Todas as referências bibliográficas aparecem no corpo do texto e em notas de rodapé, como se o autor estivesse disponibilizando pequenas porções de teoria para serem ruminadas pelo leitor, uma a uma. Essa é outra estratégia discursiva bastante

eficaz, por conformar uma ideia previamente estabelecida acerca do casamento, mas fazendo com que o leitor acredite que ele está chegando a essa conclusão pela sua própria razão. Na verdade, o autor joga discursivamente com a razão e o intelecto para formar e conformar a mentalidade do seu leitor.

Do ponto de vista do conteúdo, a obra é bastante instigante, porque alude a uma ideia propagada na literatura feminina, que é a do amor romântico e conjugal, alvo de fortes censuras por parte da Igreja, inclusive do próprio autor. Não obstante a crítica em relação à forma como o amor romântico era abordado na literatura, Negromonte ao prescrever, aos cônjuges e nubentes, suas lições para o casamento, fazia alusão ao amor conjugal, como um dispositivo importante para a sua manutenção e indissolubilidade. Esse tipo de leitura, não se distanciava, totalmente, dos ensinamentos do Papa Pio XI, na *Encíclica Casti Connubii*, publicada em 1930, sobre o matrimônio cristão, mas representa uma interpretação da Encíclica, que desconstrói a existência de uma moral católica coesa, ao trazer a lume uma representação da relação conjugal, diferente daquela que a historiografia identifica com o catolicismo de maneira generalizada. O trabalho do padre Negromonte é representativo da existência de outras práticas discursivas no interior do campo religioso, que se atualizaram em diferentes pontos, de forma autorizada pela Igreja.

O livro é dividido em duas partes: a primeira, destinada aos cônjuges, visava esclarecer pontos acerca do casamento; a segunda, destinada aos jovens nubentes, visava prepará-los para contrair o sacramento[132]. Na primeira parte, o autor busca estabelecer com clareza a doutrina católica sobre sete temas acerca do matrimônio, por entender que estavam sendo relidos com as lentes da modernidade pelos próprios católicos, e precisavam ser normatizados. Cada um desses pontos configura uma unidade temática, sendo discutidos nessa ordem: “A crise do matrimônio”, com quatorze páginas; “O sacramento do matrimônio”, com dezesseis; “Indissolubilidade”, com trinta e uma; “Fidelidade”, com dez; “O débito conjugal”, com onze; “Quantos filhos?”, com sete; e, para encerrar essa parte da obra, o “Neomalthusianismo”, é tratado, ao longo de vinte e quatro páginas. Não por acaso, as questões da indissolubilidade e da geração de filhos são as que recebem maior atenção da parte do autor e para as quais ele dispende maior esforço doutrinário. A

[132] Ver quadro esqueleto do índice, no anexo Q.

família indissolúvel era, na visão do autor, fundamental para a constituição de uma prole sadia do ponto de vista físico, intelectual e, sobretudo, moral, assim como para a organização da sociedade.

As lições de “saber” prescrevem um conjunto de teoria acerca do matrimônio, com o intuito de restituir-lhe a representação divinal atribuída pela Igreja e serviam, em grande parte, para o estabelecimento de uma sociedade calcada nos princípios da ordem. O investimento de Negromonte em assegurar a solidez da família era marcado por argumentos espirituais e sociais. O autor deixava clara a importância dessa instituição para a formação da sociedade em sólidas bases cristãs. Preparar e fortalecer a família tinha como objetivo contribuir com a missão dessa instituição na boa educação dos filhos. O reconhecimento dessa primazia na educação dos filhos não significava que ela estivesse apta para esse exercício. De maneira que, antes de se encaminharem medidas educativas, propriamente ditas, em relação aos filhos, seria necessário formar os pais nas duas funções que lhes são concernentes no interior da família: a de cônjuge e a de pais.

Segundo estudos como o de Vainfas (1986), a ideia de conjugalidade no matrimônio passou a fazer parte da moral católica[133] a partir do século XIV, mas só no século XIX ganhou maior expressão, junto com todos os discursos em torno do amor conjugal e do amor romântico que passaram a embasar o casamento. É digno de nota que a Igreja nem sempre considerou o matrimônio como um sacramento. Mais do que isso, na Antiguidade, ele sequer era incentivado, no máximo era tolerado como medida terapêutica para a concupiscência, sendo considerado não um bem, mas um mal menor. Já na Idade Média, ele foi promovido e ganhou um novo *status* no discurso de alguns apologetas cristãos, sendo alçado a sacramento, mas o amor e a conjugalidade não foram componentes prescritos no receituário do rito. Só do século XII em diante o prazer passou a ser admitido, apenas no casamento, de forma contida e subordinado na intenção e na forma, ao objetivo da procriação. De maneira geral, o que se pode dizer, juntamente com Vainfas (1986), é que mesmo com as concessões que foram feitas ao uso dos prazeres “do tempo

[133] Como nos adverte Vainfas, falar em uma moral cristã em uma forma singular, quase como algo homogêneo e imóvel é um erro. É preciso considerar as várias “morais” que se articularam ou se opuseram conforme a época. “As várias ‘morais’ cristãs não foram, pois, meras formações discursivas, engendradas unicamente pelas aflições dos que possuíam o poder e o saber. É sempre preciso ligá-las ao social, remetê-las a seu tempo, decifrar, enfim, a sua história. (VAINFAS, 1986, p. 85)

dos apóstolos aos dias de hoje, o cristianismo estimulou diversas manifestações morais acerca do sexo. E se houve um traço unificante de todas essas ‘morais’, este foi a recusa do prazer, às vezes flexível, mas sempre presente em todas as reflexões e códigos éticos fundamentados no cristianismo”(VAINFAS, 1986, p. 81).

Pode-se dizer que o modelo de casamento que a Igreja passou a defender é herdeiro de uma tradição helenística e estóica que o cristianismo absorveu e reinterpretou. A Bíblia, em si, não era suficiente para fundamentar o modelo desejado. O antigo Testamento fazia alusão ao amor carnal apenas no livro de Cânticos e admitia, para o homem, relações extraconjugais; o Novo Testamento, apesar de fornecer alguns elementos como a monogamia e a indissolubilidade, colocava o casamento em plano inferior à virgindade e à castidade.

As ideias de casamento estável, fidelidade conjugal mútua, ênfase na dependência recíproca, redução do prazer ao leito conjugal, sentido de procriação, são típicas da moral estóica, conforme assinala Foucault (1985). De acordo com este autor, tanto a tradição helenística, na perspectiva de Aristóteles ou Platão, quanto a perspectiva estóica, defendiam o casamento como a relação mais recomendável para a saúde do corpo e da sociedade. O casamento caracterizava, portanto, o vínculo que deveria ser tão exclusivo quanto possível para os usos dos prazeres. Apesar disso, há ainda outra característica que também parece ter sido absorvida pela Igreja, que é a reserva sobre as questões concernentes à economia do prazer. Nas tradições helenísticas e estóicas, segundo Foucault,

> Mesmo nas formas de reflexão onde o casamento ocupa um lugar importante, a economia dos prazeres na relação conjugal é tratada com extrema reserva. O casamento nessa moral rigorosa que é professada por alguns, demanda o monopólio do prazer; mas nada se diz sobre quais prazeres serão neles admitidos e quais outros serão excluídos.(FOUCAULT, 1985, p. 177)

Essa forma, mais ou menos velada, de tratar as questões sexuais, mesmo dentro do matrimônio, foi absorvida pelo cristianismo e cerceou durante séculos as prescrições da Igreja para a vida conjugal. O trabalho do padre Álvaro Negromonte apresenta uma marca interessante nesse sentido, porque representa uma atualização da Igreja nessas questões, sem perder de vista os elementos principais de sua tradição. No conjunto de prescrições e censuras que ele estabelece na obra *Noivos e Esposos*, é possível apreender uma moral conjugal que foi reconfigurando

o desenho das famílias em meados do século XX e que visava, com isso, propiciar uma pedagogia doméstica codificada nas relações morais entre os esposos, que serviriam como lições de afeto, de reserva, de unidade e de identidade.

Pode-se entender, com isso, juntamente com Foucault, que

> A conjugalização das atividades sexuais, que tende a localizar a legitimidade unicamente no casamento, tem, evidentemente, por conseqüências sua restrição manifesta (pelo menos no que concerne ao homem, já que ela é desde muito tempo exigida para a mulher casada). [...] Mas deve se compreender também que essas restrições e essa desqualificação são acompanhadas por outro processo: uma intensificação do valor e do sentido das relações sexuais no interior do casamento. De fato, por um lado, as relações sexuais intraconjugais não são mais simplesmente a conseqüência e a manifestação de um direito; é preciso que elas tomem lugar no interior de um feixe de relações que são as da afeição, apego e da reciprocidade. Por outro lado, embora o prazer como finalidade deva ser eliminado, ele deve ser, pelo menos, considerado em algumas das formulações mais sutis dessa ética, utilizada como elemento (ao mesmo tempo instrumento e garantia) no jogo das expressões afetivas entre os esposos (FOUCAULT, 1985, p. 185,186)

Grosso modo, o que é importante salientar é que as questões em torno da sexualidade e a concessão contida em relação ao uso dos prazeres refletiam a preocupação de se criar um discurso no qual estivessem contidos princípios morais que regulassem os instintos dos indivíduos e os ensinassem a ter auto-controle das suas pulsões, tendo em vista o êxito do casamento como dispositivo de governamentalidade. Fosse pelo “domínio de si” em favor do bem público, pelo “cuidado de si” em prol do bem-estar do indivíduo, ou pela “renúncia de si” na recusa do prazer como o grande mal, a preocupação com o uso dos prazeres sempre esteve associado à ordem social.

Imbuído dessa ideia, o catolicismo construiu um sistema judiciário voltado para vigiar e punir todos os pecados que ameaçavam a família e a instituição matrimonial, tal como a Igreja passou a concebê-la, de forma muito mais contundente do que aqueles pecados que apenas feriam a retórica moralizante[134]. Segundo Vainfas, os grande “vícios da carne”, efetivamente reprimidos pelo sistema judiciário do Ocidente medieval, eram aqueles que atentavam, ao mesmo tempo, contra a moral da Igreja, e contra a ordem política e social da cristandade” (VAINFAS, 1986, p. 77).

---

[134] O trabalho de Vainfas (1986) é farto de exemplos nessa direção. Ele aponta ainda as contradições, as configurações e conformações dos papéis sociais ao analisar as punições dos “pecados da carne” no sistema penitencial e criminal do Ocidente cristão do início do cristianismo ao fim da Idade Média.

Ainda que não se possa falar dessa “moral” no singular, em uma dimensão imutável, foi visando assegurar essa noção que a Igreja se reconfigurou a cada época, negociando, ainda que implicitamente, com tudo quanto ela não pudesse controlar. O ideal de recusa que, nos primeiros tempos da era cristã, opunha a virgindade ao casamento foi reelaborado e passou a colocar em oposição o casamento às relações não-conjugais, admitindo com reticência o uso do prazer no leito conjugal; posteriormente, a partir da modernidade, com grande expressão do século XIX em diante, o amor conjugal e romântico passaram a ser considerados como base para o casamento.

E, se por um lado, a força da tradição resiste à passagem do tempo e ainda no século XX alguns setores da Igreja se mostravam mais conservadores e defendiam uma moral cristã resistente à ideia do prazer na vida conjugal, por outro lado, se vê emergir outra dimensão moral do casamento que transpõe essa fronteira e permite o uso dos prazeres em seu interior, não só para fins de procriação, mas, como disse Foucault, como um “instrumento e garantia no jogo das expressões afetivas entre os esposos”. Essa estratégia contempla dois aspectos fundamentais para a compreensão desse projeto de educação das famílias, empreendido por Negromonte: a necessidade de a Igreja atualizar suas estratégias a cada época para manter a força do campo religioso como importante dispositivo de poder; e, a rede de interdependência que move as dinâmicas sociais e faz com que uma instituição como a família, em sua condição de dispositivo de governamentalidade, tivesse uma relativa autonomia em relação àqueles que se propuseram a educá-la, levando-os a reverem suas formas de intervir sobre ela.

Para isso, Negromonte não se absteve de utilizar a ideia romântica em torno do casamento como estratégia retórica em favor da doutrina da Igreja. O casamento que passou a se instituir com base no amor conjugal e no amor romântico, a partir do século XIX, mostrou-se eficaz, por ser um projeto que integrava sexualidade e amor, criando uma esfera de parceria e cumplicidade entre o casal, o que fortaleceria a relação conjugal, servindo como uma das bases de representação da família nuclear burguesa.

Para a Igreja, essa seria uma leitura permitida a partir do texto de Paulo endereçado aos Coríntios sobre o casamento. Segundo o apóstolo São Paulo,

apesar de preferir o celibato, era perfeitamente admissível o casamento e a união perfeita entre homem e mulher. “Os maridos devem amar suas esposas como seu próprio corpo”; “Aquele que ama sua mulher, se ama”. O marido era dessa forma convidado a se voltar para o lar, para a sua mulher, e esta a lhe receber, cooperando para a união desse núcleo familiar. Com base no amor conjugal, iam se prescrevendo os papéis reservados a cada um na esfera privada.

A submissão feminina aparecia como expressão do amor conjugal e condição para que o homem exercesse o governo da casa. Apesar dessa representação, o governo da casa ficou ao encargo da mulher, ainda que a prescrição de papéis e a relação hierárquica conformada nessa premissa se mantivessem para a sociedade. Essa dualidade sinaliza para a existência de modos distintos, mais ou menos flexíveis, de governar a casa.

A complementaridade entre marido e mulher ia além da questão física. A expressão “serão os dois uma só carne”, parte do ritual do casamento, não era apenas uma descrição da penetração do sexos; ela sinalizava para a confiança mútua, o apego e identificação recíprocos, a coesão total de um com outro. Se, por um lado, não era uma exigência da Igreja que o amor pré-existisse ao matrimônio, por outro, esperava-se que esse sentimento se desenvolvesse depois do casamento, ao longo de uma vida comum. Por isso, os critérios sugeridos na escolha dos cônjuges eram levados tão a sério. Eles representavam quase uma garantia do sucesso da relação.

De diferentes modos e, em muitos momentos, parece que a Igreja sinalizou, através de conselhos acerca do trato e dos cuidados que deveriam existir entre o casal, para a ideia de um casamento que contemplava o amor no seu sentido mais ampliado. Essa ideia respalda o projeto de unir o amor conjugal ao romântico no sentido de tornar o matrimônio cada vez mais coeso e a família uma instituição cada vez mais indissolúvel. A temática do amor ganhou relevo e se disseminou cada vez mais fortemente na sociedade e teve na literatura um grande instrumento de propagação.

Do século XV ao XIX, a literatura moralista relacionou o amor a causas funestas e separou, radicalmente, o amor no cotidiano, daquele cantado em prosa e verso. Além disso, dividiu o amor em dois tipos: um que deveria acontecer no interior

do lar – chamado “bem querer amistoso”, considerado por muito tempo suficiente para sustentar o casamento, e o amor-paixão, que ultrapassava os muros sagrados do matrimônio e ardia entre os amantes em relações extra-conjugais.

De acordo com Del Priore,

> No cotidiano, ou seja, no matrimônio, ele **(o amor)**[135] se justifica no serviço de orientação conjugal com os quais eram torpedeados os casais: “a primeira causa era a procriação e a educação dos filhos no temor a Deus. A segunda, é que o matrimônio se destinava a ser um remédio contra o pecado, um antídoto à fornicação. A terceira, ele deveria ser o instrumento de auxílio à mútua convivência, ajuda e conforto que um esposo prestasse ao outro”. Contudo, como demonstram os demógrafos, o sexo ilícito crescia no final do século XVIII ao mesmo tempo em que o casamento se tornava universal. (DEL PRIORE, 2007, p. 131, 132)

O projeto higiênico e moral que se desencadeou a partir do dezenove foi ao encontro dessa configuração que sustentava as relações conjugais, passando a articular, em um mesmo projeto, um ideal de amor que encerrava no espaço doméstico o “bem-querer amistoso” e o amor dos versos e prosas que comprometia os corações do casal.

Sem perder de vista as causas primárias em torno do sacramento, como a procriação, por exemplo, a Igreja, gradativamente, passou a aceitar e estimular o novo sentimento, que ia ganhando espaço cada vez maior na sociedade. Na passagem do século XIX para o XX, o amor vai além de uma ideia romântica, passando, com freqüência, a ser visto como o cimento da relação. De acordo com Negromonte,

> É o amor conjugal defesa e sustentáculo da fidelidade. Falamos do verdadeiro e não da paixão. Entre cristãos, falamos daquele amor que S. Paulo comparou ao de Cristo à sua Igreja (EF. 5,25), amor santificado pelo Sacramento, que une as almas, que identifica as duas vidas pondo-as em comum, que vem do íntimo ‘afeto da alma’, como diz a Encíclica [...] A paixão torna-se poligâmica, enquanto que o amor é pessoal: este se fixa na pessoa, aquela procura o sexo (NEGROMONTE, 1961, p. 78, 79)

Esse novo sentimento passou a ser fomentado pela Igreja, por viabilizar a doutrina defendida em torno do casamento. A indissolubilidade, a fidelidade e o débito conjugal, seriam mais fáceis de cumprir se fossem estimulados pelo amor.

---

[135] Grifo da autora.

A indissolubilidade seria, segundo o autor, o ambiente propício à felicidade dos cônjuges. Por natureza, exclusivo e absoluto, o amor conjugal não admitiria partilhas, nem condições, porque os cônjuges se completariam. Essa ideia garantiria a estabilidade necessária à formação dos filhos.

> As qualidades do pai e da mãe se conjugam na estruturação moral do filho, como os seus elementos biológicos se uniram para a produção do corpo. Mas esta era possível por um ato transitório, ao passo que aquela exige tempo e esforço. Marido e mulher põem em comum, instintos e sentimentos para a educação dos filhos, só realizável pela convergência das forças morais e psicológicas dos dois sexos, que se completam no matrimônio. De modo que só o casamento indissolúvel é o ambiente próprio à formação integral do homem (NEGROMONTE, 1961, p. 55).

Essa perspectiva reforça a postura da Igreja em relação ao divórcio. De forma contundente, o autor critica o crescimento dessa ideia, sobretudo entre os católicos, compreendendo-o como causa de boa parte do males sociais. De maneira sistemática, ele apresenta suas razões em favor da indissolubilidade como contraponto ao divórcio, mostrando os benefícios do casamento indissolúvel, tanto para a sociedade, quanto para o indivíduo.

Para o autor, o divórcio indica um retrocesso no processo civilizador, por corromper diretamente a ordem social. Desde que se confinou a sexualidade ao casamento socialmente legitimado e a tolerância social para outras relações foi sendo reprimida cada vez mais, a família nuclear burguesa se transformou na principal instituição para cultivar o controle dos impulsos, dos afetos e dos comportamentos, inclusive dos jovens.

> O divórcio inverte a ordem natural, preferindo a felicidade pessoal ao bem coletivo [...] Visto que a família monogâmica é a base natural da sociedade humana, a sua destruição é uma desgraça – não um progresso. E considerando que ela é historicamente o ponto de partida, e que a poligamia foi introduzida pela decadência dos costumes e superada pela civilização, há de ser logicamente um regresso, uma volta à barbárie, o que quebra a unidade da família (NEGROMONTE, 1961, p. 71,12).

Além disso, ele põe em risco um modelo de regulação de hábitos e modos de conduta que encontra na família o terreno mais fértil para a sua reprodução e põe em xeque o papel social atribuído ao casamento: a felicidade dos cônjuges e a estabilidade das famílias, a geração e educação dos filhos, o que culmina na

segurança social. Como se vê, não se trata apenas de conter a sexualidade. Este é apenas um aspecto do casamento, que está intrinsecamente relacionado com tantos outros. Conforme Elias, “o processo de civilização do impulso sexual, visto em escala mais ampla, corre paralelo ao de outros impulsos, sejam quais forem as diferenças sociogenéticas de detalhes que possam estar presentes”(ELIAS, 1994, p. 186).

O Monsenhor Negromonte estabelece uma oposição direta entre os benefícios da indissolubilidade e os males provenientes do divórcio. A fim de sistematizar o seu pensamento, é possível traçar o seguinte rol de enunciados: a indissolubilidade é uma garantia à geração dos filhos, o divórcio elimina a prole; a família indissolúvel garante a formação dos homens, o divórcio prejudica a educação; o casamento indissolúvel é o ambiente propício à felicidade dos cônjuges, o divórcio facilita os conflitos conjugais e inclina à infidelidade; a indissolubilidade protege a mulher, o divórcio degrada a mulher; a indissolubilidade garante a estabilidade da família, o divórcio desfaz a família; a indissolubilidade cimenta a sociedade, o divórcio é nocivo à sociedade; a indissolubilidade engrandece o matrimônio, o divórcio o avilta (NEGROMONTE, 1961, p. 51-66).

Ao incidir na problemática da geração de filhos, o segundo aspecto mais destacado nessa primeira parte da obra, o divórcio significava uma ruptura com o próprio sentido do casamento: a legitimação do sexo para fins de procriação. A ideia de uma prole numerosa que, na ordem natural, era o fim do matrimônio, com o divórcio se torna um problema, pelo risco ao qual passa a estar submetida. A tendência que se apresenta no horizonte é de um maior controle de natalidade, uma vez que os filhos poderiam se tornar um obstáculo para o casal, e, muitas vezes, até um remorso. Eis porque, para o autor, basta a simples possibilidade do divórcio, para esterilizar os lares e comprometer, consequentemente, a reprodução da cultura e o projeto de catolicização da sociedade brasileira.

> É tal a facilidade de progresso do divórcio que não o podemos admitir nem como exceção para os chamados casos dolorosos [...] No regime divorcista há uma porta aberta convidando para a fuga ... Os que conhecem, por pouco que seja, a alma humana, sabem como isto muda as disposições psicológicas dos cônjuges. Divórcio gera divórcio. Uma vez estabelecido não há como deter-lhe a marcha que a força das fraquezas humanas acelera em progressões assustadoras (NEGROMONTE, 1961, p. 68)

Não por acaso, Negromonte envereda por um caminho polêmico e acalorado, sem fazer parecer ao leitor uma oposição apenas dogmática. O seu posicionamento aparece como justificativa ao esclarecimento de um ponto da doutrina que é a questão da indissolubilidade do matrimônio. Com argumentos incisivos, Negromonte se coloca como mediador entre a *Encíclica Papal Casti Connubii* e o povo, didatizando seu conteúdo, aproximando-a das realidades do seu leitor, explorando os seus limites.

Posto isso, a fidelidade aparece como o segundo bem do matrimônio, conforme a Encíclica *Casti Connubii*. Nesse quesito, o autor faz uma distinção entre a fidelidade ao cônjuge e ao próprio matrimônio. Segundo Negromonte,

> Há uma fidelidade à pessoa do cônjuge - a geralmente conhecida, e que ela obriga a não permitir a terceira pessoa e também a não recusar ao cônjuge o que a este compete pelo matrimônio. Mas há também uma fidelidade ao matrimônio, que exige tal respeito mesmo à natureza do contrato que 'nem ao próprio cônjuge se pode conceder o que não é permitido pelas leis divinas. (1961, p. 74)

Tais preceitos dizem respeito ao caráter sagrado do sacramento, mas atendem à organização da vida cotidiana, nos limites daquilo que vinha se convencionando como ideal para a sociedade, desde fins do século XIX. Como dispositivo da governamentalidade, as famílias se susteriam ainda, pelos "motivos seculares", elencados pelo padre para se posicionar contra a poligamia e defender a ideia da monogamia como condição perfeita para o matrimônio. "A poligamia, embora não seja contrária aos princípios primeiros da lei natural, é inconveniente aos princípios secundários, comprometendo a união doméstica, a educação dos filhos e repugnando à própria noção do amor conjugal" (NEGROMONTE, 1961, p.75).

O argumento em defesa da monogamia se desdobra em dois aspectos: a defesa da organização social e da valorização feminina. Para as mulheres, o casamento monogâmico tornou-se uma forma de se afirmarem como sujeitos, tendo o lar como o espaço sob sua jurisdição, ainda que a representação do governo da casa recaísse na figura masculina. Além disso, como já foi citado neste trabalho, de acordo com Foucault (1985), era uma forma de instituir para os homens um tipo de comportamento que das mulheres já se exigia há muito tempo

O homem era considerado o chefe da família, mas a responsabilidade de gerenciá-la, educar os filhos, cuidar do marido ficava ao encargo das mulheres. Em termos práticos, a mulher ganhou poder na esfera doméstica, com possibilidades variadas de extrapolar os limites da casa. Em um exercício de afirmar o papel social que lhe foi reservado, ela se movimentou do privado ao público, como já foi apontado. Essa promoção da figura feminina fez da mulher uma grande aliada da Igreja em seus projetos de organização da sociedade pelos princípios cristãos. Articulada à defesa do casamento monogâmico, apresentava-se a ideia da elevação da mulher a uma posição de partícipe na sociedade e não mais de sombra que vivia à margem, em uma condição de completa inferioridade em relação ao homem. O discurso da Igreja se tornava atraente, por viabilizar a elevação do *status* social que ela possuía.

> Quem quiser ver na mulher a nobre companheira do homem, semelhante a ele, há de admitir o regime monogâmico único em que esta condição é possível. Inspiradora de invejas, fonte de desentendimento, provocadora de discórdias, a poligamia reduz a esposa a simples concubina, mero instrumento da concupiscência destituída daquela personalidade e daquela auréola que tem como rainha do lar estabelecido e cimentado na unidade (NEGROMONTE, 1961, p. 76)

Em busca da família monogâmica, Negromonte chamava ambos os cônjuges à responsabilidade pela fidelidade conjugal. Esse é outro ponto que favorecia as mulheres, porque previa o confinamento do homem na esfera do lar. Fidelidade e amor conjugal apareciam imbricados no adestramento dos afetos que, cerceados pela moral cristã, não estimulavam de forma desmedida, mas também não desprezavam a sexualidade do casal. Esse discurso visava assegurar a união familiar, apesar de qualquer intempérie da vida. Assim, as possíveis ausências, os filhos e mesmo as traições de um dos cônjuges, eram apresentadas como dificuldades resultantes da convivência no casamento, que, segundo o autor, poderiam ser administradas, ao se levar em consideração a castidade conjugal. Esta, segundo o padre, “tem exigências não pequenas que requerem dos cônjuges uma preparação feita de disciplina moral e domínio de si” (NEGROMONTE, 1961, p. 77). Para tanto, os meios sobrenaturais e o amor são os principais auxiliares indicados. Conforme ele assinala,

> O amor conjugal – para o qual se preparam – é de outra natureza. Não é a atração dos corpos, mas não existe sem ela. Embora suponha a união dos corações, tende para a união física, porque o seu fim é a geração dos filhos. E como essa união só se realiza no matrimônio – conforme os planos divinos – só no matrimônio é lícita a união dos corpos. O ato sexual não é o amor, mas uma função do amor conjugal (NEGROMONTE, 1961, p. 134).

O débito conjugal, tratado por Negromonte como resultante desse amor, é consoante com a proposta que Del Priore recupera do apóstolo Paulo, em seus escritos: uma espécie de moeda a ser paga em relações sexuais entre marido e mulher, mas que se afasta dos jogos violentos da paixão e do erotismo. As relações sexuais tinham limites que prescreviam que o ato deveria ser, como Del Priore bem definiu, "higiênico, contido, quase cirúrgico". Tratava-se, sobretudo, de diminuir o desejo e não mais de aumentá-lo, ou de fazê-lo durar (DEL PRIORE, 2007, p.124).

A proposta de Negromonte para as famílias avança no sentido de prescrever uma nova jurisdição do ato, que apesar de conter elementos como contenção, pudor, observação aos fins primários da relação sexual, considerava o prazer como algo inerente à sexualidade dos cônjuges. Para ele, aos cônjuges estava reservado o direito de satisfazerem um ao outro, ainda que não houvesse chance de procriação, para manter acesa a chama do amor conjugal. Sem ser a única finalidade do casamento, a prole ocupava o primeiro lugar nos bens do matrimônio. Mas, conforme o autor,

> O uso do matrimônio é lícito mesmo que não se possa dar a geração, desde que o ato seja praticado de modo natural e não se empreguem meios positivos de frustrar o fim primário [...] Com direito às relações sexuais, os conjugues têm também direito a tudo o que psicológica ou fisicamente as prepara ou completa – atos solitários ou mútuos – *desde que estes atos não produzam completa satisfação sexual nem ponham os cônjuges em perigo de incontinência.* A quem é lícito o mais, também é o menos. Quem tem direito ao fim, tem também aos meios. Quem pode consumar um ato, tem direito aos atos imperfeitos que o preparam, acompanham ou seguem. Mas não pode transformar esses meios em fins, ficando nos atos inaptos para gerar e neles buscando a satisfação que Deus ligou ao ato gerador – pois seria transformar a ordem da natureza [...] As circunstâncias de tempo, lugar, posição, etc., não modificam a liceidade do ato conjugal, desde que ele seja realizado de modo a possibilitar a geração (NEGROMONTE, 1961, p. 85, 86).

Não obstante essa aparente abertura do padre em relação ao amor conjugal e à questão do prazer sexual nas relações entre os cônjuges, seu posicionamento não deve ser entendido pelo prisma da liberação da vida emocional. Indica, por outro

lado, a emergência de outro dispositivo de controle que visava racionalizar, cada vez mais, o indivíduo.

A proposta do Monsenhor Negromonte abre um leque de possibilidades interpretativas que permite compreender como, através do casamento, se instaura um projeto de adestramento dos afetos e dos ardores, objetivando tornar a relação entre os sexos mais íntima, dentro dos limites prescritos. Ainda assim, esperava-se que essa medida diminuísse as infrações que pudessem perturbar os objetivos sociais do Estado e da Igreja.

Assim como salienta Foucault (1985a), a proliferação de discursos, tanto por parte dos médicos, quanto dos eclesiásticos, não sugeria uma vida emocional mais rica. Esse foi um dos dispositivos de controle utilizados para instaurar uma vigilância cada vez mais minuciosa e, consequentemente, maior controle da sexualidade, tanto do ponto de vista externo, quanto interno, através da autorregulação. Em vez de suprimirem a conscientização dos apetites sexuais, incentivaram as pessoas a falarem sobre suas relações, com riqueza de detalhes, a fim de poder modelar através da orientação, e não mais da punição, suas práticas, tendo como norte o padrão moral e higiênico aceito para a sexualidade. Segundo Lasch, “os detalhes da atividade sexual foram valorizados por possibilitar *insights* sintomáticos sobre a formação de personalidade e educação dos filhos, a vida familiar e os problemas mais amplos da higiene social” (LASCH, 1999, p. 186).

No âmbito da higiene, a fabricação do amor conjugal favorecia o refreamento do “amor demasiado ou livre’ que se instituiu em contraposição às prescrições tridentinas e favorecia consideravelmente o público feminino. A ideia de castidade, implícita nesse sentimento, servia como “refreamento dos afetos” e foi um processo de adestramento, tanto para o homem quanto para a mulher. Para os homens, isso representava a ausência de várias doenças sexuais, alcoolismo, tuberculose e morte prematura, dentre outros males. Mas foram as mulheres que se tornaram as principais colaboradoras desse projeto que, aparentemente, as encerrava no lar, mas, paradoxalmente, aumentava a sua atuação social. Além disso, para a mulher, segundo Del Priore, o “’amor demasiado’ inscrevia-se num território onde a espontaneidade das escolhas ditadas pelo coração e pelo erotismo [...] cruzava-se frontalmente com as instabilidades materiais da vida e o movimento migratório de

companheiros [...]. O ‘amor demasiado’, portanto, não atendia, necessariamente, às demandas das populações femininas” (1993, p. 188).

Voltar para o lar através do casamento passou a representar não só uma possibilidade de ascensão social, mas de segurança. Sob esse manto do respeito, da mobilidade social e da segurança, a mulher se tornou a principal aliada da Igreja e do Estado no interior da casa e da família. Mas essa conquista significava “domesticar o amor demasiado, transfigurando-o num comedido bem-querer amistoso, sentimento pertinente à pressão organizadora da Igreja e do Estado, que deveria refletir-se na racionalização das condutas” (DEL PRIORE, 1993, p. 189).

A ideia de casamento monogâmico reapareceu como produto das relações de força que se estabeleceram na sociedade moderna. Ainda que os papéis sociais prescritos corroborassem com a conformação de uma relação hierarquizada entre homens e mulheres e estas tenham sido confinadas novamente à esfera doméstica, é preciso considerar que tal configuração atendeu, em diferentes escalas, os vários grupos envolvidos no processo. Se, por um lado, homens e mulheres tiveram que refrear seus instintos e abrir mão do ideal do amor-livre, por outro lado, os eclesiásticos tiveram que negociar e fazer concessão ao uso dos prazeres no casamento para garantir maior êxito ao projeto de confinar, cada vez mais, a sexualidade nos limites do matrimônio.

Além disso, Lasch ainda salienta que a defesa pelo amor romântico atendia aos interesses de civilização. O sistema de casamento arranjado, instituído por muito tempo como prática corrente, ao tratar as mulheres apenas como objeto de troca nupcial, incitava as irregularidades sexuais, proibidas para as mulheres, mas tolerada para os homens, responsáveis pelo surgimento da prostituição e da doenças venéreas que assolavam a saúde da nação. “Em suma, o sistema de troca conjugal corrompe o sexo e o casamento, subordinando-os ao avanço de objetivos particulares, as ambições econômicas e dinásticas das famílias”(LASCH, 1999, p.190)

A defesa do amor conjugal, segundo o autor, era viável, porque, tornando a seleção do cônjuge uma escolha dos nubentes, caberia apenas a orientação com finalidades eugênicas e morais. Tal estratégia forjou um sistema de controle mais

maleável e passou a ser incorporado não só no discurso dos padres e médicos, mas de filantropos e literatos.

De toda maneira, é digno de nota, que essa flexibilização em torno do que pode ser pesado e posto na balança das negociações não acontece sem conflitos ou tensões, tanto do ponto de vista externo, quanto interno. As negociações perpassam por um processo de imposições e afrouxamentos que põem em evidência a dinâmica das configurações sociais e da interdependência na qual os sujeitos e as sociedades estão enredados. Esse exercício de negociação que Negromonte faz com as demandas de sua época o coloca em um terreno pouco confortável, visível em algumas contradições do seu pensamento. Ora ele defende a doutrina com certo peso e rigor, como é o caso, por exemplo, do divórcio; ora ele flexibiliza para as negociações, tentando estabelecer uma política de conciliação entre o dogma e as demandas que a sua época lhe impõe.

A indissolubilidade, a fidelidade e o débito conjugal são, portanto, os eixos que sustentam a primeira parte da obra. A geração de filhos, outro grande investimento do autor nessa primeira parte, aparece como o primeiro fim do casamento, mas a educação da prole aparece de forma bastante superficial. O mote nessa parte é esclarecer a doutrina acerca da relação conjugal e da procriação. Em posição frontalmente oposta ao controle de natalidade por parte do casal, Negromonte às vezes, parecia afrouxar em algumas concessões.

> A geração é o fim primário, mas não exclusivo da função conjugal. Esta tem outros fins, secundários, mas legítimos. A demonstração e o fomento do amor conjugal, a sedação da concupiscência, o dever de atender ao cônjuge, autorizam-na. É exigência indeclinável da moral que a função conjugal seja exercida de modo natural. Desde que respeitem este principio imposto pela própria natureza, os cônjuges são livres de usar quando quiserem ou não usar de seus direitos. Assim, podemos concluir:
> 1º Se os cônjuges decidirem viver como irmãos, por motivo de perfeição espiritual, sua atitude é meritória.
> 2º Se decidirem viver como irmãos, por não quererem filhos (motivo egoísta), embora sem mérito, estão também sem culpa.
> 3º Nada os obriga a ter relações neste ou naquele dia, sendo portanto, livres quanto aos dias de sua vida conjugal.
> 4º Desde que realizem o ato sexual, são obrigados a fazê-lo de modo natural, sem qualquer interferência positiva que possa impedir a geração.
> Os esposos não são, portanto, obrigados a gerar o maior número possível de filhos. Guardando continência, não podem ser inquietados em consciência, mesmo que o façam por motivos naturais (situação econômica) e pouco elevados (egoísmo). (NEGROMONTE, 1961, p. 97, 98).

Segundo o autor, essa é a boa doutrina, assentada na encíclica *Castis Connubis* e condizente com a formação de cidadãos para a Pátria, filhos para a Igreja e fiéis para Deus. Com isso, ele passa a se dirigir aos solteiros, aconselhando a pesarem bem a responsabilidade que os espera, ao contraírem o casamento e aos casados que "já não podem recuar", que lembrassem das responsabilidades que contraíram.

Dessa forma, a segunda parte da obra é destinada aos jovens que ainda não haviam contraído o matrimônio e que deveriam ser ensinados acerca da doutrina e dos conceitos básicos em relação ao casamento. É dividida em oito unidades temáticas voltadas à preparação para o casamento, na seguinte ordem: "Para o amor", discutida em seis páginas; "Para a castidade", duas páginas; "Para a vida em comum, cinco páginas; "Para a autoridade e submissão", dez páginas; "Para a educação dos filhos", quatro; "Para a vida cristã", seis; "Qualidades do cônjuge", trinta e cinco; e, por fim, "Noivado" com onze páginas.. Em primeiro lugar, segundo o autor,

> A quem pretende o matrimônio, não basta conhecer a doutrina, saber as responsabilidades que assume; importa-lhe sumamente realizar a harmonia da vida conjugal, vivendo as suas alegrias e dificuldades [...] Todas essas coisas não se improvisam. Constituem, pelo contrário, o fundamento da vida. Não se realizam à última hora, mas 'se preparam e alicerçam no coração das crianças'. Fazem - se com educação, ou melhor, são a própria educação. (NEGROMONTE, 1961, p. 131, 132)

Merece atenção o fato de o padre dedicar o maior número de páginas da obra para a questão da escolha do cônjuge. Ele defendia a ideia de que esse era o primeiro passo para a harmonia da família em seu espaço privado e nos modos como reverberaria na sociedade. Nesta parte da obra, o esforço do padre consistiu em educar os noivos para a vida em comum, buscando corrigir e evitar tudo que a tornasse difícil. Para isso, a estratégia utilizada seria o aperfeiçoamento moral, através da educação do caráter e da formação das vontades, pontos já abordados no livro *A Educação Sexual.*

A educação dos sentidos através da autorregulação é, para Negromonte, condição *sine qua non* do sujeito educado e, consequentemente, do êxito do casamento. A educação dos sentidos deve ser entendida diretamente relacionada à

educação das vontades. E a primeira vontade a ser formada, de acordo com o padre, deveria ser a de querer desenvolver em si, com todo o esforço que tal empreendimento requer, a capacidade de adaptação. Sem essa vontade basilar, todas as demais seriam apenas paliativos para os problemas da vida cotidiana comum.

Via de regra, razão e emoção são aliados na pedagogia do autor. É interessante notar como o autor, ao mesmo tempo em que fomenta o amor como suporte necessário à manutenção do casamento, o que se nota nas duas páginas destinadas à castidade conjugal, estimula o uso da razão na escolha do parceiro, a fim de tornar mais fácil o que ele chama de ajustamento entre os cônjuges. Aos rapazes, ele sugere: "Meça antes a sua personalidade e procure conhecer o melhor possível a da noiva. O casamento não muda ninguém, senão para pior, em regra geral [...] É o momento de estudar a realidade, encará-la com frieza, para ver, em tempos, de que ambos são capazes" (NEGROMONTE, 1961, p. 153).

Segundo Goode (1970), em muitas sociedades, o amor era visto como uma ameaça ao sistema de estratificação. Mas a mudança de foco que deslocou o acento das prescrições da castidade conjugal para o amor conjugal e a vida em comum do casal, sinaliza para a estratégia utilizada pela Igreja diante da emergência do tema do amor nas uniões matrimoniais. Através da escolha racional do cônjuge, baseada em critérios de seleção que foram considerados como imperativos de boa união, a Igreja foi (re)assumindo o controle nas orientações dos casamentos.

Apesar dessa aparente coerência em torno da harmonia da vida conjugal proposta pelo Monsenhor Negromonte, é preciso reiterar que seu projeto alçava vôos que iam além dos limites do lar. As prescrições preparatórias para o casamento possuíam nítido caráter social. O esforço de produzir um manual de orientações para o casamento indicava a preocupação do autor não só em formar seu público leitor, mas capacitá-lo para disseminar esses saberes postulados no projeto católico de educação das famílias.

Ao produzir saberes que tinham em vista a circulação junto a um público leitor privilegiado, o autor revela sua intenção de atingir um grupo específico: homens e mulheres letrados que, de modo geral, inscrevem-se em segmentos sociais e econômicos que possuíam formas de atuação bastante particulares na reprodução

da cultura[136]. Algumas mulheres letradas somavam forças no exercício de formar e conformar a mentalidade de outras mulheres de segmentos sociais favorecidos, através de impressos de cunho pedagógico, ou literatura moralizante. Elas também seriam porta-vozes junto a outras mulheres de condição menos privilegiada, por meio de práticas educativas filantrópicas, preparando-as para a reprodução dos novos hábitos[137].

Manter a harmonia da família nas camadas privilegiadas servia para firmar a doutrina católica em um segmento que agia em diferentes frentes sociais e ocupava postos de direção, tornando esse grupo um forte aliado no projeto de recatolicização da sociedade, o que ampliava a capacidade de intervenção social da Igreja. Muito embora o padre afirmasse que o grupo social não era a condição determinante para a escolha do cônjuge, dentre os critérios que ele elencava, havia um destaque especial à atenção que se deveria prestar às famílias dos nubentes. De acordo com Negromonte,

> A união de duas vidas na estabilidade, na paz, na afeição, pede, antes de tudo, semelhança de almas e certa identidade de sentimentos [...] Devem as duas famílias ser bastante semelhantes. Semelhança de educação, acima de tudo. Modos, atitudes, ideias, etc., bem ajustados.Semelhança de cultura: já falamos dos cônjuges; aqui falamos das suas famílias. Semelhança social: nível de vida geral, inclusive o lado profissional e econômico. Semelhança de família: cor, condição, antecedentes, maiores [...] Frequentemente as dessemelhanças dão ensejo a desavenças (1961, p. 187)

O casamento criaria um novo vínculo que confere às famílias maior expressão social. Por essa razão, de maneira geral, os processos de namoro e de seleção do cônjuge costumam ser acompanhados pela sociedade e não só pelos pais. Após as lições voltadas para selecionar o cônjuge, o autor dedicava-se a educar para o que ele chama de “ajustamento”. A finalidade era ensinar aos noivos formas de prevenir e contornar as dificuldades inerentes ao matrimônio; formar para a manutenção da

---

[136] Não foi possível localizar o preço do manual aqui analisado, mas é sabido que na década de 1940, mesmo tendo o mercado editorial se disseminado com fôlego expressivo, o livro continuava sendo objeto de difícil aquisição por parte significativa da população.

[137] Não é possível afirmar que outros grupos não fizeram uso do manual produzido pelo padre. As práticas de leitura fogem ao controle do autor e editor, quando pensam na sua circulação e adquirem modos e se organizam em espaços que vão além das intenções e das prescrições que lhe configuram. Mas no caso dessa obra, especificamente, a disseminação dos valores católicos acerca do casamento entre outros grupos além dos previstos inicialmente, era uma possibilidade que conferia ao projeto do padre ainda maior êxito.

vida a dois, criando circunstâncias que aproximassem mais o casal no dia-a-dia, aspectos que iam além da preocupação em assegurar a moralidade do casal, a elevação da alma e a constituição de um lar cristão.

Apesar de contribuir para a indissolubilidade, o ajustamento revela outro conjunto de prerrogativas que atendem a interesses que não se restringem apenas à esfera do sacramento. A rede social na qual a família está completamente inscrita põe em evidência a preocupação dos mais velhos, ou daqueles que orientam a seleção, com a reprodução da cultura, ou dos padrões familiais, seja no enfoque dado às referências religiosas, à etnia, à raça, ou à classe social. Todos esses elementos servem como referências para a seleção do cônjuge, porque prevêem um tipo de garantia ao ajustamento do casal e, consequentemente, corroboram com a indissolubilidade do casamento.

Do ponto de vista católico, preparar as famílias para o casamento com base na doutrina e nos valores religiosos, além de visar a formação de uma instituição doutrinária forte e coesa, visa também assegurar a estabilidade social pela instauração de uma ordem católica, instilada tanto no indivíduo quanto na sociedade, de uma forma tão imbricada que não seja possível perceber se as motivações da sua escolha foram frutos da sua razão, ou foram socialmente aprendidas.

Segundo Goode,

> Na medida em que as outras instituições dependem de sua contribuição, a família é a base instrumental mais importante da estrutura social inclusiva, pois o desempenho de um papel que é aprendido na família se torna o modelo ou o protótipo do desempenho dos papéis exigidos nos outros segmentos da sociedade. O conteúdo do processo de socialização são as tradições culturais do grupo; transmitindo-as à geração seguinte, a família age como condutora ou cabo de transmissão através do qual a cultura é mantida viva (1970, p. 17).

A hierarquia dos papéis estabelecida no interior das famílias serve de modelo para as funções a serem exercidas e os comportamentos que se esperam de cada um na sociedade. A autoridade e a submissão posta na fórmula de Paulo “o marido é a cabeça da mulher”, quando prescrevia aos Efésios modos de conduta pertinentes aos cristãos, não se limitava à esfera do lar ou da Igreja, mas servia para a vida social mais ampla. A casa e a Igreja, como espaços onde se efetuam micro-

governos, permeiam relações que se reproduzem e se propagam para além dos seus muros.

Pensando nesse sentido, é possível apreender a prescrição de um modelo de gestão, na pedagogia de Negromonte, que se inicia na família e contribui diretamente para uma sociedade disciplinar, que possuía como lema a “ordem e o “progresso”. Ao educar a família para se organizar e se autogovernar, suas normas têm em vista definir papéis sociais, desenhando estereótipos em torno das predisposições de cada um dos cônjuges, e utilizando a natureza divina como chancela para essa configuração. Uma vez instituído o que cabe a cada um na sociedade familiar, o autor amplia a área de governo da família, ao deixar claro como essas relações extrapolam seus limites iniciais. Ao salvaguardar a ordem doméstica, Negromonte visava instaurar uma ordem pública assentada na doutrina e no modelo de gestão católica que possui uma organização hierárquica, vinculada à soberania e, portanto, calcada nos princípios da submissão e autoridade. Esse tipo de poder – soberano - torna a família “a instância de coerção que vai fixar permanentemente os indivíduos aos aparelhos disciplinares, que vai, de certo modo, injetá-los nos aparelhos disciplinares” (FOUCAULT, 2006, p. 100).

No entanto, ao estabelecer o marido como chefe da família, ele prescreve que o seu governo seja compartilhado. Na sua concepção se o governo da casa subjugasse a mulher, não poderia contar com ela como aliada. O que vai ganhando espaço na pauta das discussões, cada vez mais forte, é a necessidade de inculcar o autocontrole e a autodisciplina em ambos os cônjuges. O que para Elias,

> é um exemplo muito característico de uma nova constelação que surge com a redução da desigualdade social entre os sexos. Fundamentalmente, não é tal ou qual marido, enquanto indivíduo, que concede essa liberdade à esposa. Ela se fundamenta na estrutura da própria sociedade. Mas exige um novo tipo de comportamento” (1994, p. 184).

A tendência que se apresentou foi a de manter a ordem soberana, tornando-a, na prática, cada vez mais dividida e disciplinar. Daí a necessidade de definir os papéis que cabe a cada um em seu interior:

> Tudo normal, a natureza indica que o homem foi feito para organizar, dirigir e comandar. A robustez física, a feição intelectual, a orientação dos sentimentos entregam-lhe o bastão do comando [...] Ao passo que a mulher, frágil de corpo, delicada de sentimentos e feição intelectual diferente, sobrecarregada com o fardo sagrado da gestação, procura naturalmente um apoio, aceita com alegria a proteção

> que lhe oferece o braço do marido, confia na força masculina e apela para as soluções da sua inteligência nos momentos mais difíceis, nos quais os sentimentos masculinos melhor se guardam e se orientam. Pode acontecer – todos sabem de casos a apontar- que o homem não seja dotado das necessárias condições para a chefia do lar. Cabe à mulher então assumir o comando, para evitar a anarquia – sem com isto agravar a situação, já de si, penosa, do esposo fracassado. Mas isto é exceção e remédio, ficando como norma a própria indicação da natureza. Então valeria esperar que as qualidades individuais de mando designassem o chefe do lar ? Não. Não podia Deus estabelecer uma sociedade que se iniciasse sem chefe, e, portanto, sem governo, mas na anarquia. Dar-se-ia, uma corrida para a disputa do cetro – o que não acautelaria a ordem doméstica. (NEGROMONTE, 1961, p. 145-146).

Uma vez estabelecido o modelo de gestão no interior das famílias, o autor deixa clara a amplitude do seu pensamento e sinaliza as melhores estratégias para conseguir seu fim, ao mesmo tempo que dá a ver pistas da sua estratégia retórica.

> É um regime de amor, realizado na mais ampla compreensão. O fim da autoridade é conduzir a sociedade à ordem, na obediência às leis morais, que o chefe deve cumprir e auxiliar os outros a cumprirem. Ninguém pense que realiza isto mais facilmente sozinho do que ajudado pela esposa. Ou então, é um tolo, que escolheu uma incapaz para companheira!... Mantém-se mais facilmente a autoridade e se torna mais suave a sua obediência, entrando-se em entendimentos prévios, ouvindo razões, aceitando emendas e sugestões. A bem dizer, tomam-se resoluções, em lugar de dar ordens. Mais tarde, diante de fracassos e arrependimentos, nenhum se pode queixar do outro. Juntam-se assim as luzes e as forças de ambos para levar a bom termo os destinos do lar.(NEGROMONTE, 1961, p. 150).

Mais uma vez, é possível apreender o acento na importância de escolher o cônjuge que mais corresponda aos seus ideais. Além disso, é preciso considerar que essa preocupação existe como uma forma de constituir garantias que orientem para o êxito da finalidade social: a família afirmada como uma instituição forte e coesa, capaz de reproduzir a cultura e inscrever o indivíduo, desde a mais tenra idade, no processo civilizador.

A forma como as relações a atravessam e se configuram nessa dinâmica interdependente é que permite compreendê-la como dispositivo de governamentalidade. Ao mesmo tempo em que é vista como um dispositivo de poder que serve para reproduzir na sociedade os padrões esperados, a família, em si, configura uma sociedade que se auto-governa, com relativa autonomia e pode ou não corroborar com os interesses externos. Daí, a necessidade de educá-la para que se torne partícipe do projeto de civilização da nação. Segundo Negromonte,

> A família é uma sociedade. Aliás, a primeira, tanto lógica como cronologicamente. Sociedade imperfeita embora, porque não tem elementos para bastar-se, há de ter, contudo, os elementos para manter-se. Sem autoridade não há ordem; e sem

> organização não há sociedade, mas um aglomerado insubsistente de indivíduos. Contra a Sabedoria Divina seria ter fundado a família na anarquia. Cabe-nos conhecer a ordem estabelecida por Deus e os meios de realizá-la (NEGROMONTE, 1961, p. 145)

Esse argumento do autor permite reconhecer a família como uma sociedade com seus dispositivos de governo, ao mesmo tempo que sinaliza para a impossibilidade de controle total sobre si mesma e sobre as suas práticas educativas, porque é atravessada por outras instâncias sociais. Como o autor mesmo diz, “ela não se basta”. É preciso considerar os desvios, as tensões, as oscilações próprias desse processo civilizador que busca se instaurar, no caso do manual analisado, entre outros do mesmo autor, pela educação das famílias. No intuito de minimizar esses desvios, o autor, ao se referir à escolha do cônjuge, prescreve um roteiro de quinze questões que os nubentes deveriam responder e que representariam, em primeiro lugar, um teste de fidelidade ao catolicismo, tal como reproduzido abaixo:

> **Roteiro de questões para auxiliar os nubentes na escolha do cônjuge**
>
> Os católicos que pretendem casar já podem avaliar o quilate da sua piedade – e corrigi-la em tempo.
>
> 1. Que faria em face de “um excelente partido” que não tenha verdadeira piedade?
> 2. Faz questão cerrada de que a primeira condição para seu futuro cônjuge seja de católico praticante?
> 3. Entre um pretendente rico, católico nominal, e outro não rico, mas realmente católico, por quem são as suas preferências?
> 4. Se, já noivos, viesse a convencer-se de que seu noivo (ou sua noiva) não tem sentimentos católicos reais nem mostra disposição para eles, como se inclina a resolver-se?
> 5. Sente-se com necessária disposição para aceitar de bom grado tantos filhos quantos lhe mandar Deus ?
> 6. Que atitude assumiria se, um dia, seu cônjuge lhe dissesse que não quer mais filhos?
> 7. Como decidiria, se os médicos garantissem a morte em caso de nova maternidade?
> 8. Se, por causa de sua resistência ao pecado, a vida se lhe tornar dura e angustiada, acha preferível ceder, para entrar em harmonia com o cônjuge?
> 9. Se o marido, a princípio, bom católico, se tornasse implicante com uma vida sacramental e suas práticas de piedade, que atitude assumiria?
> 10. Prefere para seus filhos uma boa vida cristã acima de qualquer condição econômica, cultural ou social?
> 11. Tem a convicção de que não basta cada membro da família praticar a religião, mas é necessária a vida religiosa coletiva no lar?
> 12. Como pensa, razoavelmente, fazer esta vida cristã da família?
> 13. Em face de negócios vantajosos e desonestos, preferiria uma vida pobre, mas honrada?
> 14. Como resolveria, se não pudesse dar ginásio a seus filhos e recebesse um oferecimento gratuito num colégio protestante ?
> 15. Como se portaria caso um desastre econômico os reduzisse à pobreza?

De todos os critérios que deveriam pesar em favor do cônjuge escolhido, a atenção para a questão religiosa figurava em primeiro plano, seguido da posição social, que se justificava pela proximidade dos gostos e inclinações de cada um, o que facilitaria o dia-a-dia do casal.

O investimento do Monsenhor Álvaro Negromonte nesse manual consistiu, portanto, em conformar um modelo de família católica e educar, tanto os que já se casaram, quanto os que caminhavam nessa direção. Destinar as primeiras notas do seu Tratado para os pais, delatava a clareza que a Igreja possuía quanto à inadequação desses para a tarefa de, sozinhos, educar os filhos. Ensiná-los a gerenciar a si mesmos seria o primeiro passo, razão pela qual este manual foi produzido para ser o primeiro volume da sua trilogia educacional para a família. “Noivos e Esposos: problemas do matrimônio” traça o passo-a-passo do casamento e da construção da família. Uma vez empreendido o esforço de assegurar que a unidade familiar fosse uma base sólida de atuação para os futuros pais e educadores, os outros manuais que o seguem visavam conduzi-los nessa direção, mostrando não só os fundamentos e os ideais da educação, mas também os “modos de fazer” a educação dos filhos.

4.2 **Formar pais e...**

O manual *A Educação dos filhos* teve um percurso diferente dos outros livros para a família. Sua primeira edição foi em 1955, pela José Olympio, com o título *O que fazer do seu filho*. Em 1961, a Edições Rumo lançou nova edição do manual, mudando seu título para *A Educação dos filhos*, mas mantendo toda organização e conteúdo da José Olympio. Este trabalho, contudo, é baseado na 3ª edição, também publicada pela Rumo, em 1966.

A mudança de título articulada à mudança de editora é bastante sugestiva, porque permite inferir uma possível insatisfação do autor com o tempo de reedição da obra. Os manuais publicados anteriormente, geralmente, eram reeditados com uma periodicidade que variava entre um e dois anos, como foi caso de *Educação Sexual* e *Noivos e Esposos*, sem contar os livros de catecismo, os quais possuíam

um número de reedições ainda maior. *O que fazer do seu filho* sugere um destinatário, com interesse específico nessa questão, talvez por estar enfrentando algum tipo de problema com os filhos e, por isso, procurando possíveis soluções. *A Educação dos filhos* não se restringe a um tipo específico de pais, mas a todos os pais que se preocupam com a formação da sua prole. A mudança de título parece alargar o leque dos destinatários e seu sentido pode ser visto como pedagógico e econômico, ao mesmo tempo. Pelas reedições, é possível afirmar que a estratégia foi positiva, já que a mudança acarretou duas edições a mais em um intervalo de dois anos, contra uma edição em cinco anos, na Editora José Olympio.

A capa acompanhou a mudança. A nova forma, em papel-cartão de cores vivas – amarelo e vermelho – com destaque para o título, centralizado, em letras garrafais vermelhas em fundo amarelo, conferem uma visibilidade mais agressiva, urgente e viva à obra, buscando realmente chamar a atenção dos pais para a temática. Na parte superior, o nome do autor em letras brancas e fundo vermelho e na inferior, o nome da editora com chamada idêntica à do autor.

Figura 20: Capa do livro *O que fazer do seu filho.* 1955.

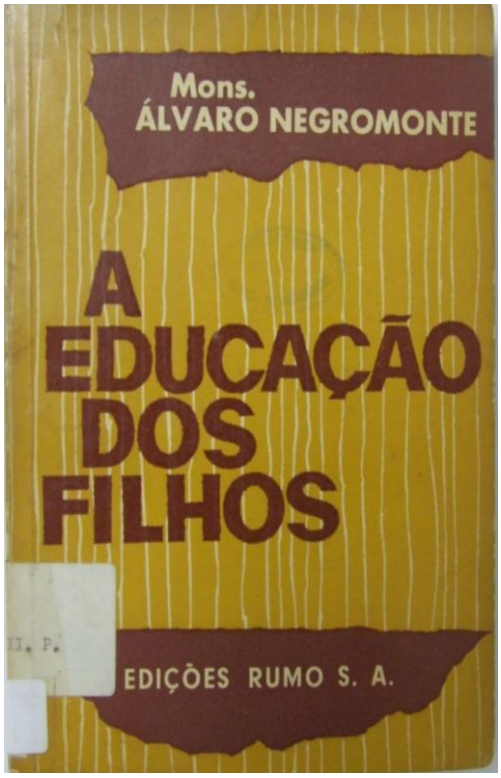


Figura 21: Capa do livro *A Educação dos Filhos,* 1961.

Do ponto de vista material, a obra remete a outros protocolos de leitura que orientam, mais uma vez, a disposição que o leitor deve ter diante da temática em questão. Semelhante aos outros livros do autor, este manual se apresenta em uma brochura de formato 18 x 13 cm, fácil de manusear, como era de costume.

O livro é relativamente curto, com 148 páginas, das quais 16 são destinadas aos elementos pré-textuais, o que sugere uma estratégia de não cansar o leitor, já que ele não pretendia esgotar a temática apenas nesse manual. O livro não apresenta ilustrações, assim como *Noivos e Esposos*, sugerindo o endereçamento a um leitor mais maduro. O prefácio é apresentado em forma de pórtico, contendo pequenas reflexões sobre educação. O índice foi posto ao final do texto, como uma forma estratégica de fazer com que o leitor não lesse apenas os tópicos que interessam mais emergencialmente, conduzindo-o, diretamente, à leitura do texto. As referências bibliográficas aparecem no corpo do texto e em notas de rodapé.

Produzido como o segundo volume da trilogia que conforma esse projeto, sua principal preocupação era de reforçar o conceito de educação católica, afirmando que a Pedagogia católica está assentada em um tripé: o corpo, o intelecto e a alma. Divide-se em seis partes, distribuídas da seguinte maneira: educação e conceito de vida, educação integral, ideal da educação, educação física, educação intelectual e educação moral. Cada uma dessas partes foi desenvolvida em sub-temas, como se observa no anexo 19. Pode-se notar que a maior atenção é dada à educação intelectual e moral, ambas com quatorze sub-temas e número de páginas correspondentes, trinta e sete e quarenta e uma, respectivamente.

Do ponto de vista do conteúdo, o livro tinha como objetivo a proporcionar aos pais o conhecimento de cada uma dessas dimensões para melhor atuarem naquilo que a Igreja chama de educação integral, ponto convergente de toda a educação do indivíduo. De acordo com Negromonte,

> como na vida, o corpo, a inteligência, a vontade e a graça devem conviver no mesmo indivíduo, sem separações impossíveis, mas na unidade do mesmo ser, para nós o ideal é reunir a tríplice cultura humana, dourando-a com a graça divina [...] Este o verdadeiro conceito de homem e da vida. É por ele e nele que temos que educar. Neste rumo caminharemos; neste rumo faremos caminhar os que a Providência Divina confia a nossos cuidados. Podemos resumir nossa orientação educacional nessa síntese magistral: ‘ cuidar do corpo para servir à alma; cuidar da inteligência para servir à vontade; cuidar da vontade para servir a Deus’ (NEGROMONTE, 1966, p. 28).

A visão integral defende a abrangência do homem em sua totalidade, sem perder de vista o rumo da educação. Ancorado nas diferentes correntes pedagógicas em voga à época, apontava para as suas particularidades e para o que considerava as maiores deficiências de cada uma. Os materialistas[138] eram criticados pelo padre, por só considerarem a dimensão da matéria e concentrarem sua preocupação apenas em relação aos seus cuidados, tais como saúde, força, beleza, instintos, habilidades técnicas, facilidades de gozar a vida, etc.; os intelectualistas, por cultivarem em demasia a inteligência em detrimento da moral; os pragmatistas, por pensarem que a vida é uma ação encaminhada para a vitória e essa é a utilidade prática do saber; os individualistas, por tratarem do indivíduo como se fosse único no mundo, os coletivistas, pelo extremo oposto, ou seja, por diluírem o homem na comunidade; e, os voluntaristas, por fixarem sua atenção apenas na formação das vontade.

Depois de apresentar as concepções de educação a partir das outras correntes, o autor afirmava que o "conceito católico tem a vantagem de abranger o homem em sua totalidade – corpo e espírito", considerando o que ele chama de ponto de partida e a meta final. "Entre o sujeito e o termo da educação está a transição a fazer, com os indispensáveis processos, cuja eficiência vai depender de um conjunto de condições sobremaneira complexas" (NEGROMONTE, 1966, p. 31).

Fixado o ponto de chegada, o autor conduz o leitor a refletir sobre atingi-lo de maneira eficaz. Mas, na pedagogia católica, tanto os métodos quanto o processo em si, são apresentados apenas como os meios para atingir o fim. A maior crítica da pedagogia católica em relação às outras pedagogias da época, sobretudo às escolanovistas, consistia em fazer dos meios o fim da educação. Mesmo na ótica de autores, como Negromonte, que diziam abertamente dialogar com tudo que a moderna pedagogia trazia de inovador e eficaz para o processo de ensino-aprendizagem, esse ponto era alvo de severas críticas.

> Sem esta aplicação dos meios ao fim corre-se o risco de estacionar nos meios, como se fossem fins. É o grande erro da maioria dos pedagogos modernos: 'a supremacia dos meios sobre o fim', como notou Maritain. Analisam profundamente a criança, aplicam-lhe cem testes e medidas, submetem-na às mais minuciosas

[138] Aqui ele inclui três correntes: o freudismo, o comunismo e o existencialismo. Cada uma delas, segundo ele, peca por resumir o homem ao instinto sexual, às necessidades fisiológicas e aos prazeres desenfreados.

> observações e exames, vasculham sua vida pregressa até os tetravós, enchem fichas e ... não a levam para diante e para cima. Param no caminho., como se tivessem chegado. O certo é valer-se dos meios para alcançar o fim (NEGROMONTE, 1966. p. 34)

Tal crítica, no entanto, não era sinônimo de rechaçamento de tais práticas. O próprio autor defendia a necessidade de se conhecer a criança e o adolescente em termos gerais, tanto quanto defendia a necessidade de considerar, cada um, em suas especificidades, levando em conta um conjunto de características pessoais que engloba gostos, tendências, temperamentos, reações, etc[139]. Dessa forma, seria possível pensar, estrategicamente, para cada educando, nos meios mais apropriados de se alcançar o fim desejado.

Mas, mesmo tendo em vista o fim desejado, essa ideia de finalidade é tratada pelo padre em uma escala hierárquica. Para ele, os fins podem ser organizados em primários e secundários

> Sendo o fim da educação o homem integral, tudo há de convergir para lá, como partes para o todo [...] Os fins secundários da educação (que são os fins imediatos do aperfeiçoamento de cada faculdade) se devem encadear entre si, de modo a servir um ao outro, de acordo com o seu lugar no composto humano, e a servir em todos ao fim último. Há faculdades inferiores e superiores. Um bom corpo é para servir à alma: já os pagãos queriam '*mens sana corpore sano'* . Uma boa inteligência, para esclarecer e nortear a vontade forte e decidida, para servir a Deus e ao próximo por amor de Deus. (NEGROMONTE, 1966, p. 35)

Essa hierarquização dos fins possui um sentido pedagógico que dá a ver como se encaminham as estratégias pedagógicas na ótica do catolicismo. Manter ideais mais próximos ou parciais é um estímulo transitório, em relação ao fim último, porém muito interessante do ponto de vista pedagógico. Para tanto, o processo de aperfeiçoamento humano deve-se apoiar em dois pontos: a inteligência e a vontade. Ambas deveriam ser trabalhadas de forma conjunta, porque, de acordo com o padre, uma sem a outra não seria suficiente. Só a inteligência, segundo Negromonte, não é suficiente para fazer o homem se mover e só a vontade forma o fanático. Era preciso o que ele chamava de um "duplo trabalho", ou seja, "firmar ideias e metê-las na vida". O ensino religioso entra aí como um importante aliado para apresentar um ideal bem firme e formar um forte desejo de realizá-lo. "Porque não é uma ideia que

[139] O que viria a ser o tema da sua próxima obra, ainda referente à educação dos filhos.

nos inclina à ação, mas uma ideia profunda, envolvente e amada" (NEGROMONTE, 1966, p. 46).

A vontade está, portanto, associada ao desejo, uma força que, em si mesma, é considerada por Negromonte como indiferente. Sua potencialidade está no encaminhamento que lhe é dado, podendo servir tanto para o bem, quanto para o mal. Daí a necessidade de se utilizá-la como ferramenta aliada à formação da vontade. "A solução está em interessarmos as paixões no verdadeiro ideal, aproveitando de suas forças, preparando-as, cultivando-as e canalizando-as para a propulsão moral" (NEGROMONTE, 1966, p. 48). Esta técnica, na concepção católica, deveria servir para nortear as práticas do educador sobre os educandos. Um dos domínios da pedagogia seria o de cuidar da regulação dessas forças, as quais, segundo o autor, deveriam estar submissas, disciplinadas e, por conseguinte, acostumadas a obedecer. Para isso, quanto mais cedo se começasse, maior êxito se conseguiria.

Mais uma vez, o projeto de formação do indivíduo, na concepção católica, apresenta semelhanças com aqueles propostos por outros intelectuais identificados com a educação laica que, de modo geral, estavam interessados em formar uma nação assentada nos princípios da civilização. Atentos também para as três dimensões norteadoras da educação: física, intelectual e moral, os educadores católicos propunham uma articulação dessas bases, no intuito de formar o homem na sua integralidade, como já foi assinalado aqui em outros pontos.

Se o ideal da educação integral é um ponto de convergência entre os diferentes grupos de educadores, os fins da educação se constituem um ponto de divergência. Os católicos foram acrescendo à ideia de "boa educação", elementos do discurso científico, como já foi apontado no capítulo anterior, sobretudo da Medicina, que vinha se afirmando e intervindo, de diferentes maneiras na vida cotidiana da sociedade brasileira do século XX. Os discursos médicos, segundo Stephanou (2005), não tratavam de uma educação qualquer,

> mas de uma educação 'completa'. Somente uma educação 'integral' e fundada nos conhecimentos científicos poderia dar conta de obra tão grandiosa que lhe estava reservada. Somente uma terra bem preparada poderia dar bons frutos' [...] os discursos médicos não se restringiam a defender uma bandeira genérica de

> educação e saúde como solução dos problemas nacionais. Há uma intensa discussão sobre qual saúde e qual educação. Não apenas uma saúde física, mas mental, moral, intelectual. Não apenas uma educação intelectual, mas física, mental, moral, sexual (STEPHANOU, 2005, p. 145)

Assim, os pontos de diálogo entre Igreja e Medicina resultam na produção de um conjunto de saberes que condensam a ideia de boa educação. Destinar esses saberes à família significava que não era suficiente que as mães tivessem uma instrução superficial, era necessário que elas atentassem para as contribuições da Medicina acerca da puericultura, para melhor conduzirem sua obra educativa. O livro *A educação dos filhos* é uma evidência do investimento da Igreja nesse sentido e do diálogo com os enunciados pedagógicos modernos, ancorados nos saberes científicos.

No Brasil, a construção do projeto modelar de família burguesa sofreu fortes impactos da razão médica e eclesiástica, atendendo aos critérios de monogamia, conjugalidade, fidelidade, reprodutividade e não consanguinidade, buscando conciliar, quando possível, interesses dos diferentes grupos envolvidos na sua constituição (GONDRA, 2002; MAGALDI, 2007). Do ponto de vista da Igreja, esses critérios serviriam não só para manter os princípios da fé, como também para reproduzi-los junto às novas famílias constituídas com base em tais preceitos. Do ponto de vista da Medicina, esse caráter conservador da Igreja serviria para instaurar uma ordem médica, sanadora, regeneradora, essencial ao progresso almejado. Mas esse aparente amalgamento não deve obscurecer os conflitos existentes entre Igreja e Estado. Segundo Gondra (2002), uma situação bastante peculiar entre Igreja e Estado, ainda no século XIX, em relação a essa temática, sinaliza para os conflitos existentes nas relações constituídas entre as diferentes instâncias em questão. Segundo ele,

> No Brasil Imperial, território em que Deus e Rei se encontravam legalmente amalgamados, era de se esperar que tal discurso estivesse amplamente difundido e consolidado no âmbito das instituições da fé católica e do Estado. Tal hipótese, contudo, pode ser problematizada pelo debate evidenciado no interior da ordem médica, em que a norma da Igreja é rebatida por representantes da Medicina (GONDRA, 2002, p. 291).

Questões como a consanguinidade e o monopólio do casamento pela Igreja representam pontos de colisão entre a racionalidade médica e a Igreja. Gondra (2002) traz, no século XX, o exemplo da disputa que se instaurou no interior da Academia Nacional de Medicina, em 1919, entre os médicos Moncorvo Filho e Fernando Magalhães, sendo este católico. Curiosamente, neste caso, a consanguinidade estava sendo defendida por Moncorvo Filho, que não era católico. A disputa teve um grave acento, por incidir diretamente sobre o matrimônio, instância que diz respeito à conformação e reprodução dos valores católicos. Todavia, aqui, o peso da ciência se sobrepôs ao da fé e foi o católico Fernando Magalhães quem defendeu a não consangüinidade como postulado para o casamento, mostrando os avanços e o diálogo da religião com a ciência. No entanto, para Gondra,

> Escapando da polaridade sugerida no debate verificado no âmbito da corporação médica, o que interessa destacar e reter é a existência da disposição para higienizar a família, e, por extensão, a própria infância, fazendo a perspectiva preventiva recuar ao controle ser exercido sobre o matrimônio. Como se vê, a defesa de uma família e de uma prole sadias encontra-se calibrada pelos princípios de Higiene, ciência que fornece argumentos tanto para a Igreja, como para alguns que desafiam se afastar de seus cânones, como nesse caso. Nesse sentido, as margens de negociação ou de imposição dessa vontade higienizadora são flexíveis, podendo ora encontrar-se mais próxima da racionalidade religiosa ou de expressões de dissidências da racionalidade médico-higiênica (2002, p. 302).

A colisão que, em alguns momentos, se estabeleceu entre os campos médico e religioso, coloca em relevo pontos de aproximação e distanciamento nessa disputa pelo monopólio do poder. Esses embates são interessantes, porque permitem ver esse jogo como um processo no qual se instaura um conjunto de relações de força que rompem com a ideia de homogeneidade e coesão entre os grupos, quando existe um objetivo comum a ser alcançado, e revelam, em certa medida, como as configurações vão se formando exatamente nesse equilíbrio das tensões.

No que concerne aos pontos de aproximação em relação à educação física, é interessante ressaltar, ainda, como Negromonte dialogou, também neste livro, com enunciados higienistas, quando se referia à saúde física, deixando claro o seu entendimento sobre suas implicações na vida social. A educação física, na concepção católica, aparecia relacionada aos cuidados necessários para assegurar

a formação de um homem forte e saudável. As prescrições nesse sentido, mais uma vez, reforçavam a educação física em uma dimensão mais ampla, que abrangia o inculcamento de um conjunto de hábitos capazes de assegurar um corpo saudável, com duas finalidades distintas: a saúde física e intelectual, ambas convergindo para o mesmo fim: “assegurar ao homem o domínio do espírito sobre a matéria; formar um espírito forte através de um corpo forte” (NEGROMONTE, 1966, p. 56).

Essa tônica em relação ao espírito, além de marcar a finalidade da educação católica, tem um caráter de distinção que funciona, pedagogicamente, como uma forma de reforçar a importância da educação física, sem confundi-la com a ideia de uma cultura física, na qual prepondera o corpo sobre a alma. A educação física era apontada pelo padre como indispensável à boa constituição de toda a vida humana, como um elemento que interfere diretamente na saúde psíquica e intelectual, mas deveria ter seu lugar marcado na hierarquia dos valores. Ela deveria servir ao corpo, visando a educação geral, como um primeiro degrau na formação da pessoa em sua integralidade.

Atento a essa finalidade, o padre elencou, neste livro, um conjunto de elementos fundamentais para a educação do corpo, muito similares aos que ele já havia apontado no livro *A Educação Sexual*. Dentre eles, eram destacados: o ar; a luz, o alimento, o domínio do paladar; a mesa; corpo e espírito (capacidade de conter os impulsos do corpo pela força do espírito); o sono; o asseio; as brincadeiras; os jogos; os passeios e excursões. Todos esses itens aparecem em perfeita consonância com as prescrições médicas de saneamento da sociedade e dos indivíduos que nortearam as práticas pedagógicas, nas quais diferentes atores se envolveram na produção de uma cultura urbana.

“De muitas maneiras, a escola procurou ‘tirar do corpo as impurezas que ofendiam vistas exigentes’”(*apud* VAGO, 2000, p.6). O historiador, ao relembrar essa frase ‘lapidar’, como ele mesmo afirma, de Graciliano Ramos na sua obra “Infância”, amplia o leque das discussões, porque coloca em pauta as diversas práticas constitutivas dos corpos e da natureza infantil pela escola, com tudo aquilo que lhe é constitutivo: suas formas, tempos, espaços, saberes e sujeitos. Ele chama ainda a atenção, porque evidencia a importância do corpo físico para o processo civilizador.

Não bastava apenas cuidar da alma e do intelecto, a atenção para a formação de corpos saudáveis adquiriu um relevo vultuoso na formação da sociedade nos anos 1950. Esses corpos educados deveriam evidenciar a civilidade, mas também a aptidão do povo brasileiro para o trabalho, através da constituição de "gestos eficazes". Segundo Vago, as escolas se empenharam na produção de corpos dóceis através de medidas como

> Preparar o lugar; desinfetar; limpar e inspecionar os corpos das crianças consideradas regeneráveis; renegar os corpos de outras, tidas por incapacitadas; impor hábitos higiênicos; disciplinar os bárbaros; estabelecer códigos de controle e punição; refinar sensibilidade, lapidando sentimentos, arrancando vícios, implantando civilidade, afinando a voz, ensinando o gosto, educando as mãos – são dispositivos que, em conjunto, revelam práticas escolares de constituição de corpos das crianças (VAGO, 2000, p.7-8)

É digna de nota a presença desses mesmos dispositivos em outras esferas educativas da sociedade. No conjunto de prescrições do Monsenhor Negromonte para as famílias acerca da educação dos filhos, também é possível, neste manual, apreender o esforço do padre em lapidar os corpos infantis, demonstrando pontos de aproximação entre a proposta desenvolvida para as famílias e aquelas que vinham sendo desenvolvidas pela escola[140].

Ao destacar a importância do ar, da luz, do sono, do asseio, associando-os a aspectos de ordem pedagógica e higiênica, ele afirmava que, segundo os meios médicos e educacionais, esses elementos produziam rebatimentos diretos na saúde física e na aprendizagem dos indivíduos Além disso, contribuíam com a formação de hábitos de assistência e perseverança, tanto dos pais quanto dos filhos. No tocante ao sono, por exemplo, Negromonte afirmava que

> O excesso ou a deficiência de sono trazem numerosos inconvenientes. Insônias e sonolências, perturbações nervosas, inapetências, deficiências escolares, moleza física e moral, vício, nascem muitas vezes daí. E isto se prolonga pela vida afora, depauperando, neurotizando, infelicitando. Que responsabilidade a dos pais! É um dos indícios mais evidentes da boa educação que eles têm e dão. Aqui como em tudo, pesa o exemplo da mãe. Se a mãe acorda às 10 horas... (NEGROMONTE, 1966, p. 63)

---

[140] A ênfase nos pontos de aproximação não desconsidera que o movimento de afirmação da cultura escolar e urbana ocorreu entre conflitos, tensões, contradições e impasses e, como lembra Vago (2000), "não significou uma imediata adesão da população". Os pontos de distanciamento entre a casa e a escola também são constitutivos da relação família-escola que esse trabalho busca apreender na proposta pedagógica do Monsenhor Álvaro Negromonte.

Os cuidados com a alimentação, além de atenderem às necessidades do corpo e também incidirem sobre as questões da aprendizagem, recebiam uma tônica, pela maneira como auxiliavam no controle dos impulsos. Os hábitos que se formam em torno da alimentação revelam o quanto o indivíduo é capaz de auto-regular suas pulsões e demonstrar sua boa educação.

A preocupação com o alimento, portanto, para o autor, consiste em formar hábitos que correspondam à finalidade da alimentação, mas também à dignidade humana. Para isso, um conjunto de orientações foi prescrito aos pais, em relação à qualidade, quantidade, horário, modo e tranquilidade, de forma articulada a outros pontos elencados anteriormente, como o domínio do paladar, a mesa; o corpo e o espírito, este como uma forma de refrear os desejos e conter seus impulsos, fundamental ao cultivo de um corpo casto, como ele já havia apontado no livro *Educação Sexual*.

> O orientador informe-se e oriente as refeições pelo seu valor alimentício. A arte culinária disponha os alimentos de modo que o gosto facilite o que for mais indicado á saúde [...] O hábito de comer o que está à mesa não é apenas das boas maneiras: supõe domínio de si e é indício de espírito cristão, pois é recomendação do Senhor aos seus discípulos: 'Comei tudo que vos servirem'. Crianças que comem a todo instante, em vez de fazerem só às refeições, mais prejudicam à fortaleza moral, ao domínio de si, que à boa digestão e robustez corporal [...] As boas maneiras ao comer são específicas da espécie humana, muito mais que simples exigência de bom tom [...] À mesa, como em poucas oportunidades, se conhece um homem educado [...] Seja a refeição um momento tranqüilo, de amável convivência doméstica. Todos à mesa em seus lugares certos ou previamente indicados pela mamãe, sem pressa, falando de assuntos agradáveis, em tom moderado, aguardando o momento de ser servidos, se disporão a todas as vantagens da alimentação [...] O espírito deve comandar a alimentação, refreando os excessos, ditando as abstenções necessárias à saúde, a sobriedade tão digna do homem, e a mortificação controladora dos desregramentos do paladar, como de todos os instintos [...] O grande De Maistre disse que só sabe conter-se, aos 30 anos, diante de uma mulher bonita, quem, aos 3, aprendeu a conter-se diante de um bombom (NEGROMONTE, 1966, p. 60-62)

Os recreios, os jogos e as excursões são indicados como instâncias de movimento, onde a criança deveria desenvolver suas aptidões, explorar seus limites e suas potencialidades. Os recreios deveriam ser dirigidos para não deixar a criança entregue a si mesma. Não obstante, a demasiada dependência da criança em relação ao adulto é igualmente vista como prejudicial. Não desconsiderando os

problemas de cada um desses extremos, o autor considera que brincar é uma atitude inerente às necessidades da criança, e, por isso, sem demasia, deveria ser estimulada. Segundo ele, “a vida sedentária, pouco indicada mesmo aos adultos, é totalmente contra-indicada às crianças. Levemo-las então a recrear. Sem excessos de autoridade. Com liberdade de escolha. De modo a beneficiá-las” (NEGROMONTE, 1955, p. 65)

O diálogo com Claparède e com os enunciados pedagógicos considerados modernos se faz presente nessa obra, não só nas apropriações, como nas menções diretas ao autor. Na obra *Pedagogia do Catecismo* e na sua coleção de catecismos voltados para o ensino religioso escolar, Negromonte já havia demonstrado pontos de aproximação com o médico. Ao tratar do jogo, ele reconhece a importância deste, também para os pais, no desenvolvimento da criança.

> o jogo é uma atividade funcional da criança, e por isso é realizado por ela com uma seriedade vital (e os adultos não devem interromper sem motivo sério, menos ainda ridicularizá-lo), a criança instintivamente, sabe mais o jogo que lhe convém do que nós que queremos impor nossos gostos adultos (e o papel do educador é antes cooperar nos jogos, impedindo o que for nocivo, e orientando nas atitudes); nossa intervenção demasiada nos jogos, ou nossa solicitude em desfazer dificuldades é prejudicial porque ou cerceia a iniciativa, inibe, ou amolece o corpo e espírito, com complexos de inferioridade e dependência (NEGROMONTE, 1966, p. 66)

As excursões a pé são valorizadas, pelo seu aspecto benéfico ao corpo. Segundo o autor, é um dos exercícios mais completos, por contribuir na formação da robustez física. Os passeios de carro, na sua concepção, apesar de serem divertidos, não contribuem com o desenvolvimento físico das crianças, prejudicam a moral, alimentando a mentalidade burguesa, assinalada por ele como excessivamente comodista e fraca, e contrariam o princípio básico da educação física na pedagogia católica, que consiste em formar um corpo sadio e resistente para servir a um espírito ainda mais sadio e resistente.

A educação intelectual concentra a segunda maior parte da obra, quase com o mesmo número de páginas que a educação moral[141]. Não só em relação ao número de páginas elas são correspondentes, mas na abordagem realizada, a formação intelectual e moral estão intrinsecamente relacionadas. O desenvolvimento

[141] Cf. anexo R.

do intelecto é associado à formação da vontade, mas esta última, segundo o autor, segue a inteligência. Daí, a necessidade de atentar para os cuidados com a sua formação. “Formá-la devidamente é o mais precioso, o mais importante e, frequentemente, o mais esquecido cuidado” (NEGROMONTE, 1966, p. 68). O objetivo da educação intelectual consistiria, portanto, em dar ao educando “a capacidade de julgar com acerto”. Tal empreendimento requer o desenvolvimento de outras faculdades que corroboram com essa meta. Negromonte fornece, ainda, uma espécie de caminho para que a formação intelectual e a produção de conhecimento pelo indivíduo ocorram na sua amplitude. Para ele,

> Os sentidos apreendem. A imaginação representa. A inteligência dá o primeiro passo: apodera-se da imagem, despindo-a de suas características individuais, universalizando-a. Trabalha as ideias, juntando-as ou separando-as, afirmando ou negando: - é o juízo. Conduzir o educando à boa formação dos juízos é a grande tarefa da educação intelectual. Nisto entram os sentidos, com a apreensão clara e precisa do objeto nos seus aspectos sensíveis. Entra a atenção, em cuja formação o educador não deve poupar esforços. Entra a análise decompondo o objeto em suas várias partes – ou a síntese, reduzindo os conjuntos à maior simplicidade possível. E todo o precioso trabalho de comparar, de unir ou separar ideias, de estabelecer-lhes a conveniência ou oposição, é da reflexão- a volta da mente aos próprios atos. Somente assim se forma a inteligência e se leva o educando à capacidade de julgar, básica no conhecimento das coisas, no discernimento dos homens, na própria vida moral (NEGROMONTE, 1966, p. 69)

É interessante assinalar aqui que estas prescrições estão sendo encaminhadas aos pais e não aos educadores profissionais. Esse esforço do autor para ensinar aos pais, não só a importância e a finalidade da educação em seus vários tipos, mas mostrar também o caminho a seguir e explicar porque cada um dos pontos do caminho é relevante, vai ao encontro do conjunto de medidas encaminhadas por outros educadores na direção das famílias, com o objetivo de capacitá-las a cooperarem com a instituição escolar no projeto educativo da sociedade.

Como já foi dito, se a afirmação da escola moderna marca por atrelar a essa instituição a primazia na educação, pelo fato de os agentes que atuam em seu âmbito dominarem os saberes científicos, essa mesma escola e os intelectuais que estão envolvidos na sua constituição não concebem a eficácia de suas ações, sem um trabalho conjunto com a família. Necessariamente, a ideia de trabalho conjunto

pode assumir vários significados. A presença da família na escola não é a única maneira de se estabelecer essa cumplicidade.

Os impressos que estão sendo analisados neste trabalho põem em evidência outras formas de aproximação entre família e escola, as quais configuram um tipo de relação que é pouco enfatizada nas pesquisas nessa área. Nos estudos voltados para a temática das relações família-escola, a tônica recai, mais recorrentemente, na falta de diálogo entre pais e professores e na ausência dos pais na escola. Algumas das razões apontadas nos trabalhos de Nogueira (2005), Perrenoud (2001), Montandon (2001), é a concorrência entre os diferentes atores sociais envolvidos na educação das crianças, neste caso, pais e professores, na luta que eles instituem pelo monopólio da educação e, a falta de competência pedagógica, que, segundo os pais, dificulta esse acompanhamento dos seus filhos, na condição de alunos, nesse universo escolar.

A produção de um conjunto de impressos destinados a educar a família sobre a importância da educação dos filhos e mostrar os caminhos que iam ao encontro da pedagogia que estava, concomitantemente, sendo endereçada à escola, era uma estratégia que Negromonte pretendia eficaz, na articulação entre os domínios público e privado. Ao capacitar os pais para exercerem a educação dos filhos, de acordo com os enunciados pedagógicos modernos, a Igreja chamava-os à responsabilidade para a sua parte da tarefa, quebrando o argumento utilizado por muitos dos pais daquele tempo, de não se considerarem capacitados para tal missão, e proporcionando uma possibilidade de diálogo com a escola que, se não era visível no discurso, era possível de ser apreendida nas ações propostas para a casa e a escola.

Se os saberes pedagógicos foram se tornando cada vez mais científicos e penetrando o dia-a-dia das famílias, por outro lado, as famílias não assistiram a tudo isso passivamente. O que se apresenta como uma problemática instigante para o campo é a dualidade do processo civilizador pela escola e pelas famílias, em uma tentativa de buscar apreender em que medida os saberes pedagógicos modelaram as praticas educativas desenvolvidas por essas duas instituições.

No limite, esse trabalho, obviamente, não dá conta de responder essa questão em toda a sua amplitude e complexidade. Mas, nessa direção, ele pretende contribuir para pensar em uma proposta de relação família-escola onde cada um deveria realizar o seu trabalho no lugar que lhe é próprio.

O que fica evidente no projeto educacional do Monsenhor Álvaro Negromonte é que a Igreja, por exemplo, empreendeu um esforço de subsidiar as famílias teoricamente para a tarefa educativa que tinham a desempenhar, ancorando os saberes inerentes a essa tarefa promovida na esfera privada, nos mesmos fundamentos da moderna pedagogia que vinha subsidiando a educação escolar. Nessa direção, é preciso considerar, também, toda a busca das famílias por maior instrumentalização para o ofício de educar, passível de ser vista na aliança entre mulheres e médicos e mulheres e emissários da Igreja, conforme indica Lasch (1999). Segundo o autor, “as mulheres foram buscar ajuda profissional – ou pelo menos foram receptivas quando isto lhes foi oferecido – mesmo quando viram destruídas as prerrogativas tradicionais das mulheres”(LASCH, 1999, p. 184, 185)

No bojo desse movimento de intervenção dos profissionais na vida familiar, a Igreja Católica reorganizou seu discurso e suas estratégias para manter a sua jurisdição sobre a vida doméstica. O esforço da Igreja deve ser compreendido, considerando o diálogo estabelecido com os saberes científicos, depurando-os de tudo que contrariasse a fé católica e, sob esse filtro, na produção de novas mensagens encaminhadas às famílias e à escola. Imbuído da missão de ensinar aos pais “como fazer” ou “como conduzir” a educação dos filhos, Negromonte sinalizava para os pais os caminhos indicados para a educação intelectual dos filhos.

A educação dos sentidos figurava em primeiro plano, não só pela importância da sensibilidade à qual está atrelada, mas pela condição básica para uma boa aprendizagem. Razão pela qual deveria ser estimulada, através de trabalhos manuais, jogos, brincadeiras, e tudo o mais que permitisse o seu desenvolvimento, sem prejuízo moral. Ao tratar dos trabalhos manuais, o autor buscava subsídios em Froebel e Montessori, recomendando suas orientações aos pais para a educação dos pequenos:

> Com os pequenos, os métodos de Froebel e Montessori dão ótimos resultados. Esferas coloridas, figuras geométricas diferentes, modelagens, encaixe, desenhos – importantíssimos os desenhos ![142] – brinquedos de armar, etc. Na escola acrescentam-se a escrita, a leitura, as experiências, o desenho geométrico e artístico – em que os sentidos, conjugados trabalham mais exigentemente. Os jogos que demandam habilidade, pontaria, controle muscular, golpe de vista, prestam grandes serviços (NEGROMONTE, 1966, p. 71)

Além de educar as famílias, Negromonte as preparava para aquilo que seus filhos iriam ou deveriam encontrar na escola. E dava exemplos de atividades, para que os pais pudessem desenvolvê-las com os filhos em casa. Em relação aos jogos como instrumento pedagógico, ele ensinava:

> Alguns desses jogos são muito fáceis: jogar moedas ao pé da parede para ver quem mais se aproxima dela, jogar argolas sobre um pino, derrubar um marco com bolas, tiro-ao-alvo (há espingardinhas cuja 'bala' fica pregada a superfícies bem lisas), ou mesmo tênis, pingue-pongue, futebol quando bem dirigido (NEGROMONTE, 1966, p. 71)

Os trabalhos manuais e os jogos, no entanto, não deveriam substituir o refinamento dos sentidos em suas potencialidades, como a audição e a visão, daí o estímulo a atividades como visitas a museus e exposições, concertos, declamações ou mesmo, na esfera doméstica, o incentivo ao uso da vitrola.

A curiosidade, a atenção, a imaginação eram faculdades destacadas pelo padre como potenciais para a educação intelectual. Não só se faz necessário reconhecê-las e estimulá-las no ambiente doméstico, como também nas atividades escolares. No caso da curiosidade, por exemplo, Negromonte, ao tratar da melhor forma de satisfazer a curiosidade, indica a necessidade de reconhecer os graus de curiosidade. Se for uma criança que já lê, a indicação é que ela mesma busque a resposta da sua questão nos livros escolares, complementando-a, quando for o caso, com livros de maior desenvolvimento do assunto.

Já no item "atenção", a recomendação era que a mesma fosse estimulada, que fosse produzida na criança essa disposição, fazendo-a perceber as vantagens de estar atenta, cultivando o ambiente propício, proporcionando os meios e dando a assistência necessária. Negromonte afirmava que, estimulada essa faculdade desde

---

[142] Essa importância dada dos desenhos para as crianças é vista nos manuais de catecismos endereçados aos alunos da 1ª à 4ª série, no livro "A vida de Jesus para a infância e a juventude" (1947) e no livro História da Salvação, todos ilustrados, segundo o autor, para que as crianças pudessem interagir com o texto.

casa, ao chegar na escola, a criança ficaria satisfeita de compreender melhor e desenvolver, com maior sucesso, o trabalho escolar. Essa compreensão levaria a outra maior, que seria o reconhecimento da atenção como fator indispensável de todo trabalho sério e condição essencial de aquisição de conhecimentos. O autor explica, quase por meio de um passo-a- passo, como reconhecer o potencial de atenção da criança. Aqui, mais uma vez, aparece uma atenção especial dirigida à idade e à tarefa adequada.

Às crianças instáveis, ele recomenda atenção diferenciada, falando-lhes com maior calma e propondo tarefas que exijam serenidade, como jogos tranquilos, de cálculo, de paciência, de controle, de habilidade. Ainda segundo o autor, as crianças que possuem facilidade para a educação espontânea fazem isso geralmente com aquilo que é do seu interesse, mas não apresentam a mesma disposição quando o objeto não lhe interessa, cansando-se rapidamente, tornando-se aborrecidas e irritadiças. O desafio que o autor colocava aos pais era o de despertar nelas o interesse pelo trabalho necessário para que fosse feito com gosto, aproveitando, no cumprimento do dever, a atenção espontânea. Quando isso não fosse suficiente, deveria começar a encaminhar para a atenção voluntária, na proporção da idade e da tarefa. Para isso, criar situações favoráveis era fator imprescindível. Assim, ele passava quase um receituário de meios a empregar na educação da atenção, tais como: criar horários e locais adequados para o estudo, considerando todas as questões já tratadas sobre o ambiente e a necessidade de o mesmo ser arejado, bem iluminado e sossegado, promover tarefas pequenas, dosar os trabalhos maiores com intervalos para evitar a fadiga e o cansaço, organizar a transição dos deveres interessantes para os desagradáveis, assistir cada filho de acordo com as suas necessidades específicas.

A imaginação era outro excelente auxiliar da educação intelectual, porque aparecia diretamente relacionada à memória, devendo, por isso, ser compreendida e estimulada nas diferentes fases de desenvolvimento do educando. Mais uma vez, o currículo escolar era apontado como instrumento capaz de contribuir com essa faculdade, pelas possibilidades de, ao mesmo tempo, reforçar e disciplinar essa disposição.

Essas três faculdades mencionadas primeiramente, não sem razão, estavam relacionadas ao interesse da criança e sua motivação em aprender. Nesse ponto, o padre Negromonte mantinha um diálogo estreito com Claparède, que afirmava, como resultado de suas pesquisas, o primado do interesse como elemento motivador da aprendizagem, mas em um sentido diferente daquele usualmente conhecido, de que a criança deveria aprender apenas aquilo pelo que manifestasse interesse.

Segundo Claparède, pode-se afirmar que "o interesse é o princípio fundamental da atividade mental [...] Agir, ter uma conduta, é escolher, a cada passo, entre muitíssimas reações possíveis. O móvel dessa escolha contínua é o interesse" (CLAPARÈDE, 1954, p. 61). Suscitado o interesse, estabelecida a relação de proximidade, a eficácia do processo está no que Claparède chama de "Lei de Adaptação funcional", que pode ser formulada pelo seguinte corolário: a ação se produz quando é de natureza a satisfazer a necessidade, ou o interesse do momento. Dela se extrai a seguinte regra de aplicação prática: para fazer um indivíduo agir, devemos colocá-lo nas condições próprias ao aparecimento da necessidade, ou do interesse que a ação que se deseja suscitar tem por função satisfazer. A estratégia está em tornar a aprendizagem uma necessidade. Nesse ponto, poderia se perguntar: como criar uma necessidade? Ao que Claparède responde: "A solução desse problema parece desesperadora. Não o é, entretanto, para quem leve em conta os ensinamentos da psicologia da criança. Esse saberá que o jogo, o brinquedo, é uma das principais necessidades da criança" (1954, p. 157). Daí a importância de explorar a sua potencialidade.

Mesmo sem fazer menção demasiada a teóricos da educação, o que padre faz com recorrência na "Pedagogia do Catecismo" e em outros impressos destinados aos professores, ou sem entrar no debate acerca dos novos métodos pedagógicos, Negromonte parece querer aproximar as famílias de alguns dos enunciados escolanovistas. Através da sua lente, os saberes pedagógicos científicos foram sendo disseminados nos lares das famílias católicas. Ao mesclar as prescrições feitas pelo padre com os seus próprios saberes, as famílias poderiam formar um novo leque de saberes pedagógicos, próprio da esfera familiar.

No tópico sobre a objetividade, o padre alegava que se deveria pretender formar sujeitos com espírito de exatidão, através da observação e de exames cuidadosos. O meio mais eficaz a ser empregado se assemelharia ao método aristotélico. “Cultivemos o gosto pelo trabalho individual. Levemo-las a descobrirem por si só o que desejam. Com perguntas sucessivas e bem orientadas, façamo-las encontrar a solução pedida. Evitemos assim a preguiça intelectual e a aceitação sem exame das soluções alheias ou das ideias feitas (NEGROMONTE, 1966, p. 85).

O sétimo tópico desse tema é bastante interessante, por seu caráter inovador. Intitulado “Senso Crítico”, trata fundamentalmente da formação intelectual em si. Segundo o padre, os educandos precisam adquirir conhecimentos, mas mais do que isso precisam formar o senso crítico. Essa postura vai de encontro a toda uma tradição de se associar a Pedagogia Católica a um formato de impregnação doutrinária, modeladora, que trata o indivíduo como se fosse uma massa amorfa no qual se deve imprimir a essência da Igreja. A estratégia do Monsenhor Álvaro Negromonte indica uma preocupação maior com a otimização das práticas educativas, elemento revelador de uma renovação pedagógica católica que não ocorreu apenas em sua proposta metodológica, mas também na sua concepção teórica acerca da educação.

Parece que o diálogo com as ciências da educação estimulou a Igreja a rever também suas bases conceituais. O entendimento do padre acerca da educação intelectual estava atrelado à formação de um *habitus* católico, relacionado a todas as instâncias de um indivíduo, a começar pelo pensamento. Era por essa via que Negromonte entendia que os indivíduos se convencem dos seus valores, das suas inclinações, das suas paixões, dos seus limites, da necessidade de auto-controle, sem que isso lhes seja imposto. A inteligência bem formada nessa direção se torna a principal aliada da autorregulação como dispositivo de controle. É nessa direção que o Monsenhor Negromonte conduz e define a sua proposta de educação intelectual:

> Ensinar a pensar, muito mais do que fornecer conhecimentos; formar a inteligência , muito mais do que informá-la; é despertar a capacidade de compreender. É dar certa autonomia mental , na medida em que ela é necessária. É preparar para o

> discernimento. É encaminhar o educando a usar de sua inteligência; a pensar por si; a saber valer-se da cabeça que Deus lhe deu (NEGROMONTE, 1966, p. 87, 88)

Segundo o Monsenhor, nessa capacidade de discernimento estaria o melhor da formação intelectual. Para tanto, o raciocínio e a reflexão eram temas caros em seus Tratados de Pedagogia para os pais. “Formar juízos”, como o próprio autor se refere, seria o ponto de chegada. E o raciocínio serviria como o instrumento de precisão que proporcionaria mais segurança nas afirmações e mais firmeza nas conclusões. Sem desprezá-lo, os pais deveriam reconhecer, como em tudo o mais, as várias etapas desse processo no qual se desenvolve a educação intelectual. Segundo Negromonte, a vida mental da criança se desenvolve, basicamente, em três fases: a sensitiva, a espontânea e a refletida. É nesta última, que o discernimento começa a se firmar, desfazendo-se do intuitivo e sentimental e pesando os valores de maneira mais objetiva.

A reflexão diz respeito à maturidade mental e deve ser iniciada mesmo na infância, estimulando a criança a refletir sobre sua pergunta. “Se em vez de lhe respondermos logo, o interrogarmos também e de pergunta em pergunta o conduzimos à desejada solução, estamos preparando-o para pensar por si (NEGROMONTE, 1966, p. 94).

“O estudo”, “O trabalho pessoal”, “Abrindo horizontes” e “Outras leituras” são os quatro últimos tópicos da educação intelectual, que fornecem lições sobre como estimular essa maturidade abordada nos itens anteriores. São focalizadas, desde a entrada na vida escolar e a árdua tarefa dos pais em assistir aos filhos de forma mais presente, quanto menor ele for, até a formação que deve complementar a escola na formação intelectual do adolescente. Esta também deveria contar com o auxílio dos pais, os quais, por sua vez, deveriam contribuir para que o educando passasse a organizar seus estudos com método, disciplina e profundidade, buscando outras leituras (sempre recomendadas) como demonstração de interesse e esforço pela sua formação intelectual. Dessa forma, o educando se afastaria da mediocridade e ampliaria os seus horizontes, fazendo uso potencial da sua inteligência bem formada. A eficácia desses gestos resultaria em mentes

esclarecidas, cultura vasta, capacidade de concentração e disciplina, perseverança e determinação em relação ao trabalho realizado, sobriedade e lucidez, características bem condizentes com o tipo de trabalhador que a sociedade brasileira urbano-industrial dos anos 1950 demandava.

Esse último item traz à tona a estratégia pedagógica do esforço e desconstrói a representação do gênio. Usando a história, Negromonte trata o gênio como uma construção, uma produção social e de si mesmo.[143] Na sua concepção,

> O êxito se deve muito mais ao trabalho que ao talento. A cada momento encontramos grandes inteligências que fracassaram e inteligências modestas que venceram. Aquelas fiaram em si; estas, no trabalho. A História nos diz que os heróis foram mais fruto do esforço do que de prendas. Mais se fizeram do que nasceram feitos. Mesmo os gênios não teriam frutificado sem o trabalho, por vezes, exaustivo, a que se consagraram. Nenhum deles, nem um sequer, se fez sem trabalho insano. Basta pensar no inventos de Edson, por exemplo, ou nas experiências de Santos Dumont para supor quanto tempo e dedicação custaram (NEGROMONTE, 1966, p. 99)

A última parte da obra, reservada à "educação moral", constituiu o maior esforço do padre. Nesta, ele buscava tratar da formação do santo, do homem do dever, senhor de si, membro de um corpo, sempre em busca da perfeição. Esses itens exaltavam o ideal da educação que não dizia respeito ao físico e ao intelecto apenas, mas, sobretudo, à alma, meta a ser atingida. Daí a escolha da epígrafe, "Cuidar da vontade para servir a Deus". Por mais elevado que fosse o ideal, o autor reconhecia que isso não era suficiente. O domínio de si era a palavra-chave para alcançar o ideal, mas era pelo interesse que se conseguiria desenvolvê-lo. Como o próprio Negromonte afirmava, "não bastam porém, a pregação moral, o apelo à virtude, o ensino abstrato, a exigência do dever. O segredo está em despertar o interesse da criança pela prática dos atos correspondentes ao ideal" (NEGROMONTE, 1966, p. 114). Mais uma vez, o diálogo com as Ciências da Educação serviriam de fundamentação às suas propostas.

---

[143] Em uma outra direção, mas a respeito desse tema, Norbert Elias faz um movimento interessante, ao desconstruir o conceito de gênio, através da biografia de Mozart. O autor enfoca a relação indivíduo e sociedade, mostrando como as circunstâncias e pessoas ao redor do músico foram se entrecruzando e contribuindo para a formação da sua genialidade, ao contrário da ideia de uma condição inata que, comumente, lhe é atribuída. Mas, o trabalho compulsivo do músico instilado desde cedo pelo seu pai, apesar de não ser o foco principal da obra, não passou despercebido na biografia do sociólogo.

Estabelecido o ideal, o padre passava, mais uma vez, aos caminhos. O procedimento metódico era ressaltado, mesmo no lar. Para capacitar as famílias nessa tarefa, o autor estimulava os pais a prestarem atenção nas variações psicológicas que se apresentavam entre os diferentes indivíduos e em um mesmo sujeito[144]. Assim, Negromonte reconhecia a dificuldade do empreendimento que estava propugnando e apontava o caminho. Como não considerava uma tarefa fácil encontrar o nexo entre o interesse da criança e a exigência moral, ele alegava que o método indutivo era o mais apropriado para essa finalidade. Tal método, também endereçado aos professores, consistia em partir do educando para a exigência moral e não desta para aquela. Aproveitar a vida real e pôr em relação com os fatores biológicos e sociológicos da criança, os esforços correspondentes ao ideal visado.

Na sequência, ele ressaltava a importância da ação do lar, como uma forma de reforçar a necessidade de os pais atentarem para as diretrizes que ele estava colocando em pauta.

> De alto valor é a ação do lar, aqui como sempre na educação. É preciso que a família seja uma escola de energia, de regularidade e exatidão, de ordem e limpeza, de pontualidade, de gentileza no trato, de obediência pronta e consciente, de amor ao dever – numa palavra de domínio de si – para encaminhar os educandos por este árduo e belíssimo caminho (NEGROMONTE, 1966, p. 115).

O domínio de si refletia um conjunto de características, próprias do homem bem formado. Como membro de uma sociedade, o educando deveria ser preparado para a vida, de maneira que sua formação estivesse vinculada à sociedade, devendo fazer parte de um mesmo projeto pedagógico a ser desenvolvido desde cedo.

> A afirmação individual dá consistência e vigor à personalidade, evitando as capitulações dissolventes; a expansão social impede o egoísmo e a avareza, multiplicando benefícios. Isoladas, estas duas tendências deformam; unidas, dão o homem completo de que tanto precisamos. Freá-las ou desenvolvê-las para que não se façam excessivas ou deficientes, é trabalho da educação (NEGROMONTE, 1966, p. 117)

---

[144] Temática do livro que foi publicado na sequência deste, seis anos depois. Não se sabe ao certo se a demora para a publicação da obra foi por problemas com a editora José Olympio ou se foi por motivos de saúde. De toda maneira, o manual “Corrija seu Filho” teve sua primeira edição lançada só pela Rumo e não pela José Olympio, ao lado das reedições dos manuais *Noivos e Esposos* (sétima edição) e “Educação dos Filhos”(segunda edição).

As características individuais deveriam ser orientadas em benefício do bem-estar comum. Segundo Pio XII, “a educação seria incompleta se reduzisse ao bem estar pessoal – físico, moral, temporal e eterno – das crianças. Ela deveria, além disto, formá-las e prepará-las para exercer sobre seu tempo e a sua geração e mesmo sobre as gerações futuras, uma ação salutar, de modo que deixem o mundo mais doce e mais belo do que encontraram” (*apud* NEGROMONTE, 1966, p. 117). Dessa forma, o projeto pedagógico da Igreja não visava o primado do individualismo, assim como também não visava o primado da coletividade. Antes, reconhecendo esses dois aspectos da vida humana, objetivava a formação do indivíduo e da sociedade de forma concomitante.

Essa lógica ajuda a pensar em um projeto interdependente de afirmação da cultura católica como cultura nacional, de forma que indivíduo e sociedade fossem impregnados e formados mutuamente. Mas, como estratégia eficaz de se afirmar para além da fé professada e atingir um número maior de pessoas, Negromonte alegava que a educação deveria ter por missão a preparação de um homem com senso de dever, mesmo no caso daqueles que não tivessem como foco, a santidade. O domínio de si seria a principal faculdade a ser desenvolvida nessa tarefa, responsável pelo equilíbrio das outras faculdades e um instrumento de liberdade. Na concepção católica,

> Só o homem senhor de si equilibra a sensibilidade, disciplina os impulsos, aplaina dificuldades, elimina conflitos, resiste às pressões, supera os interesses, triunfa do dinheiro e da glória, doma a curiosidade,, reage aos ambientes. Só ele tem a coragem dos compromissos, da fidelidade à palavra, do amor à verdade, da indiscriminação, do respeito à consciência, do cumprimento do dever sem medo às conseqüências [...] livre não é quem se deixa dominar por instintos paixões, mas quem as governa” (NEGROMONTE, 1966, p. 112).

Em outras palavras, a preocupação com a autorregulação das pulsões fazia parte de um dispositivo de controle que buscava modelar de forma interdependente indivíduo e sociedade. E, da mesma maneira que um *habitus* bem formado não permite apreender o que é inato e o que socialmente construído no indivíduo, do ponto de vista social, se torna tarefa bastante complexa diagnosticar até onde os indivíduos bem formados dão os contornos de uma determinada sociedade, tal como

ela se apresenta, e até onde a reprodução da cultura modelou esses mesmos indivíduos. O que se pode perceber é que, tal como Elias (1994) sugere pensar, indivíduo e sociedade compõem os dois lados da mesma moeda e, através do processo educativo, vão sendo configurados e se configurando, mutuamente. De uma maneira geral, todos os projetos pedagógicos que Negromonte empreendeu, mais especificamente, esses endereçados às professoras e famílias, analisados neste trabalho, são representativos de um movimento de diálogo que a Igreja estabelece com dois universos que, segundo Manoel (2004), compõem a história da humanidade: um material, concreto, no qual se realiza a história humana; outro abstrato, idealizado, para o qual a História deverá levar os homens.

A autorregulação, diretamente ligada ao autodomínio e este à formação das vontades apresentam-se na última parte da obra. O grande esforço do padre nessa parte consistiu em ensinar aos pais a formar as vontades dos filhos. Todo o processo formativo endereçado aos pais é consoante com aquele posto para o ensino religioso, através do catecismo, no qual a mulher é vista como a principal colaboradora e responsável na tarefa de ministrar o ensino religioso, pela dupla função que ocupa como mãe e professora. Tanto o projeto voltado para as famílias, quanto o projeto de catecismo, visavam à construção de indivíduos fortes para contribuir no projeto de recristianização da nação. Também no ensino de catecismo, a formação moral teve papel fundamental, devendo começar

> a partir da formação da vontade da criança, através da formação de convicções com raízes profundas e sólidas na inteligência. Além da formação de um sentimento forte, enérgico, capaz de orientar e corrigir as paixões, a educação deve ser pessoal e, ao educando, cabe a ação, ir conhecendo o seu dever, colhendo os meios da vitória, proporcionando os esforços, com a impressão de que está agindo por si mesmo para poder continuar a agir bem quando não tiver mais a assistência do educador. A proposta do padre Negromonte defende que os motivos inferiores mais próximos do educando servem de degraus para se chegar aos superiores e está assentada na educação funcional, proposta por Claparède (1973), pautada em motivos que conduzem a uma função específica, o processo educativo (ORLANDO, 1998, p. 192).

A prática educativa, nessa perspectiva, adotava um caráter formador, a partir de um conjunto de ações voltadas para a educação das vontades, através da direção das consciências. Sobre a formação das vontades, Claparède (1973)

defende que “as crianças, se não fazem tudo que queiram, queiram tudo o que fazem”. No cenário educacional brasileiro, essa máxima foi reiterada por vários intelectuais de diversas matrizes, incluindo os católicos e, entre outros, Anísio Teixeira, por exemplo em artigo na revista *Escola Nova,* publicado em 1930 (*apud* CARVALHO, 2001). Apesar de a historiografia brasileira atentar, sobretudo, para a presença de Dewey, quando se trata de Escola Nova, as várias correntes européias, sobretudo os princípios propostos por Claparède, estão presentes com muita força nos discursos dos pedagogistas brasileiros[145], sobretudo, nos católicos.

A formação das consciências através da educação intelectual corrobora com a eficácia das ações que se espera dos sujeitos. A obediência, por exemplo, apresenta-se com facilidade, quando coincide com as convicções e tendências dos indivíduos. Nesse caso, é necessário formar essas convicções para que determinem as tendências que inclinarão a conduta dos indivíduos. Para isso,

> não vale argumentar que a obediência é tanto mais perfeita quanto maior submissão demonstra a autoridade. Não prejudiquemos a marcha da formação com o desejo precipitado de atingir o ideal. Aos jovens apresentemos a lei divina como mais conforme à própria razão. E, ao mesmo tempo, formemo-los para terem ideais conformes com a lei divina. Esta equação facilita imensamente o trabalho. Demos-lhes as razões das ordens de Deus, proporcionando-as sempre à sua mentalidade de adolescentes. Quando lhes tivermos mostrado que as imposições dos mandamentos coincidem com o seu modo de pensar, teremos reduzido de muito os tropeços da obediência. Criamos uma atitude simpática e o resto virá como acréscimo (NEGROMONTE, 1954a, p.12).

A consciência é, portanto, considerada essencial no processo de construção de uma moral cristã. “É um juízo prático pelo qual se julga, em cada circunstância, o que é obrigatório, permitido ou proibido” (NEGROMONTE, 1954a, p.23). Manter a prática regular de examinar a consciência era uma forma de incutir no indivíduo o auto-controle das suas emoções. Esse seria o primeiro passo para sedimentar o *habitus* no indivíduo. Dispositivos de controle e vigilância como a confissão, por

[145] “Introdução ao Estudo da Escola Nova” obra de referência publicada por Lourenço Filho na década de 30, é um exemplo representativo do diálogo estabelecido com as correntes européias. O peso desse intelectual no cenário educacional e o diálogo que ele consegue estabelecer com o grupo católico, marca a força do viés psicológico e das Pedagogias Ativas nos debates acerca da educação brasileira. As produções publicadas do Monsenhor Álvaro Negromonte analisadas até aqui, desde a minha dissertação de Mestrado, permitem-me inferir que os pontos de aproximação que ele estabelece com os enunciados pedagógicos modernos são mais fortes e claros com as Pedagogias Ativas. Não obstante, o pragmatismo e a ideia do esforço, apesar de serem marcados fortemente nas ideias de Dewey, por exemplo, também aparecem na sua proposta pedagógica, com menor destaque e sem nenhuma referência aos seus interlocutores. Ao contrário, ao tratar desses conceitos de forma explícita, ele os critica diretamente.

exemplo, dependem da iniciativa do sujeito e o filtro que ele usa para medir o que deve revelar ao sacerdote passa pelo auto-exame e a vontade de fazer o que sua mente esclarecida entende que é certo. “Nosso dever é infundir na criança o sincero desejo de corrigir-se [...] trabalho pessoal do educando, em que somos cooperadores transitórios porque amanhã, ele há de agir sozinho” (NEGROMONTE, 1966, p. 139)

Outro aspecto digno de nota, ainda nesse ponto, é o esforço como condição *sine qua non* para o sujeito não esmorecer. Legitimado por William James, ele utiliza do autor a ideia de que “a capacidade do esforço é a melhor medida da vontade humana”(*apud* NEGROMONTE, 1966, p. 125). A partir daí, ele aponta um caminho a ser trilhado de forma consciente, o do esforço como trabalho contínuo. Esforço do educando e dos pais, que deveriam se manter ativos em todas as etapas da vida do filho. O processo deveria ser dinâmico e se, nos primeiros anos, o adestramento aparecia como a única maneira possível considerada por ele para a formação dos hábitos, com a idade deveria se aproveitar a capacidade intelectual e volitiva, fazendo-os partícipes do processo.

Para isso, os pais eram encorajados a aproveitarem ao máximo as condições favoráveis, para desenvolver o seu trabalho de forma consciente. E mais um receituário é prescrito nesse sentido:

> a) Utilizando as melhores e mais fortes tendências (que dão hábitos mais resistentes), disciplinando os membros mais diretamente ligados aos hábitos, assegurando a mais íntima colaboração entre o corpo e a consciência;
> b) Criando situações estimulantes: propiciando oportunidades para exercício dos atos, metendo em brios o educando, animando com os triunfos verificados, dando-lhe a agradável impressão de que a vitória sobre si é antes fácil e agradável que penosa e difícil;
> c) Evitando constrangimentos inibidores: repreensões, conselhos excessivos (os adolescentes detestam ‘sermões’), comparações deprimentes (NEGROMONTE, 1966, p. 133,134)

Os pais deveriam se manter perseverantes, dirigindo os educandos sempre com calma e firmeza, proporcionando um ambiente harmonioso e bons exemplos. Poderiam dar recompensas pelo bom comportamento, como estímulo à formação das vontades, desde que não fossem prometidas previamente para não parecer

suborno. A correção deveria acontecer sempre que fosse necessária, sem perder de vista que a educação visa a autorregulação.

> Só tem valor educativo as mortificações aceitas pelo educando. Ele é que deve mortificar, e não ser mortificado. O educador sugere, desperta interesse, mostra vantagens, suscita oportunidades, assiste, estimula, ajuda, mas a decisão, a aceitação é sempre do educando, sob pena de efeitos contraproducentes, de compensações desastrosas, de libertações negativas. Há de ser um treinamento que continuará para a vida, quando tiver cessado a assistência do educador (NEGROMONTE, 1966, p. 138)

Portadores de códigos de condutas e saberes próprios, os pais foram sendo especializados na tarefa de educar os filhos. A relação estabelecida com a escola pode ser vista, através de várias práticas, como a do reforço ao uso do material escolar em casa, o acompanhamento da caderneta do aluno, a utilização de métodos e saberes consoantes com os que estavam sendo encaminhados para a escola.

Tais práticas sinalizam para uma ação conjunta, uma relação entre família e escola, mesmo sem fazerem referências constantes à presença física dos pais no espaço escolar. Elas também são indicativas do grau de respeito e mútua colaboração em que essas ações deveriam se complementar. Apesar do acento na função educativa por excelência, Negromonte sublinhava que os pais jamais deveriam discordar dos professores na frente de seus filhos, pois isso os desautorizaria junto aos alunos. De diferentes modos, Negromonte se preocupou em formar os pais para agirem de forma eficaz na educação de seus filhos, tanto no âmbito privado, quanto na articulação e colaboração com aquilo que entendia ser próprio, da esfera pública.

4.3 ... **Educar Filhos**

O manual “Corrija o seu filho”, publicado pela primeira vez em 1961, pela Edições Rumo, foi o último livro da série endereçada à família e se propunha a fornecer aos pais lições práticas para conduzir os filhos, com base nas classificações dos temperamentos de cada um. A importância desse tipo de

conhecimento já havia sido assinalada no manual *A Educação dos Filhos*, sobre o qual Negromonte fez inúmeras referências nesta obra, sugerindo, recorrentemente, uma complementaridade de leitura.

Do ponto de vista da materialidade, a obra não apresenta diferença das outras duas que lhe precedem. Por fazer parte de uma série endereçada a um público específico – as famílias – os dispositivos materiais deveriam fornecer ao leitor a ideia de um projeto articulado, coeso e sequencial. A publicação pela Edições Rumo coincide com um projeto maior de reedição e lançamento de novas obras do autor, que foi o caso deste livro e dos três volumes dos "Guias do Catequista", a título de comemoração do sexagésimo aniversário do autor.

Os dispositivos materiais do livro, a começar do título e da capa, sinalizam para o objetivo do autor de proporcionar aos pais os caminhos a seguir. Na apresentação da obra, em forma de proêmio, esse é o primeiro tópico destacado. "Em educação, o fim é essencial, mas o modo de agir é decisivo para atingi-lo. Importa, acima de tudo, saber o que se quer; mas importa também saber como se há de consegui-lo" (NEGROMONTE, 1961, p. 2).

Para isso, o autor elege três elementos constitutivos da tarefa educativa, nos quais os pais também deveriam ser formados para facilitar e proporcionar a segurança necessária no seu trabalho cotidiano. Educar as famílias tendo em vista os fins da educação, os saberes inerentes à psicologia e os métodos educativos significava proporcionar às mesmas, instrumentos que contribuiriam para diminuir a margem de erros na educação dos filhos. Era uma estratégia de cercear a educação na esfera doméstica e salvaguardar um tipo de cidadão formado com base nos enunciados de uma civilização católica. A contribuição da

Figura 22: Capa do livro *Corrija se filho,* 1961.

Psicologia era fundamental para identificar, nas crianças, os comportamentos que se desviavam do padrão considerado adequado, e para instrumentalizar os pais nos modos de agir com cada filho, conduzindo-os, por diferentes estratégias, na direção do cidadão católico.

A chamada em cores vivas e contrastantes (vermelho e branco) do título e dos tipos de temperamentos já na capa, era uma estratégia material e retórica, ao mesmo tempo, utilizada para dizer aos pais que o assunto seria abordado sob o viés científico, com base em classificações, procedimento que parecia ser típico das ciências *psi,* mas sob a chancela da Igreja, o que era reforçado pela letras garrafais utilizadas para destacar o sobrenome do autor e o seu título de monsenhor. Essa sinalização era importante uma vez que a Igreja tinha a prática de regular as leituras dos seus fiéis, através de prescrições e censuras. Mesmo que isso não lhe garantisse o controle total das práticas de leitura, essa estratégia teve um peso social que contribuiu para cristalizar uma representação que relacionava a leitura chancelada ou censurada, à boa ou má formação. Além disso, em um momento em que se observava a interferência crescente dos profissionais no interior das famílias, conforme assinala Lasch (1991), esse era um dispositivo que parecia viável, porque, ao mesmo tempo em que buscava suprir essa necessidade das famílias, incutia um filtro católico no diálogo estabelecido pelos pais, por diferentes vias, com os enunciados científico.

Semelhante aos outros livros da série, este manual se apresenta em uma brochura de formato 18,5 x 13,5 cm, fácil de manusear, com 197 páginas, das quais 12 são destinadas aos elementos pré-textuais, sem ilustrações. Essa similaridade no suporte material indica o aspecto seqüencial dos impressos para as famílias e aponta para a conclusão desse projeto educativo do autor. As orelhas possuíam uma importância destacada nesse manual, porque informam ao leitor o contexto de produção da obra e legitimam o trabalho, com referências a intelectuais reconhecidos como Alceu Amoroso Lima e Gilberto Freyre.

> Este livro é fruto da larga experiência pedagógica do autor que o escreveu longe da sua biblioteca, no repouso que lhe impôs a saúde ameaçada. Não temos a pretensão de fazer aqui a apresentação do monsenhor Álvaro Negromonte. Ele é

> suficientemente conhecido nesse país. Homens da responsabilidade de um Tristão de Athaíde ou de Gilberto Freyre já lhe têm louvado a obra: o ilustre sociólogo de "Casa Grande & Senzala" considera-o "um dos maiores educadores brasileiros dos nossos dias". Fazendo da salvação da infância através do aprimoramento dos métodos educativos uma das mais importantes facetas de sua atividade de sacerdote e de escritor, Monsenhor Álvaro Negromonte (que também exerce funções de orientador educacional no Ministério da Justiça e Negócios Interiores) é constantemente procurado por pais e responsáveis pela educação de menores, que vão lhe pedir ajuda para a solução dos seus problemas. Foi baseado na longa experiência adquirida no contato com esses casos particulares e no estudo dos modernos métodos pedagógicos que decidiu escrever este trabalho. "CORRIJA SEU FILHO" como diz o autor, não apresenta fórmulas mágicas. Faz-nos compreender, porém, o verdadeiro papel que cabe ao educador desempenhar em face da tarefa mais séria que pode ser atribuída a alguém: a de formar e aprimorar os espíritos, desde o nascimento até a ocasião de entregá-los, já desenvolvidos, à sociedade. Edições RUMO S.A. orgulha-se do lançamento desta obra, em edição original, na ocasião em que comemora o 60º aniversário do seu autor. E está certa de que ela vai fazer um bem inestimável à família e à pátria (NOTA DA EDITORA, 1961, orelha)

Além dessa apresentação, a orelha é ainda utilizada como espaço de propaganda para outras obras do padre. No exercício de prescrever as leituras, a editora orienta os "5 livros que não devem faltar na sua biblioteca": quatro deles do Monsenhor Negromonte, dentre eles, *A Educação Sexual*, *Noivos e Esposos*, *Educação dos Filhos* e *História da Salvação* (ilustrada) e a biografia *De Claridade em Claridade*, do pastor Eurípedes Cardoso de Menezes, também anunciada no manual *Educação dos Filhos.*

O índice, dessa vez, é apresentado no início, indicando uma possibilidade de leitura que poderia ser feita de forma intensiva ou pontual, conforme a necessidade e interesse do leitor. As referências bibliográficas aparecem no corpo do texto e em notas de rodapé como nos outros manuais, reforçando a classificação desse manual como um Tratado de Pedagogia, dividido em treze tópicos: Educação moderna, Correção das crianças, O agitado, O colérico, O desobediente, O egoísta, O que não quer estudar, O que mexe no alheio, O guloso, O medroso, O que falta à verdade, O orgulhoso, O preguiçoso. Cada uma dessas partes está dividida em sub-tópicos, conforme pode ser visto no anexo 19. Apesar dos dois primeiros tópicos serem substancialmente teóricos, nas suas quarenta e cinco páginas, os demais não estão restritos apenas à técnica. Subsidiado pela Psicologia, o autor teoriza sobre cada temperamento, indicando formas mais apropriadas de conduzir as crianças para o ponto de chegada que se almeja. De todos os temperamentos elencados, o que se apresenta como principal alvo de atenção do padre é o "desobediente", com trinta e

duas páginas. A ênfase na questão da obediência está ligada a uma estratégia pedagógica, da qual muitos educadores, sobretudo os católicos, se valeram, mesmo quando colocavam o acento na autonomia da criança. Segundo Jorge do Ó,

> No breviário da pedagogia moderna, o exercício moral encontrava na autonomia e na vontade livre do aluno as suas duas traves mestras. Nesses termos, o longo processo de ortopedia das almas infanto-juvenis não reclamava para o adulto mais do que um papel de facilitador e de mediador terapêutico. Nada mais. E aqui os pedagogos modernos erguiam uma nova fractura relativamente ao modelo de educação tradicional. O velho espírito autoritário, alicerçado por uma tradição milenar, procurara o apoio para a obra civilizadora *fora da criança*, sendo, nessa medida exacta, absolutamente condenável. O seu erro estivera em não aceitar que nada poderia salvar o homem senão unicamente o próprio homem. Se o mais importante, na tarefa civilizadora de humanização da criança, era que se contasse com ela mesma, tudo portanto se ganharia conseguindo uma obediência consentida e dócil mas que não colidisse com a energia pessoal de cada uma delas. O argumento enunciava-se assim: a verdade, a justiça, a bondade, o dever e o sacrifício seriam treinados como correspondendo a uma lei inscrita na própria consciência da criança. (2006, p. 13).

Seguindo a mesma lógica dos outros livros, este também foi produzido para ser um Tratado de Pedagogia Católica para os pais. E, apesar de o autor indicar, no proêmio, que a obra era destinada a tratar dos meios empregados para atingir o ideal da educação, a forma como o conteúdo foi estruturado se aproximava dos outros manuais e das características que marcam os Tratados Pedagógicos, que, neste caso, se referiam à promoção dos saberes-fundamentos da pedagogia católica moderna e sugestões de aplicações práticas. Não diz respeito apenas às “artes de fazer”, à técnica em si; ele propõe a experiência da teoria aplicada.

Pode-se dizer que o projeto pedagógico endereçado aos pais, por Negromonte, visava proporcionar lições teóricas e práticas de pedagogia católica moderna, em um sentido construtivo. Conforme o autor apresenta,

> Este livro quer ser uma ajuda fraterna. Não tem receitas mágicas nem fórmulas infalíveis, que os ingênuos ou comodistas nos pedem. Mas aos de boa vontade oferece elementos que lhes facilitará a missão. Quando fala em erros e perigos, é para evitá-los, porque deseja ser otimista e construtivo. Se toma, às vezes, posições antipáticas, não se aborreçam os pais: é melhor ser sincero ! Os que enganam e tergiversam para serem simpáticos, terminam malsinados (NEGROMONTE, 1961, p. 11)

Do ponto de vista metodológico, ele chamava a atenção para a repetição como um protocolo de leitura que facilitava o trabalho do leitor em suas diferentes práticas.

> Não recuei em face das repetições. Há insistências que se impõem. Quis dar certa autonomia a cada capítulo. E os leitores hoje são tão apressados que, em vez de remetê-los a página tal, o melhor a fazer é repetir. Assim, sobrará mais tempo para cuidar dos filhos. (NEGROMONTE, 1961, p. 11).

Apesar disso, ao abordar o conceito de educação moderna católica, o autor faz remissões constantes ao manual "Educação dos Filhos", onde afirma que teorizou incessante e incansavelmente sobre o assunto. A ideia de categorizar os temperamentos com base nos saberes científicos da Psicologia, para estimular os pais a estudar os filhos e saber como lidar com cada um deles, racionalizando as práticas a fim de alcançar maior êxito, pode ser entendido no quadro de uma economia das práticas educativas. A lógica que fundamenta o uso de práticas que se revelam mais eficazes, é uma lógica operacional, que viabiliza maior estabilidade e sucesso do projeto. Assim, é possível situar a clareza do projeto pedagógico do autor nessa direção. Os três tópicos a seguir podem ser lidos na sequência de prioridades estabelecidas pelo autor para a produção desses livros endereçados à família. O primeiro justifica o cuidado inicial com a solidez do casamento, tal como o fez em *Noivos e Esposos*; o segundo, aponta a necessidade de reforçar a responsabilidade da educação aos pais de acordo com os postulados da educação moderna, exercício realizado em *A Educação dos Filhos*; e, o terceiro, justifica este manual, descrevendo os caminhos a trilhar:

> A educação moderna exige lares assentados na tranqüilidade, com normais relações afetivas dos pais entre si, dos pais com os filhos, dos irmãos entre si, dos mestres com a criança, dos demais membros da constelação familiar. A paz, a harmonia, a tranquilidade, a segurança, o equilíbrio interior, a saúde nervosa da criança são comumente reflexos do seu meio doméstico.
> Assim, pois as dificuldades da educação emanam muito mais dos adultos que das crianças. Contenham-se e equilibrem-se aqueles que tem a grave missão de educar. Eis uma condição fundamental da educação moderna[...]
> A educação moderna penetra a alma da criança para conhecer as causas de suas atitudes. Por isso, é mais difícil: demanda conhecimento (que em geral os pais não procuraram), observação da criança na cuidadosa convivência com ela e determinação de ajudá-la a chegar aos ideais (NEGROMONTE, 18-20).

No afã de dar conta da terceira prioridade, Negromonte, estrategicamente, partiu de um erro comum cristalizado no senso comum, para preparar o seu leitor em relação ao projeto central da obra. Ele afirma:

> Erro comum entre os pais é tratarem os filhos do mesmo modo. Em casos de fracasso, ouvimos com freqüência a queixa: ‘ Eduquei todos do mesmo modo, e são tão diferentes...’ Cada qual deve ser educado de acordo com suas características [...] Uma errada noção de justiça leva certos educadores a tratarem do *mesmo modo* todos os educandos. Fogem às explicações que a diferença de tratamento exige. E prejudicam assim a formação das crianças, pois cada uma delas há de ser conduzida *ao mesmo fim*, mas *por caminhos diferentes* (NEGROMONTE, 1961, p. 38, 39)

Como já foi dito, cada um desses temperamentos deveria receber um tratamento teórico inicial e, em seguida, um conjunto de prescrições para formar o *habitus* desejado. A receita segue a fórmula de estimular uma atitude mais positiva do que negativa. A ideia central afirmava que a valorização do comportamento adequado tornaria desnecessária a educação negativa, centrada no que não pode, não deve ou é ruim. O primeiro tópico é um capítulo teórico sobre a educação moderna e o segundo focaliza a necessidade, apontada pelo padre, que as crianças têm, de serem corrigidas.

A partir daí, vemos emergir uma dinâmica que corrobora com a leitura proposta por Jorge do Ó, sobre a ideia de uma psicopedagogização da sociedade no sentido de torná-la disciplinar. Segundo o autor, “Estes *experts psi* criaram efectivamente uma *linguagem nova* para individualizar as crianças na escola, categorizando, classificando e calibrando as suas capacidades, aptidões e formas de conduta”(Ó, 2006, p. 9). O que se pode verificar, através de trabalhos como este, do Monsenhor Álvaro Negromonte, é que isso não ocorreu apenas na escola. Outras instituições educativas, como as famílias, foram orientadas a desenvolver sua tarefa educativa considerando também a subjetividade de cada filho, através desse sistema de classificações que agrupava comportamentos, inclinações, gostos, temperamentos e as formas mais adequadas de lidar com cada um desses tipos de personalidade.

O manual *Corrija seu Filho* é uma evidência do esforço da Igreja em participar desse projeto de organização da sociedade através da pedagogização da mesma,

segundo modelos mais racionais, uniformes e delimitados. A criança, de uma maneira geral, foi submetida a um tratamento constante de aluno, processo que Jorge do Ó (2006) define como a “transformação da criança em aluno”, uma vez que todas as medidas educativas encaminhadas em sua direção deveriam ser conduzidas com base no conhecimento pedagógico, na observação, na classificação, com todos os métodos necessários para se alcançar o objetivo esperado: a formação do cidadão civilizado.

> Com efeito, no espaço da modernidade, toda a relação educativa pareceu alimentar-se do princípio de que se deveria estabelecer um nexo causal entre o conhecimento particularizado das tendências, hábitos, desejos ou emoções dos alunos e a moldagem da sua sensibilidade moral. Em meu entender, foi a tentativa de viabilizar esta tecnologia *disciplinar-normalizadora* que esteve na origem da *descoberta do aluno* e do seu tratamento diferenciado a partir do último quartel do século XIX. Se nessa conjuntura histórica a personalidade individual se havia tornado o elemento central da cultura intelectual, da política à economia e até à arte, era natural que o educador passasse, também ele, a ter em conta o germe de individualidade que se escondia no interior de cada criança. Para tanto, logo se consolidaria o princípio segundo o qual bastaria um conhecimento efectivo das leis psicológicas de cada escolar para revolver de alto a baixo a instituição escolar: a sua assunção levaria a declarar-se cientificamente a falência da pedagogia tradicional, autoritária, uniformizadora e que havia esquecido a livre iniciativa e a inventividade própria do aluno, no apelo constante que fazia ao exercício estereotipado e à memorização estupidificante. Em vez de tratar a população escolar de forma uniforme e invariável, o educador que quisesse receber o epíteto de moderno deveria, inversamente, variar as suas metodologias de ensino de acordo com a estrutura de cada inteligência e o temperamento individual. O propósito de ajustar as práticas educativas à diversidade de casos particulares – ou o *ensino por medida*, na celebérrima expressão de Claparède– transformar-se-ia, assim, na máxima pedagógica por excelência (Ó, 2006, p. 1).

A partir daí, com a afirmação da Psicologia, observa-se a tendência no sentido de o conhecimento pedagógico apresentar-se de forma muito imbricada com o conhecimento *psi.* Não era mais concebível pensar em educar os sujeitos, sem conhecê-los em sua essência, sem atentar para suas disposições, suas aproximações e distanciamentos daquilo que estava se convencionando como padrão de comportamento para o novo homem civilizado. Segundo Rose,

> A Psicologia não pode ser vista apenas como apenas um saber teórico, mas antes como estrutura operativa que vai, digamos assim, indexando e reelaborando tudo quanto se relaciona com formas de pensamento e acção sobre os sujeitos. [...]Os seus praticantes devem ser essencialmente percebidos como os novos especialistas da alma que, em nome dos imperativos éticos, aglutinam e racionalizam, intensificam e desenvolvem práticas, técnicas, formas de cálculo, rotinas e processos relativos às capacidades e performances individuais. Ao reflectirem sobre o mundo e as pessoas que nelas habitam os psicólogos estão, na verdade, a

> produzir novos domínios de objectividade, pensando velhos problemas de forma diferente. E esta tarefa – sabemo-lo bem – só se cumpre porque continua um alinhamento estratégico no qual os problemas da subjectividade e da conduta se ligam à moral, à política e à administração, à verdade e ao conhecimento. A formatação, a regulação e a administração psicológica do eu, tão absolutamente fundamentais nas sociedades contemporâneas, estão há muito tempo associadas a outras práticas discursivas que sobre ele igualmente agem – a pedagogia, a medicina, a psiquiatria, a estatística, a criminologia, a filosofia política, etc (*apud* Ó, 2006, p. 5)

Esse movimento não deve ser encarado como uma contribuição original do século XIX para a organização de uma sociedade civilizada. Desde o século XVII, Fénelon e La Salle já anunciavam princípios e estratégicas pedagógicas ancoradas nos saberes da Psicologia, muito próximas daquelas propostas pelo ativismo, sobretudo no que tange à criança no centro do processo ensino-aprendizagem e ao interesse como elemento propulsor da educação. O manual aqui analisado permite perceber uma proposta de educação da sociedade em uma dimensão que vai além dos processos de escolarização. A proposta do autor sinaliza para uma das formas de pedagogização da sociedade, na mesma direção para a qual sinaliza Franco Cambi. Segundo o autor,

> O século XIX leva também à execução aquela pedagogização da sociedade que se tinha ativado com o início da época moderna e com o nascimento do 'Estado Moderno' e da sociedade burguesa, operando um conjunto articulado de instituições educativas e um projeto de organização minuciosa do consenso social em torno de uma constelação de valores e modelos culturais. A sociedade é encarregada de um projeto educativo que se dissemina junto a diversas instituições e assume um aspecto cada vez mais articulado e complexo, para completar a formação do homem-cidadão que é o fim primário da ação educativa nos diversos Estados nacionais e junto às diversas classes sociais. (CAMBI, 1999, p. 487)

Pode-se dizer que a apropriação que o Monsenhor Álvaro Negromonte fez dos postulados da Escola Ativa, levando-os para o interior da casa, fazia parte dessa estratégia de pedagogização da sociedade. Conforme os novos saberes pedagógicos foram se configurando, o espaço doméstico foi se tornando cada vez "invadido", do ponto de vista de Lasch (1991), pelos conhecimentos oriundos da Medicina, da Psicologia, das Ciências da Educação, mas também da leitura cientificizada que a Igreja fez de todos esses saberes. O projeto de formação do homem civilizado contribuiu para que se projetasse e encaminhasse, na prática, um conjunto de ações educativas nessa direção. O que seguiu, a partir daí, foi uma

mudança no conceito de educação e do foco nos papéis dos atores envolvidos na educação: pais, alunos, professores. Segundo Negromonte,

> A educação antiga era, sobretudo, lógica. Tinha fins certos, claros e precisos. Procurava-os em linha reta, enfrentando as dificuldades, quebrando as resistências, sem o cuidado de contorná-las nem amenizá-las.
> Em matéria de obediência – para dar um dos mais característicos exemplos – o princípio era este, definitivo: 'Manda quem pode, obedece quem deve'. E não tinha contemplações, não admitia excusas, não permitia réplicas, não atendia a estados da alma. Era a submissão – absoluta, pronta e muda. Ou então ... Sim, porque a lógica era servida pela força – força moral, quando possível; ou força física na qual ela depositava limitada confiança.
> A educação moderna é sobretudo psicológica. Ela mantém os ideais da formação humana integral: ' cuidar do corpo para servir à intelgência, cuidar da inteligência para servir à vontade, cuidar da vontade para servir a Deus'. No terreno moral, seus fins são idênticos aos antigos: o domínio de si, o homem do dever, o membro solidário da sociedade e do Corpo místico de Cristo, o santo [...] Mas seus caminhos são outros. Ela estuda cada situação, fala cada um conforme o seu feitio, aguarda as oportunidades, cria condições favoráveis a seus intuitos, respeita as etapas do desenvolvimento infantil, contorna os obstáculos, evita os atritos, capta a confiança e procura a colaboração da criança, caminhando de mãos dadas com ela para a conquista dos ideais. Podem ser mais longos esses caminhos, mas são muito mais fáceis, seguros e agradáveis. O mais das vezes, não é a linha reta o caminho mais curto ... (NEGROMONTE, 1961, p. 14, 15)

Não por acaso, ao tratar dos fins no terreno moral, ele elenca um conjunto de itens que dizem respeito à formação do indivíduo e da sociedade, ao mesmo tempo. Na concepção do padre, o grau máximo de perfeição requer a formação individual e social em sua plenitude.

Ao longo do processo de escolarização, o que se observa entre um momento e outro, é uma crescente tensão nas prescrições pedagógicas que enfatizam, de um lado, maior necessidade de participação e autonomia do aluno em relação à sua formação e, de outro lado, práticas afirmativas do professor em prol de assegurar sua posição de centralidade na escola. Na esfera doméstica, de acordo com o que é proposto por Negromonte, essa mesma tensão se repete. No livro *Corrija o seu filho*, o autor prescreve um receituário pedagógico que visa essa formação cada vez mais autônoma, que tem a liberdade e o autodomínio como finalidade. A ênfase, reiterada inúmeras vezes nessa direção, sinaliza a necessidade de um olhar mais atento para esse movimento imbricado entre a casa e a escola. Em outras palavras, fosse na condição de professores ou pais, os conflitos existentes em relação à autonomia do educando no processo de ensino-aprendizagem que contornavam o universo escolar, também respingou nos pais que, assim como os professores, eram

estimulados a buscar a centralidade da sua posição de autoridade nesse processo, fazendo frente ora ao educando, ora aos próprios professores.

A pedagogia da correção tinha uma tríplice finalidade: restaurar a moral, emendar a criança e assegurar a ordem. Era considerada positiva, por encaminhar a criança de volta ao plano ideal, sempre que isso se fizesse necessário. "Ela é na verdade, meio educativo: quer formar a consciência, aguçar o senso moral, ensinar a julgar, dar autodisciplina, ensinar o cumprimento do dever" (NEGROMONTE, 1961, P. 25). Mas a correção não era tratada pelo autor como mero adestramento de animais, pela repetição mecânica, pelo condicionamento. Para ele, ao tratar da formação de hábitos, "não basta a repetição dos atos, a qual não representa educação. O hábito só é durável quando vem de dentro para fora, parte da convicção e da vontade do sujeito. O trabalho do educador está em dar à criança a convicção da necessidade e o desejo de realizá-la" (NEGROMONTE, 1961, P. 24)[146].

Essa concepção permite pensar na modelagem do indivíduo, a partir do conceito de *habitus,* tal como propõe Elias (1994), intimamente ligado às redes de interdependências que compõem a vida social. O *habitus,* segundo Elias, diz respeito a "mudanças na maneira como a sociedade é compreendida, e até na maneira como as diferentes pessoas que formam essas sociedades entendem a si mesmas: em suma a auto-imagem, e a composição social" (ELIAS, 1994, p. 9). No indivíduo, a instituição do *habitus* deve se dar de dentro para fora, através da autorregulação dos instintos. Essa adaptabilidade e transformabilidade das funções auto-reguladoras, da rede humana, da qual provêm atos individuais e para a qual eles são dirigidos, é determinante para a formação de uma sociedade civilizada na perpsectiva do autor.

A formação de *habitus* tal e qual sugere Elias, é trazida à tona por Negromonte, levando o educando à prática de uma liberdade auto-regulada.

> Amanhã essa criança inevitavelmente se libertará do nosso jugo e será dona de si mesma. O essencial é prepará-la para fazer o bem por si, quando não tiver mais nossa tutela. Para isto deve saber usar bem da sua liberdade [...] A liberdade

146Aqui mais uma vez ele remete à leitura do Livro *Educação dos Filhos*, parágrafo IX , intitulado, "Formar Hábitos".

> humana não é imune a influências. Entre pressões contrárias, interiores e exteriores devemos decidir-nos, por nós mesmos, no sentido do bem. Cuidem os pais de dar aos filhos esse gosto íntimo da liberdade e essa capacidade de usá-la para o bem. Na medida em que conseguirem, evitarão a necessidade de corrigi-los (NEGROMONTE, 1961, p. 57).

A forma positiva é sempre preferida pelo autor. O que não se deve fazer vem como conseqüência de saber e optar por fazer o que é correto. E esses princípios devem ser ensinados às crianças no lar, através de repetidas conversas, com normas simples e claras sobre os diversos assuntos, ao invés de conselhos diretos, que para ele, eram, muitas vezes enfadonhos para o educando.

Ao tratar do comportamento do desobediente, por exemplo, por ser este, em seu entendimento, o alvo que recebe mais queixa dos pais, Negromonte analisa, primeiramente, uma série de possíveis causas para a desobediência. Nesse aspecto, a análise se torna interessante, na medida em que o autor se distancia do estereótipo de que a causa da desobediência está apenas nos filhos, como se o ato de desobedecer estivesse relacionado estritamente à falta de vontade de obedecer e identifica dois responsáveis para a desobediência: pais e filhos. No entanto, na perspectiva do autor, a tônica que, geralmente, recai na criança, é deslocada para os pais, na medida em que seriam eles que proporcionariam, ou deveriam proporcionar, as condições para que houvesse a aprendizagem da obediência.

Da parte dos filhos, existe um conjunto de razões que poderia levá-los a desobedecer, sem que essa fosse uma predisposição da condição de educandos, tal como, tradicionalmente, se atribui. Ele elenca como possíveis causas: a falta de compreensão, própria da idade, fraqueza de vontade, hábito de fazer o que é proibido, impossibilidade de cumprir ordens, quando são numerosas, ou estão além das suas capacidades, reação de dignidade em face da humilhação da pessoa que manda, que pretende humilhar com a ordem, aproveitamento das fraquezas do educador. Já da parte dos pais, ele atribui algumas causas da desobediência, como: não terem autoridade, não saberem mandar, dar muitas ordens, muitas vezes impossíveis de serem realizadas, não velarem pela execução das ordens, não serem coerentes, proibindo hoje o que permitiram ontem, não se entenderem, desfazendo um o que o outro faz, cederem quando a criança se exaspera ou chora,

mandarem o contrário prevendo a desobediência, e outras atitudes de natureza similar.

Examinados os problemas que originam a desobediência, o padre afirmava a obediência como um meio e não a finalidade da educação, chamando a atenção para o fato de que cultivar uma obediência servil é um ultraje à formação do caráter que se pretende. A obediência ideal deveria possuir qualidades de racionalidade, dignidade, confiança, alegria e, por fim, deveria ser sobrenatural por encaminhar a vida para a obediência a Deus.

Mas, levar a criança a se submeter não seria sinônimo de submetê-la. “Não exijo obediência para que a criança seja obediente, mas para que se eduque” (NEGROMONTE, 1961, p. 82). A obediência cega, segundo o autor, trazia prejuízos na educação, porque poderia produzir características como preguiça mental, sentimento de inferioridade e aviltamento de caráter, o que fugia completamente do ideal educacional proposto. A ideia que deveria reger o princípio da obediência era a seguinte:

> Quando me submeto, pratico ato livre, consciente, quando sou submetido, não: fui subjugado. No primeiro caso, obedeci; no segundo, fui domado. Obedecer é querer o que outrem quer, e não fazer o que outrem manda. A obediência é ato de vontade que sabe vencer as dificuldades para querer. Por isso a verdadeira obediência é filha da liberdade. Mas começa sendo mãe da mesma liberdade; isto é, preparando a criança para saber ser livre, para dispor de sua vontade, para dominar-se e inclinar-se no sentido em que a razão a chama(e não no sentido em que as paixões a empurram). Como se vê a obediência implica autodomínio. Está muito longe de ser o domínio que o educador exerce sobre os educandos. Mas este conceito policial e totalitário, ainda é muito corrente, e continua fazendo a infelicidade dos educandos (NEGROMONTE, 1961, p. 83).

Nessa direção, a formação das vontades se torna condição *sine qua non* para se atingir o ponto de chegada almejado, que é autodomínio através da autorregulação.

A mulher, na condição de mãe, possuía uma tarefa fundamental nesse exercício, porque era considerada a principal responsável por organizar a vida da criança. A ela cabia o adestramento da criança desde cedo, a exigência de esforços na idade escolar, o ensino de autodomínio ao adolescente, a orientação da criança, a criação de hábitos, o cuidado para que os filhos não fiquem ociosos e desperdicem

energia, a possibilidade de usar a própria inteligência e exercitar as forças musculares, expandindo-se normalmente.

Apesar dessa centralidade da mulher em algumas funções educativas, o aprimoramento da família como organização educacional deveria ser constante, sendo, reiteradas vezes, destacado pelo autor. Se isso não ganha tanta visibilidade no manual *Noivos e Esposos*, neste Tratado, inúmeras vezes ele cria um sub-tópico, chamando a atenção dos pais para algum ponto específico de doutrinamento da conduta dos filhos. E, não era apenas à mãe que ele se direcionava, apesar do acento diferenciado que ela possuía, mas "aos pais". No capítulo em que trata do "egoísta", um dos sub-tópicos foi intitulado "influência dos pais", onde defendia que a influência dos mesmos era de suma importância, como nos demais setores da educação, uma vez que os filhos tendem a imitar o comportamento dos pais, de forma despreocupada e não intencional, com muito menor resistência do que comumente se colocam frente aos conselhos que lhe dão.

Depois de chamar ambos os cônjuges à responsabilidade da pedagogia do exemplo, Negromonte indicava aos pais modos de proceder na prática, visando articular a proposta pedagógica católica aos princípios do ensino ativo já propostos em suas lições de catecismo[147] e afirmando uma relação entre família e escola ancorada em princípios pedagógicos. Segundo ele, "a formação feita assim por obras, firma a doutrinação dada na Catequese e na escola [...] Não creio em catequese decorada ou meramente teórica" (1966, p. 112).

O processo educativo, para o padre, deveria ser considerado desde o berço. Para os pequenos educandos, ele recomendava um conjunto de prescrições que se aproximavam dos preceitos médicos em voga à época. Era recomendado que não se atendesse com sofreguidão à criança, que esta fosse habituada a ficar no berço, que os pais não se inclinassem a ceder, quando aparecessem os sinais de ciúmes e não estimulassem o egoísmo, quando lhes dessem alguma coisa. Nesse item, ele já

147 Na coleção didática de catecismos que endereça aos alunos da 1ª série à Escola Normal, analisada por mim, na dissertação de Mestrado (2008), o autor afirma que suas lições têm em vista proporcionar meios de aprendizagem mais eficazes da doutrina da Igreja. Para tanto, A escola Ativa se mostrou bastante útil e foi apropriada em alguns dos seus enunciados, a fim de firmar na prática a doutrina católica. Essa incorporação dos saberes pedagógicos modernos, aparece mais uma vez nos seus textos, só que dessa vez, com um caráter menos teórico.

aproximava suas prescrições das normas de gentileza e civilidade que deveriam reger a vida dos filhos desde a infância. Esse processo deveria ser iniciado, através de pequenos gestos lapidados como: fazer a criança distribuir balas e doces para os irmãos, ficando ela por último, ceder a passagem nas portas, ajudar os irmãos com os trabalhos, atender sempre com bons modos seja a quem for, oferecer lugar no ônibus às pessoas idosas ou doentes, não se exasperar nas discussões, e, se for o caso, ceder na sua opinião.

Gestos refinados, contidos, porém generosos, sentimento de altruísmo, dentre outras características que desenvolviam a preocupação com o outro, iam forjando a sensibilidade e o caráter voltados para a coletividade, o que se mostrava indispensável para os projetos sociais da Igreja e para o bem estar da sociedade. Para o cristão, a civilidade em relação aos pobres, por exemplo, já não contemplava apenas a esmola; passou a ser necessária a expressão de solidariedade em relação à dor do pobre. A esmola deveria ter um caráter altruísta, desprendido de si mesmo, totalmente impregnado de um sentimento social. Para isso, desde cedo, deveria se encaminhar a criança para obras de caridade, estimulando-a a levar a sério essa participação, um dever para o qual deveria ser destinado um tempo preciso durante a semana. Além disso, a criança deveria ser motivada a guardar revistas e livros de histórias para levar aos hospitais e internatos infantis pobres, brincar com as crianças que encontrasse nesses espaços como forma de doar-se a elas, dividir a merenda com o colega pobre, dentre outras atitudes de ordem similar. Os pais deveriam, segundo o autor:

> - levar as crianças para visitar internatos e hospitais infantis ou mesmo adultos (selecionando as enfermarias);
> - ver os bairros pobres, de perto, sentindo-lhes o odor diferente, as dificuldades de toda ordem, avaliando ao vivo como é possível sofrer permanentemente aquela miséria;
> - levar pessoalmente, algumas vezes, uma palavra de conforto e amizade aos colegas e amigos enfermos, sejam da mesma condição ou de inferior condição social e econômica (NEGROMONTE, 1966, p. 112)

Ao formar a criança para o exercício social, se atingia a finalidade social da educação, ao mesmo tempo em que se formava o indivíduo para a elevação do

espírito cristão, ponto onde o projeto de formação do homem civilizado converge com o projeto de homem cristão.

Outro tipo classificado considerado importante pelo autor era o do preguiçoso, abordado através da figura representativa da criança que não quer estudar. A entrada da criança na escola visa reforçar essa aprendizagem para a vida social. O autor reconhecia não ser este um momento fácil, por refletir uma transição de um espaço onde as pessoas procuravam se adaptar à criança, para outro em que a criança deveria adaptar-se a tudo. No novo espaço, a cultura escolar iria impor ao aluno um conjunto de regras, tempos, códigos de comportamento, que normatizariam seu novo regime de vida.

Para lidar com essa realidade que se apresentava, Negromonte orientava que pais e professores tivessem seus papéis bem marcados. Antes de acusar a criança de desinteresse, os educadores, cada um no seu papel, deveriam conseguir "interessá-la naquilo em que ela deve interessar-se. Ou seja: tornar-lhe interessante o que é necessário" (NEGROMONTE, 1961, p. 117). Nota-se aqui, mais uma vez, a aproximação com os conceitos de "interesse" e "motivação", já citados outras vezes com referência a Claparède. Ainda que, nesses livros para os pais, Negromonte não entre no grau de detalhamento em relação aos créditos dos enunciados pedagógicos, tal como ele faz nos manuais para os professores[148], e mesmo no livro anterior a este para os pais, essa aproximação recorrente com as ideias pedagógicas em voga revela o esforço do padre em subsidiar as famílias, tanto do ponto de vista prático, indicando "modos de fazer", quanto do ponto de vista teórico, fundamentando suas prescrições.

A retórica utilizada pelo padre que, em alguns momentos assumia, um tom compreensivo, quase de um amigo íntimo da família, que entende o que os pais passam em suas realidades distintas, faz parecer que estamos diante de um conselheiro, não de um conselheiro qualquer, mas de alguém que possui

148Atento ao debate pedagógico que estava ocorrendo nos Estados Unidos e Europa, Negromonte não se eximiu de utilizar o que considerou mais eficiente para o seu projeto de renovação catequética no Brasil e se aproximou, em muitos pontos, de conceitos bases do pensador pragmático Jonhn Dewey, como o "interesse e esforço", mas, também no âmbito da Psicologia, aproximou-se dos "motivos" de Claparède; e os "centros de interesse" de Decroly, ressaltando serem essas estratégias pedagógicas os meios e não os fins da educação. A relação entre a Pedagogia Ativa, Pedagogia Funcional e o Pragmatismo na proposta do Negromonte está mais explicitada na análise da série *Meu Catecismo*, realizada no Mestrado. Ver Orlando (2008).

legitimidade, tanto no campo educacional, quanto no religioso, para tratar dos assuntos educacionais. Ainda assim, o que temos são prescrições de conduta, precisas, enfáticas, fundamentadas, que se apóiam em estratégias discursivas no sentido de se aproximar dos leitores..

Marcar os papéis de cada um, em relação à educação das crianças, tinha em vista delimitar o campo de atuação e o que era concernente aos educadores, em sua especificidade, para que pudessem trabalhar em conjunto, somando forças para alcançar maior eficácia em suas práticas. Nesse sentido, em relação ao interesse pelos estudos, Negromonte responsabiliza mais os mestres do que os pais. Segundo ele,

> Cabe ao professor despertar e manter o interesse da classe, descobrir o que toca os gostos dos alunos mais rebeldes ao estudo, empregar os numerosos meios de que dispomos para sustentar a atenção no trabalho desejado. Infelizmente, a imensa maioria das nossas escolas é desinteressante. Ensino abstrato, livresco, passivo. Salas de aula mal equipadas. Programas enormes, obrigando o mestre a correr, sem tempo para firmar coisa alguma e as crianças a engolir indigestamente, nomes e noções, sem tempo para pegar, medir, fazer, experimentar, como lhes é do gosto. Perdido entre 40 alunos, sem poder conhecer-lhes as tendências, nem adaptar a matéria aos níveis individuais, nem se deter em ponto de maior sabor, o professor dá-se por feliz quando "viu todo o programa", embora patinando no gelo da indiferença da classe (NEGROMONTE, 1961, P. 118)

Como alguns pais não entendiam ou não apoiavam o trabalho da escola, Negromonte estabelece formas para que eles pudessem auxiliar o trabalho da escola e manter o interesse do aluno. Tais formas endossam uma proposta de relação entre as famílias e a escola em que cada um atua no seu devido espaço e naquilo que lhe é próprio.

Se, por um lado, ele endereça seu discurso a uma família letrada, que busca a capacitação para cuidar dos filhos na literatura especializada no assunto, por outro, ao analisar os modos prescritos aos pais para auxiliarem o trabalho dos professores, fica claro que a pedagogização da família se situava muito mais na esfera da formação de um conjunto de *habitus* que facilitaria o trabalho escolar, do que na esfera do domínio de conteúdo. A ação conjunta entre família e escola era, para o autor, um exercício que poderia e deveria ser alcançado por qualquer família. No sub-tópico: "Como ajudar os filhos", o autor elenca uma série de hábitos que, não

só poderiam, como deveriam ser estimulados pelos pais, indicando, ainda, os modos para desenvolvê-los, tanto direta quanto indiretamente. De acordo com Negromonte,

I. A ajuda indireta, certamente a mais eficaz, pode ser realizada de vários modos:

Boa integração social

Habituada a conviver bem com irmãos e amiguinhos, a respeitar as pessoas mais velhas, a obedecer aos pais, a criança encontrará facilidade para o trato com as colegas e o respeito à professora

Disciplina

Se em casa contraiu os hábitos sadios de pôr cada coisa em seu lugar; atender com presteza aos horários, saber escutar quando os outros falam, receber e executar ordens, prestar atenção ao que se lhe diz – a vida escolar não lhe será grande novidade, ela não estorvará as aulas com conversas, e saberá ouvir e aprender o que diz a professora

Auto-suficiência

A criança que desde cedo aprende a usar do banheiro, vestir-se sozinha, atacar o cadarço dos sapatos, servir-se à mesa, realizar seus trabalhos sem maior dependência dos adultos – sentir-se-á bem na escola e quase não estranhará o seu regime

Curiosidade

Se em casa sempre lhe satisfizerem a justa curiosidade, se lhe alimentaram o espírito com interessantes e úteis conhecimentos, se lhes responderam devidamente às naturais perguntas, se a familiarizaram com livros ilustrados, se a levaram a visitar museus – ela experimentará natural desejo de aprender e provará alegria com os conhecimentos que a escola lhe for ministrando

Expressão

Se, desde o começo, lhe ensinam a falar com correção e propriedade, se lhe vão aumentando o vocabulário conforme as necessidades, se lhe deixam participar (educadamente) das conversas da família, aprendendo assim (insensivelmente) a expressar-se com espontaneidade e desembaraço – grande facilidade encontrará na escola

Disposição

Se lhe falam da escola com simpatia, como de uma atividade agradável e um lugar feliz, e da mestra como pessoa encarregada de ajudar a instruí-la e prepará-la para a vida, se nunca a ameaçam com o estudo e a professora, ela verá a vida escolar com alegria, ou pelo menos, com calma e segurança.

Esta preparação indireta é mais vantajosa porque realiza a integração da criança nas suas atividades estudantis.

II. Há também a ajuda direta, dada mais propriamente aos estudos. Entre deixar o filho entregue a si mesmo e fazer-lhes o exercício, há o justo proceder dos pais. Qual será?

Ajuda nos estudos

> Local e horário para os estudos em casa, a fim de estabelecer disciplina e hábito. O tempo de estudo não deve ser tanto que gere enfado e nem tão pouco que não baste às lições e exercícios
>
> *Ambiente de trabalho*
>
> Sem excessivos rigores (contraproducentes), o estudo deve ser levado a sério, não somente para ser eficiente, como também para educar na seriedade do trabalho. No tempo destinado ao estudo não se permitam brincadeiras, nem conversas, interrupções indébitas, telefonemas proteláveis, etc, a fim de formar nas crianças o senso de dever.
>
> *Verificar os trabalhos*
>
> Evitem os pais seguir muito de perto os trabalhos das crianças, para não torná-las demasiado dependentes. Podem ver se os cálculos estão certos, as operações bem feitas, e, se não devem apontar os erros e mandar corrigi-los. Podem também explicar as dificuldades que ela encontrar nos livros ou nas ordens dos professores; mas não discordem do que lá estiver escrito para não criar-se confusão na mente do aluno. Ao fim do trabalho, tomem a lição para verificar o que ele fez.
>
> *Nos feriados*
>
> Deixem livres os filhos, para refazê-los ou lhes dêem recreios ligados a estudos, sem que eles o percebam: visitas a museus, leituras de álbuns e enciclopédias, filmes educativos. Orientem-lhes as leituras, de modo que sejam, a um só tempo, recreio e ajuda aos estudos. Na prática, esses cuidados caberão antes à mãe que ao pai. Este, porém, não pode, desinteressar-lhe dos estudos dos filhos: informe-se frequentemente como vão, veja-lhes os cadernos, experimente-os, de quando em quando, verifique-lhes a caderneta de notas ao menos semanalmente, estimule-os com conselhos, aplausos e reprimendas.
>
> Os que assim cuidarem dos seus filhos raramente terão maiores problemas com seus estudos (NEGROMONTE, 1061, p. 122-125).

Algumas prescrições indicadas pelo autor são, efetivamente, mais difíceis para as famílias que possuem pouca intimidade com a cultura escolar. O que se percebe é que Negromonte estava ciente desta dificuldade e criou diferentes maneiras de subsidiar essas famílias nessas tarefas, publicando livros de História Ilustrada para crianças, autorizando e prescrevendo leituras de romances considerados educativos, como os da coleção Menina e Moça[149] para as adolescentes, indicando filmes igualmente educativos, sugerindo aos professores espaços interessantes para excursões, apresentadas como recursos auxiliares de ensino, mas também com o objetivo de complementar uma dimensão educativa, que algumas vezes, os pais não podiam fazer por inúmeras razões. Assim, buscando maior articulação entre escola e família, Negromonte orientava, em seu projeto de formação de professoras-catequistas, que estas conhecessem a realidade dos seus alunos e se familiarizassem com ela, a fim de melhor auxiliá-los em sua formação.

[149] Essa coleção vem sendo objeto de estudo da pesquisadora Márcia Cabral da Silva.

Do conjunto de estratégias utilizadas pelo padre para mediar a relação família/escola, nota-se que, muitas das orientações dadas às famílias estavam voltadas para um período que antecede a entrada da criança no universo escolar, visando formar e preparar o educando para a vida social, a começar pela própria escola.

O acento que o padre colocou para os pais em relação à importância da escola, de não contrariar os professores, de não falar mal desse universo para os filhos, de corroborar com eles nas tarefas propostas, de nunca se indispor com um professor na frente dos filhos, revela o peso que a instituição escolar possuía na formação do indivíduo, mesmo para os católicos, e não só nos anos 1950/1960, quando o padre Negromonte empreendeu esse projeto, mas em um quadro que já se apresentava desde os anos 1920/1930.

O que chama atenção nesse manual, mais do que a relação entre família e escola que ele permite apreender, é a dinâmica relacional entre essas duas instituições que o padre institui como fundamental para a formação do indivíduo. Segundo Negromonte, “desperdiçam importantes elementos para a formação da criança, os que descuram do entrosamento entre o lar e a escola. Encontram-se aí oportunidades excelentes para melhor conhecimento do educando, às vezes tão diferentes em casa e na escola” (1961, p. 127). A partir daí, a dinâmica de parceria que ele sugere consiste primeiramente em quebrar as barreiras entre os mestres e a família, eliminando receios, críticas e possibilitando explicações recíprocas, a fim de estabelecer uma “unidade de ação”. Ele afirma que essa relação deveria “possibilitar aos pais a compreensão de uma escola diferente daquela em que estudaram, e facilitar-lhes o trabalho de ajuda nos estudos dos filhos; pôr a serviço da experiência doméstica a formação pedagógica dos professores”. Ao mesmo tempo em que a escola era posta a serviço da família (para moldá-la), esta deveria participar de forma ativa desse processo. As visitas escolares por parte dos pais deveriam acontecer no sentido de conhecer melhor o trabalho do mestre, o ambiente em que o filho estava se desenvolvendo, a forma como ele se integrava (ou não), consolidar na mente da criança a união com o professor para reforçar a ação de ambos, em seu espírito. Ainda que os pais verificassem que a escola estivesse errada em

alguma circunstância, não deveriam jamais criticar o professor diante da criança. Segundo o autor, isso “serviria apenas para enfraquecer o educador, o que redundaria em prejuízo para o educando. “Quando os educadores se desentendem, o prejuízo é das crianças. Isto é verdade tanto a respeito dos pais entre si como dos pais e mestres” (NEGROMONTE, 1961, p. 129). Tal prescrição, apesar de ter um sentido pedagógico, era, sobretudo, uma forma estratégica de convencer os pais de que agir conjuntamente com a escola era mais produtivo para o filho, do que se colocar em oposição a ela.

De volta, retornando à lista de hábitos a serem estimulados pelos pais apresentada anteriormente, é possível considerar como um elemento central, perpassando todas as prescrições, o desenvolvimento de uma predisposição para o trabalho no educando, como um valor que antecede a sua prática, e que consiste, primeiramente, na vontade de exercê-lo. Ao tratar, por exemplo, da necessidade de se corrigir as crianças, Negromonte distinguiu castigo de correção, pondo ênfase nesta última e não no castigo, pois acreditava que, dessa forma, a criança alcançaria disposição para o trabalho, sem associá-lo à ideia de castigo.

> O verdadeiro educador verá no trabalho o mais importante meio educativo natural [...] o trabalho condiciona o desenvolvimento harmônico das faculdades e energias necessárias à vida, sem falar da situação econômica, à qual também é ele indispensável, trata-se de pobres ou biliardários” (NEGROMONTE, 1961, p. 193, 194).

Os pais deveriam contribuir, formando os filhos para o trabalho desde cedo, a começar por pequenas tarefas, como arrumar os brinquedos, forrar a cama, arrumar as roupas, varrer o quarto. Para isso, não bastaria apenas ordenar aos filhos que realizassem tais tarefas. O autor orientava que usassem meios mais eficazes para tornar o trabalho mais interessante e, mais uma vez, tomava da pedagogia das escolas Novas e, sobretudo, do diálogo com Claparède, os fundamentos necessários à sua proposta pedagógica para a família. Aos menores, ele indicava o jogo como importante aliado para conseguir que fizessem o que deveriam fazer, sem distinguir os limites entre brincadeira e dever. Dessa maneira, este se tornaria agradável e iria, gradativamente, se inculcando como um hábito no indivíduo. Despertar o interesse era outro enunciado pedagógico também endereçado às

famílias. Para isso, deveriam ser criadas condições favoráveis, proporcionar desafios, recompensar o esforço, aumentar o nível de dificuldade, tornando a aprendizagem cada vez mais séria e motivar bem o trabalho. Esse último era posto como desafio para os próprios pais, uma vez que Negromonte sintetizava sua fórmula, reforçando que a melhor motivação é o exemplo e o ambiente de trabalho que o próprio lar oferece.

Ao transmitir saberes pedagógicos e auxiliar os pais na boa educação dos filhos, o autor difundia a ideia do controle de si pela internalização das normas de conduta para uma vida familiar e social exemplar. Além disso, alastrava a tarefa educativa para um universo que ia além do escolar. O que é digno de nota é que, estrategicamente, o autor reforça o discurso da Igreja sobre a primazia da família na educação dos filhos, ao mesmo tempo em que, através das prescrições endereçadas às mesmas, fica visível o processo de pedagogização da família e seu forte acento na instituição escolar.

O manual *Corrija o seu filho*, fecha a série destinada às famílias. Grosso modo, é possível apreender uma fórmula editorial no projeto que parece coexistir nos três livros, mesmo quando publicados por editoras diferentes. Nenhum deles possui ilustrações, todos são brochuras de capas simples, com maior destaque dado ao título. A ausência de imagens na capa funciona como um protocolo de leitura que permite inferir que a ênfase e a maior significação dada pelas editoras é ao tema em questão. Destacados em cores vivas e em negrito, é para onde direciona o olhar. O segundo item a chamar a atenção do leitor, é o nome do autor, sempre no alto da capa, acompanhado do título de padre ou monsenhor, também em negrito, sinalizando para a legitimidade da obra.

Pelos próprios títulos e sub-títulos dos sumários, é possível inferir que o objetivo maior era a organização dos saberes pedagógicos endereçados às famílias em lições teóricas e práticas, de forma articulada, mesmo quando anunciava ser um livro apenas prático, como é o caso deste último manual. O empreendimento do Monsenhor Negromonte foi, na prática, a expressão daquilo que ele propôs em termos pedagógicos: um trabalho educativo articulado para os diferentes atores sociais. Os Tratados de Pedagogia católica para as famílias, ancorados nos

postulados das Escolas Novas, inserem o autor, e, consequentemente a Igreja, no bojo de um movimento que articula diferentes instituições educativas no projeto de organização do social através de propostas pedagógicas ancoradas nas contribuições das ciências.

5. **CONSIDERAÇÔES FINAIS**

A conclusão de um trabalho é sempre angustiante, por mais que, todos saibamos que nenhuma pesquisa fica, efetivamente, pronta, e, sim, interrompida pelas inúmeras variantes da vida acadêmica. O momento de colocar o ponto final, no entanto, parece nunca chegar, e, tentando encontrar o lugar oportuno, nos envolvemos nessa busca pela perfeição, pelo acabado, que sabemos, de antemão, não existir.

Essas considerações finais apontam exatamente nessa direção. Não é uma pesquisa pronta. Durante todo o percurso, tantos caminhos foram abertos, tantas possibilidades foram apresentadas, apontando para um alargamento das suas interfaces, para os seus desdobramentos, mas que precisaram ser deixados de lado. Entre uma escolha e outra que foi se apresentando, os limites deste trabalho foram se desenhando, e dando os contornos desta pesquisa.

Ao buscar compreender o lugar que Negromonte destinava às famílias, em sua proposta pedagógica, me deparei com um projeto mais amplo, no qual o papel das famílias aparecia completamente imbricado, em uma rede de interdependência, com outros projetos que, tinham, como ponto comum, educar a sociedade em bases católicas, tendo em vista contribuir para a recatolicização da sociedade que se instaurou, no Brasil, com mais expressividade, a partir do movimento da Ação Católica.

Partindo do princípio da “ignorância religiosa” apontada por D. Leme, desde 1916, em sua carta pastoral, como um dos grandes males que assolavam a sociedade brasileira do início do século XX, Negromonte buscou direcionar sua contribuição para resolver o que era, na concepção de lideranças da Igreja, um problema basilar. Era preciso munir a sociedade de educação religiosa. Vários canais foram escolhidos pelo padre para essa finalidade: os jornais, os impressos pedagógicos, a imprensa periódica educacional, o rádio, as conferências, os retiros espirituais, os congressos, dentre outros.

Como indicado na “Introdução”, este trabalho buscou compreender o projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte, a partir dos seus impressos pedagógicos, que essa pesquisa tratou como sua *Biblioteca Pedagógica*, privilegiando a articulação entre a escola e a família. Nesse processo, o foco foi, muitas vezes, deslocado, dando a ver outras práticas instituídas na constituição dessa estratégia educativa utilizada por Negromonte. Assim, abriram-se as lentes para compreender conjuntamente, as redes de sociabilidade que se construíram em torno dessa causa, comum a muitos educadores católicos; para a construção do seu autor como intelectual da Igreja, que alcançou visibilidade no campo da educação, mais especificamente, da catequese e da formação de professoras-catequistas; ampliou-se o foco, também, para os dispositivos de governamentalidade utilizados pela Igreja no processo de conformação de uma nação católica; para a produção de saberes pedagógicos que isso implicava e suas formas de disseminação; e, para as práticas educativas voltadas para os indivíduos e a sociedade, em sua lógica de interdependência, que, por sua vez, configuravam o próprio projeto que me interessava analisar.

O uso de estratégias mais eficazes como a produção de impressos pedagógicos, a formação da professora-catequista, a participação feminina em, praticamente, todas as frentes de trabalho do padre Negromonte, o diálogo com o movimento escolanovista, permite destacar alguns elementos da pedagogia católica que merecem maior aprofundamento nas pesquisas histórico-educacionais. A intenção foi, portanto, de contribuir para a escrita de uma história da educação católica que vem sendo contada, rompendo com aquela perspectiva que, limitada pelas lentes do texto *A Cultura brasileira,* apagava as práticas educativas católicas ancoradas no diálogo que os educadores desse grupo estabeleceram com a modernidade pedagógica.

Nesse caminho, vida e obra se entrelaçaram e o homem, o padre, o autor e o editor compuseram as várias faces de um projeto educativo que a pedagogia católica vinha experimentando, no Brasil, desde os anos de 1920, no qual a Igreja e a modernidade pedagógica não apareciam em pólos estanques. No entanto, é importante salientar que a *Biblioteca Pedagógica* aqui apresentada evidenciou, não só a constituição de um arcabouço pedagógico para os educadores católicos, em

diferentes espaços de atuação, como também marcou a produção de uma memória em relação ao seu autor, como o intelectual da Igreja que exerceu um importante papel na modernização do ensino religioso, tendo se tornado, para os historiadores do próprio campo religioso, um expoente da pedagogia católica dos anos de 1930-1940, no Brasil.

Os discursos do padre Álvaro Negromonte expressavam uma concepção de organização da sociedade que se efetivaria pela parceria e mútua colaboração, entre duas instituições basilares na formação do indivíduo: a família e a escola. Em suas propostas, a articulação entre essas duas instâncias educativas, no entanto, prescrevia esferas de atuação para pais e professores, relacionadas à pertinência e à eficiência da abordagem de determinados saberes nesses espaços.

Partindo da premissa que as duas instituições eram fundamentais na educação dos futuros cidadãos, Negromonte se esforçou por definir a parcela que cabia a cada uma delas nessa tarefa. Assim, estabeleceu limites que conformavam alguns saberes inerentes à esfera do lar, como a questão da educação sexual, por exemplo e, outros, como o ensino sistematizado de catecismo, à escola. Ao mesmo tempo, Negromonte propunha uma cooperação entre pais e professores na educação da vontade e dos sentidos da criança na direção de uma sólida formação moral católica, respeitando as particularidades de sua Psicologia, nas diferentes fases do seu desenvolvimento. Apesar de considerar a dupla função exercida, muitas vezes, por essas mulheres, é importante assinalar que o seu primeiro projeto pedagógico foi o de formação de professoras-catequistas, tendo a escola como espaço privilegiado para a instrução religiosa.

Esse enfoque estava diretamente relacionado à recuperação do espaço das escolas públicas para o ensino religioso desde 1928, em Minas e a partir de 1931, para todo o país. A questão que se apresentava como problemática era como formar educadores católicos, capazes em número e qualidade para atuarem no espaço escolar? E a estratégia utilizada por Negromonte, já apresentada e discutida nos Congressos Católicos de Educação, foi utilizar as professoras já em exercício e aquelas que estavam em formação nas Escolas Normais, aproveitando sua formação pedagógica, e ministrando-lhes o conhecimento doutrinário necessário

para serem professoras-catequistas. Mas, mostrando-lhes, também, como aplicar as inovações pedagógicas ao ensino religioso. O momento pedia uma atenção maior para a recuperação desse espaço e Negromonte parecia acreditar que, incidindo sobre as professoras, alcançaria, indiretamente, as famílias.

As duas classes de impressos privilegiadas por Negromonte para a formação docente – as revistas pedagógicas e o livro – trazem à cena um sistema de regras e normatizações que contribuíram para modelar um contingente significativo de professores e instaurar os valores católicos na cultura escolar brasileira. Elas também permitiram observar aspectos importantes dos usos que os educadores católicos fizeram dos impressos, na conformação desse campo doutrinário da pedagogia. E, se destacaram, ainda, por duas dimensões de análise, que ajudam a compreender o entrecruzamento das esferas político-pedagógicas em seus discursos: o papel atribuído aos professores nessa tarefa de recristianização da nação, através da reforma da sociedade pelo ensino de catecismo; e, um projeto de educação religiosa, assentado no diálogo que os intelectuais católicos estabeleceram com as correntes escolanovistas.

Mas, para Negromonte, todo educador católico deveria “educar-se para educar” (BC, nº 24, julho de 1938). É aí, que se encontra a chave de leitura da sua proposta. Grande parte da sua *Biblioteca,* não se dirigia ao público geral, mas a educadores. Mesmo os livros didáticos, endereçados aos alunos do primário, colegial, secundário e Escola Normal, deveriam ser estudados pelos professores previamente. Sua proposta era fornecer lições de doutrina com pedagogia, aplicada a educadores em potencial, para serem disseminadas em suas práticas educativas.

A educação pelas leituras não se restringiu apenas aos livros escritos por Negromonte, mas, também àqueles que foram prescritos, como forma de cuidado com o que as crianças, os adolescentes, os professores e os pais vinham lendo. Essa preocupação permeou as práticas educativas do padre em todos os impressos analisados nessa pesquisa.

Os discursos produzidos para as famílias compartilhavam da mesma compreensão que direcionou suas ações para a escola, de que havia uma realidade

a ser transformada. Assim, suas mensagens visavam lhes ensinar modos de proceder, entre si e com os filhos, com base nos princípios e nos valores católicos para que, assim, pudessem desempenhar a sua parte na importante tarefa educativa, com eficiência. É importante assinalar que, ainda que os educadores católicos considerassem a família em sua condição de educadora por excelência, muitos deles reconheciam sua inaptidão para desempenhar a tarefa educativa, quase sempre atribuída a uma questão de ignorância.

As críticas em relação às instituições familiares serviram para que Negromonte produzisse um conjunto de prescrições dirigidas a esse público de forma direta, já que, indiretamente, o alcançava pelas mensagens endereçadas as mulheres/professoras/catequistas. Seus esforços podem ser lidos somados aos dos "especialistas da educação", dentre os quais, médicos e assistentes sociais se destacaram em suas prescrições procurando contribuir, conforme assinala Ana Magaldi, "para que as famílias, insubstituíveis em sua condição de *oficinas de formação de hábitos,* ou de *viveiros da Pátria*, passassem a realizar com competência suas lições de casa" (2007, p. 176). Os intelectuais envolvidos com o projeto educativo das famílias não desconsideravam, entretanto, que, como toda instituição, estas também possuíam modos de fazer e de se autogovernar próprios, o que lhes conferia relativa autonomia na dinâmica social, e tornava a tarefa de educá-las ainda mais imprescindível.

O projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte o insere e, consequentemente, a Igreja, no bojo de um movimento de reorganização da sociedade através da educação, que, na lógica de educar-se para educar o outro, ia propagando uma outra mensagem associada: a de que o governo do outro passa, antes de tudo, pelo governo de si, das suas próprias pulsões. A racionalização das práticas educativas produziu um novo lugar para a criança no processo educativo, mas produziu, também, novas sensibilidades e comportamentos, representações que serviram, dentre outras funções, para externar a capacidade do educador de governar-se a si mesmo, e sua consequente aptidão para governar os seus alunos e seus filhos dentro dos novos valores sociais que iam se afirmando de forma imperativa.

Os desdobramentos desta pesquisa permitiram realizar um mapeamento, indicativo de outras questões, que merecem maior aprofundamento em pesquisas posteriores. Dentre elas, no âmbito dos impressos, destacaria um estudo mais aprofundado sobre a Revista Catequética, que teve em sua direção o padre Hélder Câmara e, posteriormente, o padre Negromonte e representava um alargamento do trabalho que Negromonte havia realizado em Minas, com o *Boletim Catequético,* para todo o território nacional. A ação do padre Álvaro Negromonte no ensino profissional em seu trabalho junto aos menores, realizado no SAM, também merece um estudo mais aprofundado.

A circulação dos livros publicados por Negromonte para as famílias em instituições de formação de professores, como o Instituto de Educação do Rio de Janeiro, por exemplo, também suscita maior esforço de investigação, assim como o modo pelos quais as alunas se apropriavam desses textos, uma problemática sempre complexa e de difícil apreensão, mas fundamental para a compreensão daquilo que se estabelece entre o prescrito e o vivido. O fato desses livros constarem na Biblioteca e estarem prescritos nos programas de algumas disciplinas, reforça a tese, discutida nesta pesquisa, sobre o lugar que a mulher ocupava entre o público e o privado, que lhe destinava um tipo de formação, onde os saberes da casa e da escola primária eram ensinados, muitas vezes, de forma convergente. O Instituto de Educação é indicado neste trabalho, por ter encontrado ali alguns sinais que indicavam modos pelos quais os livros do padre haviam sido usados pelas alunas daquela instituição. Mas esse dado sugere pensar nessa circulação com uma lente mais ampliada, voltada para outras instituições de formação de professores, inclusive fora do eixo Minas-Rio, considerando o alcance de suas obras no âmbito nacional, e internacional, já que duas delas foram publicadas pela editora *Difusión*, de Buenos Aires.

Nessa perspectiva, a ação da professora Waleska Paixão, praticamente inexplorada na historiografia educacional brasileira, apesar dos postos de direção que ocupou na Escola de Enfermagem Carlos Chagas e na Escola de Enfermagem Ana Neri, também merece maior aprofundamento, tanto do ponto de vista de uma

biografia merecida, quanto de um estudo relacionado à presença da Igreja no ensino profissional, mediada pela atuação feminina.

No âmbito das biografias, a professora Maria Luisa de Almeida Cunha, apesar do seu envolvimento com as questões educacionais em Belo Horizonte, tendo se engajado nos Congressos Católicos de Educação e tendo sido uma das autoras mais recorrentes da *Revista do Ensino*, de Minas, conforme assinala Bicas (1996), permanece, na historiografia educacional brasileira, uma ilustre desconhecida.

Um estudo sobre as práticas educativas realizadas no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Minas, por ter sido este o lugar que Negromonte afirmou ter sido o seu laboratório experimental para sua proposta de renovação pedagógica para o ensino de catecismo, também poderia significar um aprofundamento dessa pedagogia católica que foi sendo remodelada, a partir dos anos 1930, aliando elementos da tradição a alguns conceitos da modernidade pedagógica. Essa perspectiva poderia também englobar aspectos da feminização do magistério primário, e da mediação exercida por muitas mulheres, que, na condição de catequistas, passaram a ocupar um lugar entre o clero e o povo e, a assumir, como "missão", esse papel educacional da sociedade em sólidas bases cristãs. Sem dúvida, há também um universo de possibilidades investigativas comparativas entre Brasil e Portugal, que fugiram aos limites deste trabalho, mas que serviram para ampliar a compreensão das apropriações católicas dos enunciados escolanovistas, e que merecem maior aprofundamento em pesquisas futuras.

Por fim, parece que ainda há muito para ser investigado em relação às práticas educativas católicas, que se configuraram nos espaços escolares em suas formas de apropriação/reprodução de modelos pedagógicos em voga, em diferentes tempos e espaços. Assim como, também há muito a ser investigado em relação ao papel e aos modos pelos quais as mulheres contribuíram para a reprodução de determinadas práticas culturais nos diferentes espaços de atuação que ocuparam, entre a casa e a escola. Entre um caminho e outro, entre tantas certezas e incertezas, ao olhar para trás, "o que vejo é aquilo que nunca antes eu tinha visto"...

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval et al. *O legado educacional do século XX no Brasil.* 2. ed. Campinas,SP: Autores Associados, 2006 (Coleção Educação Contemporânea).

ANTIPOFF, Daniel. *Helena Antipoff:* sua vida, sua obra. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 1996

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira.* 6. ed. Rio de Janeiro: UFRJ; Brasília: UnB, 1976.

_____. A reconstrução educacional no Brasil: Manifesto dos pioneiros da educação nova. In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Melo; GONDRA, José (Org.). *A reorganização do campo educacional*: manifestações, manifestos e manifestantes, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2003. p. 125-146.

AZZI, Riolando. A catequese no Brasil: considerações históricas. *Convergência,* n. 10, 1977. p. 491-513.

_____. *A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira.* Aparecida, SP: Santuário, 2008. (Cultura & Religião)

_____. Família, Mulher e Sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). *Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil.* São Paulo: Loyola, 2003. p. 101-134.

BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres:* revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris. *História da civilização brasileira:* o Brasil Republicano: Economia e cultura – 1930 – 1964. t. 2, v. 4º. São Paulo: Difel, 1984.

_____. *Evangelização e V Centenário.* Petrópolis: Vozes, 1991.

BICALHO, Maria Fernanda B. *O Bello Sexo:* imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. Dissertação (Mestrado) - PPGAS-UFRJ, Rio de Janeiro, 19--?

BOLLIN, Antônio; GASPARINI, Francesco. *A catequese na vida da Igreja:* notas de história. São Paulo: Paulinas, 1998.

BORGES, Vavy Pacheco. O historiador e seu personagem: algumas reflexões em torno da biografia. *Revista Horizontes*. Bragança Paulista, v. 19, jan./dez. 2001. p. 01-10.

BOURDIEU, Pierre. O campo intelectual: um mundo à parte. In: *Coisas Ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude*. A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

_____. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas.* Org. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. Campo do Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 183-202.

_____. *A Distinção:* crítica social do julgamento. São Paulo; Porto Alegre, EDUSP; Zouk, 2007.

CALVO, Ricardo Pereira. *Crescimento permanente e progressivo na fé:* uma contribuição ao estudo histórico-pastoral sobre a catequese no Brasil a partir da obra de Monsenhor Álvaro Negromonte. 1986. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino.Roma:, 1986.

CÂMARA, Hélder (padre). Um mestre brasileiro de Pedagogia do catecismo. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v.1, n. 3, p. 395-409, set. 1941.

_____. Programas de religião em unidades didáticas. *Revista Eclesiástica Brasileira.* v.2, fasc. 4, dezembro 1942. p. 933-942.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia.* São Paulo: UNESP, 1999.

CARRARA, S.L.E RUSSO, J. A. A Psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a autoajuda. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos.* Rio de Janeiro, v. 9, n.2, p. 273-290.maio-ago., 2002

CARVALHO, Carlos Henrique de. A Igreja Católica no contexto do estado Novo Português: as tensões no campo político-educacional (1940-1965). In: CARVALHO, Carlos Henrique de; GONÇALVES NETO, Wenceslau (Org.). *Estado, Igreja e Educação: o mundo ibero-americano nos séculos XIX e XX.* Campinas, SP: Alínea, 2010. p. 143-180.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A caixa de utensílios, o tratado e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura de professores. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia (Org.). *Tópicas de História da Educação.* São Paulo: EDUSP, 2001. p. 137-167.

_____. *A Escola e a República e outros ensaios.* Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003.

_____. Livros e revistas para professores: configuração material do impresso e circulação internacional de modelos pedagógicos. In: PINTASSILGO, Joaquim et al. (Org.). *História da escola em Portugal e no Brasil:* circulação e apropriação de modelos culturais. Lisboa: Colibri, 2006.

_____. *Molde Nacional e fôrma cívica:* higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

_____. Pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação. *Educação – Revista do Centro de Educação.* Santa Maria, SP: Programa de Mestrado em Educação UNISO, v. 30, n. 02, p. 87- 104, 2005.

_____. Pedagogia da Escola Nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola. In: FREITAS, Marcos César de; KHULMANN, Moisés. *Os intelectuais na História da Infância*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 373-408.

_____. Uso do Impresso nas Estratégias Católicas de Conformação do campo doutrinário da Pedagogia (1931-1935). *Cadernos Anped,* n. 7, p. 41-60, 1994.

_____. A Escola Nova e o impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In: FARIA Filho, Luciano Mendes. *Modos de ler, formas de escrever:* estudos de História da Leitura e da Escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 66-86.

_____; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. In: OLIVEIRA, Marcos

Aurélio Taborda de (Org.). *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação.* Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 89-110.

CARUSO, Andrea Soares. *"Traço de União" como vitrine:* educação feminina, ideário católico e práticas escolanovistas no periódico do Colégio Jacobina. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CATANI, Denice Bárbara. *Educadores à meia-luz:* um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficiente do Professorado Público de São Paulo.Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano:* artes de fazer. Petrópolis,RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro:* do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes, São Paulo: UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHARTIER, Roger. *A história cultural:* entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *Leituras e Leitores na França do Antigo Regime.* Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. *A ordem dos livros:* leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UNB, 1994.

_____; Guglielmo Cavallo (Org.) *História da leitura no mundo ocidental.* São Paulo: Ática, 1998. (Coleção Múltiplas Escolhas).

_____ ; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques ; NORA, Pierre (Org.). *História:* novos objetos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

CLAPARÈDE, Edouard. *A Educação Funcional.* Trad. E Notas de Damasco Penna. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954. (Coleção Atualidades Pedagógicas).

COSTA, Bruno Santos Marones. *Educando para a castidade:* um olhar da Igreja Católica sobre a educação sexual nos anos 30 (séc. XX). 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE: 2007.

CRISTINO, Horácio C. (Dom). O Catecismo na História da Igreja. In: *Boletim de Pastoral Litúrgica.* Lisboa: Secretariado Nacional de Liturgia, v. 19, p. 102-119, jul.-set. 1994.

_____. O Catecismo na História da Igreja (continuação). In: *Boletim de Pastoral Litúrgica. Lisboa:* Secretariado Nacional de Liturgia, v. 19, p. 123-138, out.-dez. 1994a.

CUNHA, Maria Luiza de Almeida. A influência da religião da educação das crianças. *Revista do Ensino*, v.9, n. 119, p. 5-19, 1935.

_____. Às mães. *Boletim Catequético,* nº 5/6, p.4, 1936.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Ser de cerimônia: Manuais de civilidade e a construção de sujeitos históricos. In: NEPOMUCENO, Maria de Araújo; TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. (Org.). *A Educação e seus sujeitos na História.* Belo Horizonte: Argumentum, 2007, v. 01, p. 91-108.

_____. Tenha Modos! A correspondência em manuais de civilidade e etiqueta (anos 1920-1960). In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jathay (Org.). *Imagens na História.* São Paulo: HUCITEC ; Aderaldo & Rothschild, 2008a, v. 01. p. 398-412.

_____; FERNANDES, M. N. Manuais escolares e civilidades. A Série de Leitura Graduada Pedrinho (de 1950 a 1970). In: SANTOS, Ademir Valdir dos ; VÉCHIA, Ariclé. (Org.). *Cultura escolar e história das práticas pedagógicas.* Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2008b. v. 01, p. 123-134.

CUNHA, Maria Teresa S.; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de M. Lições para mães e família: um estudo sobre manuais educativos na sociedade brasileira entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX. In: MENDONÇA, Ana Waleska. *História e educação*: dialogando com as fontes. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2010.

CUNHA, Marcus Vinicius da. A desqualificação da família para educar. *Cadernos de Pesquisa.* São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Cortez, n.102, nov. 1997.

_____. A escola contra a família.In: LOPES, Eliane M. T., FARIA FILHO, Luciano M. ; VEIGA, Cynthia G. *500 anos de educação no Brasil.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ideologia e educação brasileira:* católicos e liberais. 3. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.

DANTAS, Douglas Cabral. *O ensino religioso na rede pública estadual de Belo Horizonte*: história, modelos e percepções de professores sobre formação e docência. 2002. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002

DEL PRIORE, Mary. As atitudes da Igreja em face da mulher no Brasil colônia. In: MARCÍLIO, Maria Luisa (Org.). *Família, Mulher, Sexualidade e Igreja na História do Brasil.* São Paulo: Loyola, 1993. p. 171-190.

_____. Pequena História de Amor Conjugal no Ocidente moderno. *Estudos de Religião,* v. 21, n. 33, 121-135, jul.-dez., 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/.../201>.

DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias.* Trad. M.T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2001. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências).

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. v. 1.

_____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1993. v. 2

_____. *A sociedade do indivíduos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *Mozart,* sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ERRERIAS, Claudio Antonio Christante. *Catolicismo e educação na década de 1930:* o escolanovismo de Everardo Backheuser. São Paulo: UNESP, 2000.

ERRERIAS, Claudio Antonio Christante. Educação Escolar e Psicologia: o Pensamento Católico no Início dos Anos 1930. In: *22ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.* Caxambu, 1999.

_____. CUNHA, Marcus Vinícius da. Psicologia, Educação e o Escolanovismo Católico no Anos 1930. In: *Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.* Recife, 2003.

FARGUES, Marie. *Les Méthodes actives dans l'Enseignement religieux.* France/Belgique: Les Éditions du Cerf, Juvisi (Seine-et-Oise), 1934. (Collection Les Sciences et l'Art de l'Éducation).

FARIA Filho, Luciano Mendes de. Para entender a relação família-escola: uma contribuição da história da educação. In: *São Paulo em Perspectiva.* São Paulo, v. 14, n. 2, p. 1- 8, Apr./June, 2000.

FARIA FLHO, Luciano Mendes de et al. A história da feminização do magistério no Brasil: balanço e perspectivas de pesquisa. In: PEIXOTO, Ana Maria Casassanta; PASSOS, Mauro (Org.). *A escola e seus atores:* educação e profissão docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In:_____. *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. *A história da sexualidade v. 1:* a vontade de saber., Rio de Janeiro: Graal, 1985a.

_____. A escrita de si. In: *O que é um autor*? Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

_____. *A história da sexualidade, v. 3:* cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Ditos e escritos***.** Ética, estratégia, poder-saber. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Trad. de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

_____. *O poder psiquiátrico.* São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Os anormais*: Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Microfísica do poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *Segurança, território e população.* São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 117-304.

FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos: Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920).* 2006. Tese (Doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais:* morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Essa gente do Rio...: os intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos Históricos:* Rio de Janeiro, v. 06, n. 11, p. 62-77, 1993.

_____. O redescobrimento do Brasil. In: GOMES, Ângela Maria de Castro et al. *Estado Novo*: ideologia e poder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982. p.109-150.

GONDRA, José Gonçalves. Modificar coom brandura e prevenir com cautela': Racionalidade médica e higienização da infância. In: FREITAS, Marcos César de; KUHLMANN Jr., Moysés (Org.). *Os intelectuais na História da Infância.* São Paulo: Cortez, 2002.

_____; SHUELER, Alessandra. Professores. In: Educação poder e sociedade no Império Brasileiro. São Paulo: Cortez, 2008.

GOOD, William J. *A Família.* São Paulo: Livraria Pioneira, 1970.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa e Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, v. 17, p. 469.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil.* Trad. Mª da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira, revista e atualizada pelo autor. São Paulo: T. A. Queiroz; Universidade de São Paulo, 1985.

HORTA, José Silvério Baía. *O hino, o sermão e a ordem do dia:* regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945). Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina**.** *A formação da leitura no Brasil.* São Paulo: Atica, 2003.

LARROYO, Francisco. História geral da pedagogia. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

LASCH, Christopher. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LASCH, Christopher . *A mulher e a vida cotidiana:* amor, casamento e feminismo. Trad. Heloísa Martins Costa. Rio de Janeiro, 1999.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória.* Campinas: UNICAMP, 2003.

_____. *São Luís*: uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 1999

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História*: novos objetos. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LIMA, Alceu Amoroso Lima et al. *A Crise do Adolescente*. Rio de Janeiro: Agir, 1951.

LIMA, Luiz Alves de. *A face brasileira da catequese*, Universidade Pontifícia Salesiana, Faculdade de Teologia, Tese nº 346, Roma 1995.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Da sagrada missão pedagógica.* Bragança Paulista, SP: Ed. Universitária São Francisco, 2003.

LOPES, Sônia Maria de Castro Nogueira. *A oficina de mestres do Distrito Federal: História, memória e silêncio sobre a Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro*. 2003. Tese (Doutorado) - Pontifica Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de Aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

LUSTOSA, Oscar. *A presença da igreja no Brasil:* histórias e problemas (1500-1968). São Paulo: Giro, 1977.

_____. *Catequese católica no Brasil:* para uma história da evangelização. São Paulo: Paulinas, 1992. (Coleção Estudos e Debates Latino-Americanos).

MACHADO, Orlando Pe. Um padre: ao padre Álvaro Negromonte, no 26º aniversário de ordenação sacerdotal, a 8 de junho. *Boletim Catequético*. Belo Horizonte, n. 102, p. 3-6, jun./jul.1950.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 7–23.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Receitas de civilização: a aliança médico-mulher e a educação da família brasileira na Primeira República. *Saúde, Sexo e Educação,* Rio de Janeiro, v. 36, p. 6-17, 2005.

_____. A quem cabe educar. *Revista Brasileira de História da Educação.* v. 5, p. 213 – 231, jan./jun. 2003.

_____. *Lições de casa*: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil. Belo Horizonte, MG: Arumentvm, 2007.

_____. *Família, escola, civilização*: representações e práticas (1930-1950). Rio de Janeiro: UERJ, 2008 (Projeto de Pesquisa PROCIÊNCIA).

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Páginas do Professorado: um estudo sobre profissão e formação docente em periódicos católicos (anos 1930 – Brasil/Portugal). *Sísifo - Revista de Ciências da Educação,* 11, p. 95-104. Disponível em: <http://sisifo.fpce.ul.pt>. Acesso em: jul. 2011.

_____. *Pensamento católico, modernidade e relações família-educação na sociedade brasileira (anos 1930-1950)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. (Projeto de Pesquisa PROCIÊNCIA).

MANOEL, Ivan A. *O pêndulo da História:* tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960), Maringá: EdUEM, 2004.

MANSO, Maria de Deus Beite. *Representações Xaverianas*: o caso Brotéria. s/d, p.1-18. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/3046/1/Xavier-brot%C3%A9ria-definitivo.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2013.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa história***:** 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. São Paulo: Paulinas, 2003 (Coleção Igreja na História, t. 3, Período Republicano e atualidade).

_____. *Um estudo histórico sobre o catolicismo militante em Minas entre 1922 e 1936.* Belo Horizonte: O Lutador, 1990.

MELO, Carlos Wellington Martins de. *A nação é católica: educação e cidadania nas primeiras décadas republicanas (1890-1930).* 2006.Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista: Franca,SP, 2006.

MENDONÇA, Ana Waleska Pollo Campo. Apresentação. A história da profissão docente no Brasil e em Portugal: aproximações e distanciamentos. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 15, p. 11-30, 2007.

MENDONÇA, A. W. P. C. ; CARDOSO, T. M. R. F. L. . A gênese de uma profissão fragmentada. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 15, p. 31-52, 2007.

MENDONÇA, A. W. P. C. (Org.); XAVIER, Libânia Nacif (Org.). *Por uma política de formação do magistério nacional*: o INEP/MEC dos anos 1950/1960. Brasília: INEP/MEC, 2008.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945).* Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1979.

MOGARRO, Maria João. *A formação de professores no Portugal contemporâneo*: a Escola do Magistério primário de Portalegre. 2001. Tese (Doutorado) - Universidade da Extremadura, Cáceres, 2001.

_____. Bibliotecas particulares e saberes pedagógicos: circulação e apropriação de modelos culturais. In: PINTASSILGO, J. et al (Org.). *História da escola em Portugal e no Brasil*: circulação e apropriação de modelos culturais. Lisboa: Colibri, 2006. p. 233-257.

MOGARRO, Maria João. Escolanovismo e modelo católico de leitura na circulação e apropriação de modelos culturais: os manuais brasileiros nas bibliotecas de formação de professores de Portugal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO A EDUCAÇÃO E OS SEUS SUJEITOS NA HISTÓRIA, 4. 2006, Goiânia. *Anais do*.... Goiás: Universidade Católica de Goiás, SBHE, 2006. v. 1. p. 1-20.

MONTANDON, Cléopâtre. O desenvolvimento das relações família-escola: problemas e perspectivas. In: _____; PERRENOUD, Philippe. *Entre pais e professores, um diálogo impossível*?: para uma análise sociológica das interações entre família e a escola. Oeiras, Portugal: Celta, 2001. p. 13-28.

_____; PERRENOUD, Philippe. Introdução. In: *Entre pais e professores, um diálogo impossível?* Para uma análise sociológica das interações entre família e a escola. Oeiras,Portugal: Celta, 2001, p. 1-11.

NARCIZO, Rodrigo Mota. *Ministro de Deus, portador da luz*: ações e discursos católicos de modelação docente na década de 1930. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NARCIZO, Rodrigo Mota. *Examinai tudo guardai o que é bom:* elementos de aproximação entre educadores católicos e escolanovistas. Rio de Janeiro: UERJ, 2005 (Monografia de conclusão de curso).

NECROLOGIA. *Revista Eclesiástica Brasileira,* v. 24, fasc. 3, p. 818, set.1964.

NEGROMONTE, Álvaro (Padre). *Diretrizes catequéticas.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1938.

_____. *A educação dos filhos.* 3. ed. Rio de Janeiro: Rumo, 1966.

_____. *A educação sexual*: para pais e educadores*.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

_____. *Corrija o seu filho.* Rio de Janeiro: Rumo, 1961.

_____. *Diretrizes catequéticas.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1938.

_____. Educação dos filhos. *Boletim catequético.* n. 17, p. 4,1937.

_____. *O Caminho da Vida:* moral cristã (para a quarta série ginasial)**.** 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954a.

_____. *Noivos e esposos:* problemas do matrimônio. 7. ed. Rio de Janeiro: Rumo, 1961.

_____. *A pedagogia do catecismo.* 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1940.

_____. D. Cabral e o catecismo. In: *Dom Cabral e suas obras:* resenha organizada por um grupo de admiradores no 25º aniversário da Sagração Episcopal de S. Excia. Revma. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1943.

NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social***,** v. 11, n.176, p. 563-578, 2005.

NÓVOA, António. *Le Temps des Professeurs - Analyse socio-historiquede la profession enseignante au Portugal (XVIIIe-XXe siécle).* Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987, 2 v.

_____. (Org.). *Profissão professor.* Porto, Porto Editora, 1991.

NÓVOA, António . A Imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do *Repertório* português" in CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). *Educação em Revista – a imprensa periódica e a história da educação*. S. Paulo, Escrituras, 1997, pp. 11-31.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e Fontes. *Cadernos Anped,* Caxambu, n.5, p.7-64, set. 1993.

Ó, Jorge Ramos do. A criança transformada em aluno: A emergência da psico - pedagogia moderna e os cenários de subjetivação dos escolares a partir do último quartel do século XIX. In SOMMER, L. H.; BUJES, M. Isabel. *Educação e cultura contemporânea.* Canoas: ULBRA, 2006.

OLIVEIRA, Ralfy Mendes de. *O movimento catequético no Brasil.* São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1980.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. *Por uma civilização cristã:* a coleção Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo. 2008. Dissertação (Mestrado) - São Cristõvão, SE, Universidade federal de Sergipe, 2008.

PAIXÃO, Fernando; MIRA, Maria Celeste (Coord.). *Momentos do livro no Brasil.* São Paulo: Ática, 1996.

PASSOS, Mauro. *A Pedagogia catequética e a educação na primeira República (1889-1930).* 1998. Tese (Doutorado) - Universitá Pontificia Salesiana, U.P.S: Itália, 1998.

_____. *Uma história no plural*: 500 anos do movimento catequético brasileiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PEIXOTO, Ana Maria Casassanta. Triste retrato: a educação mineira no Estado Novo (parte II). In: FARIA, Luciano M. ; PEIXOTO, Ana Maria Casasanta (Org.). *Lições de Minas*: 70 anos de Secretaria de Educação. SEE - Minas Gerais: Centro de Referência Virtual do Professor, 2006. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/SISTEMA_CRV/index.aspx?id_projeto=27&ID_OBJETO=29846&tipo=ob&cp=000000&cb=>. Acesso em: 14 ago. 2012.

PINHEIRO, Rossana Kess Brito de Souza. Mãe-esposa e professora: educadoras do final XIX em Natal. 2009. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal,RN, 2009.

PRANDI, José Reginaldo. Catolicismo e Família: transformação de uma ideologia. *Cadernos CEBRAP*, 1975, p. 5-61.

QUINET, Abbé. *Apontamentos do catequista*: notas pedagógicas. v. 1: Dogma. Trad. autorizada por Waleska Paixão. Petrópolis, RJ, VOZES, 1935.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

RÉTIF, André S. J. Catolicidade. *Sei e Creio*: Enciclopédia do Católico no século XX. Trad. Valeriano de Oliveira. São Paulo: Flamboyant, 1958.

RODRIGUES, Cândido Moreira. *A Ordem*: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945). Belo Horizonte: Autêntica; FAPESP, 2005.

RUSSO, Jane et al. *Sexualidade, ciência e profissão no Brasil*, Rio de Janeiro: CEPESC, 2011.

SANTOS, Geralda Fortina dos. *Escola de Enfermagem Carlos Chagas (1933-1945)*: a Deus, pela humanidade, para o Brasil. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, MG, 2006.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Melo. Educação Escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. *Revista Tempo*, Niterói, RJ, v. 13, n. 26, 2009. p. 32-55.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo, 2000. v. 14, p. 104.

SMITH JR. Datus C. *Guia para editoração de livros.* Recife: Universitária da UFPE; Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.

SOIHET, Raquel. A Pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Luz. *Revista Brasileira de Educação.* São Paulo: ANPED. nov.- dez., n.15, p. 97-117, 2000.

SORÁ, Gustavo. *Brasilianas:* a casa José Olympio e a instituição do livro nacional. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SOUSA, Cynthia Pereira de. Sobre livros e leituras em revistas católicas entre a vigilância, a censura e a 'edificação do caráter' (1920-1950). *Leitura e escrita em Portugal e no Brasil 1500-1970 – Actas do 1º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação.* Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação: Porto, v. 1, 1998, p. 627-645.

SOUSA, Cynthia Pereira de. et al. Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras. *Revista Brasileira de Educação.* n. 2, p. 61-76,1996.

SGARBI, Antônio Donizetti. *Bibliotecas Pedagógicas Católicas:* estratégias para construir uma civilização cristã e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938). 2001. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

_____. *Igreja, educação e modernidade na década de 30*: escolanovismo católico construído na CCBE divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia. 1997. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

SILVA, Antônio Francisco da. *Álvaro Negromonte:* modernidade, religião e educação: uma tentativa de aproximação do privado com o público na educação. 2005. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005

SILVA, Márcia Cabral da. A coleção menina e moça: entre o bom comportamento moral e a formação do gosto Literário. *Currículo sem Fronteiras*, v. 1, p. 99-105, 2010.

SIRINELLI, Jean-François. As Elites Culturais. In: _____. *Para uma história cultural.* Lisboa: Estampa, 1998. p. 259-279.

_____. Os intelectuais. In: René Rémond (Org.) *Por uma história política.* Rio de Janeiro: UFRJ; Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 231-169.

STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky. *O saber e o credo:* os intelectuais católicos e a doutrina da Escola Nova (1924-1940). 2008. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2008.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas:* do projeto político ao editorial (1931-1981). 2001. Tese (Doutorado) - Pontifica Universidade Católica, São Paulo, 2001.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Mediação editorial e estratégia de intervenção no campo pedagógico: o caso da Atualidades Pedagógicas, sob direção de JB Damasco Penna. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: PERCURSOS E DESAFIOS DA PESQUISA E DO ENSINO EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6. Uberlândia, MG, UFU, 2006. *Anais do...* Uberlândia, MG: UFU, 2006. p. 129-139.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escolar, cultivo de corpos*: educação physica e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

_____. Culturas escolares, cultivos de corpos: a Gymnastica como prática constitutiva de corpos no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). In: *Anais da Anped,* 2000. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0227t.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2011.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão.* São Paulo: Ática, 1986.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria Escolar. *Teoria e educação*, 6, p. 69–97, 1992.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. *Revista de Sociologia e Política.* Curitiba, n. 9, p. 57-74, 1997.

VIDAL, Diana Gonçalves. Educação sexual. In: SOUZA, Cynthia Pereira de (Org.). *História da Educação:* processos, práticas e saberes. São Paulo: Escrituras, 1998.

_____. *O exercício disciplinado do olhar*: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). Bragança Paulista, Universidade São Francisco, 2001.

VILELA, Magno. A tradição da catequese no Brasil. In: BOLLIN, Antônio; GASPARINI, Francesco. *A catequese na vida da Igreja*: notas de história. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 259-327.

VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio:* o descobridor de escritores. Rio de Janeiro: THEX Editora, 2001.

VILLANOVA, Carla. NO mundo das normalistas: as representações da futura professora nas páginas das revistas *Instituto* e *Normalista*. In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Melo; XAVIER, Libânea Nacif (Org.). *Impressos e história da educação:* usos e destinos. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7Letras, 2008. p. 73-95.

WARDE, Miriam Jorge; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Política e cultura na produção da História da Educação no Brasil. *Contemporaneidade & Educação*: *revista semestral de ciências Sociais e Educação*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 7, 1. sem. 2000.

XAVIER, L. N. A profissão docente em contextos de transição democrática: Brasil e Portugal 1970-80. In: LOPES, Sonia de Castro; CHAVES, Miriam Waidenfeld. (Org.). *A história da educação em debate*: estudos comparados, profissão docente, família e igreja. Rio de Janeiro: Mauad, 2012, v. 1, p. 229-25.

_____; MOGARRO, M. J. Itinerários profissionais de professores no Brasil e em Portugal: redes de intercâmbio no contexto de expansão do movimento da Escola Nova. *História da Educação* (UFPel), v. 15, p. 117-136, 2011.

ZANLOCHI, Terezinha. *Mulheres leigas na Igreja de Cristo.* Bauru, SP: EDUSC, 2001.

FONTES DOCUMENTAIS

Anais do Primeiro Congresso Católico Brasileiro de Educação. Rio de Janeiro: Confederação Católica Brasileira de Educação, 1935.

Arquivo Waleska Paixão. Acervo: Centro de Memória da Escola de Enfermagem Ana Néri.

Boletim Catequético. Belo Horizonte: Editora São José, n. 1 - 38, v.1 – 4, 1936 – 1939.

Boletim Catequético. Belo Horizonte: Editora São José, v. 6, n. 49 – 52, 1941.

B*oletim da Pastoral Litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia: Lisboa, ano XIX, nº 76, outubro-dezembro de 1994. Disponível em: <http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia_site/pdf/bpl/076.pdf>.

CNBB. *Diretório Geral para a catequese:* dimensão Bíblico-Catequética. São Paulo: Paulinas, 1998.

Certidão da Escritura de Edições Rumo S.A. *Diário Oficial da União*. 29 de março de 1960. Seção 1, parte 1, p. 5751, 5752

Correspondência de Álvaro Negromonte à Alceu Amoroso Lima em 16 de julho de 1931. Documento: Correspondências entre 1931 e 1951, Pasta Álvaro Negromonte, Pe., Acervo: Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade.

Correspondência de Álvaro Negromonte à Alceu Amoroso Lima em 19 de outubro de 1932. Documento: Correspondências entre 1931 e 1951, Pasta Álvaro Negromonte, Pe., Acervo: Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade.

Correspondência de Álvaro Negromonte à Alceu Amoroso Lima em 07 de julho de 1939. Documento: Correspondências entre 1931 e 1951, Pasta Álvaro Negromonte, Pe., Acervo: Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade.

Correspondência de Álvaro Negromonte à Editora José Olympio em 30 de abril de 1942. Documento nº 79.612 a 79.617, Pasta: Negromonte, Álvaro, Mons.- Col. J.O, Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo-Museu de Literatura.

Correspondência de Álvaro Negromonte à Editora José Olympio em 21 de setembro de 1944. Documento nº 79.612 a 79.617, Pasta: Negromonte, Álvaro, Mons.- Col. J.O, Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo-Museu de Literatura.

Correspondência de Álvaro Negromonte à Editora José Olympio em 27 de dezembro de 1944. Documento nº 79.612 a 79.617, Pasta: Negromonte, Álvaro, Mons.- Col. J.O, Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo-Museu de Literatura.

Correspondência de Álvaro Negromonte à Editora José Olympio em 29 de abril de 1945. Documento nº 79.612 a 79.617, Pasta: Negromonte, Álvaro, Mons.- Col. J.O, Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo-Museu de Literatura.

Correspondência de Álvaro Negromonte à Editora José Olympio em 13 de janeiro de 1947. Documento nº 79.612 a 79.617, Pasta: Negromonte, Álvaro, Mons.- Col. J.O, Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo-Museu de Literatura.

Correspondência de Álvaro Negromonte à Editora José Olympio em 18 de março de 1947. Documento nº 79.612 a 79.617, Pasta: Negromonte, Álvaro, Mons.- Col. J.O, Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo-Museu de Literatura.

Encíclica Arcanun Divinae. Carta Encíclica de Sua Santidade Leão XIII sobre o matrimônio cristão em 10 de fevereiro de 1880. Disponível em:

http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_10021880_arcanum_it.html. Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

Encíclica Divini Illius Magistri: Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa XI sobre a educação cristã da juventude em 31 de dezembro de 1929. São Paulo: Edições Paulinas, 1965.

Encíclica Casti Connubii: Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa Pio XI sobre o matrimônio cristão em 31 de dezembro de 1930. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121930_casti-connubii_sp.html>. Acesso em: 17 jun. 2011.

Jornal *O Diário.* 14 fev.1937, p. 8 (Sobre o II Congresso Católico de Educação).

LEME, Sebastião D. *Acção Católica:* organização e funcionamento das comissões permanentes. 2. ed. Rio de Janeiro: Confederação Católica do Rio de Janeiro, 1933.

_____. *Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, Arcebispo Metropolitano de Olinda, saudando os seus diocesanos.* Rio de Janeiro; Petrópolis: Tipografia Vozes de Petrópolis, 1916.

Lista do Clero (1934-1947) – not. E154 – Inventário da Série Encadernado. Acervo: Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

Livro de Aquisições da Biblioteca da Escola de Enfermagem Ana Néri – Ano 1950. Pasta Waleska Paixão. Acervo: Centro de Memória da Escola de Enfermagem Ana Néri.

Livro de Provisões e Despachos (1953-1957). Livro 32. C.E – not. E179. Acervo: Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro

Livro de Tombo da Capela de São José (oratório privado da família Almeida Cunha), 1930. Acervo particular da família Almeida Cunha.

NEGROMONTE, Álvaro. *Opúsculo,* 1964.

Padre Álvaro de Albuquerque Negromonte – Traços Biográficos. Arquivo da Diocese de Nazaré da Mata/PE (transcrito pela Irmã Margarida do Colégio Santa Cristina).

Pasta Álvaro Negromonte. Série Provisão de Padre, not. 0344, nº 38. Acervo: Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

Relatório de Atividades do Serviço de Assistência a Menores durante o ano de 1945 apresentado ao Senhor Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores pelo Dr. Meton de Alencar Neto em 10 de fevereiro de 1946. Acervo: Arquivo Nacional

Revista Catequética. Rio de Janeiro: Ação Católica, Ano 1949-1958; 1963.

Revista Eclesiástica Brasileira, vol 24, fasc. 3, setembro de 1964, p. 818 (verso de Capa)

ENTREVISTAS

Joaquim Correia Lima. Entrevista concedida à pesquisadora em 09 de outubro de 2006 e em 05 de julho de 2007.

Mércia Negromonte. Entrevista concedida à pesquisadora em 15 de agosto de 2005.

Neide Negromonte. Entrevista concedida à pesquisadora em 23 de novembro de 2007.

Maria Luisa de Almeida Cunha Ferreira. Conversa informal com pesquisadora em 2006.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Livros "O caminho da vida" e "Corrija seu filho" do padre Álvaro Negromonte para download. Disponível em: <http://osegredodorosario.blogspot.com.br/p/livros-para-download.html>. Acesso em: 17 jul. 2012.

Livro "Corrija seu filho" do padre Álvaro Negromonte para download. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/search?q=corrija+seu+filho&type=File>. Acesso em 17jul. 2012

Livros Católicos para download. Disponível em: <http://alexandriacatolica.blogspot.com.br/2010/11/educacao-dos-filhos.html >. Acesso em: 17 jul. 2012

Ortodoxia e Tradição Católica: a educação dos filhos. Disponível em: <http://euricozine.blogspot.com.br/2010/12/educacao-dos-filhos.html>. Acesso em: 17 jul. 2012.

A Educação dos Filhos (pdf). Disponível em: <http://www.salverainha.com.br/downloads/A_Educacao_dos_filhos.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2012.

CNBB. Catequese renovada: orientações e conteúdo (1983). Disponível em: <http://www.catolicanet.com/pub/publicacoes/d44ea0f361e33f4950f6671154a9d694.pdf>. Acesso em: 06 jul.2012

ANEXO A: Monsenhor Álvaro Negromonte (Opúsculo)

Mons. Álvaro Negromonte nasceu a 26 de outubro de 1901, no Engenho Gameleira, distrito de Cruangi, municipio de Timbaúba, neste Estado. Fêz o curso primário em companhia de seus irmãos, na Escola Paroquial daquela vila, ingressando no Seminário de Olinda em fevereiro de 1914, onde demonstrou acentuado amor aos estudos a par de uma decidida vocação sacerdotal.

Em 1922, já no curso de Teologia, o então Reitor Mons. José Pereira Alves, eleito Bispo de Natal, convidou-o para acompanhá-lo àquela diocese, onde certamente o clima lhe seria propício. Aceitou o convite e de lá voltou em 1924 para no dia 8 de Junho receber a ordenação sacerdotal das mãos do Sr. Bispo de Nazaré, D. Ricardo Vilela. Celebrou a 1.ª missa em Cruangi, aos 15 do mesmo mês.

Em Nazaré onde passou a residir, foi Capelão do Colégio Santa Cristina, Secretário do Bispado e professor do Colégio Diocesano.

Em 1927, por motivo de saúde transportou se para a diocese de Belo Horizonte, indo ser capelão do Hospital da cidade de Itaúna, de onde saiu em 1929 para Belo Horizonte onde foi capelão do Hospital da Fôrça Pública, diretor do Ensino Religioso, Cura da Catedral, professor de Catequético do Seminário, diretor do "Boletim Catequético" por êle fundado e diretor da página religiosa do "O Diário", jornal católico de que foi um dos fundadores.

A convite do Sr. Cardeal D. Jaime Câmara, passou e residir no Rio de Janeiro onde foi dirigir o Ensino Religioso da Arquidiocese.

Como Jornalista, mantinha uma coluna em importante orgão carioca, na qual fazia a defesa da Igreja sempre que fôsse atacada. O mesmo acontecendo no Rádio ou na Televisão.

Nunca foi político e se, várias vêzes, se viu envolvido em lutas políticas, era apenas em defeza dos princípios que sempre o orientaram, mostrando aos católicos quais os candidatos que não mereciam o apoio da Igreja porque já o recebiam do comunismo.

Como escritor publicou as seguintes obras: «Meu Catecismo» (5 vol), «O Caminho da Vida», «As Fontes do Salvador», «Minha Vida Cristã», «Manual de Religião», «A Doutrina Viva», «História da Igreja», «Pedagogia do Catecismo», «Educação Sexual», «Noivos e Esposos», «A Vida de Jesus para a Infância», «O que é o Espiritismo», «Corrija seu Filho», «A Eterna Aliança» e «História da Salvação».

Como se vê pela sua bibliografia, dedicou tôda a sua vida ao ensino da Religião; porisso não se recusava a realizar pequenos congressos catequéticos, semanas de estudos, conferências, onde lhe fôsse solicitado.

O Mons. Alvaro Negromonte faleceu na cidade do Rio de Janeiro a 17 de agôsto de 1964.

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Monsenhor). Opúsculo, 1964.

ANEXO B: Quadro de publicações da biblioteca Monsenhor Álvaro Negromonte e respectivas edições

SÉRIE: DIDÁTICA

LIVRO	**1ª**	**2ª**	**3ª**	**4ª**	**5ª**	**6ª**	**7ª**	**8ª**	**9ª**	**10ª**	**11ª**	**12ª**	**13ª**	**14ª**	**15ª**	**16ª**	**17ª**	**18ª**	**19ª**	**20ª**	**21ª**
Meu Catecismo Vol. 1	1945 JO	1951 JO	1953 JO	1954 JO	1955 JO	1955 JO	1957 JO	1957 JO	1957 JO	1959 JO	1960 JO	1961 JO	1962 Rumo	?							
Meu Catecismo Vol. 2	1945 JO	1947 JO	1948 JO	1949 JO	1950 JO	1950 JO	1950 JO	1951 JO	1953 JO	1954 JO	1955 JO	1955 JO	1957 JO	1957 JO	1957 JO	1958 JO	1961 JO	?			
Meu Catecismo Vol. 3	1945 JO	1947 JO	1948 JO	1949 JO	1950 JO	1950 JO	1950 JO	1951 JO	1953 JO	1954 JO	1955 JO	1955 JO	1957 JO	1957 JO	1957 JO	1958 JO	1959 JO	1960 JO	1961 JO	1962 Rumo	?
Meu Catecismo Vol. 4	1945 JO	1947 JO	1948 JO	1949 JO	1950 JO	1950 JO	1950 JO	1951 JO	1953 JO	1954 JO	1955 JO	1955 JO	1957 JO	1957 JO	1957 JO	1958 JO	1959 JO	1960 JO	1961 JO	?	
Manual de Religião	1938 Vozes	1939 Vozes	?	?	?	?	?	1950 JO	1950 JO	1951 JO	1952 JO	1953 JO	1954 JO	1954 JO	1955 JO	1957 JO	1957 JO	1959 JO	1960 JO	1961 Rumo	?
Minha vida cristã	1953 JO	1954 JO	1954 JO	1955 JO	1957 JO	1957 JO	1959 JO	1960 JO	1961 JO	1962 Rumo	1963 Rumo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
As Fontes do Salvador	1941 Vozes	1945 JO	1947 JO	1947 JO	1950 JO	1950 JO	1950 JO	1951 JO	1953 JO	1953 JO	1954 JO	1954 JO	1955 JO	1957 JO	1957 JO	1959 JO	1960 JO	1961 Rumo	?	?	1963 Rumo
A Doutrina Viva	1939 Vozes	?	1947 JO	1948 JO	?	1950 JO	1950 JO	1951 JO	1953 JO	1953 JO	?	1955 JO	1957 JO	1958 JO	1959 JO	1960 JO	1961 JO	1962 Rumo	?	-	-
O caminho da Vida	1937 Vozes	?	1947 JO	1948 JO	1950 JO	?	1950 JO	?	1953 JO	1953 JO	1953 JO	1954 JO	1955 JO	?	1957 JO	1959 JO	1960 JO	1961 Rumo	?	-	-
História da	1954	?	1957	1959	1961	?	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	

Igreja	JO		JO	JO	Rumo																-
A Pedagogia do catecismo	1938 Vozes	1940 Vozes	1950 JO	1953 JO	1954 JO	1955 JO	1957 JO	1959 JO	1961 Rumo	?	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
A Nova Pedagogia do Catecismo	1965 Rumo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Guia da Catequista Para o 1º e 2º ano	1961/ 1961/ Rumo	1962/ 1962/ Rumo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Guia da Catequista Para o 3º ano	1961/ Rumo	1962/ Rumo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Guia da Catequista Para o 4º ano	1961/ Rumo	1962/ Rumo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
História da Salvação	1961 Rumo	?	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
A eterna Aliança	1964 Rumo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Acervos: Biblioteca Nacional – Catálogo Geral/Boletim Catequético/Biblioteca Instituto Teológico Franciscano/ Arquivo Editora Vozes/Arquivo pessoal da pesquisadora.

Observação: As primeiras edições da série *Meu Catecismo* aqui apresentadas foram localizadas no catálogo da Biblioteca Nacional. Todavia, foi encontrado um exemplar no arquivo da editora Vozes, do volume 2 dessa série, publicado em 1942, que não consta no catálogo na Biblioteca Nacional.

SÉRIE: FAMÍLIA

LIVRO	**1ª**	**2ª**	**3ª**	**4ª**	**5ª**	**6ª**	**7ª**	**8ª**	**9ª**	**10ª**	**11ª**
A Educação Sexual	1939/ JO	1940/JO	1942/JO	1944/JO	1948/JO	1949/JO	1951/JO	1953/JO	1958/JO	1961/ Rumo	1963/ Rumo
Noivos e Esposos	1948/JO	1950/JO	-	1952/JO	1955/JO	1958/JO	1961/ Rumo	1963/ Rumo	-	-	-
O que fazer do seu filho/	1955/JO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
A Educação dos filhos	-	1961/ Rumo	1966/ Rumo	-	-	-	-	-	-	-	-
Corrija seu filho	1961/ Rumo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Acervos: Biblioteca Nacional – Catálogo Geral/Boletim Catequético/Biblioteca Instituto Teológico Franciscano/ Arquivo Editora Vozes/Arquivo pessoal da pesquisadora

Observação: “O que fazer do seu filho” é o mesmo manual “A educação dos filhos”. Foi o único manual que teve o título alterado ao passar a ser publicado pela Rumo, talvez pelo baixo número de reedições.

SÉRIE: OUTROS

LIVRO	**1ª**	**2ª**
Diretrizes Catequéticas	1938 Vozes	-
A vida de Jesus para a infância e a juventude	1947 JO	-
Os Santos Evangelhos	1941 ?	-
Preparação para a 1ª comunhão	1961 Rumo	-
O que é o Espiritismo?	1949 Editora Santa Maria	1954 Editora Santa Maria
Hora Santa da catequista	?	1963 Paulinas

Acervos: Biblioteca Nacional – Catálogo Geral/Boletim Catequético/Biblioteca Instituto Teológico Franciscano/ Arquivo Editora Vozes/Arquivo pessoal da pesquisadora

ANEXO C: Correspondências do padre Álvaro Negromonte a José Olympio sobre o livro *Vida de Jesus para a infância e para a juventude*

Meu caro José Olympio.

Não o encontrando, e não podendo esperá-lo, deixo-lhe o que queria dizer-lhe sobre a "Vida de Jesus para crianças". Perdemos a oportunidade de Natal — e o livro foi dado em abril! Será que perderemos a Páscoa tambem? Peço-lhe encarecidamente que corresponda ao esforço que eu fiz para dar os originais em tempo.

Queira desculpar a reclamação, que me parece justa.

Com um abraço

P. A. Negromonte

Rio. 13/1/47

6

Rio, 18. 3. 47.

Meu caro José Olympio,

Já duas vezes não o encontro; por isso deixo-lhe este bilhete. Como continua sem solução o impasse da "Vida de Jesus para Crianças," que ha um ano entreguei, e como já perdi um Natal e não desejo perder o outro que se aproxima, venho pedir-lhe, caso não resolva o caso do livrinho em breve, a fineza de devolver-me os originais, para que eu providencie outra coisa.

Não me leve a mal o pedido.

Servo e amigo,

P. A. Magromonte

ANEXO D: Correspondências do padre Álvaro Negromonte à Editora José Olympio sobre o livro *Doutrina viva*

Original remetido expresso para José Viegas, S. Paulo, por ordem pessoal do Pe. Carneiro

Belo Horizonte, 21.9.44

Carissimo Daniel,

Mando-lhe A DOUTRINA VIVA preparado para a 3a. edição. Creio que está bem lembrado de que êle é necessario para o comêço do ano escolar. Está completamente esgotado, e é de grande saída.

CONSULTA. As primeiras edições tinham umas ilustrações. O livro se destina a jovens da 1a. serie ginasial. Não seria conveniente por algumas? No caso afirmativo, poderei escolher uma figuras bonitas. Para o que espero suas ordens.

Servo e amigo

P. A. Negromonte

50 8

ANEXO E: Carta convite a Alceu Amoroso Lima para realização de conferências na União de Moços Católicos

15 Doc.

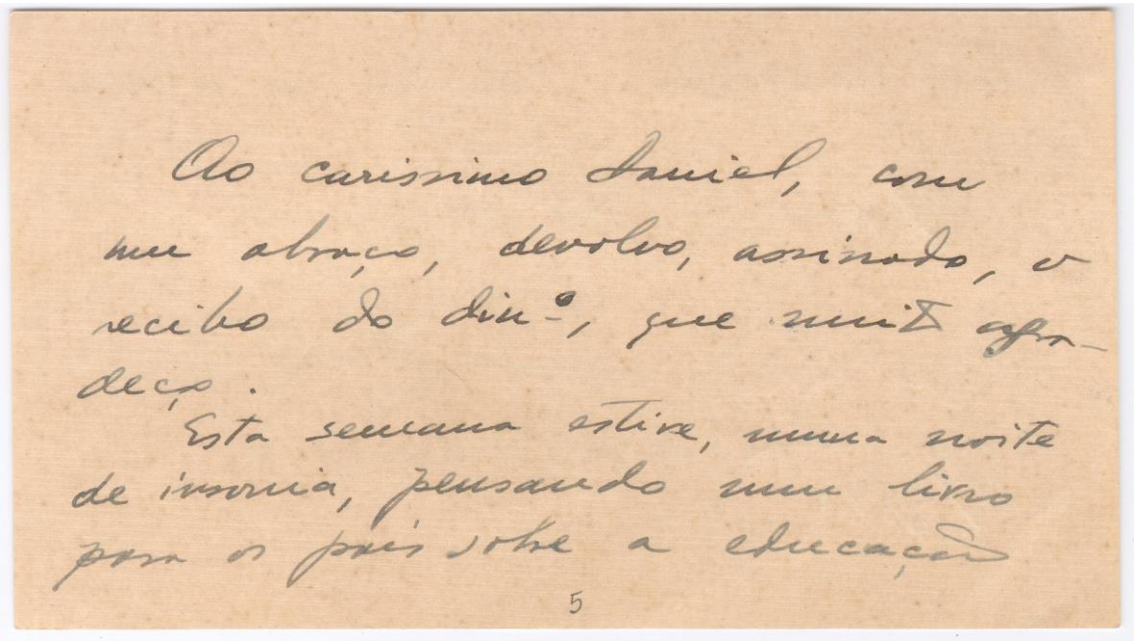
B. Hte: (Álvares Maciel, 145) 16. 7. 31.

Ilmo. Snr. Dr. Alceu,
Laudetur J. Christus.

Apresso-me em lhe comunicar que a União de Moços Catholicos daqui resolveu convida-lo para fazer umas conferencias para intellectuais e moços.
Para um padre que vem exercendo o seu apostolado entre os moços, é de prescucio que alegria não há de trazer tão boa iniciativa. Todos esperamos ansiosos a sua resposta affirmativa.
A mentalidade geral de Minas é catholica, mas por tradições e religiosidade. As convicções são raras. A indistinção, como característico, não distingue o mineiro dos outrosa brasileiros.
O que talvez o distinguirá é a falta de acção. Tenho feito o que está em mim para levantar aos Moços Catholicos da apathia em que os achei, há dois annos. A sua presença aqui será, por todos os motivos, preciosa. Serão umas 3 conferencias, ao menos. Com isto, e com a graça de Deus, que não nos faltará, acreditamos se agitará a inércia em que vivemos aqui. A sua alma de apostolo não nos negará está mercê.
Confortemo-nos com orações recíprocas.

Servo e amigo em JC.
P. A. Negromonte

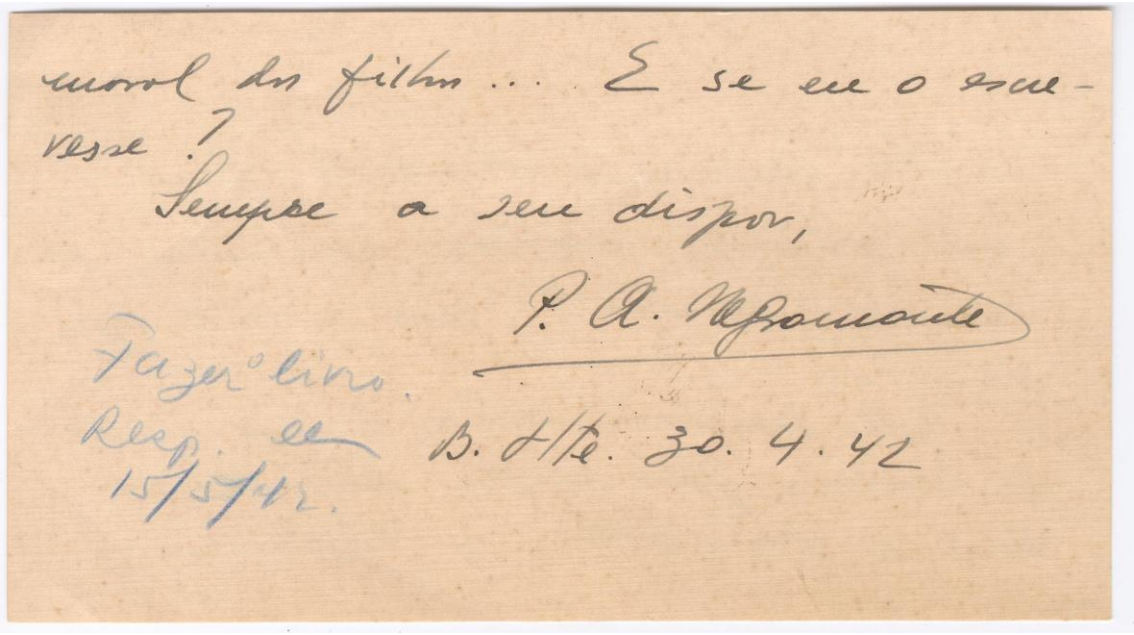
ANEXO F: Correspondência endereçada à Editora José Olympio consultando sobre a viabilidade de um livro sobre *A educação dos filhos*



Ao carissimo Daniel, com um abraço, devolvo, assinado, o recibo do din.º, que muito agradeço.

Esta semana estive, numa noite de insonia, pensando num livro para os pais sobre a educação

5



moral dos filhos... E se eu o escrevesse?

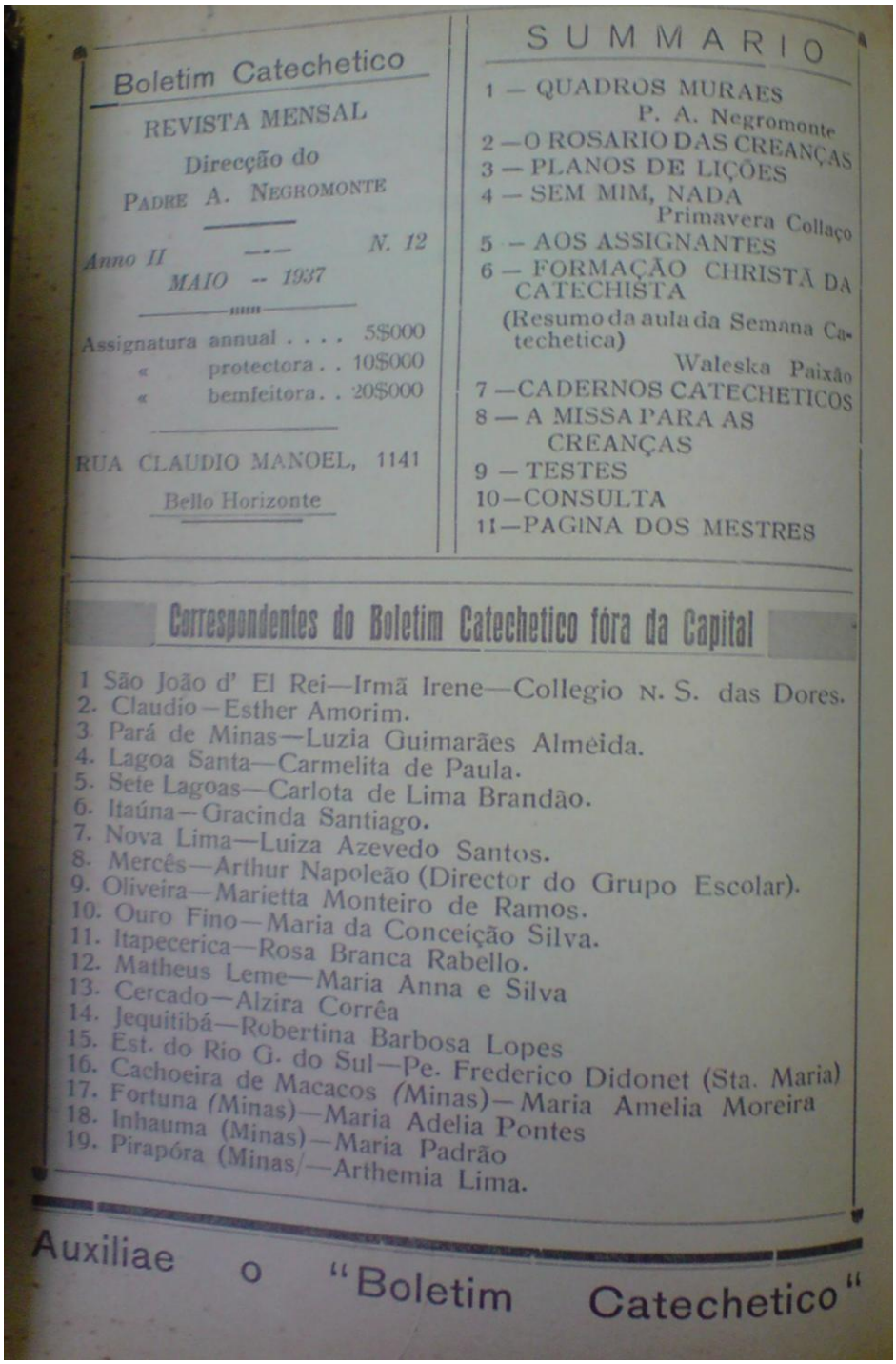
Sempre a seu dispor,

P. A. Monteiro

Fazer o livro.
Resp. em 15/5/42.

B. Hte. 30. 4. 42

ANEXO G: Lista de alguns assinantes do Boletim Catequético fora da capital mineira



Boletim Catechetico

REVISTA MENSAL

Direcção do

PADRE A. NEGROMONTE

Anno II — *N. 12*

MAIO -- *1937*

Assignatura annual . . . . 5$000
« protectora . . 10$000
« bemfeitora . . 20$000

RUA CLAUDIO MANOEL, 1141

Bello Horizonte

SUMMARIO

1 — QUADROS MURAES
P. A. Negromonte
2 — O ROSARIO DAS CREANÇAS
3 — PLANOS DE LIÇÕES
4 — SEM MIM, NADA
Primavera Collaço
5 — AOS ASSIGNANTES
6 — FORMAÇÃO CHRISTÃ DA CATECHISTA
(Resumo da aula da Semana Catechetica)
Waleska Paixão
7 — CADERNOS CATECHETICOS
8 — A MISSA PARA AS CREANÇAS
9 — TESTES
10 — CONSULTA
11 — PAGINA DOS MESTRES

Correspondentes do Boletim Catechetico fóra da Capital

1 São João d' El Rei—Irmã Irene—Collegio N. S. das Dores.
2. Claudio—Esther Amorim.
3. Pará de Minas—Luzia Guimarães Almeida.
4. Lagoa Santa—Carmelita de Paula.
5. Sete Lagoas—Carlota de Lima Brandão.
6. Itaúna—Gracinda Santiago.
7. Nova Lima—Luiza Azevedo Santos.
8. Mercês—Arthur Napoleão (Director do Grupo Escolar).
9. Oliveira—Marietta Monteiro de Ramos.
10. Ouro Fino—Maria da Conceição Silva.
11. Itapecerica—Rosa Branca Rabello.
12. Matheus Leme—Maria Anna e Silva
13. Cercado—Alzira Corrêa
14. Jequitibá—Robertina Barbosa Lopes
15. Est. do Rio G. do Sul—Pe. Frederico Didonet (Sta. Maria)
16. Cachoeira de Macacos (Minas)—Maria Amelia Moreira
17. Fortuna (Minas)—Maria Adelia Pontes
18. Inhauma (Minas)—Maria Padrão
19. Pirapóra (Minas)—Arthemia Lima.

Auxiliae o "Boletim Catechetico"

Fonte: Boletim Catequético, Ano II, nº 12, maio, 1937, verso de capa

ANEXO H: Quadro de conteúdos Boletim Catequético

Artigo	Autor	Referência
Este Boletim	s/ assinatura	BC, Ano I, nº 1, abril, 1936, p. 1
Finalidade do catecismo	P.A. Negromonte	BC, Ano I, nº 1, abril, 1936, p. 2
Condição necessária	P. A. Negromonte	BC, Ano I, nº 2, maio, 1936, p. 1, 2
A catequista e a vida interior	Cristóvão dos Santos	BC, Ano I, nº 2, maio, 1936, p. 8
Preparar a lição	P. A. Negromonte	BC, Ano I, nº 3, junho, 1936, p. 1
As crianças e o congresso	s/ assinatura	BC, Ano I, nº 3, junho, 1936, p. 4
A história no ensino religioso	Pe. Guilherme Boing	BC, Ano I, nº 4, julho, 1936, p. 1
Aula de Catecismo	Celina Didier	BC, Ano I, nº 4, julho, 1936, p. 5, 7
Eucaristia Educadora	P. A. Negromonte	BC, Ano I, nº 5-6, ago-set, 1936, p. 3
Às mães	Maria Luiza de Almeida Cunha	BC, Ano I, nº 5-6, ago-set, 1936, p. 4
Depois do Congresso	s/ assinatura	BC, Ano I, nº 5-6, ago-set, 1936, p. 5
Educação Eucarística	Waleska Paixão	BC, Ano I, nº 5-6, ago-set, 1936, p. 6
Por que não ser catequista?	Maria de Bethania	BC, Ano I, nº 5-6, ago-set, 1936, p. 7
A história no ensino religioso	Pe. Guilherme Boing	BC, Ano I, nº 5-6, ago-set, 1936, p. 13
Homenagem ao nosso Diretor	s/ assinatura	BC, Ano I, nº 5-6, ago-set, 1936, p. 15
Exposição Catequética	P. A. Negromonte	BC, Ano I, nº 7, outubro, 1936, p. 1
Como dar uma formação cristã aos nossos alunos	Evangelina Gonzaga	BC, Ano I, nº 7, outubro, 1936, p. 10
Hábito Cristão	Maria Luiza de Almeida Cunha	BC, Ano I, nº 8, novembro, 1936, p. 1
Notas sobre o Evangelho	Pe. Guilherme Boing	BC, Ano I, nº 8, novembro, 1936, p. 12
Congresso catequético	Editorial sem assinatura	BC, Ano I, nº 9, fevereiro, 1937, p. 1,2
Catequista!	P. A. Negromonte	BC, Ano I, nº 10, março, 1937, p. 1, 2
Escola Nova e Catecismo	Pe. Hélder Câmara	BC, Ano I, nº 10, março, 1937, p. 8
Métodos modernos no catecismo	Trechos da aula de D. Maria Luiza Almeida Cunha na Semana Catequética	BC, Ano II, nº 11, abril, 1937, p. 7, 8
Ensino do dogma e da moral	P. José Taitson	BC, Ano II, nº 11, abril, 1937, p. 10
Formação intelectual da catequista	Waleska Paixão (transumpto da	BC, Ano II, nº 11, abril, 1937, p. 11,12

	conferência pronunciada na Semana Catequética)	
Quadros murais	P. A. Negromonte	BC, Ano II, nº 12, maio, 1937, p. 1,2
Sem mim, nada	Primavera Collaço	BC, Ano II, nº 12, maio, 1937, p. 5,6
Formação cristã da catequista	Waleska Paixão (resumo da aula da Semana Catequética	BC, Ano II, nº 12, maio, 1937, p. 7, 8
O comportamento das crianças na Igreja	P.A. Negromonte	BC, Ano II, nº 13, junho, 1937, p. 1,2
O problema da atenção no catecismo	P.A. Negromonte	BC, Ano II, nº 14, julho, 1937, p. 1- 3.
Educação dos filhos	P. A. Negromonte (extraído do livro Caminho da Vida)	BC, Ano II, nº 14, julho, 1937, p. 4
A questão dos programas	Waleska Paixão	BC, Ano II, nº 14, julho, 1937, p. 6, 7
Hora e local do catecismo	S/assinatura	BC, Ano II, nº 15, agosto, 1937, p. 1,2
Metodologia do Catecismo	Waleska Paixão	BC, Ano II, nº 15, agosto, 1937, p. 5 – 7
O nosso congresso	s/ assinatura	BC, Ano II, nº 16, setembro, 1937, p. 1
Um trabalho de aula: o que se faz no Insitituto Pestalozzi em Belo Horizonte	Cora. F. Duarte	BC, Ano II, nº 16, setembro, 1937, p. 2, 3
Catecismo Vivo	Trad. De *Vie Intellectuelle*	BC, Ano II, nº 16, setembro, 1937, p. 6,7
A messe é grande	s/assinatura	BC, Ano II, nº 17, outubro, 1937, p. 1
Saudações às congressistas!	Waleska paixão	BC, Ano II, nº 17, outubro, 1937, p. 2
Triste coisa é estar só no apostolado...	Arcebispo Primaz	BC, Ano II, nº 17, outubro, 1937, p. 3
Dados estatísticos da doutrina cristã da Arquidiocese da Bahia	s/ assinatura	BC, Ano II, nº 17, outubro, 1937, p. 5
Ensino religioso: notas e sugestões (especialmente para o Boletim Catequético)	Pe. Leonel Franca	BC, Ano II, nº 17, outubro, 1937, p. 6,7
O dia da criança cristã	Compaing de La tour Girard – Trad. Marina Rezende	BC, Ano II, nº 17, outubro, 1937, p. 8
Como ensinar o dogma	P.A. Negromonte	BC, Ano II, nº 17, outubro, 1937, p. 13-16
Orientação de um programa	Cardeal Van der Roey, trad. Armando Más Leite	BC, Ano II, nº 17, outubro, 1937, p. 18, 19
Como se funda e faz viver uma cruzada eucarística num grupo escolar	s/assinatura	BC, Ano II, nº 17, outubro, 1937, p. 21
O Congresso de Educação	s/assinatura	BC, Ano II, nº 18, novembro, 1937, p. 1
As conclusões do Congresso de educação	s/assinatura	BC, Ano II, nº 18, novembro, 1937, p. 2-4, 10
A missa das crianças	D. Augusto, Arcebispo Primaz	BC, Ano II, nº 18, novembro, 1937, p. 11
Na catequese	D. Augusto, Arcebispo Primaz	BC, Ano II, nº 18, novembro, 1937, p. 11

O nosso dever	P. A. Negromonte	BC, Ano III, nº 19, fevereiro, 1938, p. 1
Lema para catequistas	Waleska Paixão	BC, Ano III, nº 19, fevereiro, 1938, p. 8
Religião e Pátria	Evangelina Gonzaga	BC, Ano III, nº 19, fevereiro, 1938, p. 9
Fixando os rumos: resultado de um inquérito	P.A. Negromonte	BC, Ano III, nº 20, março, 1938, p. 1,2
O que se pode fazer	P. A. Negromonte	BC, Ano III, nº 21, abril, 1938, p. 1
Perseverança	Waleska Paixão	BC, Ano III, nº 21, abril, 1938, p. 5
Preparando a lição	P. A. Negromonte (extraído do livro "A Pedagogia do catecismo").	BC, Ano III, nº 22, maio, 1938, p. 1 - 3
Um trabalho interessante: a catecismo num jardim de infância	P. A. Negromonte	BC, Ano III, nº 23, junho, 1938, p. 1, 2
Para a primeira comunhão	P. A. Negromonte	BC, Ano III, nº 24, julho, 1938, p. 1, 2
Para o estado de Graça	P.A. Negromonte	BC, Ano III, nº 25, agosto, 1938, p. 1, 2
Revolução permanente	Waleska Paixão	BC, Ano III, nº 25, agosto, 1938, p. 3, 4
Um prefácio	P. A. Negromonte	BC, Ano III, nº 26, setembro, 1938, p. 1,2
Ginástica Historiada	Ana Florinda Jacob	BC, Ano III, nº 27, outubro, 1938, p. 6
Aos colégios e escolas católicas	Extraído de uma circular do Exmo. Bispo Auxiliar de São Paulo	BC, Ano III, nº 27, outubro, 1938, p. 9
O que se pode fazer	s/assinatura	BC, Ano III, nº 27, outubro, 1938, p. 11, 12
Se a professora é católica...	Delfina Figueira de Melo	BC, Ano III, nº 28, novembro, 1938, p. 1, 2
Valor cristão das boas maneiras	M. S. A	BC, Ano III, nº 28, novembro, 1938, p. 6,7
Impressões de trabalho	Ana Florinda Jacob	BC, Ano III, nº 28, novembro, 1938, p. 9, 10
Aula sobre a confissão	Maria Stela Paes Leme	BC, Ano IV, nº 29, fevereiro, 1939, p. 2
O catecismo e a Ação católica	S/ assinatura	BC, Ano IV, nº 29, fevereiro, 1939, p. 4
A comunhão Pascoal	P. A. Negromonte	BC, Ano IV, nº 30, março, 1939, p. 1, 2
O desenho e o catecismo	Evangelina Gonzaga	BC, Ano IV, nº 30, março, 1939, p. 5-8
Nossas aulas de religião	Waleska Paixão	BC, Ano IV, nº 30, março, 1939, p. 10, 11
O catecismo e o sacerdócio	P. A. Negromonte	BC, Ano IV, nº 31, abril, 1939, p. 1 – 3.
Para educar cristamente: a prática da caridade	Waleska Paixão	BC, Ano IV, nº 31, abril, 1939, p. 5 – 7
Pio Xi, catequista	s/ assinatura	BC, Ano IV, nº 31, abril, 1939, p. 10
O mês de maio e a formação	P. A. Negromonte	BC, Ano IV, nº 32, maio,

cristã		1939, p. 1, 2
Vítima da omissão	Pe. Plus	BC, Ano IV, nº 32, maio, 1939, p. 4
Como fazer viver uma Cruzada Eucarística num Grupo escolar	Evangelina Gonzaga	BC, Ano IV, nº 32, maio, 1939, p. 8 – 10.
Gratidão e Justiça	Cristóvão Santos	BC, Ano IV, nº 33, junho, 1939, p. 1, 2.
A aula de catecismo no Grupo	Cora Duarte Faria	BC, Ano IV, nº 33, junho, 1939, p. 3,4
Nossas aulas de religião: pentecostes	Waleska Paixão	BC, Ano IV, nº 33, junho, 1939, p. 9
A aula de catecismo no Grupo	Cora Duarte Faria	BC, Ano IV, nº 34, julho, 1939, p. 1 - 3
Para ser boa catequista	Extraído do livro *O segredo da educação,* pe. J. Barelle S. J.	BC, Ano IV, nº 34, julho, 1939, 13
O problema das Catequistas	P. A. Negromonte	BC, Ano IV, nº 35, agosto, 1939, p. 1, 2
Uma boa oportunidade	Helena Silvia Avelar	BC, Ano IV, nº 35, agosto, 1939, p. 3 – 5
Nossas aulas de religião: A festa da Assunção	Waleska paixão	BC, Ano IV, nº 35, agosto, 1939, p. 6,7
As aulas de religião nos cursos secundários	Waleska Paixão	BC, Ano IV, nº 35, agosto, 1939, p. 7,8
Ensinar Jesus Cristo	P. A. Negromonte	BC, Ano IV, nº 36, setembro, 1939, p. 1, 2
Jesus Cristo	S/ assinatura	BC, Ano IV, nº 36, setembro, 1939, p. 3 -6.
Vidas de Jesus	S/ assinatura	BC, Ano IV, nº 36, setembro, 1939, p. 7.
As gravuras no ensino religioso	P. A. Negromonte	BC, Ano IV, nº 37, outubro, 1939, p. 1 – 3
Formação da consciência sobre a não assistência à missa	P. A. Negromonte	BC, Ano IV, nº 37, outubro, 1939, p. 4, 5
Cumprimos o nosso dever?	P. A. Negromonte	BC, Ano IV, nº 38, novembro, 1939, p. 1, 2
Advento- tempo de preparação para a vinda do Senhor	P. A. Negromonte	BC, Ano IV, nº 38, novembro, 1939, p. 3, 4
Para ser boa catequista	P. A. Negromonte	BC, Ano IV, nº 38, novembro, 1939, p. 10, 11
Façamos a formação	P. A. Negromonte	BC, Ano VI, nº 49, abril, 1941, p. 1, 2
Documentos Provido Sane Concílio	Decreto da S. Congregação do Concílio de 12 de janeiro de 1935 (parte 1)	BC, Ano VI, nº 49, abril, 1941, p. 3
Trechos do trabalho apresentado no curso de instrução religiosa para professoras de Belo Horizonte	Cecília Alvarenga	BC, Ano VI, nº 49, abril, 1941, p. 5, 6
Verdades fundamentais	P. A. Negromonte	BC, Ano VI, nº 50, maio, 1941, p. 1,2
Documentos Provido Sane Concílio	Decreto da S. Congregação do Concílio de 12 de janeiro de 1935 (parte 2)	BC, Ano VI, nº 50, maio, 1941, p. 6, 7

Para organizar a formação	Waleska Paixão	BC, Ano VI, nº 51, junho, 1941, p. 1 – 4
Documentos Provido Sane Concílio	Decreto da S. Congregação do Concílio de 12 de janeiro de 1935 (conclusão)	BC, Ano VI, nº 51, junho, 1941, p. 5, 6
Seção da Cruzada Eucarística	Evangelina Gonzaga	BC, Ano VI, nº 51, junho, 1941, p. 10
Ao Revmo. Padre Álvaro Negromonte no 17º aniversário de sua ordenação: Eles caminham para o santuário	D. A.	BC, Ano VI, nº 51, junho, 1941, p. 11, 12
Catequista !	Judith Monteiro	BC, Ano VI, nº 51, junho, 1941, p. 13
A missa de preceito	P. A. Negromonte	BC, Ano VI, nº 51, julho, 1941, p. 1 – 3
Como se funda e se faz viver uma Cruzada Eucarística num Grupo Escolar	Evangelina Gonzaga	BC, Ano VI, nº 51, julho, 1941, p. 4, 5, 7.
Meditação da professora	S/ assinatura	BC, Ano VI, nº 51, julho, 1941, p. 6, 7
Esquema da Encíclica “Acerbo Nimis” sobre o ensino da Doutrina Cristã (15-04-1905)	-	BC, Ano VI, nº 51, julho, 1941, p. 6, 10
Auditórios no Jardim de infância	Ana Jacó e Zilá Pascoal	BC, Ano VI, nº 51, julho, 1941, p. 11

ANEXO I: Seções dos Boletins Catequéticos (1936/37/38/39/41)

Edições	Anos																				
	1936				1937					1938					1939					1941	
Números	01	02	03	04	09	10	11	12	13	19	20	21	22	23	29	30	31	32	33	49	50
	05-06		07	08	14	15	16	17	18	24	25	26	27	28	34	35	36	37	38	51	52
Editorial	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Lição da Catequista	X	X	X	X																	
			X	X																	
Planos de Lições / Nossas Aulas -1939	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X		
Ativ. da Criança no Catecismo	X	X	X	X																	
			X	X																	
Para as Crianças Lerem	X	X	X			X						X	X		X	X	X	X			
	X		X	X						X	X	X		X	X	X	X	X	X		
Página do Mestre		X	X		X	X		X	X	X		X	X	X	X	X	X			X	
	X		X			X	X			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Outras Traduções											X										
	X							X													
Artigos de Colaboradores		X		X			X		X	X					X	X	X				X
	X			X		X	X	X			X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
Material Didático					X	X	X	X	X		X	X	X	X	X		X	X		X	
	X		X		X	X	X	X		X	X	X	X	X		X	X	X			X
Informativos					X	X		X				X	X			X					
				X			X		X	X				X					X	X	
Biblioteca da Catequista				X						X	X	X	X	X							
									X	X					X				X		
Anúncios	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Missa das Crianças					X	X	X	X	X	X	X	X			X						
	X			X	X	X	X	X	X												
Consultas						X							X	X			X	X			X
										X			X								
Avaliação Livros para Crianças					X	X															
			X						X			X									

ANEXO J: Biblioteca da Catequista

Título	Autor	Preço	Referência	Comentários
O catecismo segundo o Evangelho Lições catequéticas para os pequeninos	Charles Quinet	5$ 5$	BC, Ano I, , nº 1, abril, 1936, p. 4	Excelentes para os dois primeiros anos
Catecismo Explicado Bíblia das Escolas Philote'a ou Introdução à vida devota A vida espiritual reduzida a três princípios	Mons. Cauly Ecker São Francisco de Salles Pe. Mesckler	7$ 5$ 4$ 3$	BC, Ano I, , nº 3, junho, 1936, p. 9	A redação envia estes livros e quais quer outros se os pedidos vierem acompanhados do valor e o porte do correio.
A formação da consciência O catecismo official (1º, 2º e 3º) O Novo Testamento Bíblia das Escolas Catecismo Explicado Lições catequéticas para os pequeninos Introdução à vida devota A vida espiritual reduzida a três princípios Horas Cathequéticas O método Eucarístico	Waleska Paixão Pe. Rhoden Ecker Mons. Cauly Quinet S. Francisco de Salles P. Meschler Schreiner P. Poppe	No prelo	BC, Ano I, , nº 4, julho, 1936, p. 5, 7	Os livros indicados nesse número do Boletim não vieram acompanhados dos respectivos preços.

Jeux de Catéchisme	C. Bruel	-	BC, Ano I, , nº 5-6, ago-set, 1936, p. 14	
Pedagogia Catechistica Pèdagogie Du Catechisme O Método Eucarístico Prècis de pedagogie catechistique Lezione populare di pedagogia catechetica Catequesis Biblicas Tratado Elemental de pedagogia catequística Catecismo explicado com gráficos y exemplos Lecciones de História Eclesiástica Catequeses sobre a confissão e a comunhão das crianças Lições Catequéticas Cadernos catequéticos – vol. 1 – métodos e programas O Catecismo pelo Evangelho Horas Catequéticas	Llorente Quinet P. Poppe Henri Martin Luigi Vigna D. Llorente D. Llorente D. Llorente D. Llorente Henrique Stieglitz Abbè Quinet Waleska Paixão P. Charles Schreiner		BC, Ano I, nº 7, outubro, 1936, p. 07	Todos esses fazem parte da Seção Pedagógica da II Exposição Catequética, publicados em uma página cheia do Boletim.

Apontamentos do catequista	Quinet			
La voie spirituelle	Wothe Bolton			
Educador apóstolo	Guibert			
Il vangelo nella scuola	Michele Pellegrino			
La formation religieuse dês enfants du peupel	Marie Fargues			
Comment j'enseigne La masse a mes tout petits	Religiosa Benedictina			
Comment j'enseigne l'Année liturgique a mes petits	Religiosa Benedictina			
Pontos de religião	Fr. F. de P. Capuchinho			
Formation Chrétienne de "Mes tout Petits"	M. M. d'Aubigny			
Explicação do pequeno catecismo	Slater			
Meus cadernos de instrução religiosa	Quinet			
Instructions pour lês cathechismes de perseverance	Ch. Beaussart			
Explication dialogada del catecismo	D. Llorente			
Explication dialogada del Evangelio	D. Llorente			
Puntos de catecismo (3 vol.)	Padre Vilarinho			
Manual do catequista	M. S. C.			
La mére éducatrice	Abbè Simon			

La pesonalité de l'enfant Catecismo da educação	J. Burret René Bethleem			
Cadernos Catequéticos: formação da consciência	Waleska Paixão	2$000	BC, Ano I, nº 8, novembro, 1936, p. 16	Neste número são anunciados dois livros a serem lançados pela professora Maria Luiza Cunha, um para as crianças e outro para as professoras. Três páginas são destinadas à publicação de duas primeiras lições como uma pequena amostra para os leitores.
O caminho da Vida	P. A. Negromonte	5$000	BC, Ano II, nº 13, junho, 1937, verso de capa	Indicado como o mais completo tratado de moral escrito em português. Indispensável às catequistas e professoras.
Pedagogia do Catecismo	P. A. Negromonte	No prelo	BC, Ano II, nº 17, outubro, 1937, p. 16	Indicado como a primeira obra do gênero em língua portuguesa para catequistas, escolas Normais, Colégios Católicos e o reverendíssimo clero.
Nos resplendores da hóstia Cruzada Eucarística Infantil La croizade Eucharisque	Pe. Augusto Magne Coleção Fides Intrepida (12 folhetos) Marie Fargues	- - -	BC, Ano II, nº 17, outubro, 1937, p. 22	-
Manual de Religião Apontamentos do Catequista (3 vol) Métodos e Programas Formação da consciência Apelo de Cristo aos pescadores	P. A. Negromonte Quinet Waleska Paixão Waleska Paixão Quinet	- 22$000 3$000 2$000 4$000	BC, Ano III, nº 19, fevereiro, 1938, p. 13 BC, Ano III, nº 19, fevereiro, 1938, contracapa Lista publicada também no	Propaganda do livro *Manual de Religião,* em página cheia com transcrição da opinião do pe. Hélder Câmara, manifestada em correspondência ao autor. Com exceção do manual de Religião, todos os demais livros foram publicados na contracapa deste Boletim, sob o

de almas			BC, Ano III, nº 20, março, 1938, contracapa.	título “livros para o Ensino Religioso”
Catequeses	Henrique Stieglitz	7$000		
O caminho da vida	P.A. Negromonte	5$000		
O catecismo segundo o Evangelho: o livro dos pequenos; o livros das mães e catequistas; o livro dos sacerdotes	Abbè Eug. Charles	7$000 (cada)		
O catequista prático	Por um amigo da infância	2$000		
Esboços catequéticos	Henrique Stieglitz, trad. Milton Luiz Valente	4$000		
Explicação do pequeno catecismo	Pe. Jacob Slater	5$000		
Horas catequéticas	Georg Schreiner	3$000		
Lições catequéticas para os pequenos	Quinet	5$000		
Quadros bíblicos do antigo e Novo e testamento (Série de 40 quadros)	Editora Herder & Cia	120$000		
Para os pequenos no Jardim de Infância	Quinet	6$000		
Espírito do Cura d’Ars	Abbè A. Monnin	5$000		
Resumo da História Sagrada	F. B. H.	1$500		
História Sagrada	F.B.H	1$500		
Cantae, criancinhas: catecismo popular em verso e música	Por um franciscano	$200		

Meu caderno de instrução religiosa A Bíblia das escolas	Segundo o método Quinet e adaptado às obras do mesmo autor Thiago Ecker	1$000 5$000		
A Pedagogia do catecismo Lições Catequéticas Para os pequeninos do Jardim de infância	P. A. Negromonte Quinet Quinet	6$000 - -	BC, Ano III, nº 21,abril, 1938, p. verso de capa BC, Ano III, nº 21, abril, 1938, p. 6 idem	Opinião do pe. Guilherme Boing publicada em página cheia do Boletim. "Conhecendo a literatura francesa, alemã, holandesa, etc, neste particular, ouso dizer que pe. Álvaro Negromonte pode colocar galhardamente seu livro ao lado das publicações estrangeiras".
A Pedagogia do catecismo O catecismo segundo o evangelho Horas Catequéticas Manual de Religião	P. A. Negromonte P. Eugenio Charles Schreiner P. A. Negromonte	6$000 - - -	BC, Ano III, nº 22,maio, 1938, verso de capa Lista publicada na contracapa idêntica aos números 19 e 20 BC, Ano III, nº 22, maio, 1938, p. 13	Mais uma vez, o Boletim destina uma página inteira para propaganda de um livro do seu diretor, com a opinião do pe. Guilherme Boing. Dessa vê, sobre o recém-lançado "Manual de Religião", transcrita do jornal O Diário.
Pedagogia do Catecismo Manual de Religião Apontamentos do Catequista Catecismo dos meninos	P.A. Negromonte P.A. Negromonte Quinet Melle. Hemptinne	- - - -	BC, Ano III, nº 22, maio, 1938, verso de capa Idem BC, Ano III, nº 22, maio, 1938, p. 6 idem	Lista de livros para o ensino religioso publicada na contracapa
A Pedagogia do Catecismo Manual de	P. A. Negromonte P.A.	- -	BC, Ano III, nº 23, junho, 1938, p. 3, 4	Lista de livros para o ensino religioso publicada na contracapa

Religião	Negromonte			
A Igreja Jesus Cristo	J. P. Junglas Karl Adam		BC, Ano III, nº 24, julho, 1938, p. 3, 4	
Pedagogia do Catecismo Manual de Religião	P. A. Negromonte P. A. Negromonte	6$000 3$500	BC, Ano III, nº 25, agosto, 1938, verso de capa	
Diretrizes Catequéticas	P. A. Negromonte	NO prelo	BC, Ano III, nº 27, outubro, 1938, verso de capa	
Diretrizes Catequéticas	P.A. Negromonte	No prelo	BC, Ano III, nº 28, novembro, 1938, p. verso da contracapa	
Diretrizes catequéticas	P. A. Negromonte	Lançamento	BC, Ano III, nº 29, novembro, 1939, verso de capa	
Diretrizes catequéticas	P. A. Negromonte	-	BC, Ano IV, nº 30, março, 1939, verso da contracapa	
Plano de lições de Catecismo para o I e II anos nos grupos escolares	Evangelina Gonzaga e Julieta Magalhães	-	BC, Ano IV, nº 34, julho, 1939, p. 4	Com parecer da prof. Waleska Paixão em duas páginas.
Méthode Pédagogique de l'ensignement Du Catéquisme	Abbé C. E. Roy	-	BC, Ano IV, nº 34, julho, 1939, p. 11	Com Apreciação de uma página cheia de Waleska Paixão.
A Doutrina Viva Manual de Religião (2ª edição)	P. A. Negromonte P. A. Negromonte	-	BC, Ano IV, nº 35, agosto, 1939, verso de capa	
A doutrina Viva	P. A. Negromonte	-	BC, Ano IV, nº 36, setembro, 1939, verso de capa	
Pedagogia Catequética: Apontamentos	F. F. Capuchinho	1$500	BC, Ano IV, nº 38, novembro, 1939, p. 9	
Pedagogia do Catecismo	P. A. Negromonte	-	BC, Ano IV, nº 38, novembro,	

O Caminho da Vida Doutrina Viva Apontamentos do catequista (3 vols) Lições catequéticas para os pequeninos Para os pequeninos no Jardim de infância Apelo de Jesus aos pescadores de almas O catecismo pelo Evangelho (livro do catequista) Catecismo dos meninos Planos de aula Bíblia das escolas	P. A. Negromonte P. a. Negromonte Quinet Quinet Quinet Quinet Charles Hemptinne Evangelina Gonzaga e Julieta Lopes Excker	- - - - - - - - - -	1939, verso da contracapa	
As fontes do Salvador	P. A. Negromonte	-	BC, Ano VI, nº 49, abril, 1941, contracapa	Anúncio de todos os livros de texto do pe. A. Negromonte destinados ao curso secundário.
As Fontes do Salvador	P. A. Negromonteq	-	BC, Ano VI, nº 50, maio, 1941, contracapa	
Os Santos Evangelhos	P. A. Negromonte (tradução e anotações)	3$000 (brochura) 5$000 (em papel melhor) dura)	BC, Ano VI, nº 51, junho, 1941, p. contracapa	
Cadernos de Religião (desenho para colorir)	Sem indicação de autoria	1 exemplar = $500 100 exemplares	BC, Ano VI, nº 52, julho, 1941, contracapa	Exemplar destinado ao 1º ano primário. Nota informativa sobre a preparação dos outros

Nos resplendores da hóstia Cruzada Eucarística Infantil La Coisada Eucharistique Prie! Communie! Sacrifiic-ti! Sois Apôtre! Les vocances Du croisé. L'heure d'adoration Du croisé	Pe. Augusto Magne Coleção "Fides Intrepida" (12 folhetos) Marie Fargues Por Fidelis	= 40$000 - - - -	BC, Ano VI, nº 52, julho, 1941, p. 7	cadernos para as séries seguintes.

ANEXO K: Estante dos Pequeninos

Lições avulsas		**Títulos recomendados com comentários**			
	Título	**Autor**	**Estilo**	**Preço**	**Observação**
O trigo e o joio	A verdade	Marie Fargues	Religião	4$000	
Sem título – Sobre o orgulho e a humildade	A vida	Marie Fargues	Religião	4$000	
O mau rico e o pobre Lázaro	O caminho do céu	Marie Fargues	Religião	4$000	
O filho pródigo	Jesus e Pedrinho	Marie Fargues	Religião	4$000	Excelente para todos e especialmente para a Cruzada Eucarística
Nosso grande amigo	O Padre Nosso	Henrique Federr	Religião	2$000	Para crianças de 10 a 14 anos
O semeador	Uma história verdadeira	Olga F. Kekl	Religião	4$000	É a infância de Jesus narrada de modo atraente, original e verdadeiro; com bonitas gravuras. Livro que merece ser lido por todas as crianças católicas.
Parábola dos Talentos	As orações dos pequeninos	Centro das edições francesas	Religião	7$000	Uma jóia infantil, um verdadeiro mimo. Em linguagem perfeitamente infantil, com ilustrações graciosas e coloridas, de nitidíssima impressão, constitui um triunfo da modernização do ensino religioso entre nós. Ótimo presente para as crianças.

Sem título – Sobre a perseverança na oração	Meu caderno de instrução religiosa	Quinet	Religião	-	Coleção de 6 cadernos
A moeda perdida	Manual de religião	P. A. Negromonte	Religião	-	-
Os dois devedores	Meu livrinho de orações	-	-	-	-
A amiguinha de Jesus	Jesus e eu	-	-	-	-
O menino rico e o menino pobre	Tic-Tac e rabanete	Coleção infantil	Literatura para o 1º ano primário	-	-
O avô e o netinho	Zé-Trapo, Zé-Trepa, Zé-Tripa, Zé-Tropa	Coleção Infantil	Literatura para o 1º ano primário	-	-
Quanto você ganha?	O torneio dos bichos	Coleção infantil	Literatura para o 1º ano primário	-	-
Por que vou ser padre?	As aventuras de Branquinho	-	Literatura para o 1º ano primário	-	Ótimo livrinho, muito atraente
A cruz mais leve	Bré-ke-ke, Coach, coach	Jordic	Literatura para o 2º ano primário	-	-
Graças a Deus	Perereca, a leiteirinha	Jordic	Literatura para o 2º ano primário	-	-
Eles partiram	O colégio dos pássaros	Jordic	Literatura para o 2º ano primário	-	-
Não é difícil	Tintin Gorin	Jordic	Literatura para o 2º ano primário	-	-
A Igreja do rei	Zezito, toureiro amador	Leonor Pesada	Literatura para o 2º ano primário	-	-
Sem título – sobre a fé e as visões	Faustino Cabeleireiro	-	Literatura para o 2º ano primário	-	-
Cego pelo ouro	História do Mato Virgem	Paulo Ribeiro Magalhães	Literatura para o 2º ano primário	-	-
O orfanato de São João Maria Vianney	O cumprimento de uma promessa	C. Schimid	Literatura para o 2º ano primário	-	-
Sem título- sobre a perseverança	O tesouro escondido	C. Schimid	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	As pedras preciosas	C. Schimid	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Segundo livro de	Editado pelos	Literatura para o 2º	-	-

	leitura	professores da Escola Gratuita, S. José, em Petrópolis	ano primário		
	Corações de crianças – 1º livro	Rita M. Barreto	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	O livrinho das crianças – (2 ano)	José Scaramelli	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Leituras escolares – 1º livro	Maria dos reis Campos / Alcina Moreira de Souza	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Minha Pátria (2º ano)	J. Pinto da Silva	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Histórias Infantis (2º ano)'	Orlando Mendes Moraes	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Contos escolares (2º ano)	Aprígio Gonzaga	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	O comedor de ameixas	Tuftty Riquet	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	O gato de botas	Perrault	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Catimatita	Biblioteca Escolar Recreativa	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	A galinha dos ovos de ouro	Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Caminhando para a estrela	Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	A Borboleta amarela	Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	As 3 cabeças de ouro	Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Vida da roça	Thales de Andrade	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Gulliver no país dos anões	Swifty	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	O pássaro de ouro	-	Literatura para o 2º	-	-

			ano primário		
	Divida Sagrada	C. Schimid	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Pedrinho ou o apóstolo da comunhão das crianças	Trad. Do P. Humberto Rohden	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Aventuras do capitão Cascudo	Yantou	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	O pequeno Muck	-	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Aventuras do alfaiate Labakan	-	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Aventuras de Sarrafo, o coelhinho sabido	-	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	As férias a beira-mar	Carolina penteado	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Animais, nossos amigos	Alfonso Vieira	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	O príncipe morcego	-	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Quatro historiazinhas	Carlos Frederico	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Um conto de Natal	Menezes Ferreira	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Os dez ursinhos	C. Schimid	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	No país das fadas	Reixach	Literatura para o 2º ano primário	-	-
	Histórias maravilhosas	Biblioteca Infantil do Tico-Tico	Literatura para o 2º ano primário	-	Sem nenhum inconveniente
	As aventuras do avião vermelho	Érico Veríssimo	Literatura para o 2º ano primário	-	Ótimo livrinho
	Rosa Maria no	Érico Veríssimo	Literatura para o 2º	-	Ótimo livrinho

	castelo encantado		ano primário		
	Os 3 porquinhos	Érico Veríssimo	Literatura para o 2º ano primário	-	Ótimo livrinho
	Contos de minha irmã	Waleska Paixão	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	Descoberta do mundo	Matilde Garcia e Jorge Amado	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	O bom Henriquinho	Condessa de Segurt	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	A estouvadinha	P. M. Versteeg, trad. Do Pe. Clemente A. Bruenieg	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	Totó perdeu	Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	Memórias de um burro	Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	O filho do pescador	Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	Os 3 príncipes coroados	Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	Os cisnes selvagens	Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	As extraordinárias aventuras de Robinson Crusoé	Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	Uma história verdadeira	Olga Ferraz Kehl	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	Mãe da Lua	Oswaldo Orico	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	O pequeno Cadi	-	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	A verdade	Marie Fargues – Coleção deus e os nossos pequeninos	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	A vida	Marie Fargues –	Literatura para o 3º	-	-

		Coleção deus e os nossos pequeninos	ano primário		
	O caminho do céu	Marie Fargues – Coleção deus e os nossos pequeninos	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	Jesus e Pedrinho – 2 vol.	Marie Fargues – Coleção deus e os nossos pequeninos	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	As aventuras de Lagarto	Stela Gomes O. Carvalho	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	A velha bruxa Gervasia	Stela Gomes O. Carvalho	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	Dodoca	Dolores Barreto	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	Guy, o vosso amiguinho	-	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	Jeca Tatuzinho	Monteiro Lobato	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	A caçada da onça	Monteiro Lobato	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	Histórias ! Histórias! Venham ouvir!	Elisa Rezende	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	O telhado de flores	Elisa Rezende	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	O castigo dos velhacos	Elisa Rezende	Literatura para o 3º ano primário	-	-
	Viagem ao Céu	Monteiro Lobato	Literatura para o 3º ano primário	-	Sem inconveniente
	Novas reinações de Narizinho, vol XI	Monteiro Lobato	Literatura para o 3º ano primário	-	Sem inconveniente
	História do Jacinto	A. Hummel	Literatura para o 3º ano primário	-	Muito moral
	O touro encantado	Biblioteca Escolar recreativa	Literatura para o 3º ano primário	-	Sem inconvenientes
	O isqueiro	Coleção Arnaldo	Literatura para o 3º	-	Sem inconveniente

	encantado	Barreto	ano primário		
	Zé Bola	Maria Alves Veloso	Literatura para o 3º ano primário	-	Ótimo livrinho
	Viagens Maravilhosas de Gury Guri	Luiz Martins Ótimo livrinho	Literatura para o 3º ano primário	-	Ótimo livrinho
	Os 3 cavalos encantados	Renato Sêneca Fleury	Literatura para o 3º ano primário	-	Sem inconvenientes e engraçadas
	O Kagado e o Teiú	Renato Sêneca Fleury – Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 3º ano primário	-	Sem inconvenientes
	A vingança do João de Barro	Renato Sêneca Fleury	Literatura para o 3º ano primário	-	Sem inconvenientes
	As amoras de ouro	João Camara – Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 3º ano primário	-	Sem inconvenientes
	A mais linda	-	Literatura para o 4º ano primário	-	A lista do 4º ano contem menos livros porque alguns do 3º servem perfeitamente ao 4º. Esta seleção depende da mentalidade, ou melhor, do desenvolvimento da classe.
	Ursão	Condessa de Segur	Literatura para o 4º ano primário	-	-
	Alice no país das maravilhas	Lewis Carrol	Literatura para o 4º ano primário	-	-
	Alice no país dos espelhos	Lewis Carrol	Literatura para o 4º ano primário	-	-
	Pinocchio	Collodi	Literatura para o 4º ano primário	-	-
	Tobias, o heroico amiguinho de Jesus	Rinaldi	Literatura para o 4º ano primário	-	-
	O sono do monstro	Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 4º ano primário	-	-

	A filha da floresta	Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 4º ano primário	-	-
	Bela, a verdureira	Coleção Arnaldo Barreto	Literatura para o 4º ano primário	-	-
	Rosalinda ou a menina rústica	-	Literatura para o 4º ano primário	-	-
	Mistério de amor	Pe. Huberto Rohden	Literatura para o 4º ano primário	-	-
	Vida de Santa Terezinha para as crianças	-	Literatura para o 4º ano primário	-	-
	Os sete serões de Nemayda	Yantok	Literatura para o 4º ano primário	-	-
	Aventuras de Robson Crusoé	Ilustrações de JJ Grandville	Literatura para o 4º ano primário	-	-
	A chácara da rua Um	Carlos Libeis	Literatura para o 4º ano primário	-	Bastante recomendável
	No reino das fadas	Jeronymo Monteiro – Biblioteca Arnaldo Barreto	Literatura para o 4º ano primário	-	Sem inconvenientes
	Aventuras de Hans Staden	Monteiro Lobato	Literatura para o 4º ano primário	-	Sem incovenientes
	O reizinho descalço	Henrique Pongetti	Literatura para o 4º ano primário	-	Ótimo livro – Moral cívica e religiosa
	A aritmética da Emília	Monteiro Lobato	Literatura para o 4º ano primário	-	Sem inconveniente e instrutivo
	D. Iça Rainha	Coleção Encanto e Verdade	Literatura para o 4º ano primário	-	Ótimo livrinho. Em linguagem atraente expõe conhecimentos dos animais úteis e nocivos à agricultura
	O cativo do corsário	Cruzada da B. Imprensa	Literatura para o 4º ano primário	-	Bom
	O tapete da tia Lúcia	Ilka Labarthe	Literatura para o 4º ano primário	-	Muito instrutivo e atraente
	Contos de Frei	Frei Ildephonso	Literatura para o 4º	-	Muito bom

	Ildephonso		ano primário		
	Novos contos de frei Ildephonso	Frei Ildephonos	Literatura para o 4º ano primário	-	Muito bom
	Os três cisnes	Renato Seneca Fleury	Literatura para o 4º ano primário	-	Sem inconvenientes
	A joia encantada	-	Literatura para o 4º ano primário	-	Não há inconvenientes
	A conquista da cidade Santa	-	Literatura para o 4º ano primário	-	Sem inconvenientes
	O velocino de ouro (2 vol)	-	Literatura para o 4º ano primário	-	Sem inconvenientes
	O gigante das ondas: histórico da descoberta das Américas	-	Literatura para o 4º ano primário	-	-

ANEXO L: Literatura infantil – livros que as crianças não devem ler

TÍTULO	AUTOR	PARECER
Praga e feitiço	s/ indicação	"É a história de Tiradentes: não convem, por falar, ainda que ligeiramente, na sua vida amorosa"
O lago das pedras preciosas	s/ indicação	"Inconveniente. Cenas de namoro e casamentos, com gravuras que muito deixam a desejar"
A festa das lanternas	s/indicação	"Idem. Descrição de cenas amorosas num conto final do livro: beijos, abraços".
A vaquinha branca	s/indicação	"Com a mesma apreciação acima"
O fim do mundo	s/indicação	"No fim do livro, em tipo de letra miúda, a aprece o cientista desmentindo as verdadeiras doutrinas religiosas pregadas por um padre. O escritor serve-se da doutrina apenas para dar ao seu trabalho um aspecto fantástico e o cientista vem desculpá-lo como a dizer "não devemos crer nisto. É invenção dos padres, uma vez que a ciência afirma o contrário"
A bruxa branca	s/indicação	"É sobre a escravidão, mas nada contem de atraente para as crianças, além de haver algumas cenas amorosas que bem poderiam ser cortadas. Não são muito inconvenientes, mas desnecessárias".
O kalifa stork	s/indicação	"Não é grande coisa. Cena de fetichismo – Maomé – Alah. É preferível não o pôr em biblioteca de crianças".
O sargento verde	s/indicação	"São duas histórias inconvenientes. A 1ª além das cenas amorosas, faz uma mistura de N. Senhora com fadas encantadas; a 2ª descreve cenas de bigamia, rapto de princesas, casamento infeliz com separação depois".
A serpente negra	s/indicação	"Inconveniente. Descrição de cenas mais ou menos claras de paixão e outras cenas amorosas, com gravuras sugestivas".
O soldadinho de chumbo	s/indicação	"Não é dos piores, mas há algum inconveniente. È melhor substituí-lo por uma coisa mais sã".
Aladim e a lâmpada maravilhosa	s/identificação	"A mesma apreciação sobre o kalifa Stork"
Os dons da fada	s/identificação	"A 1ª história é passável, mas a 2ª é inconveniente: cenas de rapto de princesas e outras cenas amorosas"
O gigante de cabelos de ouro	s/identificação	"Não é dos piores, mas há inconvenientes"
O anão amarelo	s/identificação	"Com a mesma apreciação acima"
O fidalgo e o mendigo	C. Schimid	"Este é censurável pela parte pedagógica. Quanto á moral não pode ser melhor, mas em estilo muito forçado; tornando-se por este motivo, insípida a leitura para as crianças dos nossos dias".
Era uma vez	Viriato Correa	"Só há uma história inconveniente que zomba, sem grande maldade, de coisas da religião, as a criança não tem percepção bastante clara para desculpar esta falha, podendo, portanto, ser-lhe prejudicial".
No reino da bicharada	Viriato Correa	"Este está habituado a escrever mais para adultos e a criança não percebe a moral de seus contos, por

		ser ela quase sempre irônica. Neste livro há também um conto inconveniente”.
O que o pai fez está bem feito	Andessen	“Inconveniente”
Polegarzinho	C. Perrault	“Inconveniente”
O bode cabeçudo	Mamim Sibiriah	“Inconveniente”
O burrinho sábio	Grimm	“Idem”
O sonho de Prequete	Origenes Lessa	“Inconveniente. Ainda que, muito disfarçadamente, ridiculariza algumas figuras da História do Brasil. O autor parece querer lançar neste livro um germenzinho de comunismo”
O pequeno porqueiro ou o príncipe encantado	Hans Andressen	“Inconveniente. Há uma cena amorosa que poderia passar despercebida se não despertasse a maldade, pela atitude do pai, em castigar a filha com um rigor excessivo, por haver dado beijos inocentemente”.
A ilha dos sonhos	M. Jantok	“O 2º conto é inconveniente. Há cenas que poderão impressionar muito as crianças nervosas e, nem por isto, são atraentes”.
História do mundo para crianças	Monteiro Lobato	“Este livro foi condenado até para adultos num artigo publicado pelo Sino de São José em 1934”.
Geografia de Dona Benta	Monteiro Lobato	“Apreciação do padre Hélder Câmara na revista Natal: “Este livro prega separatismo abertamente, descendência do homem do macaco, a única imortalidade admitida é a da arte, exalta a Rússia de modo chocante, apelida o exército e a marinha de ‘dois cancros que atormentam os povos’, que Jesus bebeu na literatura chinesa os seus melhores ensinamentos, que o Brasil foi o último país a libertar seus escravos, enfim, usa termos de gíria, como ‘uma ova’ e alguns outros”.
História das invenções	Monteiro Lobato	“Inconveniente porque, como em quase todos os seus últimos livros, procura incutir no espírito da criança a teoria de Darwin”.
As reinações de Narizinho	Monteiro Lobato	“Inconveniente. Casamentos de porco com bonecas, de menina com peixe. (já observei a maldade em crianças maiores depois da leitura deste livro)”.
Memórias da Emília	Monteiro Lobato	“Nos seus últimos livros, este autor não só emprega frequentemente termos de gíria, como também critica, ainda que disfarçadamente, as falhas da nossa administração pública. Ora, não é conveniente que se coloque ao alcance das crianças livros deste gênero. É um meio fácil de fazer nascer nela desprezo pelas coisas nacionais. Parece ser mesmo este o seu intuito: tirar da criança a ideia de Pátria. Contra a religião fala abertamente: diz por ex: que deus não se importa com as pequeninas coisas criadas, que tem mais que fazer e outras semelhantes. Que Jesus Cristo na teve ânimo de dizer o que era a verdade. Quando Pilatos perguntou-lhe: “que é a verdade?, ele que era Cristo, achou melhor calar-se’”.
Sai, no reino das feras	Gothald Sturlenson	“Inconveniente”
Histórias maravilhosas de	A. Moraes	“Inconveniente”

viagens fantásticas		
Amores e façanhas de Lampião	s/indicação	“Inconvenientíssimo, até para adultos. O título por si só já diz tudo. Na gravura da capa vê-se Lampião a cavalo raptando uma moça”.
Aventuras do casaquinha verde	F. C. Hochne	“Descreve cenas da vida de alguns animais na floresta. Moral péssima. Cenas de desavenças, ciúmes, rixas, sendo ainda pior a descrição da vida amorosa de alguns pássaros e insetos. Resumindo, é um verdadeiro tratado de zoogenia, escrito de maneira atraente para adultos bem formados. Para criança ou adolescente é um verdadeiro absurdo”.
História do príncipe Ivan	Cont D’Abnour	“São três histórias. Em todas há inconvenientes. A 1ª descrição de cenas amorosas; a 2ª cenas de vingança e a 3ª apoia e não corrige a conduta de um menino esperto e mentiroso”.
A namorada do sapo	Sebastião Fernandes	“Este não é dos piores. Com pequenas restrições. Mas a linguagem é difícil e parece não atrair as crianças. Que Nosso Senhor amassou barro para fazer o homem, o elefante e todos os outros animais e que, depois, com um sopro deu vida a esses bonecos”.
História da velha Totonia	José Lins do Rego	“São diversas histórias. Além de haver alguns inconvenientes na parte moral, embora pequenos, supridos pelo tom cristão dos contos, há ainda na relativa ao português como estes termos: cadê – vivo – janta em vez de jantar – pegou de amor – me lembrei (começo de frase)”
O imperador castigado	Coleção de ouro	“Com pequenas restrições. É melhor não pô-lo em biblioteca de crianças”.
A fonte maravilhosa	Biblioteca Encanto e Verdade	“Não é dos piores, mas incentiva o gosto de namoros entre as crianças”.
Caminho do céu	Biblioteca Encanto e Verdade	“Para o autor não há pecado original, nem céu e nem inferno. Da morte passa-se para o paraíso. Não houve redenção para o mal do mundo”.
O cavalo encantado	Carlos Frederico	“Inconveniente”
O cavalo voador	Das Mil e uma noites	“Moral péssima. Inconvenientíssimo”
Ali Babá e os quarenta ladrões	s/indicação	“É melhor não pô-lo em biblioteca infantil. Cena e bigamia”.
Carlos magno e seus companheiros	s/ indicação	“inconveniente”
No reino das Maravilhas	s/indicação	“não é muito bom.”

ANEXO M: “Nota aos Professores”

AOS PROFESSÔRES

1. Quem já conhece o meu método catequético sabe que êle se baseia numa *história* (fato ou parábola do Evangelho), donde sai a *doutrina*, na qual se fundamenta a *formação*. Esta, que é afinal a suprema preocupação do Catecismo, desdobra-se em 4 pontos: 1) *dever*, que são as obrigações da vida cristã; 2) *conselho*, que são atos de mera devoção; 3) *apostolado*, que é o cuidado da salvação do próximo; 4) *liturgia*, que é o culto da Igreja, comunitário por natureza, e no qual, por isso mesmo, nos devemos integrar.

2. Só é completa a lição que realiza êste esquema. Ficarmos na história ou na doutrina, seria deter-nos a meio caminho, pois o têrmo é precisamente a vida. Por isso, as minhas lições vão à prática, envolvendo os 4 pontos da formação.

3. Sendo a inteligência a faculdade mestra do homem, *vamos diretos à inteligência*: a leitura, dando a história e a doutrina, deve ser entendida. Feita a leitura, vem a *verificação*, através do questionário, em cada lição, apelando-se mais para a inteligência que para a memória. O que fôr bem entendido será fàcilmente conservado.

4. Seguem-se os *exercícios*, cuja importância nunca será demasiado encarecida. Por vários motivos:

a) integram a lição, que ficará muito incompleta sem êles;

b) constantemente é nêles que se completam os 4 pontos de formação;

c) dão maior prazer às crianças — o que não se deve desprezar no ensino religioso;

d) constituem excelente aprendizagem para a Ação Católica, com seus métodos do "ver, julgar e agir" — pois sou dos que acham a capacidade de julgar o ponto fundamental da educação.

Gravíssimo êrro seria eliminá-los, sob qualquer pretexto. Pelo contrário: devemos multiplicá-los até. Outras atividades, que o livro não pode dar — álbuns, cartazes, dramatizações, excursões —, serão praticadas com agrado e proveito. As *recapitulações*, orais ou escritas (em forma de testes), serão muito úteis, algumas vêzes ao ano.

5. Cada lição termina com uma *pergunta* e sua *resposta*, para o aluno decorar. Dêste modo evitamos os inconvenientes do sistema e lhe aproveitamos as vantagens. É que *perguntas e respostas* não devem ser ponto de partida, mas de chegada — quando a doutrina, já apreendida, vai ser conservada numa fórmula completa.

6. Feito o que estiver em nós, confiemos do Divino Catequista, a Quem não cessaremos de pedir luzes e fôrças para nós e nossos alunos, certos de que Êle as tem copiosas e escolhidas para os que se consagram a firmar nos corações das crianças o seu Reino de amor.

Rio, 1956.

Padre Álvaro Negromonte

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro. *Meu Catecismo:* 1º Ano Primário. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1960b.

ANEXO N: Esqueleto do sumário do livro *A pedagogia do catecismo*

TEMA	SUB-TEMAS	Nº DE PÁGINAS
Primeira Parte **Fins a conseguir**		
Necessidade do catecismo	No lar; Na paróquia; Na sociedade; A escola; Falsos remédios; Ineficácia do laicismo; O verdadeiro remédio; Em nossas escolas; Diante da classe; Elemento básico	11
Finalidade do catecismo	Formar o cristão perfeito; Instrução religiosa; Praticar a doutrina; Hábitos cristãos; Cristão perfeito; Apostolado; Formação litúrgica; Em resumo	07
Formação moral	Formar a vontade;Trabalho difícil; Educação pessoal; Hierarquia dos valores; Realizando	07
Formação cristã	A consciência; noção do pecado; Estado de graça; Vida cristã; Sempre mais; Práticas piedosas; Humano e divino	09
Formação do apostolado	Educar apóstolos; Um grande meio; Fácil tarefa; Na prática	05
Segunda Parte **O Catequista**		
Dever pastoral	Catecismo de adultos; Dever ministerial; Às crianças; Catecismo paroquial; Preparação necessária; Nos Seminários; Nas escolas	09
Colégios Católicos	Os programas; Os métodos; Material Didático; Bibliografia; Aos seus alunos; O curso de religião; A formação cristã	11
Catequistas leigos	Substituindo o sacerdote; Dever de consciência; Quantas catequistas? Várias mansões; A catequista-professora; Indulgências	11
Formação intelectual	Conhecimento da doutrina; Para explicar às crianças; Aplicações práticas	3
Para fazer a preparação intelectual	Saber o catecismo; Alargando o horizonte; Conhecer a vida cristã; Liturgia e catequese	3
Como estudar o	Estudo pessoal; Círculos de estudo	06

catecismo		
Vida interior	Transbordamento; Força do exemplo; Modelo das crianças; Eloquência divina; Para vencer as dificuldades; Principais práticas	14
Preparação pedagógica	Métodos modernos; Alguns mestres; Grandes princípios; Psicologia e religião; Reações infantis	07
Preparando a lição	Preparação Próxima; Auxiliares; Material; Caderno de lição; Aos pés do Senhor	04
Terceira parte **Meios a empregar**		
Frequência das crianças	Os remédios; Com os pais; Com as crianças; O grande meio	08
A atenção	A atenção das crianças; Atenção espontânea: curiosidade e interesse; Atenção voluntária; Como manter a atenção	09
A memória	Vantagens da memória; Como fazer decorar; O que decorar;	08
Sessão de Catecismo	Local; Hora	04
O problema da disciplina	Noção de disciplina; Condições; Disciplina preventiva; Vigilância; E as sanções?	05
Prêmios	Vantagens; A quem premiar; Como premiar; Que prêmios dar; Um perigo	11
Métodos Material (I)	Quadros murais; Álbuns; Projeções; Museu catequético; Quadro negro; Mapa da Palestina; Dísticos	11
Recursos Didáticos (II)	Exemplos; Comparações; Histórias; Parábolas	04
Auxiliares do Ensino (III)	Excursões; Deveres escritos; Jogos; Trabalhos manuais; Controle de conhecimentos; Dramatizações	11
O canto	O costume cristão; Vantagens; Para a catequese; Qualidade de cânticos; Nos colégios católicos; Modo de ensinar; Apêndice	13
Programas	Objetivos gerais; Escola infantil; Escola primária	07
A oração	Formando o hábito; Oração e orações; Variar as fórmulas; Exteriormente	05
A confissão	O que desejamos; Remédio eficaz; Força educativa; A	05

	direção	
A Eucaristia	Centro de formação; A casa de Deus; Visitas ao Santíssimo; A santa missa; Missa das crianças; Formar o hábito; A comunhão; Preparação; Primeira comunhão; Comunhão frequente; Como explicar a missa às crianças; A missa com as crianças	21
Associações infantis	Com as crianças; Dezena do terço; Cruzada Eucarística; Espírito da cruzada; Congregação Mariana; Formação	08
Como ensinar o dogma	Doutrina da vida; Por exemplo; Gerar convicções	04
Como ensinar a moral	Positivo e negativo; Ir fazendo; Uma grande escolha; Os meios; Psicologia e sobrenatural; Faltas e culpas; Remédios	09
Como ensinar a Liturgia	Modelo de escola ativa; A liturgia na escola; Como ensinar aos pequeninos, aos médios, aos maiores; É condição..	09
Como ensinar a História Sagrada	Vantagens; Fins; A História Sagrada e o Catecismo; Novo Testamento; Material; Ensinando	07
História da Igreja	Vantagens; Quando ensinar; Orientação; Manuais	05
Sexto mandamento	Formação geral; Meios indiretos; Instrução; Como falar	04

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Mons.). *A Pedagogia do Catecismo.* 2ª ed. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1940.

ANEXO O: Parecer do padre Hélder Câmara sobre o livro *A educação sexual*

Parecer do

Revmo. Snr. Padre Helder Camara

Assistente Eclesiastico do Secretariado Nacional de Educação da Ação Católica e Técnico do Ministerio da Educação e Saude Publica.

Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo D. Antonio dos Santos Cabral

V. Excia., bondosamente, me confiou o nihil obstat do livro sobre educação sexual que o Pe. Alvaro Negromonte acaba de escrever.

A principio, vacilei quanto à oportunidade de um livro sobre o assunto, escrito, no Brasil, por um sacerdote. O livro me dissipou qualquer dúvida. Posso estar enganado — mas o que eu penso é que ele, com a graça de Deus, vai fazer entre nós um bem imenso.

São páginas escritas com espírito de fé, com puresa, com a maior elevação de vistas e, tudo isso, sem perda de visão clara, de linguagem sem arrodeios, límpida e cheia de sabor.

O fato de o livro ser escrito por um padre será uma segurança para os educadores católicos, receiosos de abrir um livro qualquer sobre educação sexual. E seria pouco, esclarecer os nossos, enquadrados, quasi todos, no velho grupo dos que confundem ignorancia com vir-

tude? Não vacilarei em recomendar aos Superiores Maiores de Ordens Religiosas masculinas e femininas que tornem o novo livro do Pe. Negromonte conhecido pelos religiosos que cuidarem de educação.

O livro, porém, não será lido apenas pelos nossos. Haverá curiosidade de ver o que um padre escreveu sobre educação sexual. E que prazer pensar que, longe de encontrarem visão estreita, falha, errada, ou larguesa excessiva e capaz de fazer mal, os sem-fé encontrarão uma palavra segura e precisa, capaz de fazer bem! . . .

Não pense V. Excia. que esteja falando a amisade que me une ao Pe. Alvaro Negromonte — fala a minha consciencia de educador católico e de ministro de Deus.

Escrevo esta carta no dia de S. Vicente de Paulo, o santo que tanto se preocupou em dar ao clero santidade e ciência. Que ele obtenha do Bom Deus que V. Excia. possúa sempre padres como o Pe. Alvaro — pensei, ao ler as páginas impregnadas de ciência e de piedade, que o Pe. Alvaro escreveu. Que S. Vicente obtenha do Bom Deus que o Negromonte ponha sempre, como agora, a serviço de um grande zelo, um saber e um saber dizer realmente notaveis.

Queira V. Excia. mandar sempre suas ordens para quem se honra de ser de V. Excia.

amigo e filho em J. C.

a) *Pe. Helder Camara*

Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1939.

Fonte: NEGROMONTE**,** Álvaro. **A Educação Sexual.** Petrópolis: Editora Vozes, 1939.

ANEXO P: Esqueleto do índice de *A educação sexual*

TEMA	SUB-TEMAS	Nº DE PÁGINAS
Necessidade da educação Sexual	Disciplina necessária; Os tempos mudaram; Inconvenientes do silêncio; Desprestigia os pais; Vantagens evidentes; dados concretos; Perigosa timidez; Literatura sexual. Deformando os Espíritos; A lição dos fatos	20
O sentido da educação Sexual	O sentido errôneo; O verdadeiro sentido;	10
Os Educadores	Os pais; Os professores; Os médicos; O confessor	32
As iniciações condenáveis	Iniciação intelectual; Iniciação científica; Iniciação coletiva	17
Como fazer a educação sexual	Naturalmente; Não mentir; No momento oportuno; Com discrição; de modo geral; Com que palavras	11
Quando fazer a educação sexual	Precocidade condenável; As antecipações; Em que idade; O momento de falar; responder ás perguntas; A origem do bebê; Uma boa ocasião; A família numerosa; As oportunidades	19
Na adolescência	-	4
O pai e o filho	A mãe por exceção; Respeitar o organismo; o vício solitário; manifestações sexuais; convivência necessária; poluções noturnas; a função sexual; o perigo venéreo; legítima convivência; Os namoros; momento difícil; às portas do casamento	21
A Mãe e a Filha	Em lugar do pai; A entrada na puberdade; Diferença total; Advertência necessária; A palavra materna; Alguns cuidados; O organismo da mulher; Já quer namorar; Ela e ele; O noivado; A última preparação	23
A lição da Bíblia e da Igreja	Na Bíblia; O Livro de Tobias; As tradições da Igreja	11
O Instinto Sexual	Tendência natural; Instinto poderoso; União necessária; Diferença psicológica	09
Grandeza e Degradação da função sexual	-	12

Possibilidade da castidade	Na adolescência; O moço feito; Argumento moral; A verdadeira ilação	11
Vantagens da castidade	Para a saúde; Para o espírito; Para a vida conjugal; Para a prole	09
Os meios naturais	Luta necessária; As pequenas coisas; As circunstâncias individuais; Fugir das ocasiões; A castidade interior; Uma vida séria	17
Os meios sobrenaturais	A confissão; A comunhão; Uma vida de piedade	09
Religião e Sexualidade	O pecado de impureza; Por pensamento; As relatividades; Exageros condenáveis	13
A Formação geral	-	09
Pais capazes de educar	O que pensam; O que fazem; A educação direta; Colaboração necessária	08

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Mons.). *A Educação Sexual.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

ANEXO Q: Esqueleto do índice do livro *Noivos e esposos*

TEMA	SUB-TEMAS	TÓPICOS	Nº DE PÁGINAS
1ª PARTE: UM POUCO DE DOUTRINA			
A crise do matrimônio	Golpe profundo; E os erros se multiplicaram; A propaganda; Os fatos; o próprio matrimônio; Sinais promissores; Um programa; Uma resposta	-	14
O sacramento do matrimônio	Instituído por Deus; Ato religioso; Restaurado por cristo; O sacramento; A palavra de S. Paulo; A Igreja; A lei natural; Mas como sacramento; A santidade; A vida comum; Para os filhos; Consequências	-	16
Indissolubilidade	Instituição natural; União perpétua; Indissolubilidade natural; O que Deus uniu; Ensina a Igreja; Os filhos; a educação dos filhos; A felicidade conjugal; A situação da mulher; Em face da família; Em face da sociedade; O próprio matrimônio; O divórcio como exceção; A marcha do divórcio; Se o divórcio é um progresso; Conclusão	-	31
Fidelidade	A unidade; O adultério; Fidelidade do amor; Abominações, Em face da moral	-	10
Geração de Filhos	Parte I - O débito conjugal Direito e dever; Direito de recusar-se; Obrigação de caridade; Dever de recusar-se; Nem tudo é lícito; A temperança Parte II - Quantos filhos? Não pecam; Ogino-Knauss; Exigências; Confiança em Deus Parte III – Neomalthusianismo Aplicações imorais; Consequências; Inescusável; Falsos motivos; O cônjuge inocente; Não peca; Pretextos; Atitude do confessor; Conclusão	3	11; 7; 28
2ª PARTE: A PREPARAÇÃO			

Preparação remota	Parte 1 - Para o amor Formação necessária; O amor conjugal; O verdadeiro e o falso; Amor e paixão Parte 2 – Para a castidade A castidade conjugal Parte 3 – Para a vida em comum Afastar tropeços; A expensas próprias; Algumas correções Parte 4 – Para a autoridade e submissão A cabeça; A personalidade da mulher; “a ordem do amor”; Treinem as jovens; E os rapazes; Ajustamento Parte 5 – Para a educação dos filhos Conhecimento indispensável; Perigosa ilusão; Como fazer; O papel do pai Parte 6 – Para a vida cristã Piedade profunda; Em face do matrimônio; Absoluta necessidade	6	6; 2; 5; 10; 4; 6
Qualidades do cônjuge	Religião; A idade; A saúde; Inteligência e cultura; Amor ao trabalho; A família; valor moral; Onde encontrar, tal como é...	9	35
Noivado	Finalidade; Longo ou breve?; Atitudes; intimidade; O que é pecado; Sacrifícios do amor; o casamento; “Somos filhos de santos”.	8	11

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Mons.). *Noivos e Esposos:* problemas do matrimônio. 7ª ed. Rio de Janeiro: Edições Rumo, 1961.

ANEXO R: Esqueleto do sumário do livro *Educação dos filhos*

TEMA	SUB-TEMAS	TÓPICOS	Nº DE PÁGINAS
Educação e conceito de vida	Conexão com a Filosofia; Através da História; O naturalismo burguês; Reduzem a religião; Falta a visão do eterno; Em face da sociedade; Os individualistas; Funestas conseqüências; No campo educacional; Descaso; Os totalitários; Pedagogia totalitária; O verdadeiro conceito; O que é o homem; No plano histórico; Hierarquia de valores; Consequências pedagógicas	= tema	12
Educação integral	Visões parciais; visão integral; A nossa pedagogia; fim último; Formar o homem integral; Síntese pedagógica; Os meios; Perigo a evitar; Unidade educativa; Hierarquia de fins; Respeito aos valores; “Teu nome é paciência”; Respeitar o educando; Perfeição pedagógica; Aguardar os frutos	= tema	7
Ideal da educação	Ideal, meta da vida; Ideais secundários; Força do Ideal; Sócrates e Lutero; Sob a luz do ideal; O ideal cristão; É um ideal de vida; Sentir o ideal; Viver idéias; Amar o ideal; Importa decidir-se; Papel da catequese; As paixões; O lugar das paixões; Convergência de forças; Canalizar as paixões; Domínio necessário; No ideal cristão; O exemplo de Cristo; O exemplo de Cristo; Os fracassos; Erros de método; Força do ideal cristão; Falta o ideal; Insistamos no essencial; O testemunho de Spranger	= tema	14
Educação Física	Conceito cristão do corpo; Na mais alta função; A boa saúde; Reflexos superiores; Dominar a matéria; Para servir à alma; Que seja educação; Não prejudique os deveres; Quando a \igreja a condena; O ar; A luz; O alimento; Domínio do paladar; A mesa; Corpo e espírito; A refeição cristã; O sono; Vencer as dificuldades; Graves consequências; Asseio; Recreios; Jogos e brinquedos; O papel do educador; Excursões e	= tema	13

	passeios.		
Educação intelectual	Capacidade de julgar; Capacidade de expressão; Sentidos perfeitos; Educar os sentidos; Os trabalhos manuais; O ouvido e a vista; Atender às perguntas; A criança responda; Proceder com ordem; Preste atenção!; As vantagens; Cultivar a atenção; Criar ambiente, Recolher os dispersivos; Para a atenção voluntária; Proporcionar os meios; O exemplo dos educadores; Dar assistência; Agir diferentemente; Firmar o hábito; Buscar a exatidão; Com os pequeninos; Com os maiores; Frear a imaginação; No terreno moral; No terreno social; Frutos da educação; Espírito falso; Paixão – causa de erros; Condição da criança; Prejuízos; Compreender; Preguiça intelectual; Ideias feitas; Espíritos exatos; Como formá-los; Pensar justo de si; Conhecer-se; Obstinação dos jovens; Que conhecimentos adquirir; Uma cabeça bem feita; Ensinar a pensar; Com os adolescentes; No terreno moral; Em face da fé; Formar juízos; O raciocínio; O silogismo; Vida mental da criança; Princípios do conhecimento; Na adolescência; Maturidade mental; Iniciá-la na infância; Com jovens e moços; Proporções da ajuda; Horas de estudo; O gosto de estudar; Garantindo o futuro; Agir com método; E com disciplina; Em profundidade; Fugir à mediocridade; Vitória do esforço; Começar cedo; Estudo e leituras; Atuação dos pais; Orientar a escolha; Ler com inteligência; As histórias de quadrinhos; Moderação necessária; Saber exprimir-se; Pronunciar bem; Um bom vocabulário; As composições.	14 – Objetivos; Educar os sentidos; A curiosidade; A atenção; A imaginação; Objetividade; Senso crítico; Raciocínio; Reflexão; O estado; Trabalho pessoal; Abrindo horizontes; Outras leituras; Linguagem;	37
Educação moral	O grande erro; Tarefa essencial; A técnica e a ética; Conceito de santidade, Viver na graça; Meta da educação; Fuga ao dever; Formar homens; Eis o homem!; As vantagens; Tristes consequências; A verdadeira liberdade; Falta de energia; A colaboração do educando, Proceder com método; Ação do lar; Sinal de grandeza; Uma pessoa; Membro da sociedade; O cuidado do educador; O primado das	14 – O Santo, O homem do dever, Senhor de si, Membro de um corpo, Em busca da Perfeição, Com vontade forte, Como formar a vontade, Começar cedo, Formar hábitos, Canalizar forças, Ensinar a correção, Adaptar-se ao educando, com a graça de Deus.	41

	idéias; Hábitos sociais; Voltar-se para o próximo; Os grandes princípios; No terreno sobrenatural; O que é a perfeição; Seus graus; Dentro e fora; É ela o ideal; Decálogo é o mínimo; Progredir sempre; Vigiar e lutar; Desejar a perfeição; Estimular o educando; O exemplo dos educadores; O papel da vontade; Formar a vontade; A mais educável; Qualidades essenciais; Princípios e convicções; Ação indireta; A lição do ambiente; Respeitar o desenvolvimento; Deixar exercitar-se; tarefa pessoal; Meios sobrenaturais; Cem anos antes; Desde o berço; Iniciar nos bons hábitos; Ficam as marcas; Leis psicológicas; O hábito de viver; Trabalho consciente; Em desenvolvimento; A juízo do educador; Em condições favoráveis; As atitudes do educador; Compreensão necessária; Orientar a sensibilidade; Exigência da natureza; Condição de virtude; Ginástica moral; Exercício constante; Do físico para o moral; Faça o educando; Só há vantagens; Trabalho do educando; E do educador; Finalidade da correção; Correção e castigo; Atitude do educando; O auxílio do educador; Exame e confissão; Conhecer o educando; Diferenças genéricas; Educar cada um; Características individuais; Importa compreender; Não esqueçamos; diferentes de nós; Obra individual; O cristão perfeito; Esquecimento fatal; A força da graça; Essencial à educação; Não extinguir o espírito; Tudo leve a Deus.		

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Mons.). *A Educação dos Filhos.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Rumo, 1966.

ANEXO S: Esqueleto do sumário do livro *Corrija o seu filho*

TEMA	SUB-TEMAS	TÓPICOS	Nº DE PÁGINAS
Educação moderna	Uma justa atitude; Mais psicologia; Adaptar-se à criança; A necessidade de afeto; A força do ambiente; Trabalho em profundidade	-	8
Correção das crianças	Necessidade de correção; Finalidade; Corrigir não é castigar; Trabalho de educação; Os pais e a correção; Querer corrigir; Um exemplo da Bíblia; Conhecer os filhos; Alguns exemplos; Saber corrigir; Estabelecer princípios; Modos de corrigir; Fazer aceitar a correção; Evitar a correção	-	37
O agitado	A criança agitada; Tipos de agitação; Causas da agitação; Tratamento; Como realizá-lo; Amparo dos educadores	-	9
O colérico	Infantilismo; Há outras causas; Como curá-lo; O domínio de si	-	7
O desobediente	De quem é a culpa; Mas os tempos mudaram; Por que desobedecem; Para poder mandar; finalidade da obediência; Algumas normas; Qualidades da obediência; Preparar a obediência; Facilitar a obediência; Os desobedientes; Outras indicações; Não haverá castigos?; Vantagens da desobediência; Perigos da obediência	-	32
O egoísta	Criança e jovem; Influência dos pais; Educação social; Firmar a doutrina	-	7
O que não quer estudar	Um momento delicado; Será mesmo preguiça?; Há outras causas; Desinteresse; Trabalho da escola; Desanimados; Alguns pais não entendem; Os pais não apóiam; Como ajudar os filhos; Sempre ajudando; Sempre estimular; Os pais e a escola	-	17
O que mexe no alheio	Carências profundas; Doces e brinquedos; Promessas descumpridas; A fome; As inferioridades; Desfalques afetivos; Furtos inúteis; Outras causas; Por sugestão; Aventuras; doença; O primeiro cuidado; Que castigo dar?; Que fazer então?; Senso de justiça; A criança e o dinheiro; E o pecado?	-	14
O guloso	Tipos de gulosos; Causas; Os males da gula; Tratamento	-	7

O medroso	Medo do desconhecido; Ensina-se o medo; Recomendações excessivas; Vida doméstica; conseqüências; Evitemos o medo; Dar segurança; Ambiente normal; A criança forte; Com as mais sensíveis; Não meter medo; Não ridicularizar; Infundir coragem; Confiança em Deus; Consultar o médico; Temores benéficos; O temor de Deus	-	8
O que falta à verdade	Mentiras infantis; Medo; Interesse; Compensação; Sugestão; Fantasia; Vaidade; Altruísmo; Maldade; Doença; De modo geral; E os castigos?; O pecado da mentira	-	17
O orgulhoso	O paranóide; Fontes do orgulho; Os motivos; Subversão de valores; Orientar o orgulhoso; Hierarquizar os valores; Não fomentar o orgulho; Falar ao bom senso; A sanção natural; Recursos sobrenaturais	-	8
O preguiçoso	Haverá criança preguiçosa?; Saúde física; Saúde mental; E não se castiga?; Atitudes gerais	-	12

Fonte: NEGROMONTE, Álvaro (Mons.). *Corrija o seu Filho.* Rio de Janeiro: Edições Rumo, 1961.